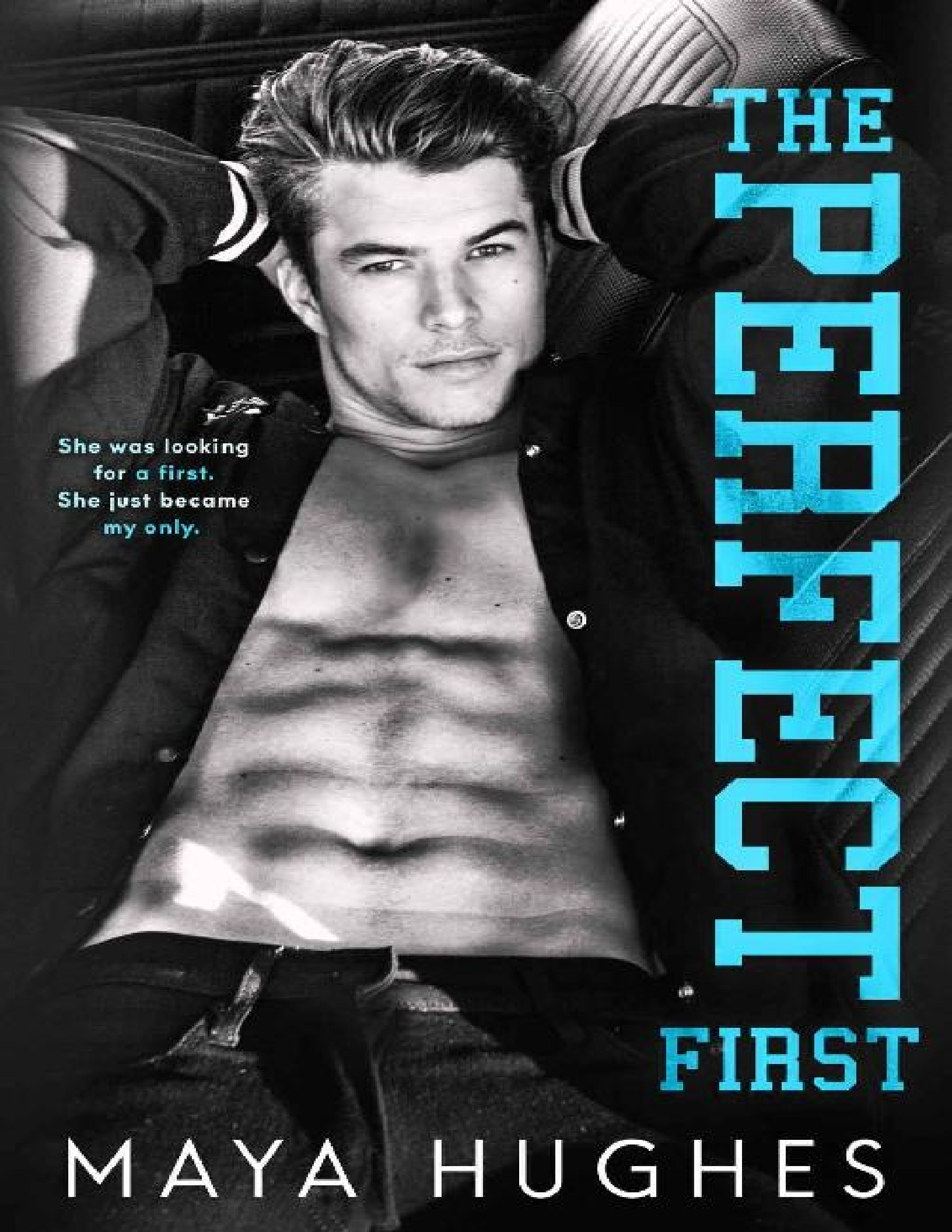

THE PERFECT FIRST
She was looking for a first. She just became my only.
MAYA HUGHES

THE PERFECT FIRST

MAYA HUGHES

TRADUÇÃO:

BOOKSUNFLOWERS

&

CHAOTICSLATES

Para quem já desejou ser forte o suficiente para mudar seu futuro

ÍNDICE

1. Reece
2. Seph
3. Seph
4. Reece
5. Seph
6. Reece
7. Seph
8. Reece
9. Seph
10. Reece
11. Seph
12. Reece
13. Seph
14. Reece
15. Seph
16. Reece
17. Reece
18. Seph
19. Reece
20. Seph
21. Seph
22. Reece
23. Seph
24. Reece
25. Seph
26. Reece
27. Seph
28. Reece
29. Seph
30. Reece
31. Reece
32. Seph
33. Reece
34. Seph
Epílogo

1

REECE

[ ] respingo gelado de Gatorade tomou conta de mim. Inclinei minha cabeça para trás, pulverizando tudo sobre todos que ainda estavam de pé ao longo da margem. Se eu tivesse que lidar com a limpeza dessa coisa pegajosa, então todos os outros teriam também. Riachos corriam pelas minhas costas, encharcando minha camisa e protetores. Essa merda é uma droga para sair do meu equipamento, mas maldição, era bom ganhar.

Agarrando os protetores de LJ, passei meu braço em volta do seu pescoço e o sacudi. Seu cabelo castanho estava metade emaranhado e metade espetado na cabeça com suor. Ele era nosso tight end, meu companheiro de quarto e um dos caras mais legais da equipe. Talvez apenas Keyton era mais tranquilo, e foi provavelmente por isso que eu peguei aquele passe de touchdown fora de seu alcance. Um cara que ficava tranquilo não entendia a intensidade do jogo.

— Um dia desses suas apostas não vão dar certo, mas caramba, é incrível quando dão. — LJ bateu com o punho no meu peito, mas seus lábios se curvaram em um sorriso. Sua sobrancelha, com a cicatriz passando diretamente por ela, se levantou.

Eu sorri e sacudi meu cabelo, espalhando chuva, suor e Gatorade por todo o lado. Ele me empurrou de volta antes de correr para comemorar com o resto do time. Equipamentos e capacetes colidiram. Os braços voaram no ar. Os fãs do Fulton U saltaram nas arquibancadas, sacudindo o chão sob meus pés. Eu me deliciei com seus aplausos e cantos, virando e olhando para todas as pessoas, levantando meu braço para todos que nos acompanharam mesmo com a chuva. O barulho ficou ainda mais alto, enchendo o estádio. Eu pensei que depois do que aconteceu fora da temporada, as coisas no campo poderiam ter mudado, mas vencer fez todos esquecerem toda essa merda fora do gramado.

Meu corpo zumbiu com a eletricidade e a adrenalina da multidão e a vitória. Ainda não estávamos nem no meio da temporada e já se falava em campeonato.

Gostaria de saber como meu pai se afastou disso. Era o que me fazia sentir vivo, e eu não estava desistindo por nada. Eu vivia por esses momentos.

— Número 6, bebê! — Nix, também conhecido como Phoenix Sommerland e meu outro colega de quarto, quarterback da equipe e meu melhor amigo, gritou no meu ouvido, quase me derrubando. Seus brilhantes olhos azuis, pelos quais as garotas enlouqueciam, praticamente iluminaram o local. Meninas nas arquibancadas gritavam nossos nomes. Suas bochechas ficaram vermelhas como sempre, sempre que esse tipo de atenção acontecia fora do campo.

— Prometa-me que você deixará alguém pegar um passe pelo menos uma vez nesta temporada. — Ele bateu no equipamento nas minhas costas.

— É o que você ganha por pensar em passar a bola para mais alguém, e se eles são muito lentos, não é minha culpa. — Dei de ombros. Envolvendo meus dedos com mais força em torno do meu capacete, puxei a camisa pegajosa da pele do meu pescoço. Hora de um banho e uma festa.

A multidão de colegas de equipe, treinadores, repórteres e oficiais nos rodearam quando entramos no túnel. Amortecedores, capacetes e equipamentos bateram nas paredes de concreto e o barulho ricocheteou no espaço apertado. Depois de uma vitória, era quase ensurdecedor.

Nix abriu a porta do vestiário. LJ pulou sobre nós com os braços em volta dos nossos ombros.

— Coletiva de imprensa primeiro. — O treinador Saunders agarrou a mim e Nix pelas nossas camisas, derrubando LJ. Os cabelos grisalhos do treinador o fazia parecer um político, mas ele chutaria um bebê antes de dar um beijo em um. Enquanto alguns ex-profissionais se deixaram levar, ele não deixou. Ele sempre corria junto conosco, principalmente para manter a reclamação no mínimo. Se ele ainda podia nos acompanhar, não teríamos desculpas. Ele odiava tudo fora dos jogos e treinos. Seu rosto sempre parecia que ele estava indo para o pelotão de fuzilamento, mas seu olhar atual era reservado para LJ. Eu não tinha ideia do que ele tinha feito para merecer isso, mas eu estava feliz por não estar recebendo aquele olhar.

— Vá para os chuveiros, Lewis.

LJ não precisou ser avisado duas vezes e disparou para dentro do vestiário. Ninguém sabia o que ele tinha feito para irritar o treinador, mas maldição, ele tinha feito um trabalho fenomenal nisso. Se olhares pudessem matar, LJ estaria morto e enterrado meses atrás. Estava tenso entre os dois desde o início da temporada, e LJ não nos contava o por que.

— Posso tomar um banho rápido primeiro? — As pontas dos meus dedos roçaram a alça de metal. Os fãs gritando eu poderia aguentar. Repórteres insistentes enfiando microfones na minha cara? Não é minha idéia de diversão. As perguntas invasivas sobre a primavera passada e o julgamento em seus olhos havia doído depois de tantos anos vendo apenas o lado adorador da mídia. A reação foi como um chute no saco.

O treinador ignorou meu pedido, nos empurrando para o lado e pelo corredor. — Vamos acabar com isso.

Puxando a frente da minha camisa que seca lentamente, senti sua umidade pegajosa grudando na minha pele.

— Não se preocupe, eles ainda vão pensar que você é bonito. — Nix sussurrou em meu ouvido enquanto ele bagunçava meu cabelo pegajoso com as mãos de um pé-grande. Ele fez uma careta e a limpou nas calças. — Credo, cara

— É isso é o que você recebe.

O treinador abriu a porta. Os flashes da câmera me cegaram temporariamente quando nos sentamos atrás da mesa frágil no pequeno palco em frente aos repórteres. Isso era algo que eu precisava me acostumar. Pontos dançavam na frente dos meus olhos. Mordi o interior das minhas bochechas para manter meu rosto neutro. O treinador bateu seu caderno na mesa e apontou o dedo para a primeira repórter.

A mulher se levantou e olhou diretamente para mim. — Reece, como você se sente adicionando outro touchdown vencedor às suas estatísticas? — Ela manteve os olhos em mim com a caneta posicionada acima do bloco de notas. A sala inteira estava pendurada em cada palavra minha. A tensão em meus ombros diminuiu e eu aproveitei essa merda.

Eu me inclinei no microfone. — Me sinto muito bem, e eu ficarei feliz por isso em todos os jogos daqui até o campeonato.

— E sobre roubar o passe do seu próprio companheiro de equipe? — Um cara encostado na parede atrás gritou a pergunta.

A cabeça de todo mundo virou para ele.

— Keyton estava perfeitamente alinhado para a interceptação. Você correu pelo campo e pegou das mãos dele.

— Quem é você, o pai dele? — Os cantos da minha boca se abaixaram. — Se ele tivesse sido mais rápido, teria pegado o passe. Fim da história. — Keyton não era exatamente o melhor sob pressão. Eu tinha feito um favor a todos nós.

— Como seus colegas de equipe se sentem sobre o drama que o cercou no final da temporada passada?

Eu estreitei os olhos para o repórter presunçoso. Houve quatro jogos nesta temporada e nenhuma palavra sobre a pré-temporada. Talvez seja por isso que eu me acalmei com uma falsa sensação de segurança. — Eu não fiz nada de errado, e se alguém tem algo a dizer sobre isso, eles podem ir se fo… — O microfone foi batido na mesa e o treinador se virou para mim e agarrou meu braço.

— Phoenix, termine aqui. — Ele falou por cima do ombro.

Os flashes dispararam e os gritos nos seguiram pelo corredor quando a porta bateu atrás de mim.

— Meu escritório, agora. — Ele gritou e saiu andando.

Fechando e abrindo meus punhos, eu o segui como uma criança sendo enviada ao escritório do diretor. Ele abriu a porta e saiu do caminho para me deixar entrar. Um *relaxa, cara*, estava na ponta da minha língua, mas eu queria manter minhas bolas presas ao meu corpo, então decidi manter esse sentimento em segredo.

Ele bateu a porta atrás de si, sacudindo o vidro. — Estou cansado das suas besteiras exibicionistas. Depois da última temporada, eu pensei que você poderia ter um pouco mais de humildade.

Após a última temporada, tive uma aversão saudável ao sexo oposto e ainda mais certeza de que minha carreira profissional era o meu primeiro e único foco. — Estamos vencendo jogos, não estamos? — Caí em uma das cadeiras na frente da mesa dele. *Divirta-se limpando essa bagunça quando eu sair. Deveria ter me deixado tomar banho primeiro.*

— Ganhar não é tudo o que importa. — Ele jogou o caderno sobre a mesa. Os papéis espalharam-se por toda parte e uma foto emoldurada de uma garotinha com tranças caiu no chão. Eu peguei. A garota parecia estranhamente familiar, mas ele nunca havia falado sobre ter uma filha antes. Coloquei de volta em sua mesa.

— Tenho certeza de que seu salário e minhas perspectivas de recrutamento dizem diferente. — Recostei-me na cadeira e cruzei as pernas no tornozelo.

Ele virou as costas para mim e colocou as mãos atrás da cabeça, entrelaçando os dedos. O grande anel de campeonato de ouro na mão direita brilhava à luz.

Eu fui para frente um pouco. — E eu tenho certeza que você teve que se exibir bastante para conseguir esse anel.

Virando, ele estreitou os olhos para mim. — Eu não estava sozinho no campo, e você também não. Keyton estava lá para aquele passe. Ele conseguia e você quase nos custou o jogo.

— Mas isso não aconteceu. — E não aconteceu durante toda a temporada.

— Se você quer fazer jogar profissionalmente...

Bati meus lábios juntos e olhei para o teto.

Ele parou na minha frente, direto na minha linha de visão. — Se você quer ser profissional e ter uma carreira depois, precisa limpar essa atitude. Ninguém quer trabalhar com um exibido, e se você não melhorar, nenhuma equipe vai querer lidar com você. Eu lido com você porque você vence jogos, mas quando se trata da NFL, eles têm prima-donnas maiores que podem substituir você.

Os músculos do meu pescoço se contraíram e meus olhos se estreitaram. Eu gostaria de ver alguém tentar me passar.

— Você é um grande jogador, não me entenda mal, mas há mais do que isso quando se trata de jogar a longo prazo. Essa deveria ter sido a jogada de Keyton e você sabe disso.

Cruzando os braços sobre o peito, olhei para ele, tentando fazer um buraco no cabelo no topo de sua cabeça. Talvez pudesse ter sido a jogada de Keyton - ou talvez ele pudesse ter deixado isso passar. Ele tinha quatro em cada dez finalizações sob pressão, e eu não o deixaria impedir que o time chegasse ao campeonato.

— Eu quero que você fale com alguém.

— Eu não estou falando com um psiquiatra.

Ele virou a cabeça e levantou uma sobrancelha. — Eu não estava falando de um terapeuta, mas talvez você deva ver um. Estou falando de alguém para ajudá-lo a lidar com a mídia, alguém para ajudá-lo a aprender a pelo menos parecer gracioso na frente de uma sala cheia de repórteres.

O treinador sentou-se à sua mesa, colocou os óculos e começou a digitar no computador, clicando no mouse de vez em quando. O ponteiro dos segundos em seu escritório soava cada vez mais alto a cada segundo que passava. Talvez eu não devesse ter feito o que fiz lá fora, mas não deixaria ninguém entrar no meu caminho quando se tratava de conseguir o que queria, nem mesmo meu próprio companheiro de equipe. Era a minha hora de brilhar, mostrar aos olheiros profissionais que tipo de jogador eu poderia ser... mas talvez aprender a refinar um pouco as coisas não fosse ruim.

— A média de carreira profissional é de três anos, dois para *wide receivers*, mas se você é o escolhido na primeira rodada, esse número chega a nove. Não faça com que uma equipe tenha dúvidas sobre você por causa de sua atitude. — Ele estendeu um pedaço de papel com um nome em tinta azul rabiscada.

Eu não ia ser um sucesso passageiro.

Eu não iria embora até estar pronto.

Eu não ia acabar como meu pai.

— Tudo bem, eu vou me encontrar com ele.

— Ela. — O treinador espiou por cima dos óculos. — E eu não estava lhe dando uma escolha.

Saí do escritório e fui para o vestiário. Parecia que eu tinha perdido a celebração. Equipamentos, capacetes e garrafas estavam espalhados pelo chão.

Keyton saiu dos chuveiros com uma toalha enrolada na cintura e outra no pescoço. Ele a passou pelos cabelos, tentando secar os fios castanhos claros. Ele sempre o mantinha curto e arrumado, como as crianças engomadinhas que costumavam me provocar na merda do ensino médio. Mas ele não era como eles. Keyton havia se transferido dois anos atrás, um cara quieto que mantinha tudo principalmente a si mesmo. Ele passou por mim.

— Escute, cara, eu não vi você lá fora, ou não teria ido atrás da bola. — Estendi minha mão.

Ele olhou para mim, apertando os dedos em volta da toalha. Havia um flash em seus olhos, do mesmo tipo que eu tinha visto quando os caras chegavam ao seu ponto de ebulição. Ele era apenas meio centímetro mais baixo que eu, mas quando as pessoas davam aquele olhar, elas podiam ser imprevisíveis.

— Sim, você teria. — Então o olhar se foi, soprando como uma pena ao vento. Ele sorriu e apertou minha mão, me dando um tapa no ombro. — Não se preocupe com isso. Eu vencerei você na próxima.

Eu sorri de volta para ele. — Tenho certeza que você vai. — *Sem chances.*

Apressando-me para o chuveiro, eu me lavei rapidamente, vasculhando minha pele para tirar os restos da bebida pegajosa de mim e depois voltei para o vestiário. Sequei e me sentei na frente do meu armário. Meu olhar correu para o banco e olhei por baixo. Minha frequência cardíaca aumentou. *Que diabos?*

Saltando, abri meu armário e fiquei congelado. O sangue escorreu do meu rosto. O fundo do meu armário estava vazio. Finalmente capaz de formar palavras, eu berrei: — Onde diabos estão meus sapatos?

— Que sapatos? — Nix sentou ao meu lado com seu maldito cabelo de hippie e um sorriso de merda.

— Não brinque comigo. Aqueles são Adidas de edição limitada. — O par vintage que eu havia comprado no verão. Os mesmos que eu implorei aos meus pais, mas eles rejeitaram repetidamente quando todos os outros membros da equipe tinham um par na nona série. Como filho de um ex-jogador profissional, eu tinha um alvo nas costas enquanto crescia. As expectativas eram altíssimas, não apenas sobre como eu jogava, mas também sobre como vivíamos.

— Você é pior que uma garota, cara. — Colocando a mão em volta da boca, ele encarou o resto da sala. — Alguém entrega os sapatos antes que ele desmaie.

Berkley saiu da cabine dos chuveiros com um sorriso largo mostrando suas covinhas idiotas. Seus cabelos pretos pingavam água em todos os lugares porque ele se recusava a usar uma toalha, apenas deixar o ar secar.

— Você fez isso, não fez? — Eu apontei para ele como uma bruxa velha e má pronta para transformá-lo em um sapo.

— O que? Você quis dizer esses sapatos tamanho 44 que estavam mais uma vez em cima das minhas roupas? — Berk pegou o par de tênis da parte superior dos armários atrás de mim e os empurrou no meu peito.

Recuperando-me do ataque dele, embalei as belezas listradas de vermelho e branco em meus braços. — Você acha que eu estou colocando eles em qualquer lugar?

— Da próxima vez que você colocar seus sapatos nas minhas roupas, eles vão tomar banho de Gatorade, assim como você. — Ele colocou os pés nos tênis surrados e maltratados, que não tinham mais nenhuma cor discernível além do cinza, como os que eu tinha usado no meu último semestre do ensino médio. Não que não tivéssemos condições, mas meu pai só jogou profissionalmente por alguns anos e depois disso, as coisas não foram fáceis. Se você não conseguisse um contrato gordo, estava ferrado, o que significava uma escolha na primeira rodada ou fracasso para mim.

— E eu vou raspar suas sobrancelhas enquanto você dorme. Não vou colocá-

los no banco sujo.

— Mas você vai se sentar neles? Você tem alguns problemas de prioridade. — Ele balançou a cabeça, molhando todos ao redor como um cachorro depois de uma chuva torrencial e colocou uma camisa.

— Só porque você usa o mesmo par de tênis desde o primeiro ano não significa que alguns de nós não gostamos de parecer que tiramos nossos par de sapatos para fora da lixeira.

— Eles são confortáveis. — Ele deu de ombros e pegou sua bolsa. — Você vai ir para O Brothel?

Eu me encolhi e abotoei meu jeans. — Você não pode simplesmente dizer para casa? — O termo era uma sobra do nome que a casa de fraternidade tinha antes de serem expulsos do campus e nos mudarmos para lá. Theta Beta Sigma, também conhecido como The Brothel dos Sacudidores de Cama.

Passamos o último ano desinfetando o local, encontrando preservativos amontoados em lugares onde não deveriam estar. O nome ficou preso depois que os inquilinos anteriores foram embora e o Brothel nasceu, gostemos ou não. Não ajudou que nossa equipe fosse os Troianos. Os Troianos da Universidade de Fulton, ou os Troianos da FU, como costumavam ser cantados no estádio, o volume sempre chegando a um ponto ensurdecedor. Ser conhecido como um mulherengo não tinha sido um grande negócio até o momento que começou a ser, e eu aprendi da maneira mais difícil que não era fácil apagar a noção preconcebida de alguém sobre você, uma vez que ela se estabelecia.

— Nossa casa tem uma reputação a defender. — Ele sorriu, deleitando-se com o pensamento da atenção quase constante que recebia dentro e fora do campo. — Mas você está certo, talvez você deva ir à biblioteca para estudar as novas jogadas que o treinador enviou.

— Não é necessário uma nova jogada, apenas uma… passar a bola para mim. — Eu me virei, peguei minha bolsa e o segui para fora. As pessoas passeavam pelas saídas como sempre.

As meninas que esperavam depois dos jogos estavam sempre muito ansiosas, às vezes ansiosas demais. Eu tinha visto mais do que alguns caras serem queimados nos últimos três anos. Última vítima - eu.

— Ei, Reece.

Sorria e acene. Isso era mais seguro. Para não dizer que eu era um monge, eu simplesmente não transava com tudo que se mexia, especialmente agora, e nunca sem ter certeza de que ela sabia que eu não ia ter um relacionamento e eu com certeza não seria o bilhete de refeição de ninguém.

Havia pedaços de papel enfiados sob meus limpadores de pára-brisa, ao lado de uma calcinha de renda rosa brilhante com um número de telefone rabiscado nela. *Cara, espero que não sejam usadas.* Pelo menos era melhor do que o que estava no meu para-brisa na temporada anterior: malditos macacões de bebês e mamadeiras. Com que rapidez o pêndulo oscilou. Celeste havia deixado a faculdade, mas o boato ainda rolavam sob os autógrafos e cumprimentos.

Abrindo meu porta-malas, peguei meu raspador de gelo e tirei os papéis e a calcinha da frente do meu carro. Os números escritos nos papéis se dissolveram quando atingiram o chão úmido.

Eu ri e entrei. Se era assim que as coisas aconteciam na faculdade, imaginei

que os que os profissionais passam devem ser insanos. Papai tinha estragado tudo se casando antes mesmo de ser convocado, não que mamãe não fosse incrível. Eles estavam nojentos e embaraçosamente apaixonados, mas caramba, ele tinha perdido muita coisa. Então, novamente, ele tinha mais do que o futebol indo para ele. Ele se formou na faculdade com ótimas notas e assumiu os negócios do meu avô.

Meu GPA de 2,3, quase imperceptível não estava me dando nada além de um lugar mais acolhedor em uma loja grande nas proximidades. Ser profissional era minha chance, e eu não a desperdiçaria.

Passei pelo campus para entregar um trabalho antes de voltar para o Brothel, e a festa já havia começado quando cheguei. Elas se acalmaram por um tempo, mas estavam em pleno vigor agora. Estacionando no quarteirão, fiquei sentado no carro e coloquei minha outra cara de jogo. Eu poderia ser o Reece que eu tinha sido antes. Eu precisava ser.

Neve e gelo escorregadio racharam e trituravam sob meus sapatos quando sai. O maldito sal na calçada ia estragar meus sapatos. Cumprimentos vieram no meu caminho, pessoas circulando, mudando de casa em casa procurando a melhor festa em que pudessem participar. Elogios foram jogados das casas ao nosso redor. Acenei por cima do ombro para todos pendurados em suas varandas para me receber em casa.

Subindo as escadas, empurrei a porta já aberta. O baixo da música vibrou no chão. Bati a porta e o mar de cabeças se virou.

Preso a isso, preparei-me para o ataque enquanto os foliões, já com mais de algumas bebidas, me banhavam com a apreciação deles, ou seja, em bebidas misturadas e abraços masculinos. As luzes azuis que trocamos por luzes da festa deram à casa um brilho de balada.

Cerveja e álcool, suor, perfumes e loções com aroma de frutas das meninas pairavam tão pesados no ar que eu podia sentir o gosto. Enquanto outros caras lutavam para impedir que suas festas se tornassem um festival de salsichas, nunca tivemos problemas em encher o local de mulheres. A reputação do Brothel dificultava mantê-las de fora, principalmente quando os Troianos estavam no maior time vencedor da história da FU.

Festas literalmente apareciam do nada. Barris rolaram na porta da frente, copos de plástico vermelho distribuídos às centenas. Certa vez, trancamos a porta durante um fim de semana de jogo e chegamos em casa para ver a janela da frente aberta, a trava da porta quebrada e uma festa em pleno estado de embriaguez. Às vezes, tínhamos que ceder à corrente do oceano se não queríamos pagar por novas janelas e fechaduras após cada jogo.

Os pisos de madeira seriam uma merda para limpar, mas nós demos esse trabalho a LJ e Berk, porque eles eram do primeiro ano. Cartazes de filmes pendurados nas paredes. *Duro de Matar*, *O Exterminador*, *Kill Bill* e, claro, *Rocky*. Os dois sofás e a cadeira na sala foram empurrados contra a parede dos fundos para tentar protegê-los dos danos causados pela festa. Não era que eles fossem legais ou algo assim; simplesmente não sentimos vontade de sentar no chão pelos próximos seis meses até a formatura.

Berk e LJ ocuparam seu lugar na mesa de ping-pong de cerveja na sala de jantar, e eles gritaram e acenaram para mim. Nix estava na cozinha rodeado de

mulheres enquanto Keyton e alguns dos outros caras da equipe estavam na sala de estar com copos de cerveja nunca vazios nas mãos. Eu estendi meus braços na minha frente, acenando para cima e para baixo.

— Quem está pronto para ir para a porra do campeonato? — Coloquei minhas mãos em volta da boca pela última palavra, todos gritaram, e o banho de cerveja começou novamente. Eu precisava trocar esses sapatos ou eles ficariam encharcados.

Desempenhar esse papel sempre foi fácil, e eu não tinha feito nada pelo que precisava me esconder. Eu precisava mostrar a eles que não havia uma razão para eu ter vergonha - logo depois que trocasse de tênis. Desci as escadas. Mais high fives foram distribuídos pelas pessoas que esperavam nos degraus, na fila do banheiro. Felizmente, eu tinha meu próprio banheiro. Destrancando minha porta, entrei. Nós aprendemos da maneira mais difícil para trancar nossos quartos durante uma festa ou você teria coisas roubadas, ou pior, pessoas transando na sua cama.

Uma pilha de roupas amarrotada estava no centro da minha cama, a mesma pilha que migrou pelo meu colchão e voltou para o chão quando estava suja novamente. Havia luzes de cordas que minha irmã havia colocado quando veio me “ajudar” a me mudar, se por "ajuda" ela quis dizer me dar um fora e tentar fugir para uma festa no campus.

Minha mesa estava cheia de livros e vários papéis entre as páginas. Com dois treinos por dia, eu não tinha conseguido me organizar antes do início do semestre.

Coloquei meus sapatos de volta com a pequena coleção que acumulei nos últimos anos. Eu não estava entrando ou saindo de um jogo com alguém pensando que eu era menor do que eles por causa de sapatos de merda novamente.

Troquei por um par velho que era perfeito para contratempos na festa e corri de volta para baixo. As mãos deslizaram pela minha cintura e no meu bolso de trás. Alguém colocou um copo de plástico vermelho na minha mão. Era bom estar no topo.

2

SEPH

— Você aprovou minha vinda aqui. — Meu violino estava no sofá, oscilando na beira da almofada. Eu andei na sala de estar. Falar com ele no meu quarto parecia que eu estava sendo enterrada em um caixão. As paredes começaram a se fechar e eu mal podia respirar. Nosso apartamento era um estúdio em opostos. Minha caneca de café estava ao lado da cafeteira que eu comprei, *Seja Feliz* rabiscada na frente em uma letra maluca.

— Eu disse que sim, porque o Dr. Huntsman estava ensinando aí e você disse que ele concordou em examinar seus estudos. Agora, o Dr. Mickelson está de volta a Harvard.

Além de algumas molduras rosa com fotos de Alexa, minha colega de quarto, não havia muita personalidade no local. Nós estávamos presas juntas nos últimos setenta e três dias, não que eu estivesse contando. Seus outros amigos estavam todos estudando no exterior durante o semestre, um fato que ela me contou pelo menos trinta vezes desde que nos mudamos juntas como um lembrete de que não havia nenhuma maneira no inferno de que ela tivesse me escolhido como colega de quarto.

— Eu assumi o compromisso de estudar aqui. Você sempre me ensinou a cumprir meus compromissos. — Não que eu já tivesse tido uma escolha.

Os pratos de Alexa estavam tentando sair da pia enquanto conversávamos. Eu jurava que uma dessas manhãs eu acordaria e algo das profundezas da porcaria enrolaria seus tentáculos viscosos em volta do meu pescoço e tentaria me arrastar pelo ralo.

Peguei uma calcinha usando a ponta de dois dedos e joguei-a em cima da pilha crescente na extremidade do sofá. Suas roupas estavam cobrindo quase todas as superfícies do apartamento. Riscas de esmalte correram pelo braço do sofá que veio com o apartamento, mas perder meu depósito de segurança era a menor das minhas preocupações naquele momento.

— Você está sendo irracional, Persephone.

Eu me encolhi. Meus ombros praticamente tocaram meus ouvidos. Ninguém me chamava de Persephone, exceto meus pais, professores e tutores... o que significava que todos me chamavam de Persephone. Eu poderia dizer que meus amigos me chamavam de Seph, mas então eu precisaria de alguns amigos, não precisaria?

— Mal terei dois anos aqui. Eu dificilmente acho que isso vai tirar o meu futuro dos trilhos.

— Mickelson está no topo de sua área. Ele poderia ter avisado a todos que voltaria mais cedo para Harvard.

Eu tinha certeza de que isso estava no topo de sua lista de coisas a fazer ao retornar de sua licença, depois que sua esposa morreu.

— Esse ainda é um ótimo programa. Vou terminar minha graduação e depois podemos conversar sobre estudar mais. Tenho tempo.

— Não se você quiser ser excepcional. — O som de seu queixo estalando quando estava excepcionalmente bravo enviou um arrepio na minha espinha.

Eu massageei meu ombro com a mão livre.

— É uma faculdade Ivy League, pai.

— Você sabe qual faculdade teve a maior porcentagem de vencedores da Medalha Fields na última década?

— Harvard. — Sussurrei ao mesmo tempo que ele falou. O cobiçado prêmio de matemática era tudo sobre o que ele falava desde que eu me lembrava, desde os cinco anos de idade.

— Sim, eu sei. — Sentei-me na beira da cadeira como se ele estivesse lá pairando sobre mim. Embora ele estivesse me dando um sermão a algumas centenas de quilômetros de distância, eu ainda não conseguia abalar a sensação de que seus sapatos brilhantes estavam sendo pressionados com mais força no centro do meu peito.

— Você será a vencedora mais jovem.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser, se você apenas deixar eu me formar na Fulton primeiro.

— Estou feliz que você tenha dito isso. Eu tenho falado com seus conselheiros.

Isso era permitido? Eu tinha dezoito anos agora, ele não deveria ter conseguido falar com eles sobre mim. — Eles não tinham um registro completo de todos os cursos e provas da faculdade que você já fez. — Havia uma fatia de censura em sua voz. — Portanto, parece que você poderá se formar um ano antes do que esperávamos.

O sangue foi drenado do meu rosto. Era outubro. Eu só estava na Filadélfia há dois meses, mal tive a sensação de morar sozinha, e ele já estava tentando me levar de volta a Boston em menos de sete meses. O quarto flutuou na minha frente e me inclinei contra o braço da cadeira.

— Por favor, pai.

Seu escárnio descontente veio alto e claro. — Não dedicamos nossas vidas, sacrificando tudo, para que você possa jogar fora seu futuro. Você será a mais jovem vencedora da Medalha Fields. — Havia uma finalidade em suas palavras, a mesma que havia quando ele me disse, em termos inequívocos, que eu não estaria frequentando uma escola pública. Ou quando ele disse não, eu não podia ter uma festa do pijama com uma garota da vizinhança que eu consegui fazer amizade durante o curto período em que me permitiram brincar no nosso quarteirão. Ou o tempo que ele me disse que o violino não importava e eu não tocaria mais.

Talvez meus pais devessem ter primeiro verificado comigo o que eu queria fazer. A porta do apartamento se abriu e Alexa entrou. Ela era uma bola saltitante de energia ruiva. Detalhes verdes em tudo o que ela usava realçava seus olhos. Hoje, era uma boina esmeralda que segurava seus cachos. Ela parecia uma princesa ambulante de desenho animado. Pena que ela foi escalada como a minha vilã.

— Você está certo. Sinto muito. — Passei meus dedos pelos cabelos e apertei a parte de trás do meu pescoço.

— Este é um tempo valioso. Os recordes estão sendo quebrados por todos o lados, e você ficará na poeira se continuar adiando as coisas.

Talvez eu não quisesse ser a mais jovem formada em Harvard a ganhar uma Medalha Fields.

Talvez eu não quisesse o equivalente matemático de um Prêmio Nobel.

Talvez eu só quisesse ser normal por um tempo, mas essas discussões sempre levavam a conversas ainda mais desconfortáveis e dolorosas.

— Eu já comprei sua passagem para o Dia de Ação de Graças. Sua mãe está ansiosa para vê-la. — Não ele. Nunca ele.

— Posso falar com ela? Eu queria perguntar a ela sobre uma coisa. — Um pequeno conselho maternal sobre como fazer amigos, uma conversa animada como as que ela costumava me dar quando me levava ao parque infantil de nossa vizinhança antes de papai rejeitar que eu me misturasse com *aquelas* crianças. Você sabe, crianças normais que corriam, arranhavam joelhos e faziam tortas de barro. Aparentemente, isso não me proporcionaria nenhum benefício intelectual adicional, portanto não foi permitido. Não era como se brincar fosse algo que as crianças *gostam* de fazer. Era quase como se ele nunca tivesse sido criança. Talvez ele tivesse saído do útero como estava agora, completamente crescido e muito frio.

Eu costumava olhar pela janela para as crianças do bairro andando de bicicleta, brincando de pique ou apenas se perseguindo com paus nos gramados enquanto aprendia a equação quadrática. Que criança de seis anos não amaria isso?

— Ela está fazendo o jantar e eu prefiro não incomodá-la. Você sabe com que rapidez ela pode se distrair. Ela queimou as batatas na semana passada...

Como se uma ligação de sua filha não pudesse valer a pena jantar na mesa um pouco mais tarde do que exatamente na hora. Mordi as palavras.

— Claro. Vou tentar novamente outra hora.

— Temos reuniões marcadas para você quando você estiver aqui nos feriados. Esteja preparada.

Meus dedos se apertaram ao redor do celular.

— Estou ansiosa por isso. — Não importa quantas vezes eu dissesse não, era como se minhas palavras fossem meramente sugestões ou, pior ainda, aborrecimentos.

— Tchau, Persephone.

— Tchau, pai. — Eu encerrei a ligação e coloquei meu celular no balcão, embora eu sentisse vontade de jogá-lo pelo quarto.

— Então você não é apenas um android com estranhos? É com a sua família também. — O sorriso de Alexa era exatamente como as meninas malvadas de filmes, as vadias que governavam a escola com um punho de ferro. Talvez fosse por isso que suas amigas haviam corrido para outros países no segundo em que tiveram a chance. Oh, quanta sorte.

Soltei um suspiro profundo com os dentes cerrados.

— Oi, Alexa. — Virando, eu mantive meu rosto neutro. Os colegas de quarto da faculdade não deveriam ser amigos que você leva pelo resto da vida? As pessoas que você chamaria para estar no seu casamento ou ser padrinho dos seus filhos?

Ela caiu no sofá, quase derrubando meu violino no chão.

Peguei o instrumento e puxei meu arco, que estava meio preso debaixo da bunda dela.

— Dan está chegando daqui a pouco, então por que você não sai correndo para o seu quarto e se tranca lá? Não gostaria que você fosse exposta a qualquer

um dos meus maus hábitos. — Ela agitou os dedos para mim, sem sequer tirar olhar do celular. Eu fui dispensada.

Não era assim que as coisas deveriam ser. A faculdade deveria ser a melhor época da minha vida, uma chance de fazer amigos de longa data. Aconteceu que as pessoas que sobraram na loteria da casa para uma adição de última hora provavelmente não eram material de melhor amigo.

— Eu não me importo. Ele parece muito legal.

Ela bufou, olhou para cima e revirou os olhos.

— Ele não está interessado. — A risada dela era como unhas em uma lousa, seu olhar treinado em seu telefone.

Eu fiquei lá com violino e arco debaixo do braço, minhas mãos apertando e abrindo na minha frente antes de desistir, arrumar meu instrumento e ir para o meu quarto. Por que isso foi tão difícil? Por que eu não podia simplesmente dizer algo para ela? *Alexa, você é uma verdadeira puta e não faria mal se pudesse ser um pouco melhor. Por que* você *não vai para o seu quarto quando tem um cara?*

O namorado dela era uma constante no apartamento, e suas aventuras sexuais se tornaram a minha trilha sonora do sono nos últimos dois meses. O feio monstro de olhos verdes ergueu a cabeça mais de uma vez durante esses momentos. Era tão fácil para ela, para eles - inferno, para todos fazerem conexões.

O pequeno vaso de planta no peitoril da janela era a única cor em todo meu quarto, violetas que eu peguei de onde haviam sido descartadas debaixo de um banco no campus. Eles as distribuíram para celebrar a nova orientação dos alunos. A planta solitária, meio derrubada com a terra derramada no chão, foi a única coisa que eu peguei para personalizar meu quarto. Foi a primeira coisa nova que adicionei, além de livros.

Eu olhei para o lugar austero. Paredes brancas inexpressivas, edredom branco jogado sobre a minha cama, tudo cuidadosamente arrumado na minha mesa, nada fora do lugar. Pegando uma pilha de cartões coloridos, joguei-os no ar. Houve uma chuva de arco-íris ao meu redor enquanto eles flutuavam para o chão.

Apertando minhas mãos, resisti ao desejo de pegá-los. No dia seguinte, compraria algo colorido. Eu não me importava com o que era, mas havia uma nova proibição de qualquer coisa branca, cinza, bege ou preta aqui. Sem mais coisas neutra. Estava na hora da cor. Era hora de ser ousada.

Sentei-me na frente do meu laptop e entrei no portal do aluno. Navegando para o fórum de discussão, verifiquei as diferentes linhas de assunto. *Tutores necessários. Grupos de Estudo. Itens perdidos.* Depois, houve a seção mais pessoal. Às vezes, as pessoas publicavam sobre alguém que tinham visto na quadra e queriam encontrar novamente.

A raiva que sentia do meu pai e Alexa - de mim mesma - fervia em minhas veias. Talvez houvesse uma maneira mais fácil, algo que matasse alguns coelhos com uma cajadada só. Eu poderia fazer algo completamente fora do personagem, pois permanecer no personagem não me fez nenhum favor. Eu precisava ser proativa. Se eu quisesse finalmente começar a viver, precisava dar um salto na minha vida.

Clicando no link para os assuntos pessoais, abri um novo tópico anônimo. *Amigos necessários.* Meu dedo pressionou a tecla apagar. Quão estúpido isso soava? Patético. *É tudo ou nada, Seph.* De preferência tudo, porque voltar para casa exatamente a mesma pessoa que eu era quando saí seria além de deprimente.

A porta da frente do apartamento se abriu e o grito de Alexa indicava que o namorado dela, Dan, havia realmente chegado.

Seus passos pesados pelo corredor foram acompanhados pelo som deles batendo um no outro. Eu me preparei. Em questão de minutos, eles geralmente batiam contra a parede como se estivéssemos no meio de um blecaute e seus corpos proporcionassem ecolocalização para escaparem do prédio.

— Ei, Seph. — Ele gritou enquanto passava pela minha porta aberta. Eu abaixei minha cabeça. A voz abafada de Alexa não escondeu seu descontentamento. Ele era a única pessoa que me chamou de Seph.

Com os dedos em cima do teclado, os sons de Dan e Alexa soaram através da madeira fina de sua porta. Eu pulei e fechei a minha. Bati minha cabeça contra ela e depois olhei para a tela do computador.

Dan e Alexa estavam de volta naquele cavalo, montando-o até o último suspiro. Fechar a porta não ajudou. Na verdade, a madeira estava conduzindo o som direto para o meu cérebro. Me empurrando da porta, voltei para o meu computador.

A solidão que atingia quando eu estava perto das pessoas era pior de alguma forma do que quando eu estava sozinha. Quando havia outras pessoas ao meu redor, meus pulmões ardiam como se eu estivesse me afogando bem na frente deles e ninguém se importava. Eu não tinha ninguém e estava cansada disso.

Esqueça os amigos - eu queria mais. Eu queria agarrar esse pequeno sopro de vida que eu tinha, e eu poderia muito bem fazer isso, não é? Eu não começaria pequeno e iria subir; não havia tempo para isso.

Eu começaria grande, tão grande que todo o resto pareceria pequeno em comparação.

Tão grande que apagaria o medo que eu tinha de nunca saber como é me sentir livre.

Eu faria isso pela primeira vez e jamais esqueceria.

Talvez se eu apenas fizesse isso, pulasse com os dois pés, finalmente pudesse ter uma amostra do que estava procurando e as coisas mudariam. Não seria tão assustadoramente arrepiante.

Respirando fundo, sentei-me na minha cadeira.

Até o final deste semestre, eu não vou ser virgem.

Não tive tempo de esperar para encontrar alguém em uma cafeteria ou seguir o protocolo "normal" para namorar. Fazia dois meses e eu ainda não tinha feito amizade; como eu deveria encontrar um namorado? Não, isso estava fora de cogitação. O relógio da contagem regressiva estava correndo. Não tive tempo de encontrar alguém para me apaixonar. Eu tinha sete meses para viver a vida de uma estudante universitária "normal". Era agora ou nunca.

Olhando para a tela, eu digitei. *Você gostaria de ser meu primeiro?*

Eu deixei minha postagem a mais clara possível. Procurando por um colega, de preferência um do primeiro ou segundo ano para me ajudar a perder a

virgindade. Seria necessário um questionário completo e antecedentes. Defino a hora, a data e o local das entrevistas.

Os gemidos do quarto ao lado me fizeram mergulhar nos meus fones de ouvido sem fio. Liguei-os e olhei de volta para a tela. Mozart ajudou a afogar o filme pornô saindo do quarto. Não era nem de noite. Não era quando as pessoas faziam sexo? À noite, sob a cobertura da escuridão, depois de uma garrafa de vinho?

Andei de um lado para o outro e olhei para a tela antes de puxar um bloco de notas para anotar minha lista de prós e contras por fazer isso.

Prós: perder a virgindade; finalmente, saber como é o sexo; desfrutar de parte da experiência da faculdade/idade adulta; ir contra o que meus pais querem; fazer algo nos meus próprios termos; viver.

Contras: Pode não corresponder às expectativas; posso pegar uma doença; posso engravidar.

Colocando o bloca em cima da mesa, olhei para ele. Os contras eram tudo coisas com que eu poderia viver ou que poderia ser evitado sendo inteligente e usando proteção, e os prós eram bons demais para deixar passar. Com os dedos acima da tecla Enter, os enrolei de volta em punho. Eu realmente queria fazer isso? Eu gostaria de perder a minha virgindade assim? Isso não faz de mim uma perdedora total?

Não era como se eu tivesse muitas opções durante meu curto período de tempo, além de perguntar aleatoriamente a caras na rua. Pelo menos dessa maneira, havia um processo de verificação. Colocando meu dedo na tecla Enter, olhei de volta para o que havia escrito. Provavelmente parecia desesperada e insana, e provavelmente ninguém iria responder.

Uma mão pousou no meu ombro e eu pulei, inadvertidamente, pressionando a tecla. O pânico disparou na minha garganta como se eu tivesse engolido um inseto. A página recarregou e um grande *Enviado* piscou de volta para mim. *O que eu fiz?* Arrancando meus fones de ouvido, me virei na minha cadeira.

— Seu celular está tocando sem parar por, tipo, dez minutos. — Um Dan suado e levemente sem fôlego estava no meu quarto com um lençol enrolado na cintura. Ele balançou meu telefone para mim. Meu olhar estava preso em seu peito nu. — Terra para Seph. — Ele acenou com a tela brilhante na frente do meu rosto.

— Desculpa. — Peguei-o da mão dele, me atrapalhando e quase o deixando cair no chão.

— Está bem. Alexa fica irritada quando algo me distrai. — Ele saiu do quarto, fechando a porta atrás de si. Um pedacinho do lençol foi pego na brecha debaixo da porta e saiu por baixo quando ele voltou para o quarto de Alexa.

Quando me inclinei na minha cadeira, ela deslizou para trás, atingindo minha mesa. Eu lentamente saí do meu transe, girando e olhando para o que eu tinha acabado de enviar. Já tinha oitenta visualizações. Se eu pudesse vomitar, eu teria feito isso. *Merda!* Não havia como voltar agora. Hiperventilar teria que esperar até mais tarde.

Eu queria sexo suado, louco, explosivo, de enrolar os dedos dos pés, caramba. Eu queria sentimentos intensos e finalmente me soltar pela primeira vez. Isso era uma coisa boa; não havia razão para um surto. Virei para uma nova página no

meu caderno. Esta não seria a minha única primeira vez. Antes de partir para uma vida de teoremas, velhas bibliotecas empoeiradas e expectativas esmagadoras que ameaçavam me engolir inteira, eu faria deste um ano que nunca esquecerei, um que olharia para trás quando o trem de carga da minha vida voasse pelos trilhos e eu não tinha voz no meu destino. Esse seria o ano de primeiras vezes perfeitas.

3

SEPH

Hu envolvi meus dedos em torno da caneca azul clara e segurei meu telefone entre minha orelha e meu ombro. Uma trilha de vapor subia do topo do chocolate quente com mini marshmallows. Eu estava sendo completamente indulgente e fiquei tentada a olhar por cima do ombro para procurar o olhar de desaprovação de meu pai. Cheirava a brownies e Natal - bem, como eu imaginava que o Natal cheirava nos filmes e nas vitrines de lojas, quente e aconchegante, exatamente como este lugar.

Já que eu estava em Uncommon Grounds, a cafeteria não muito longe do meu apartamento, por um tempo, levei algum momento para ler o menu. Café preto era o meu padrão. Foi o que eu fui treinada para beber. Meu pai sentiu que nunca havia tempo para coisas frívolas como açúcar ou leite. Não mais. Minha primeira vez.

Eu pedi uma bebida para cada hora que estivesse lá e pedi que entregassem na hora. Eu imaginei que isso me daria algo para fazer com as minhas mãos enquanto eu me encontrava com... pretendentes? Encontros? Amigos coloridos? Eu não acho que eles inventaram uma palavra para o que exatamente era isso.

— Você já foi em algum encontro? — A voz melódica da tia Sophie acalmou alguns dos meus nervos.

— Só estou aqui há alguns meses. — No entanto, esperava ter mais de um encontro em alguns minutos. Pensei que talvez devesse ter pedido um muffin ou uma fatia do bolo de café. Este lugar cheirava como se uma padaria e uma cafeteria tivessem brigado. Sentada na cabine, eu poderia ter me enrolado e adormecido - isto é, se eu não estivesse a cerca de vinte minutos de entrevistar candidatos para minha desvirginização.

— E eu tenho certeza que seu pai está contando os minutos até você voltar a sua roda de hamster. — Eu podia imaginar o rosto dela se contorcendo em uma careta no outro extremo da linha, com base em quão curtas suas palavras foram. A irmã da minha mãe, minha tia Sophie, foi uma influência terrível e uma desgraça, segundo meu pai. Ela também era minha pessoa favorita no mundo.

— Não é uma roda de hamster. Há muitas coisas que posso realizar se seguir o caminho que eles estabeleceram para mim.

— Como morrer uma solteirona que só esteve cercada por homens cinquenta anos mais velhos que ela.

— Ei, alguns deles são talvez apenas vinte anos mais velhos. — Puxei meu telefone para longe da orelha, fechei os olhos e espiei a tela antes de rapidamente trazê-la de volta para ouvir.

— Escute, se você quiser fugir daquele circo permanentemente, você sabe que eu tenho um sofá-cama com o seu nome.

— Eu acho que seria mais como correr para o circo, pelo menos é o que mamãe diz.

— Só porque eu faço malabarismo não significa que eu sou uma palhaça.

— Não esqueça o trapézio.

— O trapézio é um excelente treino, mocinha. Na verdade, sua mãe foi quem me deu todas essas bobagens. — Apesar de ter quase cinquenta anos, ela costumava ser confundida com a filha da minha mãe, não com a irmã. Eu não

sabia a quem isso se referia mais, minha mãe ou tia Sophie.

— Ela deu? Não consigo imaginar minha mãe se soltando assim.

— Sim, ela deu. Eu costumava chamá-la de Selvagem. Minha louca irmã mais velha... — Sua voz soou distante como se estivesse em outro lugar, talvez há muito tempo atrás. Eu gostaria de ter conhecido mamãe antes que ela conheceu meu pai. Se ela era como tia Sophie, eu nem consigo imaginar como ela e meu pai acabaram ficando juntos.

Limpando a garganta, minha tia mudou rapidamente de assunto.

— Como está sua colega de quarto?

— Ainda a mesma. Ela é muito legal.

— Você não pode mentir para mim, garota. Ela é uma cadela colossal, não é?

— Ainda estamos nos conhecendo.

— Você não pode deixar as pessoas passarem por cima de você. Isso só deixa as coisas dentro da rua cabeça furiosas. Relaxe e tire esse pau da sua...

— Tia Soph! — Fiz um balanço de como estava sentada na cabine cor de vinho e deixei minha coluna relaxar. Olhando em volta para todos os outros nas mesas e cabines ao meu redor, afrouxei meus ombros, deixando-os cair um pouco. Minhas pernas emitiram um leve ruído contra o vinil enquanto me movia. *Por favor, não deixe ninguém pensar que estou aqui soltando puns.*

As pessoas estavam sentadas em mesas altas com seus laptops, fones de ouvido, cabos de bateria e pilhas de cartões empilhados ao lado deles enquanto bebiam xícaras de café. Ninguém nem percebeu que eu estava lá.

— Desculpe, você está certa. Eu tenho uma boca suja. Mas um dia desses você vai precisar de ajuda, garota, e quando precisar, saiba que não está sozinha, ok?

— Ok.

— Vou tentar ir para lá no Natal este ano, para te ver. Juro que vou me comportar.

Uma risada escapou dos meus lábios.

— A última vez que você disse isso papai levou quase uma semana para se acalmar.

— Aqueles brownies estavam deliciosos.

A campainha da porta tocou. Minha cabeça levantou e olhei por cima da cabine. Um grupo de pessoas entrou. *Não, não para mim.* Eu ainda tinha quase vinte minutos antes da hora que listei na minha postagem.

— Mamãe não parou de rir por quase 24 horas, nem mesmo durante o sono. — Aquela grande veia na testa de papai pulsou por três dias sólidos. Foi o mais feliz que eu vi mamãe há muito tempo.

— Estou feliz. Ela precisava de uma folga, mas eu juro que não há nenhum tipo assim dessa vez.

— Ou qualquer outra coisa comestível.

— Juramento de escoteira. Ok, eu tenho uma aula de pintura para ir. Te amo muito. Sinto sua falta e falo com você mais tarde.

— Falo com você mais tarde. Te amo.

Ela terminou a ligação. Coloquei meu telefone na mesa e endireitei os cartões na minha frente. Eu também tinha minha lista de perguntas no assento ao meu lado. Limpando as mãos na minha calça de algodão azul marinha, eu balanço no

lugar antes de me acalmar. *Respire fundo. Vai dar tudo certo e, a essa hora de amanhã, você poderá não ser mais virgem.* Vi meu gorro de malha vermelho espreitando da minha bolsa. Eu tirei as etiquetas antes de sair do apartamento. Meu batimento cardíaco acelerou um pouco. Minha primeira compra de algo ousado. Este foi o começo de algo novo para mim; eu podia sentir isso.

A campainha soou novamente quando a porta da cafeteria se abriu. Minha cabeça levantou e minha perna saltou. O sol brilhava através da porta e uma figura estava lá. Ele era alto, mais alto do que qualquer um que tinha entrado antes. Seus músculos eram óbvios, mesmo debaixo do casaco. Ele parou na entrada, sua cabeça se movendo de um lado para o outro como se soubesse que as pessoas olhariam para trás, como se ele estivesse dando a todos a chance de mergulhar em sua presença. Seu cabelo preto estava despenteado, como se ele estivesse passando os dedos por ele na caminhada de onde ele veio. A jaqueta se encaixava perfeitamente, como se tivesse sido feita sob medida apenas para seu corpo.

Eu olhei em volta; Eu não era a única que o notou entrar. Ele parecia familiar, mas eu não consegui identificá-lo. Ele se inclinou para a frente e eu pensei que ele iria amarrar os sapatos, mas em vez disso, ele limpou uma folha molhada de seu tênis branco. Cabeças se viraram quando ele atravessou o chão em minha direção. Apertando meus dedos com mais força em torno dos cartões, lembrei-me de respirar.

Ele olhou em volta novamente e me viu. O verde em seus olhos era claro, mesmo do outro lado da cafeteria. Cabelos escuros com olhos assim não eram uma combinação usual. Ele congelou e seus lábios se apertaram. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele se aproximou de mim com um olhar que dizia "*Vamos acabar logo com isso"*. Isso não era um bom presságio. Ele ficou ao lado do assento do outro lado da cabine, olhando para mim com expectativa.

Meu olhar correu por seu rosto. Maxilar quadrado. Uma pitada de barba em suas bochechas e queixo. Minha pele corou. Ele tinha belos lábios. Como eles ficariam contra a minha boca? Passei o dedo pelo lábio inferior. Como eles ficariam em outras partes de mim? Meu corpo respondeu e agradeci a Deus que usava sutiã, camisa e blazer, ou estaria mostrando a ele alguns faróis acesos. Isso era um bom sinal.

Ele limpou a garganta.

Pulando, deixei cair minha mão e o calor nas minhas bochechas se transformou em um lança-chamas no meu pescoço. — Desculpe, sente-se. — Eu me levantei do meu lugar na cabine e estendi minha mão em direção ao outro lado à minha frente. As minhas coxas bateram na mesa e eu caí de volta no assento macio.

Deslizando na minha frente, ele abriu o zíper do casaco e colocou o braço sobre as costas da cabine brilhante.

— Oi, muito prazer em conhecê-lo. Eu sou Seph. — Eu atirei minha mão sobre a mesa entre nós. A manga do meu blazer apertou enquanto subia no meu braço.

As sobrancelhas dele se contraíram. — Seth? — Ele se inclinou, seus antebraços descansando na beira da mesa. Ele não era nada como os caras do departamento de matemática. Eles eram calados, às vezes desagradáveis, e

nenhum deles fez meu estômago ricochetear dentro de mim como se estivesse tentando ganhar uma medalha de ouro na ginástica olímpica.

Eu engoli uma risadinha. Eu *não* dava risadinhas. O som saiu como um bufo agudo, e eu resisti à vontade de fechar meus olhos e rastejar para debaixo da mesa. *Seja legal, Seph. Fique tranquila.*

— Não… Seph. É abreviação para Persephone.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Deusa grega da primavera. Filha de Deméter e Zeus. Quer saber, não importa. Estou feliz que você concordou em se encontrar comigo hoje.

— Não é como se eu tivesse muita escolha. — Ele se inclinou para trás e correu os nós dos dedos ao longo da mesa, fazendo um ritmo aleatório.

Lambi meus lábios e os separei. Não que ele tivesse muita escolha? Alguém o colocou nisso? Alguma coisa no meu post o fez se sentir obrigado a vir? Eu não tinha conseguido voltar e olhar para ele depois de publicá-lo. Balançando a cabeça, estendi minha mão novamente.

— Prazer em conhecê-lo…

Ele olhou para a minha mão e então para mim, deixando escapar um suspiro entediado.

— Reece. Reece Michaels.

— Prazer em conhecê-lo, Reece. Eu sou Persephone Alexander. Tenho algumas perguntas com as quais podemos começar, se você não se importa.

— Quanto mais rápido começarmos, mais rápido podemos terminar. — Ele olhou em volta como se preferisse estar em qualquer lugar, menos aqui.

Aquelas risadas vertiginosas azedaram no meu estômago. Um garçom apareceu com as garrafas de água que eu pedi. Arrumei-as em uma pirâmide no final da mesa.

— Você gostaria de uma água? — Eu estendi uma para ele.

Ele me olhou como se eu estivesse oferecendo uma substância ilícita, mas depois estendeu a mão. Seus dedos roçaram as costas dos meus e faíscas de excitação correram através de mim. Puxando a garrafa do meu alcance, ele a abriu e tomou um gole.

Minhas bochechas esquentaram e olhei para meus cartões, os virando de frente para trás.

— Eu tenho algumas informações para você preencher.

Deslizando o papel sobre a mesa, eu estendi uma caneta para ele. Ele pegou de mim, tomando cuidado para que nossos dedos não se tocassem dessa vez. Eu estaria mentindo se dissesse que não queria outro toque, apenas para testar se o primeiro tinha ou não sido algo mais que eletricidade estática. Ele preencheu os dados biográficos no papel e os devolveu para mim.

Eu verifiquei. Ele tinha 21 anos. Tinha um aniversário chegando logo após o Ano Novo. Boa altura/peso. Agarrando minha caneta, examinei as perguntas que havia preparado para minhas reuniões.

— Vamos começar. — *Basta arrancar o band-aid.* Limpando a garganta, bati os cartões na mesa. Algumas cabeças viraram em nossa direção com o som agudo da batida. — Quando você foi testado pela última vez para doenças sexualmente transmissíveis?

Colocando a garrafa em cima da mesa, ele olhou para mim como se eu fosse

uma equação que de repente ele estava interessado em resolver. E então esse olhar se foi. — No começo da temporada. De perfeita saúde. — Ele olhou por cima do ombro, o tédio de volta, vazando de todos os poros. *Uau.* Eu pensei que os caras estavam interessados em toda essa coisa de sexo, mas ele parece estar sentado na sala de espera do consultório de um dentista.

— Quando você teve relações sexuais pela última vez?

Sua cabeça voltou para mim, os olhos esbugalhados.

— O quê? — Eu tinha toda a sua atenção agora.

— Sexo? Quando foi a última vez que transou? — Bati minha caneta contra o cartão.

Ele engasgou e olhou para mim. Os olhos dele se estreitaram e ele apoiou os cotovelos na mesa.

Peguei cuidadosamente meus cartões de volta para mim, longe dele.

— Sem comentários.

— Dadas as circunstâncias, é uma pergunta apropriada.

Os músculos de seu pescoço se contraíram e seus lábios se franziram.

— Tudo bem, no início da temporada.

— Que temporada? — Eu olhei para cima da minha caneta. Essa foi uma maneira estranha de colocar isso. — Tipo, no começo do outono?

— Como na temporada de futebol.

As peças se encaixaram - o corpo, as outras pessoas ao redor da cafeteria que o olhavam.

— Você joga futebol americano. — Isso fazia sentido, e ele parecia a pessoa americana perfeita para o trabalho.

— Sim, eu jogo futebol.

— Quando a temporada começou?

Ele balançou a cabeça como se estivesse tentando limpar uma névoa e olhou para mim como se eu tivesse começado a falar em um idioma diferente.

— Em setembro.

— E… — Passei a mão na parte de trás do meu pescoço. — Quanto tempo você diria que durou?

As sobrancelhas dele franziram. — Não durou. Foi uma coisa de uma noite. Eu não faço relacionamentos.

Claro que não. Ele estava jogando no campo. Se divertindo por aí. Abrindo caminho pelo maior número possível de universitárias. Com experiência. Excelente.

Eu limpei minha garganta. — Não, eu não quis dizer quanto tempo você namorou a mulher. Eu quis dizer, quanto tempo durou o sexo?

A batida constante na mesa parou. — Você está falando sério?

Lambi meus lábios secos como o Saara. — É uma pergunta razoável. Quanto tempo durou?

— Não marquei exatamente em um cronômetro, mas digamos que ambos recebemos nossa recompensa.

— Interessante. — Fiz outra anotação no cartão.

— Esses são os tipos de perguntas que vou receber durante o recrutamento? — Ele tirou a tampa da água engarrafada.

O recrutamento? Seguindo em frente, fui para a próxima linha do meu cartão

e me encolhi um pouco.

— Ok, isso pode parecer um pouco invasivo. — Limpei minha garganta novamente. — Mas qual é o tamanho do seu pênis? Só o comprimento está bom. Não preciso saber da circunferência, sabe, da grossura.

Um fino spray de água da boca dele me molhou.

— Que tipo de pergunta é essa? Eu sei que você está tentando me tirar do jogo, mas puta merda, mulher.

4

REECE

Hu já ouvi a expressão “engolir minha língua” e pensei que não era possível, mas a minha quase pulou na minha garganta quando as palavras “Qual é o tamanho do seu pênis?” Saíram da boca dela. A água queimou nos meus pulmões quando tussi, batendo a mão contra a mesa. Suas garrafas de água sacudiram e a colher em sua caneca tilintou contra a borda. Seu comentário de acompanhamento sobre não precisar saber a circunferência me deixou ofegando por ar.

— Tenho certeza de que essa não é a maneira usual de fazer sexo, mas pensei que, dado o anúncio, você gostaria de me dar uma idéia de como pode ser o sexo com você.

A queimadura maligna tentando sufocar meus pulmões evaporou-se em um instante quando suas palavras foram registradas em meu cérebro.

— Você acha que estou aqui para algum tipo de anúncio sexual? Que anúncio de sexo? Quem lança um anúncio para sexo? — Essas foram apenas as três primeiras perguntas que eu pude tirar dos meus pulmões ardentes da montanha de perguntas que se acumulam em minha mente.

Seph parecia abibliotecária-chefe de uma convenção de bibliotecas. A coroa de tranças, a camisa de botão e o blazer não gritavam exatamente, *estou procurando ficar tão estranha que preciso publicar um anúncio.*

Ela deslizou um pedaço de papel dobrado sobre a mesa para mim. Eu olhei para ele, com um pouco de medo do que encontraria. Quando abri, meus olhos correram ao longo da página, devorando as palavras enquanto meu cérebro zumbia e oscilava à beira da fritura. Eu olhei do papel para ela e de volta para o papel.

— Você perdeu a maldita cabeça? — Eu olhei para ela, realmente olhei. Ela era jovem. Deixando de lado essa coisa da coroa de tranças que ela tinha enrolada em volta da cabeça, ela não podia ter mais de vinte anos. — Você é maior de idade?

Ela apertou os lábios e os puxou, mordendo-os. — Vou fazer dezenove anos em três meses.

Agora que eu sabia que ela não era menor de idade, eu a verifiquei. Ela era fofa. Cabelo castanho claro. Olhos castanhos claros. Eles dispararam para os cartões dela e voltaram para mim. Belo corpo. Não havia razão para que ela precisasse publicar um anúncio de sexo. — Você está tentando traficar órgãos de homens ou algo assim? Você pode entrar em qualquer festa do campus e transar se é isso o que você quer.

Ela apertou os botões na frente da blusa, o que apenas chamou minha atenção para aquela área. Eu adicionei um *ótimos seios* à minha lista mental de seus atributos positivos. Eu não sabia dizer o quão alta ela era, mas ela parecia estar na média de onde eu estava sentado.

— Eu não estou muito envolvida na cena da festa. Eu senti que essa era a melhor maneira de encontrar candidatos adequados para este trabalho.

— Que trabalho?

Seus dedos correram ao longo do topo da pilha de cartões à sua frente e ela disse as palavras tão baixo que eu mal as ouvi.

— Perder a minha virgindade.

Foda-me. Uma virgem. Eu não achava que esse tipo ainda estavam na natureza quando começavam a faculdade. — Você quer perder a virgindade com um cara que está disposto a responder a um anúncio como esse? — Eu bati o papel dobrado sobre a mesa. — Você vai acabar machucada. Ou morta. Somente um psicopata responderia a esse anúncio. — Ou alguém tão desesperado que não teria problemas em tirar vantagem de alguém como ela.

Ela olhou para mim. — Você respondeu.

— Não, eu pensei que estava vindo aqui para me encontrar com um especialista em mídia. Não há mais ninguém aqui que pareça profissional o suficiente além de você, então imaginei que era você quem eu estava encontrando.

— Ah. — Desapontamento escorreu de sua voz. — Desculpe, eu não percebi. Pedi que as pessoas que chegassem às três. Eu pensei que você era excepcionalmente pontual. Isso lhe valeu um ponto extra. — Ela apontou para as pequenas marcas no topo do meu cartão.

— Você está falando sério sobre isso. — Eu não conseguia entender por que alguém como ela faria isso. Não era apenas estúpido - era perigoso. Não que eu fosse a imagem íntima da moralidade, mas ela estava se preparando para problemas além do que alguém que se parecia com ela poderia lidar.

— Eu não brincaria sobre algo tão sério. Eu tenho muito a realizar e somente até maio para fazer isso.

A porta da cafeteria se abriu novamente e olhei por cima do ombro. Uma mulher de aparência atormentada, vestindo terno, entrou com pastas e mais pastas enfiadas debaixo do braço. Agora, isso fazia mais sentido. Eu achava que Seph parecia jovem demais, mas quem mais usava um blazer no campus da faculdade quando não estava indo para uma entrevista? Todos os outros em Uncommon Grounds haviam saído da cama cinco minutos ou vinte e duas horas atrás e pararam aqui. A mulher de quarenta e poucos anos na porta saltou de mesa em mesa com seu olhar.

Inclinei-me para perto de Seph, um pensamento terrível invadindo minha mente. — Você está morrendo ou algo assim? — Ela tinha apenas dezoito anos, parecia perfeitamente bem e saudável. *Merda!*

A mulher que entrou rapidamente apareceu no final da mesa. — Reece?

Eu assenti.

— Prazer em conhecê-lo. Eu sou Rebecca. — Ela estendeu a mão. — Seu treinador marcou a reunião. Meu carro quebrou, desculpe por isso. Vamos pegar uma mesa quando terminar aqui. — O sorriso largo dela diminuiu um pouco quando ela olhou para Seph com seus cartões e trajes de negócios. — Você estava no meio de alguma coisa?

Apertei a mão dela. — Apenas me dê um minuto.

Rebecca ficou ali, se movendo de um pé para o outro.

Seph ainda não havia respondido à minha pergunta. — Você está morrendo? — Eu abaixei minha cabeça e tentei chamar sua atenção.

Ela mordiscou o lábio, a plenitude carnuda apertada entre os dentes.

— Você quer dizer literalmente ou metaforicamente, tipo, de vergonha?

— O primeiro. — Cobri sua mão com a minha. Um ligeiro tremor a

atravessou. Ela estava assustada como um novato correndo pelo túnel pela primeira vez. Eu queria puxá-la para perto e sussurrar em seu ouvido que tudo ficaria bem. *Uau!* Fale sobre ser surpreendido. É isso que ganho por não ter transado desde o início da temporada. Isso estava me transformando em uma garota.

Ela olhou para mim. — Não mais do que qualquer um de nós. Sinto muito pela confusão. Vá em frente para a sua reunião. — Ela deslizou as mãos debaixo do meu aperto e para fora da mesa, e as segurou no colo.

Eu queria tirá-la de lá, pegar suas coisas e tirá-la daquela mesa onde ela iria entrevistar caras para perder a virgindade. Essa foi uma frase que eu nunca pensei que diria antes. Ela ficou quieta, tentando fazer uma cara corajosa.

— Seph… — As palavras morreram na minha garganta. Eu não a conhecia. Por que eu senti que precisava protegê-la desse erro gigante?

— Eu vou ficar bem.

Eu só podia imaginar o que havia acontecido no campus quando ela publicou esse anúncio. Seria partes iguais de pessoas boquiabertas, talvez tirassem sarro dela e de pessoas se interessando. Estremeci com o pensamento dos caras que poderiam realmente tentar aceitar a oferta. Meus dedos se apertaram na borda da mesa. Minhas juntas estavam brancas. Balançando a cabeça, afrouxei o aperto e deslizei para fora da cabine.

— Você tem certeza que está bem? Só porque você publicou o anúncio não significa que você tenha que continuar com isso. Você não precisa fazer isso.

Ela endireitou os ombros e olhou para mim. Desta vez, seu olhar não vacilou. Todo o seu corpo se transformou de tentar se encolher para *estou aqui para fazer negócios*. — Sim, eu preciso. Peço desculpas novamente. Aproveite a sua reunião. — Essa foi uma determinação assustadora, e ela estava com a cabeça feita.

Rebecca havia pegado uma mesa do outro lado da cafeteria, mas gesticulei em direção àquela logo atrás de Seph. Eu sentei de frente para a porta, e Rebecca estava de frente para a direção que eu estava enfrentando antes.

— Está tudo bem? — Ela abriu uma de suas muitas pastas.

— Está bem. Houve apenas uma confusão com quem eu estava encontrando.

Alguns minutos depois das três, o primeiro cara entrou na loja. *Cara, não podia nem aparecer na hora?* Rebecca entregou alguns papéis com informações e eu meio que ouvi o que ela estava dizendo sobre eles. Ela cavou em sua bolsa, procurando mais papéis.

Fiz contato visual com o cara que entrou. Ele me viu e congelou.

Talvez ele estivesse admirando meus tênis brancos e brilhantes.

Talvez fosse o jeito que minhas mãos enrolaram o pedaço de papel em meus punhos.

Ou talvez tenha sido o olhar de derreter o rosto que eu dei a ele.

Nós nunca teremos certeza, mas seu olhar disparou de mim para Seph na mesa na minha frente. Eu balancei a cabeça com força e apontei meu dedo em direção à porta. Seus olhos se arregalaram e ele deu um passo vacilante para mais perto.

Eu comecei a me levantar do meu assento e seus tênis chiaram no chão quando ele se virou e correu para a porta da frente. Um desfile de caras se

aproximou de Seph, mas eu dirigi todos eles para o desfiladeiro. A certa altura, desculpei-me, levantei-me e saí para a fila de idiotas formadas do lado de fora.

— Escutem, em nenhuma circunstância vocês devem entrar nesta loja procurando a garota do anúncio, estão me ouvindo? Ela é irmã de um dos meus companheiros de equipe. Ela colocou isso para encher o saco dele. Se alguém a tocar, vai responder a todo o time de futebol. Vocês entenderam? — Cruzei os braços sobre o peito. Minha palavra era lei.

Os parasitas que estavam do lado de fora olharam para mim e de volta para a porta. — Por que alguém responderia a um anúncio como esse? Parecia bom demais para ser verdade e provavelmente era uma passagem só de ida para uma armadilha e acabariam com o rosto estampado em todas as notícias.

Os coelhinhos assustados assentiram antes de fugir. Voltei para dentro.

O olhar esperançoso de Seph se transformou em decepção de bochechas rosadas quando seu olhar pousou em mim. Eu deveria ter ficado ofendido?

Eu parei na mesa dela. — Nenhum aproveitador?

— Ainda há tempo. Eu pensei que poderia haver alguns, mas a maioria dos caras entrou, olhou para mim e correu de volta. — Ela cruzou as mãos no colo, franzindo os lábios como uma professora da Escola Dominical.

— Talvez seja para o melhor. — Eu deixei cair minha mão em seu ombro. Meus dedos roçaram a pele exposta em seu pescoço e seu pulso saltou sob as pontas.

Ela olhou para mim, seus lábios rosados brilhando com o pôr do sol entrando pelas janelas.

— Reece. — A voz de Rebecca cortou a conexão. — Temos mais algumas coisas para analisar.

Voltei para a minha mesa e olhei por cima dos papéis que ela me deu, mantendo um olho na porta. A campainha tocou repetidamente. Toda vez, minha pressão sanguínea disparava até o topo. Um cara entrou. Ele esteve no meu seminário de calouros no meu primeiro semestre. O nome dele dançava nas bordas da minha memória, mas eu nunca esquecia o rosto dele, principalmente por causa do sorriso convencido que ele me deu quando nossos primeiros trabalhos foram devolvidos, o dele com um belo e grande 98 circulado e o meu com um 75. Nunca tínhamos participado dos mesmos círculos, e seus sentimentos em relação aos estudantes atletas eram altos e claros naquela época. *Graham.*

Ele entrou e nem olhou na minha direção. Seu rosto se iluminou como uma criança no Natal quando viu Seph. Bati minhas mãos sobre a mesa.

Rebecca deu um pulo e olhou para mim, de olhos arregalados. — Estamos quase terminando. Vou dar um relatório completo ao seu treinador sobre o quão bom você tem sido sobre tudo isso.

Sentei-me no banco enquanto tentava ter uma visão raio-X através do seu corpo e do banco em frente a ela para ver do que exatamente eles estavam falando.

— ...e uma vez que você for capaz de dar uma boa resposta a essas perguntas básicas, isso realmente o ajudará a lidar com a imprensa no futuro. — Ela olhou para mim com expectativa.

Eu assenti com a cabeça e coloquei um sorriso no rosto. — Muito obrigado

por sua ajuda. Vou revisar tudo assim que chegar em casa.

— Perfeito. — Ela juntou todas as suas coisas e guardou de volta na bolsa. Lancei-lhe um sorriso tenso e me levantei do assento. Quando contornei a borda da mesa, Graham se levantou e apertou a mão de Seph. Ela olhou para ele como se ele tivesse acabado de inventar cartões. *Não esse cara. Ele é um idiota pomposo.* A porta se fechou atrás dele e aquela campainha idiota finalmente parou.

— Como isso acabou sendo?

Ela pulou e sua cabeça levantou quando minha sombra caiu sobre ela.

— Tudo correu bem. Não é a recepção que eu esperava, mas sou nova em tudo isso.

— Você acha que encontrou sua pessoa?

As sobrancelhas dela se contraíram um pouco e ela assentiu. — Acho que sim, mas preciso da confirmação final e da minha lista de prós e contras.

Ela ia dormir com Graham. Por que isso me irritou? Eu mal conhecia o cara. Eu não a conhecia, mas ela poderia estar cobrindo o fato de estar morrendo como naquele filme que minha irmã mais nova me fez assistir alguns verões atrás. Ela chorou por cerca de dois dias seguidos depois.

Graham não era o tipo de cara com quem Seph deveria estar na primeira vez. Ele provavelmente pegaria um transferidor para garantir que eles estivessem nos ângulos certo - embora, na verdade, pelo que eu tinha visto dela, talvez isso fosse a coisa dela.

Para com isso. Não é da sua conta. Enfiei minhas mãos nos bolsos. — Tenha um bom dia, então. E espero que você consiga exatamente o que está procurando.

— Eu acho que vou. — Ela sorriu para mim, o primeiro sorriso real que eu tinha visto no pouco tempo que passei em sua presença. Era do tipo que vinha do fundo, como na manhã de Natal ou marcando seu primeiro touchdown.

Agitando minha mão em sua direção com um meio aceno, saí da cafeteria. O símbolo do Uncommon Grounds com duas xícaras de café transbordando de grãos.

Do lado de fora, esperei para ver se havia algum babaca à espreita. Nenhum, mas eu ainda a observei sair. Ela enfiou o cachecol cinza na gola do casaco bege e puxou um gorro vermelho sobre as orelhas.

Que diabos eu estava fazendo? Eu tentei salvá-la de si mesma, mas ela sempre podia colocar outro anúncio, ou talvez seguir meu conselho e apenas ir a uma festa para transar. *Não é da sua conta, Reece.* Esses eram os tipos de envolvimento que me mantinham longe de qualquer coisa que se parecesse com um relacionamento. Ficar envolvido em outra pessoa era uma passagem só de ida para matar seus sonhos, e isso não era para mim. Nem um pouco.

5

SEPH

As coisas *não* tinham saído como o planejado. Por alguma razão, eu tinha imaginado uma fila de rapazes no quarteirão e pensei que seria um pesadelo para resolver. Em vez disso, tinha sido pior. Duas horas jogando marshmallows de volta nos chocolates quentes com um entrevistado acidental e apenas um outro candidato, o único *de verdade*.

Graham era legal. Eu o vi no prédio de matemática, mas nunca parei para conversar, assim como nunca parei para conversar com ninguém. Ele tinha um sorriso fácil, mãos macias e um aperto de mão suave, mas firme. Cabelos castanhos claros como os meus e olhos cor de mel fizeram dele o cara mais bonito do departamento, com certeza. Ele provavelmente seria um ótimo primeiro parceiro, levaria seu tempo, não apressaria as coisas, mas eu continuava voltando ao meu encontro acidental.

Reece. Ele entrou na sala e todo o lugar se iluminou para ele. Ele não era do tipo que se sentava e deixava as coisas acontecerem; ele ia atrás das coisas que ele queria. Sua confiança irradiava dele. Quando ele colocou a mão no meu ombro, meu interior ficou louco. Meus níveis de dopamina devem ter saído do normal. Esses não eram sentimentos que você tinha todos os dias - bem, não eu, pelo menos. O mais próximo que cheguei foi quando recebi minha carta de aceitação de Fulton. Isso tornou muito pior o fato que ele não parecesse nem um pouco interessado no que eu ofereci.

Graham foi a escolha segura. Ele respondeu o anúncio. Ele tinha olhos gentis e uma personalidade agradável. Ele até disse que voltaria para Boston depois de se formar, então, se alguma coisa progredisse além de algo único, eu ainda o veria quando me mudasse. Ele era a escolha lógica.

Mas Reece... era onde meus pensamentos continuavam à deriva enquanto eu ficava do lado de fora da biblioteca depois de mais uma vez ter sido expulsa do meu apartamento pela minha companheira de quarto fazendo sexo. Ser expulsa do meu quarto com ele por sexo daria uma virada muito diferente nas coisas. *Não se precipite. Ele não está interessado. Concentre-se no problema em questão.* Por que eu não podia simplesmente dizer algo para Alexa? Pela mesma razão que eu não pude dizer algo aos meus pais.

Passos de bebê. Não foi um fracasso total. Soprando minhas mãos, procurei um lugar para conseguir alguma comida. Meu estômago estava uma bagunça o dia todo. Agora que eu havia tirado o Band-Aid e sobrevivido, estava morrendo de fome. O cheiro forte de carne deliciosamente temperada flutuou pelo meu nariz. Minha boca salivou. O que quer que fosse, eu precisava imediatamente na minha barriga.

Havia uma escada de pedra estreita que levava ao restaurante com uma placa pendurada decorada com remos no alto. The Vault. Já ouvira os alunos mencionarem isso antes, mas nunca fui procurá-lo. Empurrei a pesada porta de madeira aberta e entrei no restaurante/bar dentro do campus, um cara grande, com uma camiseta térmica apertada, com os braços cruzados sobre o peito me encarou. Recusando-me a recuar, encontrei seu olhar e sorri.

— Oi. Eu queria algo para comer.

— Me deixe ver sua identidade. — Ele sacudiu os dedos para frente e para

trás com a palma da mão para cima.

Eu me esforcei para tirar minha carteira da bolsa e tirei minha habilitação. Demorei até os dezoito anos para convencer meu pai de que deveria ter uma. Eu argumentei que talvez fosse necessário alugar um carro para todas as conferências que eu participaria, então seria útil.

— Você precisa sair às nove. É quando começamos a servir bebidas alcoólicas. — Ele deu um passo para trás para me deixar passar. O estreito corredor forrado de tijolos levava ao restaurante.

Eu chequei meu relógio. Eram apenas seis.

— Ok, eu tenho tempo de sobra. — O ombro do meu casaco raspou contra os blocos de pedra ásperos enquanto eu me pressionava contra a parede.

— E não se esconda nos banheiros. — Ele se virou no segundo em que passei por ele.

— Eu não faria isso.

Ele apertou os lábios, me olhou de cima a baixo e assentiu. — Sei.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, entrei no restaurante e empurrei a segunda porta giratória. Os garçons andavam de um lado para o outro com bandejas. A maioria das mesas e cabines estavam vazias. Essa era a estranha diferença entre o almoço e o jantar da faculdade, que parecia começar mais tarde do que em qualquer outro lugar. Alguém passou por mim enquanto eu puxava minhas luvas.

Uma mulher com meio avental enrolado na cintura apareceu.

— Sente-se onde quiser. Alguém terminará em um segundo, e aqui está o cardápio. — Ela entregou um cardápio coberto de plástico e eu procurei um lugar.

Eu sentei em uma mesa e olhei para as opções. Havia tantas coisas que eu nunca tinha ouvido falar. Meu estômago roncou com muitas das descrições. *Queijo azul em um hambúrguer? O que são batatas fritas atômicas? Será que muitas coisas cabem em um prato de batata frita?*

— Você sabe o que quer pedir? — Supus que esse fosse minha atendente. Ela puxou um lápis e um bloco de notas do bolso do avental, com o rosto vagamente familiar. A maioria das pessoas que trabalhavam lá pareciam estudantes universitários.

Minha última vez sem ninguém olhando por cima do ombro para ver o que eu pedia tinha sido com tia Sophie, o que parecia ter sido anos atrás. Eu continuava comendo em casa ou fazendo lanches quando ia à biblioteca. — Vou querer um Shirley Temple.

A mulher assentiu.

Eu levantei minha mão como uma criança na sala de aula. Ela olhou para mim. — Posso ter cerejas extras?

— Claro. E para comer? — Ela se agachou ao lado da mesa, descansando a mão ao lado do cardápio.

— Eu realmente não tenho ideia. Tudo parece muito bom. O que você pediria?

— Um Juicy Lucy com batatas fritas é incrível. Essa é a minha coisa favorita no menu.

Hambúrguer recheado com queijo e bacon. Minha boca ficou com água. —

Eu vou querer isso.

— Perfeito. Volto já com sua bebida. — Ela pegou meu cardápio e saiu. Eu bati meus dedos no meu colo.

Eu olhei em volta do restaurante. Algumas pessoas estudavam. Muitas pessoas estavam sentadas com amigos, conversando e rindo. Mesmo depois de me mudar para a faculdade, eu ainda estava à margem. A solidão que eu atribuí a meus pais, estudar em casa e ser cercada apenas por adultos quando criança, me atingia ainda mais quando eu estava cercada por pessoas da minha idade, quando passava por elas no campus ou sentava ao lado delas na sala de aula. Eu permanecia invisível.

A garçonete voltou com a minha bebida, cerejas extras incluídas. Mesmo aqui no restaurante, os amigos riam e brincavam. Casais flertavam e sorriam um para o outro. Peguei uma cereja na minha bebida.

Sentei-me sozinha à mesa vazia com minha bolsa, meus livros e um telefone com não mais que dez contatos. Enfiando a haste da cereja na minha boca, eu fiz um nó nele - um dos muitos talentos inúteis com os quais me divertia quando criança. Eu precisava de alguma maneira de me distrair em todos aqueles eventos matemáticos computacionais chatos.

— Ei, você está me seguindo ou algo assim? — Uma sombra caiu sobre a minha mesa.

Olhando para cima, vi Graham. Dois caras passaram.

— Eu já vou. — Ele falou para eles.

— Não, definitivamente não. Deve ter sido o caminho do café até aqui, talvez a direção do vento ou algo assim. Geralmente, as pessoas são avessas a andar contra o vento, e é por isso que quando crianças pequenas desaparecem, sempre as procuram com o vento nas costas. Sinta-se livre para me parar a qualquer momento que isso ficar muito estranho. — Engoli em seco, esperando que o chão se abrisse e me engolisse inteira. Talvez eu tivesse sorte e o campus estivesse no topo de um vulcão inativo ou da boca do inferno.

Ele riu.

— Essa é uma ótima informação se eu estiver ajudando a procurar uma criança perdida. E eu realmente não acho que você me seguiu.

— Graham, você vem? — Alguém gritou da parte de trás do restaurante.

— Aqui está. — A garçonete estava de volta com o meu prato de comida.

— Vou deixar você com a sua refeição. Foi bom te ver, Persephone.

Eu lutei contra a vergonha.

— Foi bom te ver também.

Ele se afastou da mesa e desapareceu de vista. Meu estômago, que estava em um nó segundos atrás, se desenrolou completamente no segundo em que olhei para o meu prato. Era uma pilha de comida gordurosa, e eu mal podia esperar para mergulhar nela.

~

Mais cheia do que nunca na minha vida, voltei para o meu apartamento. Era como se a mãe natureza tivesse chegado cedo para a mudança de estação do outono para o inverno e ela estivesse chateada. Por alguma razão, imaginei que a Filadélfia não estaria tão fria nessa época do ano.

Abri a porta do meu apartamento. O silêncio me cumprimentou. Eu soltei um suspiro profundo. Eu ansiava por um momento sozinha assim. Correndo para o meu quarto, coloquei minha bolsa no chão e arrastei meu estojo para fora de onde estava debaixo da minha cama. Abri e levantei meu arco e violino do forro de veludo.

Estando longe dos meus pais, eu esperava ter mais tempo para tocar, mas a aversão de Alexa a instrumentos de corda era muito parecida com a do meu pai, o que significava que eu não tocava há quase uma semana. Descansando a madeira envernizada no meu ombro, levantei o arco e deixei meus dedos dançarem pelas cordas. Como na matemática, a música era uma escapatória que eu havia adotado desde o início.

Com a matemática, sempre havia uma resposta correta, sempre uma solução. Pode levar décadas para encontrar, mas estava lá. Com a música, era o contrário. Uma nota pode estar desativada, uma chave desafinada, mas erros podem criar surpresas bonitas.

Quando meu pai percebeu que eu tinha mais chances de quebrar recordes em matemática do que com o violino, minhas aulas foram abruptamente interrompidas. Engraçado como no momento em que não era o que eles queriam - o que ele queria - eu finalmente pude encontrar a alegria dos meus dedos nas cordas, do arco na minha mão. Nos dias em que as coisas eram ruins ou eu não conseguia resolver um problema, eu tocava um pouco e a resposta sempre chegava a mim. Eu gentilmente deitava o instrumento na minha cama e rabiscava no meu caderno tudo o que meu cérebro tinha reunido enquanto me perdia nas anotações.

Mas hoje à noite, não era matemática em minha mente. Não era um teorema complexo que faria a maioria das pessoas chorar. Foram os caras que se sentaram na minha frente naquela tarde.

Graham era atraente, parecia legal e estava interessado. Ele era a escolha segura. Talvez fosse por isso que Reece continuasse voltando a mim. Ele provavelmente diria não; ele nem estava lá para responder ao anúncio de qualquer maneira. Isso é embaraçoso. Olhando para trás naquela conversa agora, eu revi a cena na minha cabeça cheia com as bochechas em escarlate. Eu perguntei a ele o tamanho do pênis dele. Isso deveria ter sido suficiente para eu nunca mais querer ver seu rosto novamente, mas os pensamentos de seus olhos e lábios continuavam voltando à minha mente, afastando os pensamentos sensíveis.

E se ele dissesse não, o que eu perderia? Eu definitivamente poderia perguntar a Graham. A probabilidade de a experiência ser aceitável era alta - bem, tão alta quanto qualquer outra coisa quando a natureza humana estava envolvida. A porta da frente se abriu e fechou. Eu queria que Alexa fosse alguém com quem eu pudesse conversar sobre isso, talvez fazer pipoca, fazer algumas bebidas e conversar sobre isso enquanto pintavamos nossas unhas ou assistiamos a um filme e eu receberia conselhos sobre o que devo fazer.

Sentei na beira da minha cama e destrancei o cabelo. As tranças eram um hábito antigo. Nos velhos filmes em preto e branco que meu pai assistia, as mulheres sempre tinham tranças intrincadas, ou talvez eu tivesse visto *Heidi* algumas vezes. Passei horas no meu quarto quando estava cansada de ler ou não tinha vontade de passar para outra equação e me ensinará como fazê-las para que minha mãe não precisasse mais.

Talvez tenha sido por isso que eu gostava tanto. Foi algo que eu fiz por mim mesma. Matemática, violino - todo o resto da minha vida havia sido imposto por outra pessoa, mas minhas tranças idiotas e intrincadas eram minhas. Tirando os grampos, eu os deixei cair na pequena tigela de cerâmica na minha mesa, cada um deles produzindo um ruído satisfatório enquanto meu cabelo ficava mais pesado, caindo em volta dos meus ombros. Passando os dedos por ele, eu o escovei e me olhei no espelho.

Os saltos de Alexa estalaram no chão. Olhei para a minha porta aberta através do espelho atrás de mim e ela apareceu na porta.

— Tenho amigos vindo hoje à noite. — Sem outra palavra, ela colocou os dedos em volta da maçaneta da porta e fechou-a atrás dela. A mensagem dela era clara. Às vezes eu sentia que ela era a meia-irmã do mal e eu era a Cinderela. A coisa da trança provavelmente não ajudou.

Depois de vestir o pijama, saí em direção à cozinha para pegar um pouco de suco - meu pequeno ato de desafio. No segundo em que meu pé bateu no chão da sala, tudo ficou em silêncio. Eu podia sentir os olhos deles em mim, perfurando minhas costas. Levei meu tempo, peguei meu copo, enchi-o do bebedouro na geladeira e caminhei de volta pelo corredor.

No segundo em que eu estava na sombra do corredor, eles voltaram à vida novamente como se alguém tivesse apertado o botão para tirar do mudo. Eu pensei que encontraria muito mais bondade e calor quando me mudasse de casa, mas essa tinha sido minha própria ingenuidade. Eu estava pronta para largar esse lado de mim. Começaria a fazer escolhas reais. Dando saltos reais. O que significava que havia apenas uma opção possível.

6

REECE

[ ] martelar da morte estava ecoando na minha cabeça. Não tínhamos jogo até a semana seguinte, então Berk e LJ decidiram comemorar nossa vitória mais uma vez - com doses. Eu abri minha porta, e os rangidos poderiam muito bem ter sido unhas direto no meu cérebro. Apoiei minhas mãos na parede e desci os degraus.

Copos de plástico cobriam as escadas e o lugar cheirava a cerveja velha. *Nojento.* Passei por cima de um dos caras da equipe que caiu nas escadas. Duas pessoas dormiam nos sofás. O treinador ia nos matar se chegássemos atrasados para o treino das dez.

Fui para a cozinha e abri cuidadosamente o armário onde morava a garrafa enorme de ibuprofeno. Sacudindo algumas pílulas, abri a torneira e coloquei minha mão em baixo em formato de concha, enchendo-a de água. Deixando cair os comprimidos na minha boca, eu os engoli.

Descansando minha cabeça no armário, gemi e desejei a morte. Era o que acontecia quando você não tomava uma bebida por um tempo. Desde que a temporada começou, eu tomei uma ou duas, mas na noite anterior eu realmente mergulhei de cabeça nisso.

Talvez estivesse tentando abafar os pensamentos sobre o que uma possível virgem no campus poderia estar fazendo, tentando finalmente perder seu cartão-V. Por que eu me importava com o que ela estava fazendo? Se eu não tivesse sentado naquela mesa, teria sido inteligente e teria evitado a coisa toda. Em vez disso, toda vez que meus pensamentos se voltavam para ela, eu bebia outra vez. Foram muitas doses e agora meu cérebro estava chutando minha bunda por ser tão estúpido.

Fechando os olhos, respirei através da dor quando o som estridente do meu telefone disparou. Abri um olho e arrastei as cortinas acima da pia. Era quase o crepúsculo do amanhecer. Quem diabos estaria ligando tão cedo?

Eu tinha acabado de chegar ao pé da escada quando meu telefone disparou escada abaixo e errou meu rosto por uma polegada. Minha mão disparou e eu o peguei.

— Obrigado, Nix.

Ele me deu os dois dedos do meio de uma vez, bocejou e bateu a porta.

O telefone ficou vivo na minha mão. Eu apertei a tela.

— Olá?

Houve uma longa pausa. Puxei o telefone para longe do meu rosto para me certificar de que a ligação não havia caído.

— Reece Michaels?

— Sim. — Eu havia solicitado um empréstimo bancário? O tom legal e profissional do outro lado da linha me fez sentir como se eu fosse chamado para uma entrevista em algum lugar.

— Eu sei que você provavelmente não se lembra de mim. Foi meio que uma primeira interação estranha, e eu entendo completamente. — A maneira como ela divagava e o tom tenso que ela falava a denunciou totalmente.

— Oi, Seph.

— Você se lembra de mim? — Sua voz disparou.

— Não é com muita frequência que você descobre que faz parte de um teste de sexo como algo para a próxima temporada de *The Bachelorette.*

— O quê?

— É um programa de TV. Esqueça isso. Então, você já atingiu seu objetivo?

Ela limpou a garganta. Eu podia imaginá-la puxando a barra da camisa.

— Não, e é algo que eu queria falar com você, se você tiver algum tempo livre hoje?

O alívio que senti por sua resposta me cegou.

— Eu tenho treino às dez, mas posso encontrá-la ao meio-dia.

— Você tem treino no sábado?

— Temos treino todos os dias que não estamos jogando.

— Uau, isso que é dedicação. Meio-dia funciona para mim. Eu encontrei este lugar incrível, nós poderíamos nos encontrar lá. — Ela falou o endereço de um local do campus onde todos tinham estado pelo menos uma vez, como se fosse uma jóia escondida que ela teve que cortar através de trepadeiras com um facão para encontrar.

— Sim, eu conheço o The Vault. Eu te vejo lá.

Berk rolou do sofá, bateu no chão da sala e jogou um travesseiro na minha cabeça. Me desviei da almofada e me arrependi do movimento rápido.

— Cale a boca. — Era um meio zumbido, meio gemido de ressaca.

— Estou falando alto demais para você? — Fiquei com dor de levantar a voz. Valeu a pena por seu estremecimento. Joguei o travesseiro para trás e ele ricocheteou em sua cabeça. Ele gemeu novamente, agarrou-o e jogou-o embaixo da cabeça no chão. Ele definitivamente estaria vomitando no treino.

Eu lentamente subi as escadas e deitei na minha cama com uma garrafa gigante de água. Acionei um alarme para me acordar em algumas horas. Esperançosamente até lá eu teria dormido a maior parte disso, ou Berk não seria o único vomitando no campo.

~

Morte - essa era praticamente a única maneira de descrever isso. Eu estava morrendo, se tivesse sorte. O suor não era apenas dos exercícios que o treinador nos mandou fazer quando metade do time se arrastou para o campo cinco minutos atrasado para o treino. As latas de lixo estrategicamente colocadas à margem tinham sido salva-vidas; caso contrário, a equipe de paisagismo nos castraria por vomitar na grama bem cuidada.

Peguei a parte da frente do meu equipamento e as puxei sobre a minha cabeça.

— Lembre-me de nunca fazer isso de novo. — O tom de pele verde de Berk não era tão ruim quanto antes quando ele tropeçou no campo, mas ainda não era ótimo.

— Não fui eu quem queria comemorar nossa vitória com uma dose para cada

ponto. Eu estava perfeitamente bem com algumas cervejas e um pouco de música. Foi você quem começou.

Nix se sentou ao meu lado. Ele não tinha bebido muito, mas ainda parecia uma merda. Seu arremesso foi menos do que estelar, embora ainda estivesse muito à frente de qualquer outro membro da equipe. Ele era natural, mas naquele momento poderia muito bem ter sido atropelado.

— Como você está se sentindo? — Esguichei água na minha boca.

Ele arrastou as mãos pelo rosto, esticando-o e massageando as bochechas com os dedos. — Eu perdi o pedágio para a viagem de ida ao submundo?

— Quanto você bebeu ontem à noite?

Ele balançou sua cabeça.— Não é nem isso. Meu pai me encurralou após a coletiva de imprensa após o jogo.

Eu respirei fundo entre os dentes. — Você deveria ter me contado. Eu teria encenado um sequestro ou algo assim.

Ele balançou sua cabeça. — Isso não teria ajudado. Ele é uma força imparável. Ele está indo para Londres no final do mês para o jogo que Filadélfia e São Francisco estão jogando por lá.

O pai de Nix havia se aposentado da NFL há dez anos e agora fazia comentários esportivos.

Empurrei a porta do vestiário. — Pelo menos ele estará fora de suas costas por um tempo. — O bater silencioso dos pés, o jato distante dos chuveiros e os resmungos nos encontraram no segundo em que entramos.

— Ele vai encontrar uma maneira de me encher o saco, não importa o que aconteça. — Ele largou os protetores e pegou uma toalha.

— Você ouviu falar daquela garota que publicou um anúncio? — Berk passou uma toalha sobre a cabeça encharcada e a jogou no armário.

Meu sangue virou gelo, o suor escorrendo pelas minhas costas congelando em segundos. — Qual anúncio?

— Uma garota colocou um anúncio de brincadeira tentando transar. — Ele pegou as roupas do armário.

— Sério? — LJ caiu no banco ao lado dele.

— Sim, aparentemente foi alguma estudante de psicologia tentando fazer um estudo de caso ou algo assim. Alguns caras disseram que apareceram e era uma garota com cartões e outras coisas. Provavelmente tentando descobrir quem diabos estaria desesperado o suficiente para responder algo assim. — Ele foi para o chuveiro.

Se era isso que todos pensavam que tinha acontecido, esse era o melhor cenário. Isso significava que se ela tentasse novamente, os caras provavelmente ignorariam. Por que eu me importo tanto com isso? Por que a tentativa de impedi-la de cometer esse erro estava tamborilando na parte de trás da minha cabeça desde que eu saí daquela cabine enquanto ela olhava para mim com seus grandes olhos caramelo?

Entrei no chuveiro, me sentindo menos como se tivesse sido atropelado quando saí.

Com meu equipamento guardado no carro, caminhei alguns quarteirões para encontrar Seph. Eu consegui manter minha mente longe dela desde a nossa ligação. Não foi muito difícil quando eu estava totalmente focado em não

vomitar nas últimas horas.

Meu telefone tocou no meu bolso de trás. Peguei e atendi a ligação.

— Ei, mãe.

— Não me venha com "*ei, mãe*". Você deveria vir neste fim de semana.

— O fim de semana mal começou. É só sábado. Isso ainda deixa outro dia de fim de semana onde eu poderia ir visitar.

— Sim, você diz isso, mas eu aposto que isso teria escapado da sua cabeça quando ligasse amanhã à noite.

— Acabei de sair do treino e vou almoçar.

— Como foi o treino?

— Bom. O treinador está trabalhando duro para garantir que o campeonato seja nosso este ano.

— Você está jogando bem nesta temporada.

— Só bem? Você esteve assistindo os jogos?

Ela riu. — Ok, mais do que bem. Talvez eu precise que seu pai trabalhe na porta da frente antes de você vir.

Minhas sobrancelhas se afundaram. — A porta da frente?

— Não tenho certeza de que seu ego passe com o tamanho tão grande que ficou.

— Só estou falando a verdade. — Esta foi minha melhor temporada, com mais touchdowns e jardas do que em qualquer temporada anterior. — Papai está no escritório?

Ela suspirou. — Claro. Ele estará em casa em breve. Com quem você vai almoçar?

— Alguém que eu conheci outro dia.

— Uma garota?

— Ela é, de fato, uma mulher.

— Você está namorando com ela?

— Não, ela não é realmente o tipo de namorar.

Houve um som agudo no fundo de sua garganta. — Eu conheço esse tipo de garota. Lembro-me bem delas de quando eu e seu pai estávamos juntos na faculdade.

— Ela definitivamente não é esse tipo de garota. Há algo em que ela precisa de ajuda e vou ver o que posso fazer para ajudá-la. Ela é um pouco socialmente desajeitada.

— Awwn, ela é uma nerd? Eu era uma nerd.

— Era?

Eu podia sentir seus olhos se estreitando através do telefone.

— Foi assim que seu pai me encontrou, sentada embaixo de uma árvore na quadra lendo quando ele bateu a bola na minha cara.

— Limites, mãe. Não quero ouvir suas atividades extracurriculares com o pai.

— Shiu. Sei que você tem um jogo na terça-feira, mas no próximo fim de semana, gostaríamos que você aparecesse.

— Verei o que posso fazer.

— E traga a jovem com quem você está almoçando, já que você disse que ela não é uma *dessas* garotas.

— Nesse momento, mãe, nem tenho certeza se ela come, mas não é esse tipo

de encontro. Falo com você mais tarde. Te amo, tchau.

Eu encerrei a ligação antes que ela acendesse as luzes gigantescas e deslizasse uma cadeira de metal até a mesa para iniciar o interrogatório. A maioria das pessoas gostaria de ter pais tão apaixonados quanto os meus. Às vezes eles eram um pouco vergonhosos, mas ninguém podia não notar o quão carinhosos eles eram um com o outro. Isso me assustava pra caramba.

Esse era o tipo de coisa em que você poderia se perder completamente, o tipo de coisa que poderia fazer você esquecer todos os planos e objetivos que você tinha para si mesmo, onde você estava tão feliz que nada mais importava, até que isso importasse. Talvez não hoje ou daqui a dez anos ou até trinta anos, mas como você pode desistir de algo pelo qual trabalhou toda a sua vida e, eventualmente, isso não te bater na cara?

Papai trabalhou duro para o meu avô. Às vezes, ele investia em horas loucas e deixava de ver a família por causa do trabalho. Não seria melhor fazer uma boa grana e depois se aposentar? Deixe tudo isso para trás e depois se concentre na família? Pelo menos foi assim que eu via.

Desci correndo os degraus para o The Vault. Enrolei minha mão na mão estendida do segurança, depois batemos nas costas um do outro e chocamos nossos ombros juntos. Ele soltou minha mão.

— Não vejo você aqui há algum tempo. — Ele sentou-se no banquinho na entrada.

Eu já tinha passado muito tempo no The Vault. Tudo que eu precisava fazer era sentar e as mulheres vinham até mim, mas esse não era mais o meu foco.

— Vou encontrar alguém aqui. Talvez você a tenha visto, bate mais ou menos aqui. — Eu segurei minha mão no meu ombro. — Provavelmente vestida de terno ou algo assim. Cabelo castanho claro, talvez todo trançado.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Você está aqui para vê-la?

— Sim, você a viu?

— Ela chegou aqui há vinte minutos. Ela não é realmente o seu tipo. — Ele sorriu para mim e cruzou os braços sobre o peito, recostando-se no banquinho de madeira pressionado contra a parede.

Dei de ombros. — Te vejo depois. — O que eu deveria dizer? Entrando no restaurante, examinei a sala. Algumas cabeças levantaram e as pessoas acenaram. Eu assinto com a cabeça para elas e dei a volta no bar, vendo Seph. Ela estava estudando o cardápio à sua frente como se contivesse a cura para o câncer.

— Se você encará-lo com mais força, fará um buraco nele.

Ela levantou a cabeça e sorriu para mim. — Você veio.

Com o jeito que ela se iluminou quando me viu, eu não poderia ter impedido o sorriso de se espalhar pelo meu rosto mesmo se tivessem colocado uma arma na minha cabeça. Sair para o campo com milhares de pessoas torcendo por mim não chegou nem perto de como ela me fez sentir - e isso significava problemas, e é por isso que dormir com ela era uma passagem só de ida para foder o meu futuro. Você não dorme com garotas que olham para você assim e escapa ileso. Apenas olhe para o meu pai.

— Eu disse que viria. — Deslizei no assento em frente a ela. — O que parece bom aí?

— Tudo. Eu já experimentei três dos itens do menu, mas vou precisar correr ou algo assim, se quiser experimentar o resto antes do Dia de Ação de Graças e ainda caber no meu assento no avião. Não tenho muito tempo.

Aí estava essas palavras novamente. Eu me inclinei contra a mesa, usei meu dedo para puxar a borda superior do menu e segurei seu olhar. — Você tem certeza que não está morrendo?

7

SEPH

Hu odiei como minha frequência cardíaca aumentou quando Reece apareceu no final da minha mesa. Odiei o formigamento na ponta dos dedos. Odiei a vertigem borbulhante e o quanto eu esperava por essa reunião. Eu escolhi a mesa perfeita com uma boa vista da porta, mas fiquei tão absorta no menu que não o vi entrar. Essa era uma maneira de manter minha mente longe dele - comida deliciosa, gordurosa e saborosa.

Seu sorriso transformou meu estômago em uma explosão vulcânica de bicarbonato de sódio e vinagre. Eu estava sorrindo muito? O que eu estava vestindo estava bom? Eu tentei ir mais casual e abandonei o terno por uma blusa azul clara e calça azul marinho.

— Não, não estou morrendo, mas só ficarei aqui por mais um ano e meio, se tiver sorte. Sete meses, se não tiver, e a Senhora Sorte geralmente não está do meu lado quando se trata de meus pais.

— Por que você teria que sair de Fulton mais cedo? Você tem apenas dezoito anos. Você está transferindo?

— Me graduando.

— Aos dezoito anos?

Eu assenti. — Bem, eu vou ter dezenove anos, mas sim, infelizmente é esse o caso. — Era o que acontecia quando você começava seu primeiro curso de faculdade quando crianças de sua idade estavam estudando Álgebra I.

— Eu deveria saber que você era um desses gênios.

Meus ombros se levantaram e eu escondi minha cabeça atrás do menu.

— Eu não sou um gênio. Einstein era um gênio. Eu sou realmente muito boa em aprender as coisas rapidamente. — Eu odiava esse rótulo desde que entendi o que isso significava e o que as pessoas esperavam de um.

— Tenho certeza de que é um gênio.

— Um gênio saberia que era uma má ideia colocar um anúncio para todos do campus para perder a virgindade.

Ele se recostou e pegou seu cardápio. — Finalmente vendo o erro do seu plano?

— Talvez, mas consegui um possível alguém.

A testa dele enrugou. — Graham.

Eu larguei o menu. — Você o conhece? — Eu o encarei atentamente. Informações internas tornariam isso muito mais fácil.

— Tivemos algumas aulas juntos no primeiro ano. Ele é legal.

— Eu também acho.

Os lábios dele se apertaram. — Então ele é seu cara? — Por que sua voz soava assim? Não devo escolher Graham se Reece me recusar?

— Talvez. — Eu mordi meu lábio como se estivesse pronta para devorá-lo. — A menos que haja alguém que possa estar pronto para a tarefa. Eu tenho muitas coisas na minha lista, mas acho que essa seria uma ótima maneira de começar. — Abaixei o menu e descansei as mãos em cima dele.

— Por que você está com tanta pressa? — Ele se inclinou para mais perto, o cheiro de sabão e loção pós-barba flutuando do outro lado da mesa.

— Você era virgem aos dezoito anos?

— O quê? — Seu rosto se enrugou como se fosse a pergunta mais ridícula que já havia sido feita e ele fez um som *psh*. — Não.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

As rodas começaram a girar na cabeça dele. — Não é uma coisa ruim ainda ser uma. Há toneladas de pessoas que ainda são virgens.

O garçom chegou à mesa com seu bloco de notas. — Vocês dois estão prontos para pedir?

— Ainda não, mas tenho uma pergunta. Quantos anos você tem? — Coloquei os cotovelos na mesa e descansei o queixo nas mãos.

Ele soltou uma pequena risada. — Eu tenho vinte e dois.

— E quando você perdeu a virgindade?

Os olhos de Reece e do garçom ficaram grandes e redondos. — Você não precisa responder a isso. — Reece tentou sair da pergunta. — Desculpe, ela não sai muito.

— É um tipo de pergunta vamos-conhecer-você perfeitamente normal.

— O que diabos você considera uma pergunta íntima? — Abri minha boca, mas ele balançou a cabeça e levantou o dedo. — Eu não quero saber. — Sua cabeça virou para o garçom, que estava olhando para mim como se uma brisa forte pudesse o levar embora. — Apenas nos dê um segundo e depois pediremos. Obrigado.

O garçom assentiu devagar e se afastou da mesa como se estivesse coberta de cascavéis.

Reece se inclinou para frente. — O que há de errado com você? Você não pode simplesmente perguntar às pessoas quando elas perderam a virgindade.

— Não é algo para se envergonhar. — Todo mundo parecia já ter feito isso. Eu certamente era banhada com uma trilha sonora ininterrupta no meu apartamento.

— E se ele ainda fosse virgem? — Ele sussurrou entre os dentes, apontando na direção em que o garçom se retirara.

Eu olhei para as bochechas vermelhas brilhantes do cara. — Eu não tinha pensado nisso. Bom ponto.

— Você deve ser um barril de risadas quando sai com seus amigos. — Ele baixou o olhar de volta para o menu, pegando-o.

Passei o dedo sobre meu polegar e olhei para as minhas mãos. *Golpe direto, Reece.* — Eu não tenho nenhum amigo. — Essa foi uma realização esmagadora alguns dias antes, e foi uma merda ainda maior agora. Minha carreira na faculdade teve um começo seriamente deprimente.

— Eu posso ver o porquê.

Eu não sabia que tinha feito um som, mas devo ter. Reece levantou os olhos do menu e seus olhos se arregalaram. Ele começou a sacudir a cabeça imediatamente.

— Eu não quis dizer isso, não assim, não é como se algo estivesse errado com você. — Ele passou a mão pelo rosto. — Você realmente não tem amigos? Tipo, nenhum?

Recolhendo minha bolsa, joguei a alça sobre minha cabeça. — Isso foi um erro. Me desculpe por ter feito você vir até aqui. Tenho certeza que você tem muitas outras coisas que você poderia estar fazendo agora. — Lutei para impedir

que minha voz falhasse. Porque doía tanto, como uma serra no meu peito? Eu nunca me senti assim em casa. Vislumbres de luz cercados pela monotonia eram o que eu estava acostumada. Isso não.

Reece pegou minha mão, prendendo-a na mesa. — Seph, espere. Eu não quis dizer isso. Foi uma tentativa de piada e não funcionou. Eu realmente gostaria de almoçar com você. Por favor, não vá.

Seu pulso bateu contra o topo da minha mão. As faíscas que eu queria culpar a eletricidade estática dispararam pelo meu braço. Sempre que ele me tocava, era a mesma coisa. Eu arrastei meu olhar para o topo da mesa com minha mão debaixo da dele.

Ele olhou nos meus olhos. A sinceridade brilhava nos dele, sinceridade e preocupação. Seu polegar correu sobre um ponto na minha mão, onde meu polegar encontrou o resto dos meus dedos, um movimento lento e constante, como quando você acaricia um filhote de cachorro assustado para acalmá-lo.

Eu não queria a pena dele. Caindo de volta no assento, levantei lentamente a alça da minha bolsa sobre a cabeça.

— Como você pode não ter amigos? Sério?

Dei de ombros.

— Amigos de casa? Escola? Desde que você chegou aqui?

Eu olhei para a mesa, passando os dedos sobre a madeira datada. Tinha pequenas depressões e cortes, dando à mesa uma sensação antiga, mas ainda nova.

— Fazer amigos é difícil quando você estuda em casa, e não o tipo de estudo em que seus pais trabalham com outros pais para garantir que você ainda tenha experiências normais na infância. Eu fui educada em casa sozinha. Tutores foram contratados. Nenhuma atividade extracurricular que fosse puramente socializadora. Uma vez que eu estava além do ensino médio, eu tive aulas na faculdade. Minha mãe ou meu pai iriam assistir comigo, sentando-se ao meu lado. — Eu olhei para ele. — É difícil fazer amigos quando você é quatro a cinco anos mais novo que todos e seus pais estão lá. Quatro ou cinco anos não importam muito quando você está na casa dos 20 anos, mas quando você tem quatorze anos e todo mundo tem dezenove anos, é uma grande diferença.

— Isso deve ter sido difícil. — O trem da pena havia parado na estação.

Dei de ombros. — Há coisas piores.

— Você não costumava sair com outras crianças da sua idade, nunca?

— Às vezes, minha mãe me levava ao parque. Ela me deixava brincar lá se meu pai estava viajando. Se eu terminasse meu trabalho rápido o suficiente, eu iria para o meu quarto, e eu tinha algumas bonecas que minha tia me deu. Era isso.

— Merda, isso é uma droga. — Ele se encostou no banco, parecendo que eu tinha acabado de dizer a ele que fiquei trancada em um porão a maior parte da minha vida.

— Não se sinta mal por mim. Eu tive a oportunidade de fazer muitas coisas incríveis. Eu viajei pelo mundo com meus pais. Eles querem o melhor para mim.

— Mas você não conseguiu ter amigos ou sair com crianças da sua idade.

A última vez que fui expulsa do meu apartamento para que a minha colega de quarto pudesse transar veio correndo de volta para mim. — Estou aprendendo

que talvez eu não queira sair com todo mundo da minha idade. Minha colega de quarto é... — Procurei em meu cérebro algo diferente de *uma cadela*. — Difícil, mas estou determinada a lidar com tudo na minha lista e não vou deixar nada me impedir.

— Conte-me mais sobre esta lista.

O garçom voltou e perguntou por nossos pedidos. Eu estava querendo experimentar isso por um tempo. — Batatas fritas com queijo chili, cheeseburguer com bacon e um milk-shake.

A boca de Reece ficou aberta e ele e o garçom trocaram olhares.

— O quê? — Entreguei o menu.

— Dois peitos de frango grelhados, brócolis e aspargos em vez de batatas fritas e uma água.

Eu levantei uma sobrancelha para ele quando ele devolveu o cardápio.

— Eu já bati no meu corpo o suficiente neste fim de semana. Eu preciso o tratar direito. Diga-me o que mais está na sua lista.

Puxando meu bloco de notas para fora da minha bolsa, eu virei para a página, apesar de já ter memorizado. — Você já sabe o número um na lista, mas eu também tenho: comer a sobremesa no lugar do jantar, ficar acordada a noite toda assistindo desenhos animados, nadar pelada, ir a uma festa da faculdade, ficar bêbada. — Eu falei algumas outras coisas. — Ainda há muito a ser feito e não há muito tempo para fazê-lo.

— Por que você sente que precisa fazer tudo isso em sete meses? Você tem o resto da sua vida para fazer essas coisas.

— O amanhã nunca está garantido. Não temos idéia do que o futuro reserva; então, por que não aproveitar o máximo da enquanto eu puder? No final do ano letivo, meu pai provavelmente vai puxar algumas cordas para me levar ao programa de doutorado em Harvard.

— Você não parece feliz com isso.

— Eu estaria, se fosse nos meus próprios termos. A matemática sempre fez sentido para mim. Muito mais que as pessoas, a matemática clica no meu cérebro. Mas, ir para lá é o que ele quer, e não tenho dúvidas de que, quando estiver morando em casa ou a apenas a alguns minutos de distância, minha vida voltará a ser como era antes. — Meu estômago azedou.

— Não precisa.

Apertei meus lábios e uma expiração aguda saiu do meu nariz. — Você nunca conheceu meu pai.

— Tudo bem, você tem sete meses. Isso não significa que você precisa fazer tudo agora, neste fim de semana. Você pode levar o seu tempo. — O olhar dele não tinha mais um pingo de pena. Havia uma ponta séria em sua voz.

— E se eu não quiser? — Eu estava esperando a minha vida inteira por algo, qualquer coisa, acontecer e eu estava cansada de deixar as coisas passarem por mim.

Os músculos do antebraço dele se contraíram e relaxaram.

— Isso é sobre sexo, não é? — E então a clareza cristalina de sua hesitação foi jogada sobre minha cabeça como um balde de água gelada. O nó no meu estômago se transformou em leite coalhado. — Não é que você pense que eu deva esperar, você simplesmente não quer que seja você.

— Não! — Ele gritou e me alcançou. A mão dele cobriu a minha, embora eu tentasse tirá-la da mesa e colocar no meu colo.

— Seph, não é nada disso. É claro que eu gostaria de dormir com você, desfazer essas tranças malucas e passar os dedos pelos seus cabelos enquanto eu… — Ele limpou a garganta. — Vamos apenas dizer que pensei nisso. — Ele puxou a mão para trás e recostou-se no banco. — Há muitos caras que gostariam de dormir com você, provavelmente o suficiente para você ficar pelo menos um pouco assustada, mas isso não significa que você gostaria de dormir com eles. Sua primeira vez deve ser especial. Você não deve se apressar.

— Estatisticamente, a maioria das mulheres tem primeiras experiências horríveis. É muita dor, sangue e constrangimento. Quero arrancar esse band-aid.

— Talvez seja assim porque as pessoas se deparam com isso de frente. Só porque é assim para muitas mulheres, não significa que você precise forçar isso para você. Se você estiver com a pessoa certa, será incrível.

— E você não acha que Graham é essa pessoa.

— Você pode encontrar melhor.

— Mas você não quer fazer isso.

— Você pode definitivamente encontrar melhor.

— Então você é ruim na cama? — Eu levantei uma sobrancelha. Isso foi decepcionante, mas estudos mostraram que homens que passam muito tempo na academia não são os mais generosos quando se trata de sexo.

— Se houvesse um hall da fama sexual, eu seria o primeiro candidato, mas não sou um cara de relacionamento. Eu não sou o tipo de cara de abraço depois do sexo e me enroscar no sofá. Esse é o tipo de cara que você precisa.

— Então, onde encontro um deles? Devo lançar um anúncio para isso?

— Você poderia parar com os anúncios! — Ele jogou as mãos para cima.

O garçom voltou com nossos pratos e os deslizou na nossa frente. O bacon e o queijo escorriam do grosso pão dourado no meu. Era gorduroso, carnudo e bagunçado, tudo o que eu nunca tinha sido capaz de comer antes.

Levantando as mangas, inalei o calor temperado e salgado que subia do prato. Eu estava pronta para casar com este hambúrguer.

— Se eu não publicar um anúncio, como devo encontrar alguém? Distribuir panfletos na quadra? — Peguei o sanduíche e levei-o à boca. O hambúrguer suculento parecia melhor do que qualquer coisa que eu já tive antes. Afundei os dentes e fechei os olhos. Meus pés dançaram no chão e balancei a cabeça de um lado para o outro, saboreando o sabor na minha boca. *Tão bom.* Nunca houve um hambúrguer mais delicioso.

Abri os olhos e Reece estava olhando para mim com uma expressão engraçada no rosto, uma pedaço de brócolis suspensa no ar na ponta do garfo, posicionada bem na frente dos lábios. Seus dentes afundaram no lábio inferior.

— O que? Eu tenho algo no meu rosto? — Cobri minha boca com uma mão.

Seu olhar disparou da minha boca para os meus olhos. Ele largou o garfo. — Não, quer dizer, sim. Você tem algo no seu rosto. — Ele apontou para um ponto no lado da minha boca.

Peguei meu guardanapo e limpei o local. Verificando o tecido, não vi nada nele. — Eu tirei?

Ele pigarreou e voltou a atenção para sua refeição. — Você tirou.

Eu devorei o hambúrguer juntamente com metade das batatas fritas e do milk-shake. Recostando-me na cabine, descansei minha cabeça nas costas do estofamento e segurei meu estômago. Eu estava estourando nas costuras. — Acho que foi um erro.

— Viu. — Ele roubou uma batata frita do meu prato e apontou para mim. — O que eu disse? É o que acontece quando você apressa as coisas.

— Não é possível se desfazer em sexo como você pode fazer com a comida.

— Você ficaria surpresa. — Ele murmurou.

— Então você é um mulherengo?

— Não sou um mulherengo. Um mulherengo teria puxado você para o armário de vassouras da Uncommon Grounds e transado com você sem pensar duas vezes, mas ser atleta no campus durante algumas temporadas vitoriosas me deu muitas oportunidades para divertir o sexo oposto, sim.

— Um mulherengozinho, então? — Eu sorri para ele e empurrei meu prato.

— Talvez um pouco. — Ele deixou o polegar e o dedo indicador com apenas um centímetro de distância.

— Para garantir que eu não acabe me explodindo em indulgências, sexo ou não, talvez eu possa usar um guia, alguém para me ajudar a navegar no mundo dos excessos sem me matar.

Ele passou uma aspargos pelo queijo derretido no meu prato de batatas fritas e enfiou na boca. Com a cabeça inclinada para o lado, ele olhou nos meus olhos. A mesma carga que disparou em mim quando ele entrou na cafeteria acendeu novamente.

— Ajudarei você a completar sua lista com uma condição.

— Sim, o que você quiser. — Sentei-me para a frente, mal estremecendo com a meia vaca dentro do meu estômago.

Ele colocou os aspargos na boca. — Sem sexo.

Afundei para trás como um balão vazio. Era como levar uma criança para uma loja de doces e deixá-los comprar só chiclete de hortelã. Os hormônios que corriam desenfreados ao redor dele teriam que ser empurrados de volta para sua caixa. Analisando minhas opções, senti que nenhuma era ótima.

Ele andaria comigo por aí, talvez me apresentaria a algumas pessoas fora do departamento de matemática. Eu sempre podia mostrar homens a ele para conseguir sua opinião, já que meu radar quando se tratava do sexo oposto estava fora de sintonia. Ele veio aqui depois do treino quando não precisava, e merda, ele era agradável aos olhos. Eu poderia manter as coisas platônicas entre nós. Eu totalmente poderia.

Limpando as mãos no guardanapo no meu colo, estendi uma para ele. — Combinado.

Nós sacudimos as mãos. Ele pagou a conta. Isso fez disso um encontro? *Dane-se, eu estou contando. Primeiro encontro!* E daí se ele não estava envolvido? Eu estava. Minha dança interna continuou enquanto caminhávamos para fora.

Abotoei meu casaco. Nervosismo enrolou no meu estômago como uma cobra pronta para atacar. — Quando começamos?

8

REECE

Dizer sim para ser guru da vida de Seph foi um erro. Eu admito isso. Provavelmente o maior desde que eu comprei aquele par de Air Jordans que eram pequeno demais porque era o único par que restava e eu quase me aleijei, ou a última vez que até mesmo tentei toda essa coisa de relacionamento no ano passado.

Seph andava como se nada pudesse ficar no seu caminho. Literalmente, as pessoas saltaram para fora do caminho enquanto ela falava, seus olhos focados em mim. Agarrei seus ombros para impedi-la de bater em um poste de luz. Conhecendo-a, ela provavelmente o derrubaria e continuaria andando. Talvez fosse o jeito que ela não tinha filtro e soltou coisas que poderiam fazer Berk corar. Talvez fosse o quão triste ela parecia ao me contar sobre ter estudado em casa e nunca ter tido nenhum amigo. Ou talvez tenha sido o jeito que ela absolutamente devorou aquele hambúrguer como se pudesse enfrentar Nix em um concurso de comidas rápidas. Eu não sabia exatamente o porquê, mas eu disse que sim.

Passaram dois dias desde a nossa reunião no The Vault. Eu verifiquei a lista dela e tentei descobrir quais itens eu poderia ajudar e quais eu provavelmente deveria ficar longe. Mergulhar pelada era um grande não. Seph nua? De jeito nenhum. Seph vestida era bonitinha o suficiente; Seph nua poderia me fazer esquecer minha parte do acordo. Uma roupa de banho já era ruim o suficiente. Quando eu disse a ela para trazer um, eu esperava que fosse uma peça única, como as avós da piscina da comunidade costumavam usar.

O ar congelante não-ainda-inverno cortou pelo meu casaco. Porra, eu teria pensado que depois de passar toda a minha vida na área, os invernos não seriam tão difíceis. Parado na linha lateral com neve cobrindo o chão em uma camisa de manga curta e calças apertadas, meu foco estava no jogo, não nos cristais de gelo que se formavam nos meus cílios. Agora, porém, andando pela rua, era como se alguém estivesse enfiando gelo nas minhas costas.

Seph deu um passo ao meu lado.

— Você tem certeza que quer começar hoje? Quando você está iniciando um novo hábito, os estudos mostraram...

Eu parei e ela bateu no meu braço. Eu me virei para ela. — Por que tudo inicia um interrogatório com você?

Seus lábios se separaram e ela levantou o dedo indicador no ar como aquela criança na escola primária. Você sabe qual - aquela que simplesmente tinha que deixar o professor saber que havia esquecido de atribuir à classe qualquer dever de casa logo antes do sinal.

— Cale-se. — Apertei meus dedos juntos na frente de seu rosto. — Se você quer minha ajuda, estamos fazendo as coisas do meu jeito. — Virando a esquina, comecei a caminhar em direção ao nosso destino.

— Você não pode simplesmente me dizer para trazer minha roupa de banho e depois não me dizer para onde estamos indo. — Seus passos clicaram atrás de mim e ela correu para me alcançar

— Nós estamos indo para uma fogueira. Para onde você acha que estamos indo?

— Bom ponto, mas ainda assim. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre o que esperar para me preparar.

— Quão bem você sabe nadar?

— Eu estudei sobre isso. — Ela mordeu o lábio inferior e olhou para os pés.

— Então, não muito bem.

— Correto. — Ela correu para me alcançar. — Mas nadar não estava na minha lista.

— Mergulhar nua estava, e você não sabe nadar.

— Quem precisa aprender a nadar quando estou apenas tentando ficar nua? — Ela soltou um grito exasperado e algumas pessoas na calçada se viraram para nos encarar.

Ela abaixou a cabeça no ombro e eu mal segurei minha risada.

— Você sabe como impressionar.

— Cale a boca. — Ela empurrou contra o meu ombro.

Parando na frente da porta, eu a abri. Ela deu um passo para trás e esticou o pescoço, olhando as letras acima. — A academia?

— Você achou que estávamos indo para uma ilha tropical? Eles têm uma piscina lá dentro.

— Eles têm? — Ela apertou os olhos como se não estivesse cem por cento certa de que eu não estava brincando com ela.

— Quanto do campus você realmente explorou?

Ela olhou para mim, piscando repetidamente como se seus olhos estivessem me respondendo no código Morse.

— Exatamente. Vamos. — Eu abri a porta e ela se escondeu debaixo do meu braço com as mãos em volta da bolsa, apertando-a com tanta força que os nós dos seus dedos estavam brancos.

Deslizei minha identificação do campus pelo scanner e passe pela catraca. Ela deu um tapinha nos bolsos, tirou sua identificação, me imitando e bateu direto na barra de metal do outro lado da entrada. Todo o seu corpo quase dobrou ao meio na cintura. Eu fiz o meu melhor para não rir.

— Você tem que fazer isso mais devagar. Às vezes, a catraca falha, espere a luz vermelha ficar verde.

Sua cabeça levantou e suas bochechas queimaram em um vermelho brilhante. Ela olhou para o cartão novamente, deslizou-o e esperou a luz. Segurando a barra com a mão, ela a empurrou para a frente e me seguiu.

— Essas coisas são complicadas, — ela resmungou, deslizando sua identificação de volta no bolso.

— Eles com certeza podem ser. — O canto da minha boca se levantou quando ela olhou para mim.

Os olhos dela se estreitaram e ela soltou um pequeno bufo.

Apontei para a porta do outro lado do corredor. — O vestiário é ali.

Eu me troquei no vestiário dos homens e saí para a água. Não havia uma tonelada de pessoas lá. A maioria dos estudantes provavelmente não estavam querendo nadar numa tarde de terça-feira de inverno.

A porta da piscina se abriu e eu teria pensado que havia um fantasma no prédio se o azul claro de sua toalha não tivesse aparecido na porta.

Coloquei minhas mãos em formato de concha na boca. — Nadar envolve

realmente entrar na água. — A porta se fechou por um instante e depois se abriu novamente.

Sua toalha estava enrolada em seu corpo quando seus chinelos bateram contra o azulejo em um ritmo constante e seu olhar disparou para a piscina. Ela mordiscou o polegar, os olhos fixos na água. Me levantando do banco, agarrei a ponta da toalha dela.

— Você não pode usar isso na água.

Seu olhar voltou para o meu e ela assentiu. Como se fosse sua única tábua de salvação, ela lentamente deixou a toalha cair de seu corpo.

Minha apreciação anterior de seu corpo tinha sido extremamente inadequada. Seu estilo bibliotecária estava escondendo curvas que poderiam parar um trem. A peça preta única não era o estilo usual de olhe-para-mim, e talvez fosse por isso que era mais difícil desviar o olhar. Roupa de banho da vovó pro inferno, ela estava esticada e grudada na sua pele macia.

A ajude, não a foda. Limpando a garganta, peguei a toalha dela e a guiei em direção à piscina. Sentamos na beira, com os pés na água.

— Quando você disse que não sabia nadar muito bem, o que você quis dizer?

— Eu estudei muito. — Ela olhou para a água, mordiscando o lábio inferior. Seus pés chutaram na frente dela, cortando a água.

— Então, isso é mais para se sentir confortável? Não se preocupe, eu tenho você. — Empurrando da borda, eu caí na água. Chegando ao lado de suas pernas, mergulhei e subi e enxuguei os olhos. — Podemos começar devagar e você estará dando voltas em pouco tempo.

Seu aperto mortal na beira da piscina deveria ter sido suficiente para quebrar o azulejo. Ela se virou e se afundou na água como se fosse ácido. Os ombros dela balançavam acima da água. As tranças foram úteis já que o cabelo dela estava torcido e atado em cima da cabeça. Uma gota de água escorreu pelo longo declive de seu pescoço antes de desaparecer na água.

Nadei para o lado dela, balançando a cabeça. — Pegue minha mão e faremos um tour.

Ela olhou por cima do ombro e virou-se lentamente, mantendo as mãos na beirada. Seus olhos dispararam para todos os cantos da piscina e ela deslizou a mão na minha. Com uma força que eu não poderia ter imaginado, ela me agarrou e eu jurei que meus ossos gemeram.

— Acalme-se um pouco, Seph. Eu preciso dessa mão para jogar e, você sabe, digitar e comer.

Sua cabeça levantou e seus olhos pousaram nos meus. Ela não abriu um sorriso, nem ergueu os lábios, mas afrouxou o aperto. Empurrei-nos para fora da parede. Ela colocou a outra mão no meu braço.

— Ei, Reece, pega, — alguém gritou do outro lado da piscina.

Eu me virei, soltando a mão dela e chutando meus pés, disparando para fora da água e pegando a bola de futebol. O cara estendeu os braços e eu joguei de volta. Aterrissou solidamente, atingindo seu peito com um baque. Como eu disse a Nix, eu poderia ter sido *quarterback*.

O cara inclinou o braço para trás para jogá-lo novamente, depois o braço de arremesso lentamente abaixou. — Ela está bem?

Eu virei. Uma figura em forma de Seph desapareceu sob a água. As pontas

dos seus dedos deslizaram pela superfície. Nadando o mais rápido que pude para seus braços batendo e agitando, enfiei minhas mãos sob eles e puxei sua cabeça para fora da água, segurando seu corpo contra o meu peito enquanto eu a arrastava até a borda.

Ela tossiu e engasgou. *Porra.* Eu me chutei por ser tão descuidado. *Ei, deixe-me ajudá-la, Seph, ajudá-la a se afogar, aparentemente.* Apoiando as mãos na beira da piscina, ela se jogou nos azulejos azuis e brancos ao redor da beira da água. Eu a levantei pela bunda, e ela deslizou para fora. Algumas pessoas vieram, agachando-se ao seu redor.

Eu pulei para fora da piscina e me ajoelhei ao lado dela.

Ela estava de lado, com os dedos abertos contra os azulejos. Um tremor a atravessou e ela fechou os olhos. Isso foi totalmente minha culpa e eu me senti como um idiota de primeira classe. Eu nunca a teria deixado ir se soubesse que ela não podia alcançar o fundo.

— Seph, você está bem?

Assentindo, ela rolou de costas e seus olhos se abriram. Seu olhar pingou ao redor de todas as pessoas ao seu redor e ela se sentou ereta.

— Estou bem. Obrigada a todos pela preocupação, mas estou bem.

Ela tossiu algumas vezes e se levantou do chão, correndo para o vestiário.

— Merda.

— Você a conhece? — Alguém perguntou.

— Sim, eu deveria estar ajudando-a a ficar confortável na água. — Eu bati minha mão contra o chão e um forte spray de água me atingiu.

— Talvez apenas fique no campo, Reece. — Alguém riu e todos se afastaram.

Correndo para o vestiário, peguei minhas roupas. Eu me troquei mais rápido que Clark Kent e parei do lado de fora da saída do vestiário feminino. Algumas pessoas saíram, me olhando feio quando tentei dar uma olhada pela abertura da porta. Eu verifiquei a hora pela centésima vez. *Existe outra saída? Ela voltou para a água?* Depois do que pareceu uma hora, ela finalmente saiu.

Ela abriu a porta com a bolsa enfiada debaixo do braço e o cabelo em duas tranças penduradas sobre os ombros. As pontas úmidas formavam pequenas manchas molhadas na frente do casaco.

Alívio tomou conta de mim. — Seph!

Ela pulou e quase deixou cair a bolsa. Seu olhar se voltou para o meu e ela agarrou uma pequena mecha de cabelo que caíra na frente dos seus olhos. Ela olhou para aquele cabelo como uma aluna rebelde que saiu da linha.

— Você esperou. — Não tinha um tom de esperança ou excitação. Sua voz era plana e distante, nada como o nervosismo e a ansiedade de antes.

— Claro. Ouça, sinto muito pelo que aconteceu lá atrás. Por alguma razão, quando você disse que estudou isso, eu não sabia que isso significava que seu nível de natação era não saber nadar nem um pouco.

— É um nível bastante abrangente de não nadar. — Ela colocou o cabelo caído atrás da orelha.

— Agora eu sei. Podemos continuar nadando no raso até que você esteja mais confortável.

— Isso provavelmente não é uma boa idéia. — Seu olhar correu para a porta da frente como se estivesse pronta para fugir a qualquer segundo.

A porta do vestiário se abriu atrás dela. Uma garota saiu e parou ao lado de Seph. — Ei, eu vi o que aconteceu lá. Você está bem?

Um rubor escarlate subiu pelo pescoço de Seph. Ela estava se tornando uma beterraba humana a cada segundo que passava.

Apertei a parte de trás do meu pescoço.

— Obrigada por sua preocupação. Estou bem. — O sorriso dela era tão falso que eu praticamente podia sentir o cheiro.

A garota saiu e Seph olhou para o chão entre nós.

— Podemos tentar outra vez.

— Eu te aviso. — Ela não olhou para mim. Seus olhos estavam firmemente treinados nos meus sapatos. Ainda bem que eu os mantive limpos, para que ela não estivesse olhando para uma abominação profana como os que Berk usava. — Eu tenho que ir. Vejo você mais tarde. Tchau.

Foi praticamente uma palavra só, e então ela se foi.

~

Quando entrei no meu carro, um barulho agudo veio do meu telefone.

Nix: Ouvi dizer que você quase matou alguém na piscina hoje.

As notícias viajavam rápido. Como se eu já não me sentisse uma merda o suficiente.

Eu: Ela está bem. Sem problemas.

Nix: Não foi o que ouvi.

Berk: Ouvimos dizer que você tentou tocá-la enquanto fazia respiração boca-a-boca!

Eu: Não há um emoji para dizer o quão estúpido isso é

LJ: Vocês estão bem com a Marisa vindo para cá hoje à noite?

LJ e sua melhor amiga completamente platônica, mas sempre ao seu redor, estavam praticamente unidos desde que chegaram a Fulton U.

Nix: Sem problemas. Eu tenho que jantar com meu pai hoje à noite, então se alguém quiser me atropelar com o meu carro, sinta-se à vontade.

Eu: Você quer dizer o Mercedes S-Class novinho em folha que seus pais te deram no verão? Aquele? Se sim, posso ficar com o carro?

O pai de Nix havia jogado profissional por muito mais tempo do que meu pai e sua família havia recebido as recompensas, não apenas no dinheiro que ele ganhou jogando, mas nos endossos e contratos de pós-temporada.

Nix: Tudo tem um preço.

Eu: Não me importo se Marisa vier, mas pelo amor de Deus não a deixe cozinhar nada na cozinha. Nem pipoca.

Mal tiramos o cheiro da última vez que ela decidiu colocar um saco de pipocas no microondas.

LJ: Ela não é tão ruim assim.

Berk: Estou surpreso por não termos úlceras devido ao espaguete surpresa dela.

Eu: A surpresa era rolar no chão rezando pela morte uma hora depois de comer aquilo.

LJ: Ela está tentando!

Nix: Nos matar.

Berk: E fazer sexo com nossos cadáveres!

Eu: O que fizemos para ela?

LJ: CHEGA! Deixem ela em paz. Esqueçam que perguntei, vou para a casa dela. Sua colega de quarto faz bebidas melhores de qualquer maneira.

Nix: sensível, sensível.

Cheguei em casa e parecia que estava tentando superar minha culpa.

A música tocava no quarto de Nix atrás de sua porta fechada. Eu não tinha ideia de como ele estudava com aquela batida, mas mesmo assim, ele ainda chupava minha bunda no departamento das notas.

Jogando meus calções molhados e toalha na pilha de roupas no canto do meu quarto, puxei meu celular de volta.

Eu: Seph, sinto muito por hoje. É completamente minha culpa e eu assumo total responsabilidade.

Os três pontinhos indicando que ela estava escrevendo apareceram e desapareceram por uns sólidos três minutos.

Seph: Tudo bem. Agradeço sua tentativa, mas vou encontrar uma maneira de lidar com isso sozinha.

Ela fazendo isso sozinha era uma má idéia, não que eu tivesse me mostrado melhor em mantê-la longe de problemas. *Por que isso me incomoda tanto?* Eu pensei. Tentei interpretá-lo como uma espécie de grande proteção fraternal, mas os irmãos mais velhos não pensam em suas irmãs como eu pensava nela quando ela saiu naquele maiô e largou a toalha.

9

SEPH

O antigo prédio de matemática me abrigou em suas paredes de madeira e pedra mofadas. Eu parecia uma morta-viva durante aulas desde que fugi da academia como se a própria morte estivesse atrás de mim. Todos os vestígios de cloro foram lavados do meu cabelo dias atrás, mas levaria um tempo para eu esquecer o constrangimento de ter minha vida passando diante dos meus olhos minutos depois de mergulhar meus dedos dos pés na piscina quente e nublada.

O olhar boquiaberto de todos que se amontoaram à minha volta quase incendiou minha pele. Eu era uma idiota completa, uma idiota por pensar que Reece estaria lá para segurar as minhas mãos. Ele se sentiu mal por mim e eu o convenci a me ajudar, mas eu precisava fazer isso sozinha. O rótulo de gênio me atingiu um pouo mais forte quando minha falta de habilidades para a vida esmagou minha cabeça e quase me afogou em segundos.

Eu gostaria de dizer que não chorei quando voltei para o apartamento, mas as lágrimas gordas e medíocres que molhavam meu travesseiro me chamariam de mentirosa. Por que ter que fazer algo com outras pessoas fora da sala de aula tem que ser tão difícil? Por que meus pais não me ensinaram a nadar? Por que eu me deixei ser tão tonta com o pensamento de Reece me ensinando a nadar? Por que eu não tomei nenhuma precaução? Em vez disso, pulei de cabeça e colhi as recompensas por esse ato de exploração.

Nunca amaldiçoei tanto minha memória precisa. Cada detalhe excruciante foi vividamente guardado, desde o momento em que saí do vestiário para a passarela de azulejos azuis e brancos ao redor da piscina até meu olhar que percorria o corpo musculoso e bronzeado de Reece sentado perto da piscina.

Seu olhar pousou em mim e arrepios irromperam por todo o meu corpo. Havia um brilho em seus olhos e então se foi. Eu queria pensar que vi algo lá, mas era apenas a minha mente brincando comigo. Eu queria que ele me quisesse e tivesse a mesma sensação ofegante quando nossos olhos se conectam, mas isso foi uma ilusão.

Houve uma reprodução vívida do segundo em que minha cabeça caiu sob a água, os olhares nos rostos de todos quando eu finalmente ressurgi, o olhar frenético de Reece quando ele me arrastou para fora da piscina.

Esses olhares arrepiaram os cabelos na parte de trás do meu pescoço enquanto eu entrava no vestiário.

— Senhorita Alexander?

Minha cabeça se levantou.

— Professor Huntsman, desculpe. Você poderia repetir?

— Isso é altamente incomum, mas, considerando seus talentos, conversei com o chefe da graduação. Você estaria interessada em ministrar um curso durante o verão? Existe um programa que temos para os graduados do ensino médio começando no outono. Poderíamos usar alguém como você. — Os olhos gentis do professor Huntsman brilharam com o tipo de carinho que você encontrava em um Papai Noel de shopping.

— Alguém como eu? — Eu apontei meu polegar para o meu peito enquanto minha voz subia uma oitava.

O canto dos olhos dele enrugou ainda mais, e suas sobrancelhas brancas e

brilhantes se abaixaram.

— Eu vi você nas sessões de revisão com seus colegas de classe. Você faz um trabalho maravilhoso em ajudá-los, mesmo nas sessões às quais não está designada para participar. — Ele riu.

Passei minhas mãos pela página de anotações ordenadamente impressas na minha frente. As sessões às quais ele estava se referindo eram aquelas em que eu me escondia quando era expulsa do meu apartamento. Ficar sentada na aula de matemática era um segundo lar para mim, e ouvir as coisas que aprendi quando tinha dez anos não me entediava. Me fascinou ver como os professores explicaram as teorias e observar todos ao meu redor enquanto as peças se encaixavam. Essa faísca nos olhos deles fazia valer a pena, ainda mais se alguém não entendesse e eu tivesse que desafiar minha própria maneira de pensar para ajudá-los a entender os conceitos.

— Eu adoraria, mas não tenho certeza se estarei aqui depois do final do próximo semestre. — Colocando minhas mãos no meu colo, peguei na minha unha do polegar.

Ele fez um barulho que parecia a meio caminho entre um estrangulamento e um latido.

— O que você quer dizer? Você acabou de chegar aqui. — O rosto dele caiu como se eu tivesse acabado de dizer que ele havia perdido o último vôo para Aruba. Eu odiava desapontá-lo. Ele me ajudou muito desde que eu cheguei me dando as exceções que eu precisava para alguns cursos e para me certificar de que eu estava bem, e eu queria ficar.

— Meu pai está conversando com Harvard agora sobre eles me aceitarem no programa de doutorado deles mais cedo.

Ele arregalou os olhos e bateu com a mão na mesa.

— Por que você não me contou? Mantivemos as coisas como são para você por causa de como sua inscrição foi atraente. Você mencionou querer desacelerar e aproveitar a experiência da faculdade. — Ele embaralhou os papéis sobre a mesa.

Eu me inclinei no meu lugar.

— Eu quero. Definitivamente quero, mas não tenho certeza se tenho muita escolha. — Meu peito se apertou.

— Minha querida, você é adulta. Você sempre tem uma escolha. — Seus olhos gentis falaram sobre o quão pouco ele sabia sobre a minha vida. Havia escolhas e depois havia *escolhas*. Eu também nunca recebi muitas delas, foi um reflexo sempre aceitar o que foi pedido - *ha, bem que eu gostaria* - o que foi *exigido* de mim.

Nossa reunião terminou com minha promessa de que eu pensaria em concluir meu doutorado aqui. Andando pelo campus, verifiquei a hora. Por que eu não podia ser uma daquelas pessoas corajosas que não se importavam com o que alguém pensava? O tipo de pessoa que poderia ficar em pé no meio de uma sala lotada e não querer fugir? Eu simplesmente não conseguia, no entanto. Isso chamaria mais atenção para mim. Às vezes eu me sentia como um animal na floresta que se tornava maior para espantar predadores. Melhor que tentar me encaixar e descobrir que ninguém realmente gostava de mim por quem eu realmente era.

Meu celular tocou no meu bolso e uma bola de pavor enrolou no meu estômago. Meu pai era o único que me ligava, e parecia que ele era capaz de sentir um indício de oscilação acadêmica a mais de oitocentos quilômetros de distância. Respirei fundo e tentei desfazer o nó crescente em meu intestino. Dando uma segunda olhada, deslizei meu dedo pela tela.

— Alô?

— Alô, Seph. É o Graham. Da cafeteria. — Sua voz era alta, brilhante, como se ele tivesse trabalhado em uma lanchonete nos anos 50.

— Sim, claro que me lembro. — Eu coloquei um dedo no ouvido e saí do caminho de tijolos, cortando o chão coberto de folhas.

— Como você está?

— Eu estou bem, ótima. Acabei de sair de uma reunião no departamento de matemática. — Coloquei minha mão debaixo do braço e pressionei o telefone no ouvido. Trocamos números no café. Foi rude da minha parte não tê-lo ligado de volta, especialmente depois que ele foi o único a responder ao meu anúncio. Reece jurou que apenas um psicopata faria isso, mas Graham parecia longe de ser um psicopata. Ele era muito sincero, para meu desgosto.

— Então, você está livre agora.

— Livre para quê? — A cintilação de interesse estava lá. *Talvez eu deva escolher Graham.*

— Há uma exposição no museu de arte que eu pretendo visitar, você gostaria de ir?

E a cintilação foi encharcada com um galão de água. O cenário dos meus sonhos dele me convidando a andar na traseira de sua moto ou entrar furtivamente em um armazém abandonado para uma rave murchou e morreu. Ainda assim, era museu com Graham ou voltar para o meu apartamento.

— O museu seria ótimo.

— Incrível, eu vou buscá-la. — Ele terminou a ligação.

Puxei o celular de volta do meu rosto e olhei assustada para a tela. Me pegar onde? Onde ele pensava que eu estava? Um toque gentil no meu ombro parou minha confusão. Me virando, vi um Graham sorridente olhando para mim.

— Eu estava saindo da aula. — Ele apontou para trás para o prédio de inglês. — E eu vi você andando.

— Você me deixou completamente confusa.

— Eu pensei que seria uma boa surpresa. — Ele sorriu largamente.

Esperei que as borboletas ligassem seus motores. Parecia que elas eram tímidas, talvez ainda embrulhadas em seus casulos.

— Você realmente quer ir ao museu?

— Se você está disposta à ir. — Ele era doce, legal, exatamente o tipo de cara que eu provavelmente deveria estar procurando, alguém da minha própria velocidade.

— Claro, vamos lá. — Então, por que eu senti como se estivesse indo para um passeio da escola, não para a coisa mais próxima que já tive de um encontro real em toda a minha vida. Isso era meio chato, mas eu o segui.

Atravessamos o campus, nossos ombros batendo enquanto passávamos por outras pessoas nas calçadas. Puxei meu gorro para baixo. A adição de malha vermelha ao meu guarda-roupa ainda fazia parecer que eu estava andando com o

cabelo pegando fogo, mas achei que me acostumaria à isso eventualmente.

— Você conhece ele?

Eu segui o olhar de Graham e meus olhos se encontraram com os de Reece. Voltando minha atenção de volta ao chão, enfiei minhas mãos nos bolsos e continuei no mesmo ritmo.

— Nós já nos encontramos no campus antes, só isso.

Graham me alcançou.

— Ele está olhando para você como se você tivesse roubado algo dele.

— Deve ser o gorro. Está chamando muita atenção. — Olhando por cima do ombro, procurei Reece. Ele estava no centro de um grupo de rapazes, provavelmente seus amigos, ou pelo menos companheiros de equipe. Um deles jogou a cabeça para trás e riu. O som percorreu todo o caminho através da quadra. Eles estavam rindo de mim?

— É um belo gorro. — Ele olhou para mim, seus olhos macios e gentis. O cavalheiro perfeito.

— Obrigada.

Fomos ao museu e pegamos alguns sanduíches no café no caminho de volta para o campus, e tudo que eu pude fazer o tempo todo que eu estava com ele foi pensar em como isso era exatamente como tudo que eu sempre fiz. Ele era exatamente o tipo de cara que era esperado eu estar. Ele disse todas as coisas certas, sabia todas as informações certas, mas de alguma forma, quando se tratava de deslizar a última peça do quebra-cabeça, ela não se encaixava.

Eu estava de volta à estaca zero.

Sem amigos.

Sem encontros.

Sem sexo.

Abri a porta do meu apartamento e fui recebida por Alexa praticamente montando o namorado no sofá da sala.

— Você podia bater. — Ela virou o cabelo e cuspiu as palavras por cima do ombro.

— É o meu apartamento também. — Eu disse baixinho.

— Ei, Seph. — Dan acenou por cima do ombro dela enquanto eu saía da sala e seguia pelo corredor até o meu quarto. Como um cara legal como ele acabou com uma cadela tão atômica? Supus que isso funcionasse nos dois sentidos - como minha mãe terminou com meu pai? Parecia que os relacionamentos mudavam as pessoas. Eles poderiam fazer as pessoas fazerem coisas loucas que normalmente não fariam e tolerar coisas que alguém do lado de fora pensaria que eram loucas por tolerar.

Fechando minha porta, vi meu estojo no canto. Abri a trava e levantei o objeto de madeira liso do estojo. Girando a fechadura da minha porta, voltei para minha cama e peguei meu arco. A madeira aqueceu ao meu toque, e as cordas de metal frias pressionaram contra meus dedos. Minha ansiedade do dia e a preocupação com o que havia pela frente caíram no fundo da minha mente quando comecei a tocar, correndo pelo metal com fio.

Talvez tenha sido porque tocar me relaxava.

Talvez fosse porque eu adorava tocar, e talvez também por causa de quanto Alexa odiava. Corri meu arco para frente e para trás, tentando algo novo - minha

própria versão de uma música que eu ouvira no café com Graham. "*Take Me to Church*" de Hozier vibrou nos meus ossos. Eu queria que alguém olhasse para mim do jeito que ele cantava, como se não houvesse outro lugar onde pudesse encontrar paz, exceto na minha presença.

Uma batida forte na porta trouxe um sorriso aos meus lábios. Abrindo os olhos, olhei pela janela do meu quarto. Era malvado que eu tive prazer com o volume da voz de Alexa vindo do corredor? Ou a maneira como Dan disse a ela que eu tocava bem e que ela devia relaxar? Eu estava cansada de ser legal, quieta e pequena. Eu estava cansada de ser eu, e a única maneira de mudar isso era parar de ter medo do que eu queria.

10

REECE

Corri para a *end zone* com a bola enfiada debaixo do braço. Largando, esperei a chamada do juiz e caminhei em direção ao banco. Um amontoado de colegas de equipe bateu em mim. Eu simplesmente não estava a fim da dança de celebração que geralmente seguia. Corri para fora do campo e sentei no banco.

Os jogos em casa eram sempre ensurdecedores. Geralmente, fazia todos os pontos muito mais agradáveis, mas hoje à noite eu tinha outras coisas em mente - a mesma coisa que havia pensado nos treinos e nas sessões de levantamento de peso. Enquanto eu deveria ter me concentrado em estudar e ter certeza de que minhas notas estavam onde precisavam, eu estava preocupado com um peixinho que quase se afogou.

Quando olhei para cima, todo mundo estava olhando para mim como se eu tivesse crescido outra cabeça.

— O quê? — Eu olhei de volta para eles. Agarrando minha garrafa de água, pulverizei água em minha boca. Bati minha garrafa no banco e os dez pares de olhos em mim voltaram para o campo.

O jeito que Seph tinha me agarrado enquanto eu a ajudava até a beira da piscina passou pela minha mente. Eu poderia tê-la matado. Quando ela disse que estudou, pensei que ela quis dizer que não sabia nadar bem ou que não nadava há um tempo e não estava confortável, não que ela não pudesse se manter acima da água. E, é claro, ela não gostaria de admitir algo assim, revelando algo que não podia fazer bem.

Quase uma semana depois, eu não tinha notícias dela. Ela estava ocupada com as aulas? Ela e Graham já estavam juntos? Talvez ela nem sequer quisesse falar comigo, agora que tinha conseguido o que queria dele. Talvez eu não conseguisse tirá-la da cabeça porque ela se afastou de mim, ou talvez porque eu a deixei mentalmente fora dos limites e disse que sob nenhuma circunstância eu iria dormir com ela, fruto proibido ou alguma coisa assim.

Toda a sua repressão me fez querer arrancar tudo dela, desfazer suas tranças ridículas e deixá-la ficar absolutamente selvagem. Havia uma raiva selvagem lá embaixo. Eu poderia dizer. Foi o tipo de coisa que *te bate com uma régua e senta no seu colo. Apenas pare de pensar nela.* Os segundos passaram no campo.

— O que há com você, cara? — LJ sentou ao meu lado no banco. Ele estava muito no banco esses dias.

— Coisas.

— Coisas que o distraíram da décima vitória desta temporada e dos olheiros profissionais nas arquibancadas.

Eu me virei e olhei para cima. Na maioria das vezes, os olheiros apenas assistiam a fitas. Raramente eles vinham aos jogos, mas sempre eram fáceis de identificar. Os olhares de aço e o cansaço dos guerreiros da estrada eram o que o entregavam.

— Então eles estão aqui. — Meu coração disparou e minha perna saltou para cima e para baixo.

O relógio bateu zero e todos estavam fora do banco e no campo, mas desta vez eu não fui o último. Voltei para o vestiário depois de cumprimentar Nix por

conseguir outra vitória com passes incríveis. Seu pai tinha que estar tão orgulhoso que seu filho quase certamente seria uma escolha do primeiro draft. Ele estava praticamente em todos os jogos. O meu não veio em nenhum desde que comecei a jogar na faculdade.

O treinador me alcançou no túnel. Tirando meus protetores, eu os carreguei em direção ao vestiário.

— Vejo que a consultora de mídia trabalhou com você. — Ele me deu um tapinha nas costas. — Ótimo trabalho não se exibindo por aí. Os olheiros profissionais adoram esse tipo de coisa.

Mantendo minha boca fechada, assenti e balancei-me nos calcanhares.

— Vamos para a coletiva de imprensa. — Ele bateu as mãos nos meus ombros e praticamente me levou para a sala cheia de flashes de câmeras e uma pequena piscina de repórteres. Suas perguntas eram as mesmas que haviam sido feitas um milhão de vezes. Geralmente isso era um consolo, ninguém gosta de uma bola curva, mas hoje eu só queria sair de lá.

~

De volta à casa, as coisas estavam a todo vapor. Eu mal fiquei na festa, indo direto para o meu quarto. Manter as aparências não me importava mais. Suas opiniões sobre mim valiam menos do que nada. Era quase pior ter todo mundo aparecendo nas festas quando pensavam que as acusações eram verdadeiras. Se eu fosse tão idiota, por que alguém iria querer estar perto de mim? O futebol era a droga e eu era a seringa de celebridade. Eles estavam prontos para me usar e me jogar de lado assim que eu perdesse minha utilidade.

Abrindo a porta, pulei, vi uma figura deitada no sofá empurrado para o canto do meu quarto. Mesmo depois de uma vitória, parecia que eu não era o único que não tinha vontade de festejar.

— Eu sabia que não deveríamos ter dado todas as chaves para você. — Caí no sofá ao lado de LJ.

— Eu trouxe cervejas. — Ele estendeu uma garrafa gelada. Condensação riscou a lateral do vidro. — O que se passa com você? Você está todo sombrio e mal-humorado.

— Não estou. — Peguei a cerveja dele, derramando um pouco no meu colo.

— Certo, definitivamente não está agindo como uma garota mal-humorada.

— Eu não estou de mau humor. Eu só tenho muita coisa em minha mente.

— Como quase afogar aquela garota.

Arrastando meus dedos pelos meus cabelos, tomei um gole de cerveja. — Ela está perfeitamente bem agora. O jogo de hoje foi apenas mais do mesmo. Nada para ficar muito animado.

— Pelo menos você joga. O treinador está se vingando de mim.

— O que aconteceu? Vocês estavam bem e você começava quase todos os jogos, mas agora ele te puxa no segundo em que espirra errado.

Ele olhou pela minha janela, pegando o rótulo da cerveja. — Ele não é meu grande fã no momento.

— Eu sei, foi por isso que eu perguntei. Você atropelou o cachorro dele ou algo assim?

— Quem dera, mas com ele tendo isso por mim, parece que as minhas chances nos profissionais estão diminuindo cada vez mais a cada jogo.

— Você tem fitas de outras temporadas. Qualquer um pode ver que tipo de jogador você é.

Ele deu de ombros.

— Onde está sua sombra?

Ele levantou a cabeça e a testa franziu. — Marisa? Ela está com a colega de quarto hoje à noite.

— Awwn, isso é triste. Elas não convidaram você para a noite das meninas? Você terá que pintar as unhas sozinho.

— Ha ha ha.

Minha porta se abriu. Estava na ponta da minha língua para dizer aos foliões que dessem o fora, mas então Nix entrou como se estivesse pronto para incendiar o chão. Chutando a porta fechada atrás dele, ele arrancou as mãos dos bolsos. Ele andou na frente da minha cômoda como se estivesse tentando abrir um buraco no chão. Ele saiu logo após o jogo para ir à casa de seu pai. Seus sapatos pretos tinham um esmalte brilhante, e o casaco comprido de caxemira preta, calça social preta e luvas que ele usava o faziam parecer um cara saído direto de uma revista.

Ele desabotoou o casaco e jogou-o diretamente no chão.

— Acho que o jantar correu bem.

Ele levantou a cabeça e ele olhou para nós. — Se por 'bem' você quer dizer um acidente de trem, então sim, correu perfeitamente.

— Ele não está satisfeito com a temporada? — LJ apoiou os cotovelos nas coxas.

— As expectativas da família são uma merda. — Nix resmungou. — E a coisinha de cabelo rosa ao lado chamou os policiais novamente.

Todos nós resmungamos.

— Pelo menos foi a polícia do campus desta vez, não a da cidade. — Ele apertou o ombro, massageando-o.

— A casa dela é onde a diversão vai para morrer. — Olhei pela janela para a casa do outro lado da rua. Elas tinham sido praticamente nossos inimigos desde o dia em que nos mudamos.

— Você está com sorte que eu vim preparado. — LJ se inclinou sobre o braço do sofá e puxou outra cerveja.

Estiquei o pescoço. — Quantas cervejas você tem aí?

— Eu nunca vou contar.

Ele fechou a tampa do refrigerador que havia instalado no meu quarto.

— Temos que vencer o campeonato. — Nix pegou a cerveja da mão de LJ.

— O que diabos você acha que estamos tentando fazer?

— Você não entende. — Ele passou as mãos pelos cabelos e tomou um longo gole da garrafa. — Seu pai não é assim? Ele nunca foi uma força implacável empurrando você para jogar, não importa o quê? — Ele olhou para mim,

incrédulo.

— Meu pai nem me deixou tentar entrar para a equipe no ensino médio.

— O quê? — LJ e Nix gritaram ao mesmo tempo.

— Eu tive que fazer isso pelas costas dele. Foi só quando meu nome apareceu no jornal devido um touchdown de setenta jardas - o mais longo da história da minha escola - que ele percebeu. — Esgueirar meu equipamento pela janela do meu quarto dia após dia para praticar não tinha sido divertido, mas meu pai foi rigoroso em não jogar. Parte de mim se perguntou se era porque ele não achava que eu iria aguentar ou se ele estava preocupado que eu ia ultrapassar ele.

— Ele não queria que você jogasse? Por quê? — LJ se inclinou contra o braço do sofá.

— Nós realmente nunca passamos por toda a parte do 'não' desta conversa. Ele saiu do time quando eu tinha três anos, meu irmão tinha cinco anos e minha irmã acabara de nascer. Disse que ele sentia muita falta de nós e que era muito difícil para mamãe ter que cuidar sozinha de nós três.

— É muito mais fácil quando você pode pagar por uma babá. Eu deveria saber, porque foi isso que meu pai fez, quando ele não estava me fazendo treinar durante horas todos os dias fora da temporada.

— As famílias às vezes são fodidas, cara. — LJ tamborilou com os nós dos dedos contra a lateral da garrafa coberta de condensação.

— E você? Não há expectativas da família agora que os profissionais estão ao virar da esquina?

Nix e eu nos viramos para LJ. Ele encolheu os ombros. — Na verdade não. Minha mãe fica feliz se eu estiver feliz. Meu pai ainda não pode acreditar que eu cheguei tão longe. Você já os viu nos jogos. Eles olham para mim como se houvesse algum erro, não que esta temporada apague qualquer dúvida deles. — Ele passou a junta ao longo da borda do gargalo da garrafa.

— O treinador definitivamente está pegando no seu pé nesta temporada. Você atropelou o cachorro dele?

Peguei um travesseiro do sofá e joguei-o em Nix. — Eu perguntei exatamente a mesma coisa.

LJ mexeu no rótulo da cerveja. — Vocês têm que prometer que não vão contar a ninguém.

Nix e eu trocamos um olhar e nos inclinamos para frente.

Ele respirou fundo e afundou de volta no sofá. — Não atropelei o cachorro dele, mas o ferrei em um nível pessoal.

Nix moveu sua mão em um círculo, pedindo-lhe para continuar.

— Você sabe como as pessoas ficam quando a família está envolvida.

Confusão rodopiou na minha cabeça. *Família... que diabos?*

— Ela vai me matar se descobrir que eu contei para vocês. — Ele olhou para a garrafa.

— Você pode simplesmente falar logo? — Nix sentou na beira da minha cama.

— É sobre o treinador e Marisa.

Nix me lançou um olhar. — O treinador está transando com a sua melhor amiga?

A cabeça de LJ se levantou.

— O que? Não! Isso é nojento. — Seu rosto se enrugou em uma máscara de horror. — Ela é filha dele.

— Uou. O que?! Ela é filha dele? — *A foto na mesa dele.* Eu sabia que ela parecia familiar.

Ele assentiu. — A filha afastada. Quando ela começou aqui, eles não conversavam há cinco anos.

— Por que ele está bravo com você?

— Ela é minha melhor amiga.

— E?

— E uma condição de ela poder usar o emprego dele na escola para aulas é jantares semanais na casa dele desde o início do semestre. Ela não queria ir. Eu não queria que ela tivesse que sair da escola, então me ofereci para ir com ela. Ficou desconfortável, para dizer o mínimo. — Os lábios dele se apertaram.

— Você tem jantares semanais com o treinador.

— E Marisa.

— Do que diabos vocês três conversam?

— Nada. São literalmente duas horas de silêncio. Prefiro enfiar brotos de bambu debaixo das unhas.

— Mas por que o treinador está fazendo isso com você?

Os ombros de LJ levantaram e caíram ainda mais. — Eu a conheço desde que tínhamos seis anos. Ela não fala com ele, mas fala comigo. Ele recebe tratamento de silêncio nos jantares de duas horas uma vez por semana. Eu provavelmente tenho sorte que ele não tentou me matar durante o treino. Ele está determinado a acabar com a minha carreira, só isso.

Fale sobre ser pego de surpresa.

— Droga, essa merda não é brincadeira. — Nix se recostou na parede, descansando a cabeça nas mãos entrelaçadas.

— Mesmo quando você tenta manter as coisas simples e fáceis, a merda sempre encontra um caminho. É como o Jurassic Park, mas com efeitos especiais bem piores. — LJ riu da própria piada e bebeu a cerveja.

— São apenas mais alguns meses e tudo isso acaba. Estão prontos para serem convocados? — Nix rolou a garrafa entre as mãos, seus olhos focando no topo da cerveja como se estivesse a milhares de quilômetros de distância.

— Estou pronto desde o primeiro ano. E você? O Garoto de ouro finalmente seguindo os passos do seu pai? — Eu joguei uma meia na cabeça dele. Ele sendo convocado para um time da NFL era uma conclusão precipitada de praticamente toda a população da costa leste.

Sua boca torceu e ele olhou para o teto. — Claro. — Empurrando os braços da cadeira, ele se levantou e pegou sua garrafa vazia. — Eu tenho um trabalho de conclusão de curso, e posso muito bem começar a fazer isso logo. E você? Como estão as aulas estão indo?

Peguei minha garrafa e a joguei entre minhas mãos, o som vazio e oco disparando para o alto a cada lançamento. — Elas estão bem. Não é como se eu fosse precisar delas assim que eu for convocado.

— É sempre bom ter um plano B.

— Como pular direto para comentarista esportivo em vez de jogar profissionalmente? Nem todos temos as conexões que você tem.

Nix jogou um pedaço de papel enrolado direto na minha cabeça. — Vá trabalhar, seu idiota. — Ele abriu a minha porta e desapareceu no mar de pessoas andando pelo corredor.

Joguei minha garrafa na minha lata de lixo. LJ estava parado na minha janela com o celular pressionado contra a orelha.

— Ris, se você não quiser ir, não vá. Ele não pode forçar você a passar tempo com ele. Você sabe que eu vou te apoiar, não importa o quê. — Ele passou os dedos pelos cabelos, seu reflexo mostrando toda a preocupação percorrendo seu rosto.

Se isso era sobre o pai dela, LJ estava assinando seu próprio acordo de sem recrutamento, mas as pessoas faziam coisas estúpidas quando se tratava de pessoas que amavam. Era por isso que eu estava tão longe de qualquer coisa que pudesse me distrair, eu poderia muito bem estar em um sistema solar diferente.

Ele saiu do meu quarto. Tranquei a porta e peguei meus fones de ouvido com cancelamento de ruído para bloquear a voz alta de Berk por cima da música e toda a comoção no andar de baixo.

Olhando para um dos meus papéis, reli a mesma frase três vezes. Fechei meu laptop e bati meus dedos no metal quente. Peguei meu celular e o abaixei. Saltando da minha cadeira, passei as mãos pelos cabelos e andei pelo quarto. *Ela disse que está bem. Ela disse que não quer minha ajuda. Ela vai ter que descobrir as coisas sozinha de qualquer maneira. Apenas a deixe ir.*

Ela provavelmente já dormiu com Graham. Claro, eu achei que ele era um idiota, mas ele não parecia um cara mau. Ela era mais esperta que ele, e ele provavelmente ficaria admirado com o cérebro enorme dela.

Mas eu precisava ter certeza de que ela estava bem. Se ele a machucasse, eu quebraria o nariz dele. Peguei o telefone da minha mesa e toquei no nome dela, ao lado da foto que eu tirei escondido na última vez que a vi. Ela usava um gorro vermelho brilhante, que de alguma forma colidia com tudo o que ela usava. Duas tranças de espinha de peixe pendiam sob o gorro e estavam sobre os ombros.

Meu dedo pairou sobre o botão verde na minha tela.

11

SEPH

- Se essa atitude é o que recebo por permitir que você vá para a Filadélfia, por que não vejo se o comitê aceitaria você após este semestre, e não na primavera?

A bile subiu pela minha garganta. — Não, você está certo, pai. Eu sinto muito.

Seu som de descontentamento trouxe de volta memórias das impressões digitais marcadas na base do meu pescoço. Esfreguei a mão na minha pele. Elas se foram agora, não estavam lá há anos, mas às vezes essas memórias antigas voltavam sobre mim e tornavam difícil respirar.

— Vou decidir quando você voltar aqui no Dia de Ação de Graças.

Lágrimas brotaram nos meus olhos. Discutir apenas consolidaria a ideia em sua cabeça. Soltei um suspiro para esconder minha voz trêmula. — Vejo você em breve. — Terminando a ligação, sentei na minha cama, olhando para o meu celular.

Houve uma batida suave na minha porta. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se abriu.

— Persephone, Dan está vindo e nós vamos assistir a um filme. — Seu sorriso falso era tão grande que fiquei surpresa que suas bochechas não se rasgaram. Talvez essa fosse sua maneira de fazer as pazes. Depois do meu concerto de violino que venceria qualquer performance, ela foi menos insistente. Talvez me defender da minha maneira indireta tivesse mudado as coisas.

— Parece bom. Estou cansada de olhar para essas provas de qualquer maneira. — Fechei meus livros. Enquanto esticava meus braços pra cima, minha coluna estalava. Pressionei meus dedos na parte inferior das minhas costas, fazendo um bom alongamento. Todo o trabalho e nenhum tempo para tocar tornavam Seph ainda mais chata do que ela já era.

O sorriso de Alexa sumiu. — Isso não foi o que eu quis dizer.

— Por que mais você mencionaria assistir a um filme? — Eu me levantei da minha cadeira e me aproximei dela na porta.

— Porque eu quero que você saia.

Olhei para a moldura da porta em busca do balde de sangue de porco. Claro que era isso que ela queria. Por que alguém iria querer estar perto de mim? Inferno, Reece quase me deixou afogar na piscina. As pessoas fingiam que eu não estava lá ou queriam que eu fosse embora. A menos que eu fosse um *Gênio Indomável* em uma velha sala de aula empoeirada, ninguém me queria por perto. Talvez fizesse sentido apenas seguir o plano do meu pai. Não é como se eu tivesse uma vida social próspera de qualquer maneira. Aquele caroço duro no meu estômago cresceu e eu precisava de um pouco de ar fresco. *Lá se foi a mudança.*

Batendo meus lábios juntos, assenti. — Certo, eu vou dar um passeio. — Peguei meu casaco na parte de trás da minha porta.

— Faça um longo passeio. — Ela acenou e fechou a porta atrás de si.

Coloquei o casaco e enfiei a mão no bolso. Meus dedos envolveram o pedaço de papel dobrado dentro. *Devo ligar para Graham?* Ele parecia que aceitaria minha oferta.

Saindo do apartamento e do lado de fora, eu o abri e olhei para a lista bem impressa. Nada foi marcado. Não estou mais perto do meu objetivo.

Segurando-a na minha mão, olhei para ela novamente, realmente olhei. Era uma lista de coisas que eu queria fazer... por quê? Para que eu sentisse que tinha um pouco de controle sobre minha vida. Uma lista de coisas que irritaria meus pais, talvez me tornasse um pouco mais como minha tia Sophie. Era estúpido até tentar.

Eu não conseguia nem me rebelar direito. Como você se rebela quando a pessoa contra quem você se rebela nem sabe que você está fazendo isso? E quem diabos faz uma lista para se rebelar de qualquer maneira? Foi como escrever uma carta em uma revolução. A rebeldia deveria ser uma bagunça, e de alguma forma eu consegui não apenas enfrentar nada além de comprar um gorro vermelho estúpido, mas também ter o fim mais chato de uma rebeldia de todos os tempos. Eu enrolei e joguei o papel em uma lata de lixo fora do prédio.

Eu dei dois passos antes de uma mão envolver meu braço, apertando meu cotovelo. Gritando, eu me virei e bati minha mão na cabeça do desconhecido o mais forte que pude. Sua mão caiu do meu braço e ele embalou seu rosto.

Vi os tênis azuis brilhantes com listras brancas e a inconfundível cabeça de cabelos pretos, e minhas mãos dispararam para a minha boca. — Reece? Oh Deus, me desculpe. Eu pensei que você era um assaltante ou algo assim.

— É, eu percebi. — Ele esfregou a mão na bochecha, as luzes da rua pegando os tons profundos de seus olhos enquanto movia a mandíbula de um lado para o outro. — Você sabe dar um bom tapa.

— O que você está fazendo aqui? — Eu olhei para o prédio. Ele estava visitando alguém?

— Eu vim procurar por você.

— Por mim? — Apontei meus dedos enluvados para o centro do meu peito.

— Você diz isso como se fosse um choque total.

— Depois de como deixamos as coisas na piscina, acho que é um choque justificável. — *Não começe a recontar tudo que aconteceu, parada no meio da calçada como um cervo prestes a ser atropelado por um caminhão.*

— Eu sinto muito. Eu fui um idiota. É um hábito que tenho às vezes. E você deixou cair isso. — Ele ergueu o pedaço de papel amassado, minha lista.

— Não, eu não deixei. Eu joguei fora.

Um olhar de dor brilhou em seu rosto. — Não faça isso só porque eu arruinei tudo.

— Não é porque você arruinou. Era uma lista estúpida para começo de conversa. — Corri meus dedos pela lista. — Sobremesa para o jantar? Quantos anos eu tenho, cinco? — Fui jogá-la na lixeira, mas ele pegou minha mão. Seus dedos deslizaram ao longo da separação entre meu casaco e luvas, pousando na pulsação do meu pulso. Meu sangue bateu em minhas veias, correndo para a superfície e aquecendo minha pele.

Ele arrancou o papel da minha mão e o colocou no bolso. — Não faça isso. Onde você vai?

— Eu fui banida do meu apartamento novamente, então eu ia ver um filme.

— Eu gosto de filmes.

— Você não vai gostar deste.

— Me teste. — Ele sorriu de volta para mim como um cara que nunca havia perdido uma aposta em sua vida.

Peguei meu celular e olhei para os horários de exibição dos cinemas próximos. Essa era a melhor maneira de matar algum tempo. Havia um novo filme francês indie sendo exibido, uma exibição limitada por apenas alguns dias. *Isso deve ser bom.* Eu sorri de volta para ele e selecionei dois assentos.

~

— Isso não faz sentido. — Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido, o ar saindo de seus lábios roçando meu pescoço.

Foco, Seph. Respirei fundo e acionei o inseticida para as borboletas. — É sobre a crise existencial de saber que você vai morrer.

— Mas todo mundo sabe que vão morrer. — Ele segurou o balde gigante de pipoca na minha direção.

— Há uma diferença entre saber e *saber*. — Coloquei minha mão no balde que Reece havia comprado e enfiei a pipoca salgada e amanteigada em minha boca. Há muito tempo eu desisti de pegar uma de cada vez.

Um barulho vindo da sala de cinema ao lado sacudiu nossos assentos.

Ele levantou a cabeça, olhando ansiosamente para a parede.

Eu olhei para as outras pessoas na sala: todas eram casais. Pares de assentos ocupados pontilhavam as fileiras. Havia menos de dez pessoas. Enquanto o filme se arrastava, a distância entre suas cabeças evaporação. Estiquei o pescoço e olhei para trás. Os três casais nas cinco fileiras atrás de nós estavam em vários estágios de exploração das amígdalas um do outro.

Recostando-me no meu lugar, olhei para Reece. Seu rosto era uma máscara de confusão, mas ele estava atento ao filme, atento porque eu o havia escolhido.

Houve uma grande gritaria da platéia na sala ao nosso lado. Eu olhei para a parede. Provavelmente era um dos novos filmes de super-heróis. Eu nunca tinha visto nenhum deles. Pelo menos com esses filmes, você deveria ficar um pouco perdido. Por lá, eu provavelmente seria a única sem ter idéia do que estava acontecendo. Outro lugar onde piadas internas passavam direto por mim.

Recostando-me no meu assento, alcancei o balde. O tempo pareceu parar quando nossas mãos roçaram uma na outra. A mão dele envolvia a minha completamente. O esfregar grosseiro de seus dedos nas costas da minha mão enviou faíscas disparando pelo meu braço. Eu precisava de um inseticida maior.

Puxei minha mão de volta ao mesmo tempo em que ele puxou a dele. Ele entregou o balde inteiro e eu estava pronta para sair correndo do cinema. Piscando rapidamente, enfiei um punhado de pipoca na boca, sem sentir o gosto de um único pedaço. Eu não podia nem ir ao cinema com alguém sem assustá-los.

A pouca luz do celular dele encheu seu colo. Ele bateu no botão ao lado e o

colocou de volta no bolso. Ninguém ao nosso redor pareceu notar.

Ele enfiou os braços no casaco e meu estômago despencou. Ele definitivamente estava me dispensando. Meu coração acelerou e os velhos sentimentos de ver as outras crianças andando de bicicleta e me deixando na poeira subiram à superfície.

Cobrindo nosso descanso de braço compartilhado, ele sussurrou no meu ouvido. — Vamos.

Recuando, eu o encarei, de olhos arregalados. — O filme não acabou ainda.

— E daí? Vamos. — Ele levantou o queixo, inclinando a cabeça para trás em direção à saída. Seus olhos brilharam com o desafio.

Aperte o cinto, docinho. Peguei o balde de pipoca e o segui. A fraca iluminação do corredor me fez sentir como se eu fosse um vampiro que tinha saído ao meio-dia quando sai da sala.

— Para onde estamos indo? — Eu sussurrei, tentando acompanhá-lo.

— Você verá. — Ele agarrou minha mão. — Depressa. — Pipoca voou para fora do balde enquanto ele me puxava.

Olhei para os diferentes nomes acesos em LEDs vermelhos acima de cada sala do cinema. Ele caminhou até onde comprou a pipoca no outro extremo do corredor. Pegando o balde das minhas mãos, ele o entregou ao vendedor. — Podemos obter um refil? Minha namorada deixou cair no momento em que estávamos indo para o filme.

O cara assentiu e se virou para encher o balde.

Meus olhos se arregalaram e eu o encarei. Reece piscou e colocou o dedo embaixo do meu queixo, fechando minha boca aberta.

Com um balde recém-reabastecido, Reece me guiou de volta pelo corredor. Mais pessoas chegaram do outro lado, vindo do saguão. Sua mão me guiou pelas minhas costas. Sempre que eu desacelerava, ele adicionava um pouco de pressão para me manter andando.

— Mas a saída é daquele lado. — Estiquei o pescoço em direção às portas duplas de aço atrás de nós.

— Eu sei. — Disse ele pelo canto da boca.

Ele pegou a pipoca e pressionou a outra mão mais forte nas minhas costas. Quando ele me puxou para o lado dele, meu ombro esfregou contra seu peito. Eu olhei para ele. Seus olhos verdes dispararam para frente e para trás antes de me guiar em direção a fila formando-se na sala em que todo mundo entrava.

— Essa não é a nossa sala. — Meus olhos se arregalaram. Alguém iria ver. Alguém iria descobrir que estávamos entrando na sala errada.

— Shh. Ninguém vai saber. Eu estava morrendo de vontade de ver esse filme e parecia que você estava prestes a morrer de tédio naquele outro, então improvisei uma das coisas da sua lista.

Contornamos o fim da passagem estreita que levava a sala do cinema. — Qual?

Seu ombro roçou no meu peito e ele falou pelo lado de sua boca novamente. — Quebrar a lei.— Seus lábios se curvaram em um sorriso.

Eu olhei para frente quando ele me levou a uma fileira de cadeiras meio vazia.

— E se alguém descobrir? — Eu me virei, quase gritando em seu peito no

segundo em que minha bunda bateu no assento.

— Então vamos embora.

— E se chamarem o segurança?

— Então vamos embora. — Ele sentou-se no banco e assumiu as funções de segurar a pipoca.

Minha perna saltou para cima e para baixo e me empoleirei na beirada do meu assento, pronta para um lanterninha subir a qualquer segundo e nos levar para fora do cinema. Talvez nos faça atravessar o saguão gritando que éramos ladrões. A adrenalina bombeou em minhas veias e eu estava pronta para alguém aparecer com uma lanterna brilhando em nossos olhos e a polícia logo atrás. As luzes diminuíram, sinalizando o início dos trailers.

Reece alcançou meu ombro e me puxou totalmente de volta para o meu lugar. — Relaxe, ninguém está vindo atrás de nós.

Recostei-me, os músculos tensos do meu corpo relaxando lentamente, e meus olhos não estavam mais na entrada da sala, agora estavam focados na tela. Os trailers foram reproduzidos. O filme de uma franquia de que nunca ouvi falar já em seu quinto ou sexto volume.

As luzes diminuíram ainda mais e a tela estava cheia de mais ação e cor do que eu tinha visto desde aquela vez que me arrisquei em química. Cada explosão, piada, saraivada de brincadeira e CGI espetacular me prendiam a tela.

De vez em quando, eu me inclinava e fazia uma pergunta a Reece. Ele também estava envolvido no filme, mas nunca me calou ou me lançou um daqueles olhares "se você me perguntar outra coisa, vou forçar você a escrever o teorema de Pitágoras mil vezes". Ou talvez fosse apenas meu pai.

Apertei minha mão ao redor do braço de Reece durante a última batalha em que o vilão mudado se sacrificou pelo herói. Limpando a umidade do meu olho com as costas da minha mão, olhei para Reece. Ele olhou para mim com uma expressão estranha no rosto.

Todos ao nosso redor explodiram em aplausos e houve até alguns assobios enquanto os créditos apareciam na tela. Levantamos de nossos assentos e saímos junto com todo mundo.

— Isso foi melhor do que eu pensava. — O lugar irradiava uma energia divertida. Todo mundo ao nosso redor falou sobre o significado da cena bônus no final, lançando nomes de personagens que eu nunca tinha ouvido antes.

— E você tem que riscar algo da sua lista. — Seu sorriso me fez esquecer o meu nome. Eu queria sentir esse sorriso contra a minha pele, queria levantar a cabeça do peito dele quando estávamos cobertos de suor e fazê-lo dar um beijo na minha testa.

— O que você acha de riscar outra coisa da sua lista? — Malícia vazou em seu sorriso, e eu não pude segurar o meu.

— Para onde iremos, meu corruptor?

12

REECE

A música do clube sacudiu a calçada. Pessoas entraram pelas portas. Um segurança estava na frente, verificando identidades e distribuindo pulseiras.

— Eu não tenho vinte e um anos. — Ela cravou os calcanhares na calçada.

Agarrando sua mão, eu a arrastei para mais perto.

— Eu sei. Apenas siga meu exemplo.

— Ele vai saber que eu não tenho idade suficiente. — Ela falou com os dentes cerrados e tentou soltar minha mão.

— Ele não vai. — Eu a puxei junto.

Eu andei até a frente da fila. Quando o segurança me viu, sua mão disparou para frente. Apertei-a e batemos nos ombros quando ele disse: — Ei, cara, não te vejo há algum tempo.

Quando ele bateu a mão no meu ombro, minha cabeça mergulhou. *Sim, a festa perde seu brilho quando você acaba com dois olhos roxos pela manhã.* — Estive ocupado arrasando nesta temporada.

— Belos tênis. — Ele acenou em direção ao meu Adidas listrado azul e branco.

— Obrigado, comprei há algumas semanas. Escute, eu tenho uma repórter esportiva aqui comigo, mas ela esqueceu a identidade no hotel. Ela está fazendo uma história sobre mim para a *Sports Illustrated*. Você acha que pode deixá-la entrar? Caso contrário, podemos voltar para pegá-lo, só vai ser um pé no saco. Eu apenas imaginei que você poderia me ajudar.

Olhei por cima do ombro e rezei para que Seph não estivesse no meio do trânsito tentando escapar. Ele a olhou de cima a baixo. Casaco de cashmere preto, cachecol habilmente dobrado na gola. Calças escuras e calçados sensíveis. Cabelo em tranças intrincadas enroladas em sua cabeça escondidas sob o gorro vermelho. Sua meticulosidade estava trabalhando a nosso favor.

Apertei a mão dela para impedi-la de se contorcer e a soltei antes que ele visse.

Seus lábios se apertaram e ele assentiu, levantando a corda. — Sem problemas, cara. Pode entrar.

Estendi meu braço, deixando Seph ir primeiro. Ela acenou com a cabeça para o segurança, mas estava praticamente vibrando para fora de sua pele.

A porta se fechou atrás de nós e ela agarrou meu braço. — Eu não posso acreditar que funcionou! — Ela pulou para cima e para baixo com o nervosismo irradiando dela.

— Você precisa saber como falar, só isso.

— Você é um artista em mentir ao extremo. — Seu elogio me acertou no queixo como um cotovelo acidental que não foi feito para machucar, mas machucou.

Entramos e ela desabotoou o casaco.

Eu deveria saber que haveria lã por baixo.

Ela puxou o casaco e colocou sobre o braço como se tivesse acabado de entrar em um restaurante procurando a chapelaria. Berk se levantou e balançou os braços do outro lado. Ter mais de um metro e noventa tinha suas vantagens.

— Você chegou. — Ele deu um soco no meu ombro. — E essa deve ser a

esquiva Seph. Reece nos contou muito sobre você.

O olhar de Seph saltou do dele para o meu. — Todas as coisas boas, é claro. Pedi algumas cervejas e há uma rodada de doses chegando.

— Você não aprendeu sua lição depois do fim de semana passado?

— Eu já aprendi alguma vez? — Ele sorriu e entregou as bebidas quando o barman as deslizou no balcão ao lado dele.

Seph segurou o copo entre dois dedos como se fosse uma fralda suja. Ela se apoiou no meu ombro. — Tem um cheiro horrível.

— É uma bebida, a maioria também não tem um gosto muito bom. — Eu levantei o copo. — Você nunca tomou bebida alcoólica antes?

Ela lambeu seus lábios carnudos e rosados. — Tomei um pouco de vinho em alguns mixers do departamento de matemática. Os garçons simplesmente supõem que todos são estudantes de graduação.

— Posso garantir que isso não é nada parecido com aquele vinho.

Berk virou-se com duas doses na mão e depois entregou uma a LJ. — Um brinde. — Tocamos os copos e todo mundo bebeu sua bebida em um gole. A forte picada do álcool disparou direto na minha garganta. Um era mais do que suficiente para mim esta noite. Estaríamos viajando no dia seguinte para o nosso próximo jogo, e eu não ia ficar sentado em um ônibus por cinco horas com a cabeça em um saco plástico.

Seph olhou para o copo vazio, inspecionando-o. Nem um grunhido ou tosse dela.

— Você está bem? — Eu disse em seu ouvido.

Ela olhou para mim e lambeu os lábios como se ainda estivesse tentando se decidir, testando a pontada disso em seu estômago e o sabor nos lábios. — Podemos tentar outro? Ou talvez algo com cerejas?

— Inferno, sim. — Berk colocou outra dose em sua mão e virou-se para pedir uma bebida ao barman.

LJ e eu ficamos para trás e assistimos os dois passarem bebida por bebida. — Qual é o negócio dela? Ela não está mais chateada depois que você quase a deixou se afogar?

Enfiei meu cotovelo em seu estômago. — Ela está aqui, não está?

Depois que ela tomou mais duas doses e metade de uma bebida vermelha brilhante, peguei a próxima da mão dela e coloquei de volta no balcão.

— Espera. — Ela gritou, pegando a cereja flutuando no copo e colocando-a na boca.

Berkley virou-se com uma bebida rosa e vermelha na mão, estendendo-a para ela. — Não estrague a diversão dela!

— Que bonita. — Ela agarrou a mistura doce e gelada com o caule da cereja saindo entre os lábios.

Tirei-a do alcance dela e bati o copo no peito dele. A mistura congelada derramou sobre sua camisa.

— Qual é, cara? — Ele resmungou, limpando a bagunça.

— Não vamos mandá-la para o hospital na primeira noite em que ela começou a beber.

Ela riu de nós e arrancou o caule agora em um nó de entre os dentes.

Berk, LJ e eu trocamos um olhar.

A boca de LJ ficou aberta. — Você acabou de fazer isso com a língua?

Os olhos de Seph se arregalaram e ela assentiu. — Demorei um pouco mais que o normal, porque o caule era muito curto. Por quê?

Berk passou os braços em volta dos ombros dela. — Você é uma lenda, Seph.

Meu cérebro estalou e faíscas provavelmente estavam voando dentro do meu crânio. Agarrando um cobertor mental, eu sufoquei as chamas crescentes geradas por mim, imaginando o que mais ela poderia fazer com a língua.

A música subiu um nível e ela se virou para as pessoas na pista de dança. — Eu já ouvi essa música antes. — A felicidade irradiava dela quando ela murmurou algumas das palavras.

— Você quer dançar? — Eu apontei para o mar de corpos além da área do bar.

— Dançar. — Ela disse a palavra como se estivesse a testando, algo em uma língua estrangeira que ela nunca tinha ouvido antes. Olhando para mim, ela assentiu. — Deixe-me tirar isso, então.

Seus dedos caíram para os botões do blazer, que tinha que estar incrivelmente quente no clube lotado. Cotoveleiras de couro e tudo mais, ela o tirou pelos ombros e o estendeu a LJ. Ela sorriu e agradeceu quando ele pegou. LJ deixou-o cair no banco do balcão ao seu lado.

Olhando por cima do ombro, seus dedos foram direto para os botões de sua blusa. Os olhos de Berk e LJ se arregalaram e minha mão voou para a dela.

— O que você está fazendo?

Ela olhou para mim e então para a minha mão. — Tirando minha camisa. — Ela disse como se fosse totalmente óbvio que alguém como ela estaria se despindo no meio de um bar. Quando a abriu completamente, houve um sopro de alívio coletivo por estar usando mais uma camada e não ter enlouquecido. Ela provavelmente usava outro blazer de lã por baixo da blusa, no ritmo que estávamos indo.

— Vamos. — Ela pegou minha mão, impulsionada por uma coragem líquida, e me puxou atrás dela. Ela se levantou na ponta dos pés, tentando espiar a multidão. Ela parecia uma suricata curiosa pulando um par de vezes vezes; então ela apenas parecia adorável. Ela procurou o local perfeito. Não havia muito espaço, mas ela finalmente encontrou algo que a deixou feliz. Reconhecimento iluminava os olhos das pessoas enquanto eu passava. Mais do que algumas mãos roçaram minhas costas. *É um mercado de carne ou um clube? Os dois, eu acho.*

Foi só quando paramos que eu percebi o que ela estava vestindo. Sob aquela lã grossa, Seph usava uma regata de seda branca, do tipo com tiras super finas subindo e sobre os ombros. Agarrava-se ao seu torso, o que só me fazia querer olhar mais de perto.

Suas mãos subiram sobre a cabeça como qualquer boa sedutora. Balançando os quadris e movendo o corpo, ela acompanhou a batida da música. Eu definitivamente não teria pensado que alguém como ela teria esses movimentos.

A lacuna que criamos fechou à medida que mais pessoas enchiam a pista de dança. Alguém empurrou minhas costas e eu agarrei Seph para impedir que nós dois caíssemos. Meus dedos correram ao longo de sua cintura, atingindo o espaço entre sua blusa e o cós de suas calças quando ela levantou as mãos no ar novamente. Sua pele era macia e sedosa.

— Essa é uma música incrível. — Seu sorriso era contagiante. Ela dançou como alguém que já esteve em clubes antes.

— Você é uma boa dançarina.

— Eu assisti a alguns tutoriais para garantir que, se alguma vez tivesse a chance, não fosse me fazer de boba.

— Você é uma aprendiz rápida.

— Em tudo, menos nadar. — Ela descansou as mãos no meu peito e sua língua disparou, correndo pelos lábios. As luzes do clube passaram sobre nós. Elas eram fortes o suficiente para brilhar através daquela regata, e eu tive uma visão completa do sutiã rosa pálido por baixo. Foi uma provocação que tornou difícil desviar o olhar, o que significava que provavelmente havia outros caras que também estavam tendo dificuldade em desviar os olhos. Estiquei o pescoço para as outras pessoas dançando ao nosso redor.

— Você tem certeza que não quer seu casaco? Você não está com frio?

— Frio? Está muito quente aqui. — Ela levantou os braços e passou os dedos pelos cabelos. A trança complicada que parecia ser a preferida dela se desfazia lentamente a cada batida. Ela não era apenas bonita, ela era deslumbrante.

Quando ela terminou, ondas de cabelo caíam sobre seus ombros, muito mais longo do que eu pensaria no estilo. Berk apareceu ao nosso lado.

— Eu tenho outra bebida para você. — Ele entregou a Seph antes que eu pudesse detê-lo. Ela dançou para longe de mim enquanto envolvia os lábios em torno do pequeno canudo preto, e Berk bloqueou meu caminho. — Deixe-a se divertir. — Ele ficou na minha frente.

— Sim, deixa eu me divertir. — Ela apareceu por cima do ombro dele, equilibrando-se na ponta dos pés.

— Ela vai ficar bem. Eu cuidarei dela. — Berk falou.

— É exatamente com isso que estou preocupado. — Tentando não me deixar envolver demais com o que ela poderia estar fazendo e sabendo que Berk nunca deixaria nada de ruim acontecer com ela, eu dei a ela um espaço para deixar a música levá-la aonde quer que ela queria ir. Esticando o pescoço, eu a mantive na minha vista. Cabeças se viraram e as pessoas a observaram; como eles não poderiam?

A música ficou cada vez mais alta até que eu mal conseguia ouvir meus próprios pensamentos. Berk e Seph voltaram para mim e nos encontramos no meio. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, fazendo seus cabelos voarem e balançarem a cada movimento.

O suor fez sua pele brilhar e seu top grudar em seu corpo, tornando ainda mais difícil não olhar.

— Vamos pegar um pouco de água. — Deslizei meu braço em volta de seus ombros e a guiei de volta para o bar.

— Isso é incrível. Estou me divertindo tanto. — Ela estava praticamente pulando com a felicidade que só vem de estar super bêbada. Pedindo duas garrafas de água, entreguei uma para ela. Ela abriu a tampa e engoliu tudo no que parecia ser um gole.

Riachos de água escorriam pelas laterais do rosto dela. Ela limpou a boca com as costas da mão.

— Quão bêbada você está agora? — Eu gritei ao lado de seu rosto em seu

ouvido.

— Eu não estou bêbada. — Ela gritou de volta.

Recuando, eu a encarei. Pele corada. Olhos caídos. Ela estava indo de bebida em bebida com Berk, que passou os braços em volta dos ombros de duas mulheres no bar.

— Se você não está sentindo isso agora, então atingirá você como um caminhão mais tarde.

— Estou falando sério. Eu me sinto bem, talvez tonta, é assim que as pessoas chamam isso, certo? Mas eu não estou bêbada. — Ela ficou parada orgulhosa com as mãos nos quadris, como se fosse uma super-heroína porque a bebida já não a atingia.

A girando, passei minhas mãos por suas costas, levantando sua camisa pela bainha.

Ela se desvencilhou das minhas garras. Girando com os olhos arregalados, ela passou as mãos por onde eu a havia tocado. — O que você está fazendo? — Ela bateu nas minhas mãos.

— Procurando pelo seu painel de controle. Ninguém nunca bebeu tanto quanto Berkley, então eu acredito que você é um andróide incrivelmente realista. Isso explicaria muito. — Apertei meu queixo entre o polegar e o indicador, olhando-a de cima a baixo.

Ela esticou os braços para os lados, quase acertando uma garota andando vacilante de salto.

— Desculpe! — Ela gritou, o que se transformou em uma risada. Lentamente, ela tocou um dedo no nariz e depois outro. Cada gesto levantava um pouco os cantos da minha boca, e mordi o interior da minha bochecha para não rir quando cruzei os braços sobre o peito.

— Diga o alfabeto de trás para frente. — Seus olhos dispararam para o teto e ela mordeu os lábios. — Viu? — Peguei minha bebida.

— ZYXWVUTS… — As pessoas no bar se viraram e ficaram boquiabertas enquanto ela recitava cada letra do alfabeto, — e A.

Meus olhos se estreitaram. — Ok. Isso vai acertar você de manhã. — Tomei um gole da minha cerveja.

Ela apertou sua garrafa de água, me pulverizando com uma fina corrente de água. O frio foi um alívio bem-vindo do calor sufocante dentro do clube, embora estivesse quase congelando lá fora.

— Ei! — Peguei a garrafa dela e atirei um pouco de volta. Água pulverizou por toda ela com muito mais força do que eu pretendia, cobrindo seu rosto.

Ela ofegou, cobrindo-se com o braço. A água escorria de sua pele.

Eu cerrei os dentes e respirei fundo. *Merda*. Eu provavelmente receberia chute no saco.

Ela abaixou o braço e me encarou com a boca aberta. — Seu idiota! — Seu rosto chocado rapidamente se transformou em um sorriso e eu pude respirar novamente. A maioria das meninas teriam surtado com a água no rosto bagunçando a maquiagem ou o cabelo, mas ela não se importava. Agora ela estava procurando por vingança. Lutamos pela garrafa, cada um ficando um pouco mais molhado antes que eu a deixasse arrancá-la de mim.

Ela estendeu-a na frente dela ameaçadoramente. — É melhor você ficar feliz

por eu estar com sede. — Ela apertou os restos da garrafa na boca, derramando ainda mais água em si mesma.

Sem pensar, estendi a mão e limpei o líquido pingando do queixo dela, esfregando-o com o polegar. A ponta do meu dedo roçou seu lábio inferior. Meu coração colidiu com minhas costelas. O mundo congelou. As pessoas na pista de dança desapareceram. Nada existia, exceto meu polegar e seu lábio suave e cheio. Sua língua saiu, quase roçando meu polegar, e eu jurei que meu pau pulou como se um sargento o houvesse chamado. Eu queria que ela envolvesse aqueles lábios em volta do meu polegar. Eu queria provar aqueles lábios e ainda mais dela. Uma fome que eu nunca senti antes bateu em meu intestino. Eu queria provar tudo dela.

Ela olhou para mim e inclinou a cabeça para o lado como se estivesse tentando descobrir o que diabos eu estava fazendo. *Entre na fila, Seph.*

— Precisamos de mais doses. — LJ tropeçou e bateu nela e eu abaixei minha mão.

Ela riu e pegou o copo das mãos dele. As profundezas do problema em que eu estava me metendo ainda não haviam sido calculadas.

13

SEPH

Hsticando meus braços sobre minha cabeça, eu bocejei e sentei-me na cama. Além da minha boca parecer um prato sujo, eu pensaria que a manhã depois de uma noite fora seria mais dura. Nos filmes e programas de TV, as pessoas sempre eram como os mortos-vivos na manhã depois de beber, mas talvez isso fosse apenas um exagero. Virei as pernas para o lado da cama e bati em um monte - um monte resmungão.

Empurrando os pés para cima da cama, espiei com os joelhos contra o peito. No meu chão, o monte retirou o cobertor que cobria seu rosto. Reece deixou a cabeça cair em um dos meus travesseiros e puxou o cobertor um pouco.

Mordendo o lábio, olhei para mim mesma. Eu estava completamente vestida e na minha cama. Por que eu ainda estava usando as roupas que saí? Eu nunca fui para a cama sem vestir o pijama.

Ele se virou e abriu um dos olhos. — Como você está se sentindo? — Ele enfiou as mãos atrás da cabeça. Os músculos de seus braços se contraíram, mostrando a definição de sua dedicação à academia. Eu me perguntava qual era a sensação deles ao meu redor... *Pare de se preparar para outra decepção. Ele é um amigo.*

— Bom dia. — Empurrei meu cobertor o resto do caminho para baixo e olhei para mim mesma. — Ainda estou com as roupas de ontem. — Minha blusa se abriu na parte inferior, onde Berkley desabotoou os quatro botões inferiores e a amarrou quando pedi uma transformação no clube. Foi o melhor que ele pôde fazer. Minha camiseta estava embolada debaixo do meu sutiã.

— Eu sei. É por isso que estou aqui.

— Você está aqui porque eu ainda estou com as minhas roupas? — Eu torci as sobrancelhas.

— Não, o fato de você não ter trocado de roupa antes de adormecer me fez acreditar que estaria em um mundo de dor pela manhã, e ninguém estava em casa quando eu a deixei. Não queria te abandonar aqui para sua primeira ressaca.

Minhas lembranças da noite anterior eram cristalinas. Reece me fez entrar em um táxi depois que LJ e Berkley tentaram me fazer subir ao palco com o DJ para dançar. Esse era o tipo de coisa que as pessoas deveriam fazer quando saíam para beber, certo? Coisas embaraçosas que seus amigos lhes contariam pela manhã?

— Por que você não queria que eu dançasse no palco? — Coloquei as mãos nos quadris.

O olhar de Reece caiu no meu estômago. Um leve calafrio percorreu-me, não por causa do meu estômago agora exposto, mas por causa do chiado na minha pele quando seu olhar percorreu meu corpo. Eu queria agarrá-lo, envolver minhas pernas em torno de seus quadris e empurrar aqueles boxers para baixo em sua bunda, em seguida, convencê-lo de que ele estava mais do que apto para o trabalho. Talvez eu *estivesse* bêbada. O álcool fazia as pessoas abandonarem suas inibições como roupas íntimas nos tornozelos.

— Lembro-me de chegar em casa e depois... nada. — Corri meus dedos, bem, tentei passar meus dedos pelos meus cabelos. Minha trança se transformou em uma bagunça emaranhada no topo da minha cabeça.

— Você estava conversando e normal o tempo todo que estávamos à caminho daqui no táxi. Você trançou o cabelo novamente, falando sobre a sua coordenação motora. Você ficava me dizendo que não estava bêbada e que eu não deveria me preocupar, mas imaginei que a acompanharia até em casa como um cavalheiro, principalmente porque estou trabalhando como seu guia. Entramos no elevador. Você destrancou a porta da frente e me disse que estava tudo bem eu sair e depois se enrolou como uma bola no chão, bem em frente a porta aberta. Eu estou falando sério. Tentei acordá-la por uns bons dez minutos antes de trazê-la para cá. — Ele se sentou, seu corpo amplo e musculoso lentamente se revelando debaixo da minha manta branca e acolchoada. — Não foi difícil descobrir qual era o seu quarto, então eu a coloquei na cama.

Meus sapatos estavam jogados ao lado da porta. Eu nunca teria feito isso.

— Eu deveria estar com muito sono.

— Mais pra muito bêbada.

Indo para o final da minha cama, coloquei os pés no chão. A madeira fria e dura enviou um arrepio pelo meu corpo.

— Quantas vezes tenho que te dizer? Não estava bêbada e estou bem agora. — Fiz um balanço da minha condição. Além de um pouco de boca seca, não havia nada acontecendo no meu corpo que não parecesse normal.

Ele me olhou como se eu fosse a maior mentirosa que ele já conheceu.

Quando me levantei, todo o quarto oscilou. Meu estômago revirou e fechei minha boca com força. A sensação passou e eu engoli contra o aperto em minha garganta. — Viu, eu estou totalmente bem.

— Estou feliz. Eu não queria que sua primeira noite bebendo acabasse com você acordando coberta em seu próprio vômito. Confie em mim, já fiz isso, não é divertido. — Ele se levantou, deixando o cobertor cair para longe de seu corpo. Com nada além de boxers, ele ficou em pé no meu quarto.

Minha boca salivou, mas não era porque Reece estava ali seminu com aquela linha V que eu pensava que só existisse em pôsteres de filmes, mergulhando perigosamente baixo em direção a uma parte dele em que eu pensava demais. Batendo a mão na boca, corri para o banheiro e vomitei tudo o que já tinha comido ou pensado em comer. Minha cabeça e o vaso se tornaram um em comunhão de arrependimento violento e orações pela morte.

Sentada no chão ao lado do vaso sanitário, descansei minha cabeça na borda de porcelana da privada. Um copo de água apareceu na minha frente, segurado pelo percursor da minha ruína.

— Parecia que você podia precisar disso, estômago de ferro.

Estreitando os olhos para ele, eu peguei sua oferta e tomei um gole, tentando tirar o sabor horrível da minha boca. Ele estendeu a mão. Coloquei a minha na dele e me levantei.

— Você precisa vomitar um pouco mais?

Eu segurei minha mão contra o meu estômago. O caldeirão agitado se foi, substituído por um estranho vazio e silêncio. — Não sobrou nada.

— Bom, então podemos tomar café da manhã.

O pensamento de comida me levou de volta ao vaso.

Uma sombra na porta pairava sobre mim no meu local agachada no chão. Graças a Deus eu o limpei no fim de semana. Se minha guerra fria com Alexa

tivesse continuado, eu estaria enrolada em uma de suas bolas de cabelo de um quilômetro agora.

— Eu não quero dizer que eu te avisei.

Estendi minha mão atrás de mim, levantando um dedo do meio. — Se você disser, juro, passarei o resto do meu tempo aqui destruindo cada par de sapatos que você possui.

— Isso é simplesmente maldoso. Por que você diria algo assim? — Sua voz subiu uma oitava como se eu tivesse acabado de ameaçar um animal de estimação ou uma criança.

— Uma garota tem que fazer o que precisa de vez em quando. — De pé, eu me olhei no espelho. Morte. Eu parecia a nova namorada do Ceifador.

— Vou pegar um café para você. — Ele desapareceu atrás da porta e andou até a cozinha. Cada músculo definido refletido de volta para mim no espelho. Ele dormiu no meu chão a noite toda para se certificar de que eu estava bem. Se ele já não tivesse rejeitado toda a minha proposta, eu poderia ter pensado que ele *gostava de* mim, mas isso apenas complicaria as coisas. Ele iria para onde quer que as pessoas do futebol fossem, e eu voltaria para Boston.

A porta oposta à minha se abriu e a bagunça emaranhada que era Alexa saiu do seu quarto. Minhas mãos se apertaram ao redor da borda da pia enquanto ela tropeçava na minha direção. Curvando-me, lavei meu rosto e agarrei meu antisséptico bucal para enxaguar minha boca.

— Você tem que demorar uma eternidade? — Ela ficou parada na porta, batendo o pé. Com os braços cruzados sobre o peito, ela olhou para mim como se eu fosse uma faxineira que tinha chegado atrasada.

— Eu estarei pronta em um segundo. — Peguei a toalha da prateleira e passei sobre o meu rosto.

Ela soltou um bufo. — Por que você não pode simplesmente fazer tudo isso quando eu terminar?

— Estou quase terminando.

— Honestamente, as coisas que eu tenho que aguentar.

— Eu moro aqui também.

Os olhos dela se arregalaram. — O que?

— Ela disse que mora aqui também. — Reece apareceu atrás dela e Alexa se virou e gritou. Seus olhos dispararam do peito nu e boxers para mim e de volta para ele. A boca dela se abriu e fechou.

Levantando o queixo em direção ao corredor, ele estendeu a caneca para mim. — Eu fiz com creme e açúcar. Termine isso e eu vou levá-la para tomar café da manhã como um presente após a nossa noite incrível ontem. — Ele lançou um sorriso que poderia ter derretido a calcinha de uma freira.

Soltei um barulho que soou como uma risadinha. Eu já ri assim antes? Então suas palavras foram registradas. Meu rosto se enrugou. Seus olhos se arregalaram e ele assentiu na direção de Alexa enquanto movia as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Ah, sim, totalmente, uma noite que você não vai esquecer tão cedo. — Eu me encolhi por não soar tão sexy quanto eu queria.

Um ruído forte saiu de sua boca e ele me entregou o café.

Deslizando por ela, eu o segui de volta pelo corredor. Eu podia senti-la nos

encarando o caminho todo. A porta dela se abriu novamente e Dan saiu. — Ei, Seph. — Ele passou por nós e deu uma olhada dupla. — Ei, Reece.

— Oi. — Reece acenou, me puxou de volta para o meu quarto e fechou a porta.

— Você conhece o Dan?

— Não.

Reece era apenas alguém que as pessoas conheciam... — Você viu o rosto dela? — Eu sussurrei, envolvendo minhas mãos em torno da caneca quente. Meu olhar de choque refletiu o de Dan quando a fresta da porta foi ficando cada vez menor. Eu ainda estava lá olhando para a tinta branca, querendo ver o olhar em seus rostos enquanto tentavam descobrir por que Reece estava aqui. O número de cabeças que tinham virado na noite anterior, quando as pessoas o viram, confirmou o que eu já sabia: ele era importante no campus e não havia nenhuma razão para ele estar comigo.

— Por que você deixou ela falar com você assim?

Eu me virei e Reece estava muito mais perto do que eu esperava. Minha caneca bateu contra seu peito. Recuei, mas não havia para onde ir, minha bunda bateu na porta, fazendo-a sacudir na moldura.

— Como?

Ele chegou ainda mais perto. As costas dos meus dedos pressionaram contra seu peito. Os batimentos cardíacos dele batiam contra eles.

— Como uma vadia total. — Seus olhos se cravaram nos meus.

— Ela é… — Eu dei de ombros. — Alexa.

— Ela é uma idiota e eu não gosto dela falando com você assim. — A raiva irradiava dele e ele olhou para a porta por cima do meu ombro como se tivesse visão a laser.

Levantando uma mão, segurei seu rosto. — Acalme-se, está tudo bem. — Corri meu polegar em sua bochecha. — Sim, ela é uma vadia, e sim, eu devo me defender mais, mas às vezes é mais fácil ceder. — Meus ombros caíram e abaixei minha mão.

Ele a pegou antes que eu pudesse abaixá-la completamente e a segurou no lugar que estava, sua mão segurando a parte de trás da minha.

— Você não pode deixar as pessoas passarem por cima de você, Seph. Você acha que é mais fácil assim, mas não é. Nunca deixe alguém te tratar pior do que você merece ser tratada. — Seu olhar se fixou no meu como se isso fosse algo que ele não apenas queria que eu ouvisse, mas que eu realmente entendesse.

Eu assenti com a cabeça e ele se aproximou, esbarrando na minha mão. O café derramou sobre a borda da minha caneca e ele assobiou, recuando.

— Desculpa. — Eu corri para o lado e coloquei a xícara na minha cômoda. Abrindo a gaveta superior, peguei a primeira coisa que vi e a usei para limpar seu peito.

— Tá tudo bem. É minha culpa. Não é como se eu não soubesse o que você estava segurando. — Ele cobriu sua mão com a minha e puxou o tecido para fora do meu aperto. Todo o sangue sumiu do meu rosto enquanto ele o segurava no ar.

Por favor, não as roupas íntimas que acabei de comprar. Por favor, não a calcinha de algodão azul com renda. Foi o meu primeiro investimento em cores

emocionantes e brilhantes além do meu gorro. Eu me lancei em direção à ela, mas ele a segurou acima da cabeça.

— Devolve. — Estiquei a mão, pulando na ponta dos pés para alcançá-la.

— Nossa, nossa, nossa, Persephone, olhe para você dando um passeio pelo lado selvagem. — Ele olhou para a roupa íntima pendurada nos dedos no ar.

Pulei o mais alto que pude e peguei a ponta do tecido entre os dedos. O braço de Reece veio ao meu redor e envolveu minha cintura. Sua mão deslizou sob a minha blusa e pousou na pele nua na parte inferior das minhas costas. Meu estômago, exposto do meu top subindo, pousou contra o dele. Nossa luta parou. A acústica do quarto havia mudado ou o meu coração estava batendo como um tambor em uma banda? Nós nos encaramos.

Uma corrente pulsou entre nós. O outro braço dele caiu e a calcinha azul foi esquecida. Ele levantou a mão e correu ao longo da minha nuca exposta. Meus dedos afundaram na suavidade de sua pele, pressionando seu peito firme e musculoso.

Minha língua disparou e correu pelos meus lábios. Havia muitos pontos de contato entre nós para que eu pensasse direito e não o suficiente para satisfazer o novo desejo que desenvolvi nas últimas semanas. Seria apenas saciado pela única coisa que ele me disse que eu não poderia ter. *Ele*.

14

REECE

Normalmente, após uma garota ter acabado de vomitar suas tripas, eu não queria estar em nenhum lugar perto dela, e muito menos de sua boca, mas Seph nunca tinha sido apenas uma garota. Além disso, ela cheirava à menta fresca agora. Meus dedos estavam abertos em suas costas e seu corpo pressionado contra o meu.

Eu esperava que a meia-ereção que eu estava portando pudesse ser atribuída à ereção matinal e não a assustasse. Mas caramba, como você coloca sua calcinha rendada azul na mão de um cara e não espera essa reação? Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria pensado que era uma técnica de sedução, mas com ela eu não tinha dúvida de que ela nem tinha percebido o que estava fazendo - o que estava sempre fazendo quando estava perto de mim: inocentemente me tentando das piores maneiras, as maneiras que me faziam querer dizer: *Foda-se, eu não me importo que sua primeira vez deveria ser com alguém lento e gentil com pétalas de rosa e essa merda toda.*

Alguém bate bruscamente na porta e a abre, como se fosse o lugar deles para invadir. Seph deu um salto para trás, interrompendo a conexão entre nós.

— Ei, Reece. — A cadela da sua colega de quarto estava na porta, com o braço subindo pela moldura de madeira, encostada nela como se fosse um poste de stripper. — Ei, Seph. — Ela mal olhou na direção dela. — Dan e eu íamos tomar um café da manhã e pensamos que talvez vocês dois gostariam de ir junto. — Seus olhos percorreram todo o meu corpo como se eu fosse um bife e ela fosse um cão babando.

— Você está me convidando para o café da manhã? — Seph a olhou como se Alexa tivesse invadido com um cheque enorme da mega sena e dito que ela havia ganhado algo.

— Pensei que seria bom passarmos algum tempo juntas. Quase nunca fazemos isso. — A falta de sinceridade escorria de cada palavra dela.

Peguei meu jeans da cadeira de Seph e o vesti. Abotoando-os, eu me virei. Isso não mudou o olhar faminto nos olhos de Alexa. Eu já tinha sido cobiçado antes, diabos, eu fui tocado, mas isso me deixou desconfortável, especialmente na frente de Seph. Peguei minha camisa da mesa e a coloquei.

— Ela terá que remarcar. Vou levá-la para sair e a quero só para mim. — Peguei os sapatos de Seph e os joguei para ela. Ela os pegou e os colocou novamente.

Empurrando Alexa para fora da porta com o meu corpo, enfiei meus pés nos tênis, meio para dentro, meio para fora, esmagando a parte de trás e nem mesmo os amarrando. Os cadarços arrastaram no chão, mas eu não me importei; Eu precisava tirar Seph de lá. Peguei sua mão e saí para a sala de estar.

A colega de quarto dela continuava tentando descobrir para onde estávamos indo. Entreguei o casaco a Seph e agarrei o meu, depois descemos as escadas e saímos do prédio.

— Ainda estou com as roupas da noite passada. — Disse ela no momento em que atingimos o ar frio de novembro.

— Eu imaginei que você preferiria roupas do dia anterior do que sentar para o café da manhã com ela. — Eu empurrei meu polegar na direção do apartamento

dela.

— Você está certo. — Seph colocou o gorro. Um pouco de estática do tecido fez com que seus cabelos levitassem em volta dos ombros.

Eu ri e a virei para mim. — Parece que você enfiou o dedo em uma tomada. — Correndo minhas mãos pelos cabelos e até o pescoço, tentei controlá-lo.

— É o que acontece quando você me tira do meu apartamento com as roupas da noite passada. — Ela me encarou, mas seus lábios contaram uma história diferente. Então seus olhos brilharam. — Espera, voltei super tarde de madrugada e estou usando minhas roupas da noite passada, isso é uma *caminhada da vergonha*? Estou fazendo a minha primeira caminhada da vergonha? — Ela olhou para cima e para baixo na calçada como se esperasse que um banner se abrisse dando parabéns.

— Geralmente não funciona dessa maneira. Normalmente, você está voltando para casa sozinha, e não é depois de só dormir. — Coloquei as mãos nos bolsos.

Ela enfiou as mãos nos dela. Seus lábios afinaram e as Olimpíadas de cálculo mental estavam acontecendo em sua cabeça.

— Então estamos fazendo uma caminhada dupla da vergonha. — Ela passou o braço pelo meu e me puxou de brincadeira em sua direção.

Quando ela falava assim, quem poderia discordar? — Claro, eu vou te dar essa. Outra coisa riscada na lista, então?

Ela assentiu. — Algo novo é adicionado todos os dias. Coisas que eu nem sabia que existiam são adicionadas toda vez que eu me viro. Isso é muito a ser feito em seis meses.

Eu pensei que eram sete meses, não que isso importasse. Ela iria embora. Eu iria embora. *Não se apegue muito. Não se envolva demais.*

Chegamos a dois quarteirões de distância antes que meu nome fosse gritado atrás de nós. Olhando por cima do meu ombro, eu vi a colega de quarto dela correndo pela calçada com o namorado atrás.

— Você costuma ter esse efeito nas pessoas? — Seph olhou para trás.

— Infelizmente. Algumas pessoas estão sempre procurando o que podem tirar de mim. Eu sei para onde podemos ir. — Guiando-a pelo quarteirão, pedi um táxi no meu celular e nos escondemos até ele parar no meio-fio. Saltando para dentro como se estivéssemos em uma missão de fuga, eu disse ao motorista para onde ir.

~

O leve cheiro de cerveja misturado com abundantes produtos de limpeza me atingiu quando abri a porta. Lar Doce Lar. Como um pombo-correio retornando ao pombal, entrei no Brothel.

Berk desceu os degraus quando eu fechei a porta. Ele protegeu os olhos da luz da manhã e sibilou para mim como um vampiro.

— Bom dia, Berkley. — A voz alegre de Seph cortou o ar, e Berk segurou os lados da cabeça.

— Como diabos você está de pé agora? — Ele gemeu e bateu com o ombro na parede à caminho da cozinha.

— A noite passada te bateu com um pouco com força. — Ela foi até ele e passou o braço em volta da cintura dele, pegando um dos braços dele e passando-o por cima do ombro, ajudando-o pelo resto do caminho. Ele levantou a cabeça e olhou para ela como se ela fosse uma alienígena que caiu na nossa sala de estar.

Uma pequena erupção surgiu no meu peito quando ela colocou as mãos nele. Balançando a cabeça, empurrei o pensamento e tirei meu casaco. *Estamos falando de Berk. Sim, mas também é Seph.*

Um estrondo veio do andar de cima. LJ atingiu o topo da escada como se tivesse sido lançado de um canhão.

— Que diabos? — Ele sentou no degrau mais alto e desceu de bunda no chão.

— Eu disse a vocês dois para irem com calma.

Ele inclinou a cabeça e estreitou os olhos para mim, lentamente se levantando quando chegou ao último degrau. — Risa vai me matar.

— Ela está assando para você de novo? — Eu me inclinei contra o corrimão.

— Ela não é tão ruim assim. — Seu estômago fez um barulho como um cruzamento entre um pântano borbulhante e um lobisomem se transformando. Ele pulou do último degrau e correu para o banheiro do andar de baixo, batendo a porta atrás de si.

Seph levou Berk até a cozinha, onde ele se apoiou no balcão.

— Pelo menos eu não sou a única que vomitou. — A voz de Seph provocou um gemido de Berk, assim como um de LJ pela porta fechada.

— Faça parar. Faça ela parar. — Berk curvou-se e balançou a testa de um lado para o outro no balcão.

— Relaxe, vou fazer o café da manhã. Vai ajudar você a se recuperar. — Empurrei do corrimão e atravessei a sala de estar.

A descarga foi acionada e LJ saiu do banheiro. — Alguém disse café da manhã?

— Você não acabou de vomitar?

— Exatamente, agora meu estômago está vazio. — Ele olhou para mim, balançando a cabeça como se todos soubessem o quanto as pessoas ficam famintas depois de um vômito sólido de três minutos.

— Você vai ajudar? — Eu olhei para Seph.

O sorriso dela se iluminou e ela assentiu. — Você pode me fazer um favor? Por mais que eu tenha gostado da nossa caminhada da vergonha...

Os olhos de LJ se arregalaram como um personagem de desenho animado atrás dela.

— Você tem algo que eu possa usar? — Ela puxou a bainha dela, agora enrugada e amarrotada.

— Claro, eu posso encontrar algo para você. Vamos subir. — Guiei-a para os degraus.

LJ murmurou: *Que diabos?* e acenei para ele, virando minha cabeça para encará-la quando ela olhou para mim.

Nossos passos subiram as escadas de madeira irregulares. A cabeça de LJ pendeu tão baixo enquanto ele nos observava subir os degraus, que tropeçou e quase plantou o rosto no chão. Isso foi o que ele conseguia por ser um idiota.

— É esse aqui. — Abri a porta do meu quarto e a deixei entrar. A pilha de roupas na minha cama ainda estava lá, a mesa bagunçada ainda coberta de livros e papéis. Eu me encolhi com o quão diferente isso era do seu lugar imaculado. Meu arsenal de armas Nerf caiu no chão quando a porta se fechou com uma batida.

— O que é isso?

— Nada. — Eu os chutei sob uma pilha de roupas sujas. O sofá no canto continha meu equipamento e ainda mais roupas.

Ela provavelmente estava com medo de pegar alguma doença só por estar lá.

— Uau. — Girando lentamente em um círculo, seu olhar varreu tudo.

— Desculpa, eu não estava esperando ninguém. — Peguei uma braçada de roupa e abri meu guarda-roupas com o pé, jogando-as em cima do meu tênis.

— Não limpe por minha causa. Eu só estava pensando o quanto isso parece um verdadeiro quarto de faculdade. Você tem até o calendário de garotas nuas.

Corri pelo quarto e bati no calendário para ele cair da parede. Deslizou direto para debaixo da minha cama. — Berk me deu como uma piada.

— Não fique envergonhado. Ela era muito bonita.

Ela não é nada comparada a você.

Seph sentou na minha cama, pulando algumas vezes com os braços atrás dela, se apoiando. O aviso tocando na minha cabeça poderia muito bem ter sido um megafone. Eu deveria ter entregado a ela algum short e uma camiseta no corredor e a apontado para o banheiro. Tê-la no meu quarto, na minha cama - foi um passo longe demais, uma tentação muito difícil de resistir.

— Deixe-me pegar algo para você se trocar. — Eu me virei e abri minha gaveta do meio. — Não há muitas coisas que sirvam. — Eu levantei a grande bola de roupas e as empurrei para o lado.

— Você tem uma escova?

— Não, mas eu tenho um pente. Talvez deva estar em algum lugar da minha cama. — Assim que ela saisse, eu iria limpar este lugar.

Sob o emaranhado de moletons, camisetas e calças, havia uma camisa dobrada. Estava no fundo com um par de meus velhos moletons do ensino médio que se misturaram com minhas roupas quando o semestre começou.

— Não vai parecer melhor, mas aqui está o que eu tenho. — Girei e as roupas escorregaram dos meus dedos. Me recuperando, eu as peguei no ar e fiquei lá congelado.

Os cabelos de Seph caíam em ondas ao redor de seu rosto, mais do que eu esperava, como no clube, mas agora eu podia ver todos os tons de marrom claro e escuro. Ela passou os dedos pelos fios.

Abaixei as roupas na frente do meu jeans, esperando não fazer um buraco direto através dele.

Ela olhou para mim com o sol brilhando através da minha janela e iluminando seus cabelos como uma auréola. — Eles parecem perfeitos. — Ela fez movimentos de pegar com as mãos e dedos.

Tropeçando como se minhas pernas tivessem adormecido, cheguei mais perto

até ficar ao lado dela.

— O que foi? A bebida está atingindo você agora? — Ela pegou o pente ao lado dela e passou pelos cabelos. Inclinando a cabeça para um lado, ela agarrou as pontas, tirando os emaranhados.

Eu limpei minha garganta. — Não, eu estou bem. — Colocando as roupas na cama ao lado dela, vi seus dedos trabalharem, liberando o resto de seus cabelos. — Você quer alguma ajuda?

Seus olhos se iluminaram e ela sorriu. — Claro. Não sei por que ainda faço isso. Como um passatempo, eu acho. — Virando as costas para mim, ela penteou a frente dos cabelos.

Meus dedos tremiam. Flexionando-os, respirei fundo. Eu segui o trabalho dela, desenrolando a última trança na parte de trás da cabeça dela. Seus fios macios e sedosos roçaram minhas mãos. Passei as pontas dos dedos ao longo de seu couro cabeludo, passando-as pela pele.

Sua cabeça caiu para trás e ela soltou um gemido. — Ah, isso é bom. — Seu gemido baixo poderia muito bem ter sido ela envolvendo os dedos em volta do meu pau e me puxando para frente.

Fiz isso de novo, deixando meus dedos explorarem seus cabelos, massageando seu couro cabeludo. Seus pequenos sons de apreciação fizeram o sangue bater nas minhas veias.

— Reece, se apresse! Meu estômago está se comendo. — Berk chamou do andar de baixo.

Sua cabeça se levantou e ela olhou por cima do ombro para mim com os olhos arregalados. Nosso momento acabou, e eu estava chutando minha própria bunda por dizer não a ser o primeiro dela. Na minha cabeça, essa era a escolha certa, a mais honrosa, não que eu tivesse sido particularmente honroso ao longo da minha vida, mas inferno, eu queria ser aquele cara para ela.

— Então comece a comida você mesmo. — Eu gritei de volta para ele. Saindo da cama, coloquei as roupas no colo dela. — Encontro você lá embaixo. — Olhei para ela da porta enquanto ela penteava o resto do cabelo. — Bacon e ovos estão bons para você? Também podemos ter alguns bagels lá embaixo.

— O que você fizer, tenho certeza que será perfeito.

Assentindo, fechei a porta atrás de mim e fiquei do lado de fora. Minha cabeça encostou na porta. Eu não queria nada mais do que voltar correndo para dentro, arrancar suas roupas e me enterrar dentro dela até o único nome que ela se lembrasse fosse o meu. E foi exatamente por isso que eu precisei descer minha bunda e parar de pensar no fato de que Seph ficaria nua no meu quarto nos próximos minutos, sobre o quão macio seus cabelos estavam em minhas mãos. Eu poderia me imaginar envolvendo meus dedos em volta dele antes de arrastá-lo pelo pescoço exposto, ainda suado depois de lhe dar o orgasmo mais explosivo de sua vida.

Eu corri escada abaixo. *Pare de pensar nisso.* Eu daria a ela os outros primeiros, o máximo que eu pudesse, porque se eu desse muito, eu não seria capaz de me impedir de nunca querer parar.

15

SEPH

A contenção de Reece estava me matando. Se ele não fosse tão cavalheiro, eu poderia ficar nua no meio do quarto até que ele fizesse algo a respeito. Ele continuou dizendo que minha primeira vez deveria ser especial. Não havia dúvida em minha mente que ele poderia ser o único a torná-la mais do que especial - o único a torná-la perfeita.

Seu quarto era o estereótipo típico de um cara: pôsteres de filmes, pilhas de roupas por toda parte e muito mais tênis do que eu imaginava, todos alinhados ordenadamente em fileiras dentro do guarda-roupas aberto.

Tirando minhas roupas, tremi quando o ar fresco varreu minha pele. Peguei a roupa que ele separou para mim. Provavelmente eram as únicas em todo o quarto que estavam dobradas. E não, eu não as segurei no nariz como uma perseguidora - tudo bem, talvez eu tenha feito isso, mas só um pouco. Elas cheiravam à grama recém-cortada, como alguém que passava a maior parte do tempo fora na natureza, suando, trabalhando em algo que amava.

Dobrei minhas roupas velhas e as empilhei na cama. Vestindo a camisa, eu me olhei no espelho em sua mesa e imaginei por um segundo que eu era sua namorada rolando para fora da cama e vestindo suas roupas.

As calças de moletom levaram um pouco de destreza para apertar o cordão e enrolar a barra, mas funcionou. Com minhas roupas debaixo do braço, peguei meus sapatos no chão. Eles balançaram nos meus dedos enquanto eu descia as escadas. As vozes da cozinha se filtraram sobre o rangido dos degraus.

— No quarto dela no chão? — A voz de Berk me fez congelar.

— Por que isso é tão difícil de acreditar?

Eu me inclinei contra o corrimão, certificando-me de que eles não pudessem me ver.

— Você já teve uma festa do pijama platônica antes?

— Claro, muitas vezes.

— Deixe-me reformular isso. Desde os doze anos de idade, você já teve uma festa do pijama platônica?

Houve um silêncio e mais panelas batendo e a torneira da cozinha sendo aberta.

— Isso foi o que eu pensei. Então, qual é o problema? Ela é gostosa, pode aguentar o álcool, como você ainda não transou com ela até não aguentar mais?

Não é, Berk?! Pelo menos havia alguém na equipe “Reece Deveria Transar com Seph”. *Espera, Berk acha que eu sou gostosa?*

— Eu não estou falando sobre isso com você. — A voz de Reece era tensa e forte. Panelas e frigideiras batiam juntos.

— Por que diabos não? Eu conto tudo sobre quando eu consigo algo. — Berk falou como se estivesse mastigando alguma coisa, abafado por um sorriso.

Olhei através das cavilhas de madeira do corrimão e estiquei o pescoço.

— Mesmo quando imploramos para você não fazer isso. — LJ empurrou os ombros de Berk.

— Só porque Marisa tem suas bolas nas mãos.

— Você não saberia como é se preocupar com alguém mesmo se isso lhe desse um tapa na cara.

— Certo, LJ, é por isso que você está correndo atrás dela e colocando sua carreira em risco *se preocupando*. Você está esperando muito tempo por ela.

— Tudo tem que ser sobre sexo? Ela é minha amiga, é minha amiga desde muito antes de eu te conhecer.

— Então você não se importará se eu convidá-la para sair. A bunda dela é incrível e os seios são melhores ainda.

LJ pulou de seu assento tão rapidamente que ele mal era um borrão. Ele bateu Berk contra a geladeira. A coisa toda sacudiu e uma caixa de cereal tombou, atingindo-o na cabeça. Berk levantou as mãos em sinal de rendição.

— Não chegue perto dela. — LJ empurrou as mãos, que ainda estavam fechadas na camisa de Berk, contra o peito.

— Apenas amigos, hein? — Berk deu outra mordida no pedaço de pão na mão.

— Posso bisbilhotar também? — O sussurro afiado fez cócegas nos cabelos do lado do meu pescoço.

Eu pulei e gritei. Segurando minha mão no meu peito, eu me virei. Nix sentou no degrau ao meu lado, esfregando as mãos sobre os olhos e girando o ombro. Minhas bochechas estavam prontas para queimar espontaneamente. *Tão ferrada.* Minha boca se abriu e fechou como um peixe fora d'água.

— Eu não quis bisbilhotar. Eu só não queria interromper.

— Não se preocupe com isso. — Ele bocejou e esticou os braços sobre a cabeça.

Reece apareceu ao meu lado nos degraus com uma panela nas mãos.

— Você vem ajudar ou está se aproveitando como o resto deles? — Ele gesticulou para os caras com a panela, manteiga fervendo apetitosamente.

— Eu vou ajudar. — Aproveitando minha chance de escapar, pulei da escada. Os olhos de todos os outros estavam em mim e eu esperava que as chamas não os queimassem muito quando meu rosto incendiou. Colocando minhas roupas no sofá, eu o segui até a cozinha.

— Você quer fazer os ovos? Eu vou fazer o bacon.

— Ovos, tudo bem. — Eu disse e abri o pacote de vinte e quatro.

Nix veio atrás de mim e ligou a máquina de café. Ele pegou uma caneca do armário e empurrou-a sob a máquina.

— Para onde você desapareceu ontem à noite? — Berk deu outra mordida no pão.

— Me encontrei com um amiga.

— Uma amiga que precisava de ajuda com a entrega de um pau.

Uma risada saiu da minha boca antes que eu pudesse parar. Todo mundo ao meu redor congelou, e o único som era o bacon escaldante na panela na frente de Reece.

Dei de ombros.

— O que? Foi engraçado. — Quebrando um ovo em uma tigela, eu mantive minha cabeça baixa.

— Como se eu precisasse de outro motivo para gostar de você, Seph. — Berk riu atrás de mim. — Ela gosta de piadas sujas também. Diga-me, Seph, por que um cara de sorte ainda não te reivindicou?

— Provavelmente porque eles sabem que nunca poderiam corresponder à

quantidade ridícula de pesquisa que ela fez sobre todas as possibilidades e eventualidades da vida. Ela é uma enciclopédia ambulante de conhecimento humano.

Era isso o que eu era? Eu tinha assustado todo mundo, assustado Reece porque ele tinha medo de não estar à altura?

Eu quebrei todos os ovos e os mexi com um garfo. Ligando o fogão, acrescentei mais manteiga na panela e esperei derreter.

Os caras batiam e pulavam pela cozinha em seus estupores de ressaca. Misturando os ovos com cuidado, levei-os para cima e para fora do fogo para garantir que eles não cozinhassem muito rápido e queimassem. Eu estava ombro a ombro com Reece, mas ele parecia a quilômetros de distância. Mais uma vez me senti como uma observadora do espaço tentando me encaixar.

— Você está quieta. O que foi? — Ele abaixou a cabeça, tentando chamar minha atenção.

— Meu estômago não está muito bom. Eu acho que ovos mexidos foram uma péssima escolha. — A mistura que antes era irregular e se tornou fofa não estava realmente revirando meu estômago, mas era uma desculpa melhor do que “eu estou preocupada por ter te assustado demais para tentar algo comigo”.

Ele olhou de mim para a panela.

— Deixe-me assumir. Você pega o bacon. O sal será bom para você.

Assentindo, fui para a panela cheia de tiras estalantes e escaldantes. Roubei um pedaço do prato coberto de toalha de papel e fechei os olhos no segundo em que ele bateu no meu paladar. Era como música tocando na minha boca.

— Não é justo, Seph está roubando bacon. — A cadeira de Berk derrapou no chão da cozinha.

— Você tem cinco anos? — Nix se inclinou contra o balcão com a caneca na mão, lendo um jornal dobrado.

— E você tem quantos, cinquenta? Quem mais lê o jornal?

A cabeça de Nix se levantou.

— Há muitas informações boas aqui, a seção financeira e os esportes também. Melhor do que zonear na frente da uma tela.

A cabeça de LJ surgiu de trás do seu celular.

— Sinto-me pessoalmente atacado.

Berk e Reece riram. Reece recuou do fogão e me cercou. Seu peito pressionou contra as minhas costas quando ele abriu o armário ao meu lado e puxou alguns pratos. Meu coração acelerou e eu me mantive imóvel para não me esfregar contra ele como uma cadela no cio. Ele cheirava tão bem. Mesmo depois de uma noite fora e dormindo no meu chão, ele cheirava como ar livre e seu próprio aroma especial.

~

Duas semanas de primeiras vezes depois, tínhamos marcado sobremesas para o jantar com cupcakes de uma padaria perto do campus, Bread & Butter. Eu precisava encontrar aquele lugar, tipo para ontem. Chocolate, baunilha, veludo vermelho. Eu tinha mordido cada um deles. *Tão delicioso*. O café da manhã no jantar em uma lanchonete era rabanada a noite toda e, o melhor de tudo, jantar no café da manhã, que era pizza de pepperoni gelada. Quem sabia que tinha um sabor tão bom? Nosso tempo juntos ficou mais frequente. Não pensava duas vezes em ligar ou mandar uma mensagem para ele.

Ele era meu amigo assim como o resto dos caras, e isso me assustou porque todos aqueles sentimentos que eu tentei enterrar quando se tratava dele continuavam borbulhando. O que aconteceria quando tudo terminasse? Eu perderia não apenas ele, mas os únicos outros amigos que eu tinha feito até agora.

Reece agarrou a parte de trás do meu casaco quando eu abri a porta do bar. A luz neon piscando no teto parecia saída dos filmes. Ele me puxou de volta e eu escorreguei, batendo em seu peito.

— O que você está fazendo?

— Eu quero entrar aqui.

— Isso parece um bar em que você deseja estar?

Estiquei o pescoço e olhei para a placa.

— Sim.

Ele bateu a mão na testa.

— Você não vai entrar aí. Por que não voltamos ao The Vault?

— Nós já estivemos lá. Quanto da cidade você realmente explorou?

Seus lábios se apertaram quando eu disse as palavras que ele falou antes do desastre da aula de natação. Soltando o suspiro de um homem de mil anos, ele balançou a cabeça.

— Tudo bem, mas se eu disser que precisamos sair, precisamos sair.

— Sim, chefe. — Eu o saudei e abri a porta. A mistura de cerveja e bebida flutuava sobre nós. Eu entrei. Havia cabines e mesas, e o bar à direita tinha muitas garrafas atrás dele. Ao contrário do The Vault, elas não eram iluminadas nas prateleiras de vidro e a música era mais antiga.

Reece manteve a mão no cotovelo do meu casaco como se ele tivesse que me apressar fora dali a qualquer momento, como se fosse minha escolta do Serviço Secreto.

Havia mesas de sinuca ao fundo, com pouca iluminação pairando sobre cada superfície verde coberta de feltro. O barman atrás do bar virou-se para nós com a mão dentro de um copo alto, passando uma toalha sobre ele.

Eu me virei para ele e Reece me apertou mais, me afastando em direção as cabines.

— O que você pensa que está fazendo? — Ele perguntou.

— Eu estava indo buscar um menu.

Sua mão deslizou para a parte inferior das minhas costas, dedos a centímetros da minha bunda. Eu nunca amaldiçoei tanto a lã grossa do meu casaco.

— Por que você simplesmente não pede que ele nos expulse?

— Eu entrei no clube em que fomos.

— Com meu amigo que olhou para você como se estivesse inspecionando um

saco de pão em busca de mofo e deixou passar.

Reece me guiou em direção às mesas de sinuca. Passei a mão pelo feltro.

— Quer jogar? — Examinei as paredes em busca de tacos.

— Talvez devêssemos encontrar outro lugar para você mostrar seu lado selvagem, Criança Selvagem. — Seu olhar disparou ao redor do lugar.

Eu respirei fundo. *Criança Selvagem.* Tia Sophie chamou minha mãe de selvagem dias atrás. Parecia apropriado.

— Está bom aqui. Já tivemos algum problema até agora? — Inclinei-me, procurando debaixo da mesa os tacos de sinuca.

— Bom jeito de azarar isso. — Ele murmurou baixinho.

— Se você quer a mesa, sempre pode jogar conosco por ela. Até lhe emprestarei meu taco da sorte. — Um cara com uma tatuagem de dragão no pescoço estendeu um taco de sinuca.

Reece balançou a cabeça tão bruscamente que parecia que ele poderia torcer o pescoço.

Meus dedos estavam a uma polegada da madeira longa e fina quando ele me puxou de volta.

— O que você está fazendo? — Ele sussurrou no meu ouvido.

— Vou jogar pela mesa. — Era exatamente como em um filme. Eles eram tubarões da sinuca. Nós não estávamos jogando por dinheiro, então o que importava?

Suas sobrancelhas afundaram e ele se inclinou para mais perto. Por que ele tinha que cheirar tão bem? Eu queria me esfregar contra ele como um gato, ronronando minha apreciação por sua preocupação, mas também queria impressioná-lo.

— Você já jogou sinuca antes?

— Eu estudei muito. É tudo sobre o ângulo e inércia. Eu tenho isso. — *Quão difícil poderia ser?* Passei o giz sobre a ponta do taco de sinuca enquanto os outros caras arrumavam as bolas em um triângulo.

Reece estava atrás de mim, empoleirado na beira de um banquinho, parecendo pronto para a ação ao primeiro sinal de problema.

— O que você acha de tornamos isso interessante? — Nariz Torto sorriu para o amigo e voltou-se para mim.

Minhas sobrancelhas se contraíram e eu mordi meu lábio inferior. Olhando por cima do ombro, vi Reece balançar a cabeça um pouco com os olhos arregalados.

Eu me virei para os caras na minha frente.

— O que você tem em mente?

REECE

De pé no meio do bar, com as mãos em concha sobre o meu pau, vestindo apenas botas, meias e boxers, olhei a parte de trás da cabeça de Seph quase fazendo um buraco.

Suas bolas listradas estavam espalhadas por toda a mesa de bilhar como crianças abandonadas. O volume no bar aumentou quando mais pessoas entraram, e nosso jogo chamou ainda mais atenção do que o normal por causa, sabe, do cara quase nu em pé ao lado da mesa, ou seja, eu. Seu oponente afundou

a bola oito no caçapa lateral.

Tirando delicadamente meus sapatos, tirei minhas meias e as joguei na minha pilha de roupas em um banquinho de bar. Graças a deus, eu tinha usado uma regata por baixo da camisa ou teria que escolher entre deixar meus sapatos ou minha cueca para trás.

Seph olhou para mim com uma expressão de dor.

Apertei meus lábios e a observei do outro lado da mesa como um filhote de cachorro com o rabo entre as pernas.

O cara contra quem ela jogou pegou minha pilha de roupas.

— Obrigado por isso. Jogo legal. Volte a qualquer momento. — Ele e o amigo riram e levaram minhas roupas para quem sabe onde. Provavelmente a lixeira nos fundos.

— Ângulos e inércia, hein? — Cruzei os braços sobre o peito. Ficar com os mamilos à mostra na frente de um bar cheio de pessoas não era exatamente minha ideia de diversão.

— Isso foi um pouco mais difícil do que eu esperava.

— Não me diga, Criança Selvagem.

— Pelo menos você ainda está com seu casaco? — Ela o levantou com um sorriso vencedor.

Puxei-o fora de seu alcance e coloquei meus braços nele.

— Agora só tenho minhas boxers batendo ao vento.

— Eles são fofas. É do Pikachu?

— Todo o resto estava sujo. — Eu resmunguei baixinho. Os corpos que enchiam o bar bloquearam a brisa fria passando pelas minhas pernas. Algumas pessoas levantaram a cabeça e olharam para a minha cueca amarela e azul. Fiquei tentado a ficar em pé na mesa de sinuca e deixar todos darem uma boa olhada. Eu tinha certeza de que a especialista em mídia do nosso treinador estouraria um vaso sanguíneo se isso acabasse nos jornais.

Olhei para a direita e balancei a cabeça com o olhar dolorido de Seph. Eu quase me sentia mal por ela se não pudesse ver sua luta interna com as pequenas linhas de riso em seu rosto ficando tensas a cada segundo.

— Desculpe, tudo bem. Deixe-me comprar uma bebida para você. — Ela passou o braço pelo meu e me puxou para o bar. Batendo cotovelos como se ela estivesse no campo comigo, ela fez uma pequena abertura. As pessoas se viraram e olharam para ela, depois me viram, tudo de mim, e se afastaram. Parecia que tudo o que você precisava fazer para conseguir uma vaga em um bar lotado era aparecer de cueca e jaqueta. Ou talvez eles soubessem que eu realmente precisava de uma bebida com a minha aparência.

— Isso vai levar muito mais do que uma bebida para compensar. Aqueles eram meus jeans favoritos. — Apontei de volta para a pilha de roupas em cima da mesa entre os dois tubarões da sinuca.

— Oh não. — Seus olhos se arregalaram, a preocupação gravada profundamente em seu rosto. — Você quer que eu tente recuperá-los?

Agarrei seu braço quando ela se virou, procurando pelos caras.

— Pra você tentar o dobro ou nada? Não, obrigado. Gostaria que pelo menos um de nós saísse daqui com a nossa dignidade intacta.

— Ninguém está olhando para você.

— Eu estava falando de você. Você foi detonada lá.

Ela se inclinou, acenando com o dedo para chamar a atenção do barman. Cobri o seu dedo estendido com a mão e empurrei para baixo contra o bar.

Quando ela olhou por cima do ombro, suas sobrancelhas se afundaram.

— Estou nos pedindo algumas bebidas.

— O que você vai fazer quando ele pedir para ver sua identidade? — Eu sussurrei em seu ouvido.

— Vou dizer a ele que deixei no carro. — Ela mordeu o lábio inferior.

— Suas habilidades em mentir precisam de um pouco mais de aprimoramento. Afaste-se e deixe o adulto lidar com isso.

— O adulto em roupas íntimas do Pikachu. — Ela murmurou, mas se afastou para me deixar pegar algo para beber.

Eu pedi, me certificando de pegar algo com cereja para ela. Me virando, encostei no balcão, descansando minhas costas no corrimão.

— Se tivesse sido uma competição de xadrez, eu teria dado um chute no traseiro dele. — Seu cérebro provavelmente explodiria sob o esforço de não ganhar nada.

— Por que não estou surpreso? — O ruído atrás de mim sinalizou a chegada de nossas bebidas. Ela me entregou uma nota de vinte e eu coloquei no balcão. O barman olhou para ela desconfiado e lentamente deslizou a cerveja e a Tequila Sunrise - com cerejas extras, é claro - na minha direção. Equilibrando as duas em uma mão, a peguei pelo cotovelo e a guiei para longe do balcão. Vimos algumas pessoas saindo e deslizamos para a cabine vazia.

— Eu geralmente não sou tão merda assim.

— Que linguagem tão severa, Seph. E não brinca. A maneira como essa veia se elevou ao longo do jogo seria quase agradável se eu não estivesse tirando minhas roupas a cada bola perdida.

A mão dela subiu até a testa.

— Eu não tenho uma veia protuberante.

Tomei um gole da minha cerveja.

— Nunca disse que estava na sua testa.

Ela fez uma careta para mim e tomou um gole de sua bebida. O rosto dela enrugou e depois mudou para algo mais contemplativo.

— Isso não é ruim.

— Não foi isso que seu rosto disse um segundo atrás.

— É um novo sabor. Me surpreendeu, eu acho. — Ela tomou outro gole. Era como se seus cálculos mentais dos sabores e sentimentos embalados no copo fossem categorizados em milissegundos.

— Há muitas coisas novas por aí para você experimentar. — *Como eu.*

Ela arrancou uma cereja de sua bebida, e meu olhar estava concentrado em todos os seus movimentos. Completamente inconsciente da minha atenção, ela enfiou o caule na boca e seu queixo se moveu para frente e para trás. Seus lábios franziram e ela balançava ao som da música.

Erguendo os dedos, ela puxou o caule com nós duplos. *Me foda. Quero dizer, não me foda, mas porra.*

A noite continuou com mais algumas bebidas, iluminação escura no bar e música ao fundo. Tinha todos os ingredientes de uma noite que eu tinha tido

tantas vezes antes, mas desta vez foi diferente.

Os olhos de Seph se arregalaram e ela deixou o pequeno canudo preto cair de seus lábios. Eles brilhavam na luz fraca. Eu queria passar o polegar sobre o de baixo, prová-lo. Balançando a cabeça, tentei afastar esses pensamentos.

— Eu amo essa música. Podemos dançar? — Ela estava fora da cabine e de pé, me puxando para fora da minha cadeira antes de dizer a última palavra.

Nós fomos lá. Ela se moveu como se não conseguisse o suficiente de cada nota, como uma pessoa que estava trancada e só recentemente descobriu a energia bruta de uma batida insana e uma melodia infecciosa. Ela segurou minhas mãos, levantando-as no ar enquanto dançava, desinibida como se raramente estivesse em outro lugar. Ela não se importava que estivesse dançando com um cara de cueca, nem parecia notar os olhares estranhos que nós dois atraímos; ela estava viva e feliz. Não pude deixar de sentir que estava sendo incluído em algo especial, como se estivesse com alguém especial.

Talvez tenham sido as bebidas que lhe deram uma desculpa para ser um pouco mais corajosa ou talvez o fato de que ninguém nos conhecia, mas ela dançou como se ninguém estivesse olhando. A labareda de ciúmes ardeu intensamente e eu a puxei para perto.

A música mudou, a música de dança substituída por algo mais lento.

As mãos dela envolveram meu pescoço.

— Eu me diverti hoje à noite.

— Claro que você se divertiu. Estou aqui de cueca e casaco, como uma garota que aparece para surpreender o namorado dela.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, expondo mais o pescoço, as longas linhas suaves e a maneira como a pele corada brilhava. A falta de calça era totalmente aparente para mim com ela em meus braços. Isso também significava que não havia nada para manter o tesão furtivo que tentava se formar e me envergonhar. Limpando as lágrimas dos olhos, ela colocou a mão de volta no meu pescoço.

— Você vai jogar isso na minha cara para sempre, não vai?

Tensionei todos os meus músculos para impedir que meu pau respondesse a essa pergunta com uma batida contra seu corpo.

— Você está tão tenso. — Ela passou os dedos ao longo da parte de trás do meu pescoço.

Isso não estava ajudando. Estava tão longe de ajudar que ela poderia muito bem ter me incendiado.

— Me desculpe, eu fiz você permanecer fora depois que perdeu todas as suas roupas. — Seus dedos brincaram com os cabelos na parte de trás do meu pescoço.

Meus braços se apertaram ao redor dela, correndo pequenos círculos ao longo de suas costas com meus polegares, a mesma pele que senti sob as pontas dos dedos naquela manhã no meu quarto.

— Não é nada demais. É como estar de sunga.

— Obrigada por vir comigo. — Ela olhou nos meus olhos como se eu tivesse pendurado a lua e as estrelas só por tomar uma bebida com ela.

— Você nunca tem que me agradecer. — Seus lábios brilhavam sob as luzes que cintilavam atrás do bar. Mais pessoas se mudaram para a pista de dança, e eu usei isso como desculpa para segurá-la mais próximo.

— Até mesmo quando eu perco suas roupas.

— Especialmente quando você as perde. Pense nas histórias épicas que poderei contar sobre a época em que Seph foi contra os tubarões da sinuca e fui arrancado das minhas roupas. — Sorri e engoli. O pomo de adão balançava para cima e para baixo. Eu nunca quis beijar alguém mais do que naquele momento, parado no meio de uma pista de dança lotada com nada além de minhas boxers de Pikachu, dançando com uma mulher que era diferente de qualquer pessoa que eu já conheci. Ela ficou tão plena e completamente sob a minha pele que eu não sabia como eu existia antes de conhecê-la.

Os lábios dela se separaram. Meu coração bateu no meu peito como punhos em um saco de pancadas, cada baque fechando a distância entre nós.

— Reece?

— Sim.

Em um flash, seus lábios estavam nos meus. Apertei minha mãos em volta da cintura dela e corri uma pelas sua costas, pressionando-a com mais força contra o meu peito. Ela tinha gosto de Tequila Sunrise e uma doçura que fez minha cabeça revirar. Sua boca se abriu, os lábios se separaram, e eu nunca fui uma pessoa de deixar uma oportunidade inexplorada.

Cada parte de mim queria abraçá-la, queria fazer disso um beijo especial, fazer cada toque um que ela desejasse, porque eu estava lentamente me tornando um viciado e não queria ser o único. Algumas semanas antes, eu teria sido capaz de resistir a ela. Recuar não seria um esforço hercúleo, mas agora eu não podia fazer isso. Não dessa vez. Eu não era tão forte.

Suas mãos estavam nos meus cabelos, me puxando ainda mais perto, explorando minha boca com a língua enquanto eu a levantava. A música mudou novamente e mais pessoas lotaram a pequena pista de dança.

Eu a coloquei no chão e nos separamos. Ofegante, com o pulso acelerado nas veias, olhei nos olhos dela. Ela olhou de volta para a minha, chocada como se eu tivesse acabado de jogar uma bomba no centro da pista de dança.

— Acho que eu devo ir.

16

REECE

— Você geralmente quer sair de manhã cedo, mas está muito frio para isso. — Soltei minha linha e houve um puxão suave quando a isca de pesca atingiu a água. O beijo tinha sido tudo o que eu conseguia pensar desde aquela noite. Ela me evitou na semana passada ou eu a estava evitando? Não falar um com o outro por tanto tempo pareceu estranho e constrangedor depois de entrar em um ritmo fácil de ver ou conversar um com o outro todos os dias.

Eu sentia falta de suas perguntas fora do comum, que muitas vezes faziam os caras rirem, e como ela se iluminava sempre que tentava algo novo. Eu sentia falta de vê-la. Eu sentia falta dela. Fazer a ligação sob o disfarce de outro primeiro foi minha chance para testar as águas, para ver se eu tinha estragado as coisas permanentemente ou se elas poderiam ser reparadas.

Seus pés balançavam para frente e para trás na pequena ponte não muito longe da casa dos meus pais, e ela brincou com o carretel antes de soltá-lo como eu tinha mostrado a ela. Ela assistiu todos os movimentos que eu fiz e me fez repetir cerca de quinze vezes para ter certeza de que ela acertaria.

Com sua linha lançada, ela esfregou o queixo no ombro. — Eu não achei que você me ligaria depois da aventura no salão de bilhar.

O beijo. O beijo que de alguma forma afastou qualquer outro beijo que eu já tive e me fez esquecer cada par de lábios que não o dela? Era essa a aventura que ela estava falando?

Cascalho foi triturado quando um carro fez barulho na estrada. Salvo pelo carro - ou assim eu pensei. Minha expressão caiu quando o familiar capô despontou no topo da pequena colina diante da ponte. Olhando para a margem do riacho cerca de três metros abaixo de nós e meu carro a três metros de distância, eu sabia que não havia como me esconder. Coloquei o capuz da minha blusa de moletom e rezei por um milagre, como se talvez o motorista estivesse com cegueira temporária.

— Alguém está vindo? Vamos ser presos? — A voz de Seph disparou tão alto que provavelmente havia cães uivando à distância. Soltando a vara, ela se apoiou na beira da ponte.

— Pior.

Agarrei as mãos de Seph, que se apertaram contra a grade como se ela estivesse prestes a ficar toda *fugitiva* comigo e saltar para o riacho, depois nadar pela água como se houvesse cães atrás dela.

A caminhonete parou bem no meio da ponte. — Você realmente achou que o capuz ia me impedir de reconhecer você? — Essa voz que eu conhecia tão bem veio pela janela aberta do passageiro.

— Eu esperava. — Empurrando meu capuz para trás, eu balancei minhas pernas sobre o outro lado da grade. A pequena bola de pavor no meu estômago cresceu. Eu estava na merda. Olhando para Seph, levantei minha cabeça em direção a caminhonete.

Seu rosto caiu como se eu estivesse a levando até a forca.

— Você tem sorte de que fui eu passando e não seu pai. Como você tirou as varas de pesca do galpão sem que ninguém te visse?

— Eu tenho meu jeito. — Estendi meu braço e o pressionei contra as costas de Seph para segurá-la quando ela se aproximou da caminhonete.

Minha mãe estacionou o veículo e se inclinou sobre o banco do passageiro, colocando a mão pela janela. — Eu sou Mary, mãe de Reece. E você é?

— Seph. — Sua voz saiu como um misto de um chiado e uma exalação de alívio.

— Reece trouxe você até aqui para pescar?

— Ele... eu sempre quis pescar, então ele foi legal o suficiente para me trazer.

— Você odeia pescar. — O riso na voz de mamãe combinava com a careta profunda no meu rosto. — Espere até seu pai ouvir sobre isso.

— Eu já pesquei antes.

Seph olhou para mim e ela descobriu minha intenção.

— Não pense que você vai fugir sem vir em casa para jantar, e você precisa limpar esses ganchos antes que seu pai os veja.

Droga, fuga limpa dificultada pela mãe. *Isso vai ser divertido.*

SEPH

Chegamos à casa dos pais de Reece e havia três carros na entrada da casa de tijolos vermelhos de dois andares. Havia persianas de ripas azuis em ambos os lados das janelas voltadas para a rua e uma porta vermelha brilhante que fazia parecer algo retirado de um cartão da Hallmark.

Havia luzes de Natal coloridas espalhadas pelas calhas e por todo o telhado, mesmo que ainda não fosse o Dia de Ação de Graças. Personagens de desenhos animados infláveis com chapéus de Papai Noel balançavam de um lado para o outro na brisa suave do inverno.

Reece desligou o carro. Suas mãos se apertaram ao redor do volante. — Esteja preparada. Minha mãe vai te bombardear com perguntas. Você não precisa responder. Minha irmã provavelmente vai querer que você a ensine a trançar o cabelo dela como o seu.

— E seu pai? — Meu estômago deu um nó. Se ele fosse como o meu, provavelmente seria melhor se eu apenas esperasse no carro.

— Ele vai gostar de você, já que você não sabe nada sobre futebol.

Sua mãe chegou à porta da frente e acenou para nós.

Ele soltou o volante e saiu do carro. Peguei minha bolsa do chão e ele correu pela frente do veículo, abrindo a porta para mim.

— Se ela perguntar se você é minha namorada, apenas diga a ela… — Ele olhou por cima do ombro. Voltando para mim, ele lambeu os lábios, sua respiração saindo em pequenos sopros. — Apenas diga a ela que as coisas são novas e não estamos colocando um rótulo. — Ele olhou para a casa.

— Desculpe, eu fiz você me trazer aqui.

— Convidei você, lembra? Vamos comer um pouco de comida, minha irmã vai tirar sarro de mim, mamãe e papai vão tentar esconder as mini sessões de beijos de todo mundo, e eles vão falhar. Esse é o resumo básico de como vão ser as coisas. Esteja preparada.

Eu assenti. De alguma forma, isso era mais assustador do que todos os outros

primeiros: primeiro jantar em família. Estive em encontros com o pessoal departamento de matemática, até alguns pequenos jantares na casa dos professores, e, é claro, jantei com meus próprios pais, mas isso também poderia ter acontecido com estranhos pelo quanto que conversamos. Normalmente, era o meu pai falando comigo e me dizendo no que eu errei naquele dia.

Isso era algo totalmente diferente.

— Vamos. — Reece estendeu o braço com as varas de pesca e me deixou ir primeiro. A outra mão dele pousou nas minhas costas, e os sentimentos quentes que atingiram meu corpo pareciam se depositar ali mesmo em minhas bochechas. Nosso beijo na pista de dança foi melhor do que eu imaginei.

Não foi o meu primeiro. Meu primeiro beijo foi na verdade algo que eu já tinha feito. Não há necessidade de incluir isso na minha lista. Tinha sido em um museu durante a noite com outros adolescentes. Eu implorei que mamãe me levasse e ela convenceu meu pai a nos deixar ir.

Fingindo que ia dar uma olhada no esqueleto do T-Rex, saí com um garoto que sorria para mim toda vez que olhava para ele durante a visita. Voltei para o meu saco de dormir limpando a baba do meu rosto.

Talvez eu não devesse ter contado isso.

— Seph, estou tão feliz em conhecê-la. — Sua mãe me abraçou como se fôssemos amigas se reunindo. Ela me balançou para frente e para trás antes de me soltar e recuar para que pudéssemos entrar na casa.

O calor lá dentro não era só da temperatura. Havia quadros nas paredes, e cada criança tinha uma moldura com onze pequenos recortes ovais em torno de um maior. As pequenas molduras ovais foram preenchidas com suas fotos em diferentes idades, e a maior oval foi da formatura do ensino médio. Imagens cobriam todos os espaços disponíveis nas paredes, risos e felicidade enchendo todos os cantos.

— Leve isso para a despensa, — disse sua mãe, sem sequer olhar para ele. Ela segurou minhas mãos nas dela. Elas eram quentes e macias e me lembraram minha mãe, mas seus gestos não foram sufocados e contidos.

— Você é a primeira garota que consegui convencer Reece a trazer para casa.

— Eu não acho que ele é o tipo de cara *que traz garotas para casa para conhecer a mãe*. — Eu me encolhi. Esta era a mãe dele, o que eu estava dizendo? — Quero dizer… — Minha boca abriu e fechou, tentando e não conseguindo formar as palavras, quaisquer palavras para empurrar o que eu tinha dito de volta em minha boca.

— Ah sim, meu filho, o homem das mulheres. Eles podem ser assim até encontrarem a pessoa certa. — Ela olhou para mim como se eu fosse essa pessoa.

— Querida, por que Reece está na garagem com minhas varas?

A voz profunda atrás de mim fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Ele ia ficar nervoso. Eu me preparei.

Ele andou ao meu redor e colocou a mão na parte de trás do pescoço da mãe de Reece. Eu me encolhi, meu pescoço doendo. Em vez de apertar ainda mais, ele gentilmente a trouxe para perto e pressionou os lábios contra o lado da cabeça dela.

— Você conhece Reece, sempre se metendo em problemas. — Ela sorriu para

ele como se não houvesse mais ninguém no mundo.

— E quem é essa? — Seu olhar se voltou para mim. Em vez de estreitar, seus olhos estavam abertos e acolhedores, como os de Mary.

— Eu sou Persephone - Seph. — Estendi minha mão.

A sua envolveu a minha e ele a cobriu com a outra. — Prazer em conhecê-lo, Seph. Eu sou John. — Suas mãos estavam quentes, mas ásperas, os calos nos dedos e palmas das mãos esfregando contra a minha pele. Ele se parecia muito com Reece, com os mesmos olhos verdes e cabelos escuros.

— Ela é amiga de Reece, com quem ele estava pescando. — Mary deu-lhe um olhar conhecedor.

John soltou um assobio. — Pescando, hein?

Ela assentiu.

— Bem, isso diz muito. — Ele olhou dela para mim. — O que você sabe sobre futebol, Seph?

Franzi o nariz e abaixei a cabeça. — Não muito. Desculpe. Reece mencionou que você jogou, mas eu não posso nem fingir saber muito sobre qualquer coisa que ele diz sobre futebol.

— Não se preocupe com isso. Mary era exatamente da mesma maneira quando a conheci. — Ele passou o braço em volta do ombro dela e a abraçou mais perto.

— Você vai entender com o tempo, quer você queira ou não. — Ela riu. — É melhor você entrar na cozinha. Aquela torta não vai assar sozinha. — Ela bateu no traseiro de John, nem um pouco dissimuladamente, e o empurrou em direção à cozinha. — Ele faz a torta de chocolate mais deliciosa que eu já experimentei na minha vida. — Seu rosto brilhava de orgulho e amor quando ela disse isso.

Engoli de volta as emoções apertando minha garganta com força. Era assim que as famílias deveriam ser? Por alguma razão, era mais fácil pensar que esse era apenas o caso em programas de TV e filmes.

— As varas estão limpas e guardadas. O que eu perdi? — Reece surgiu atrás de mim. Ele olhou de seus pais para mim e suas sobrancelhas franziram. — O que há de errado? — Ele passou o braço em volta do meu ombro como seu pai tinha feito com sua mãe. Seu polegar correu ao longo do meu braço, um movimento reconfortante que só piorou. Isso duraria por seis meses no máximo. Ele estava indo jogar profissionalmente e não tinha interesse em uma namorada.

— Nada. Estou bem. Sua mãe estava me falando sobre a torta de chocolate do seu pai. — Parecia que eu estava empurrando as palavras para fora através de um canudo de coquetel. Eu ampliei meu sorriso e estendi meu braço na direção de seus pais.

— Ninguém me disse que a torta de chocolate estava na jogada.

— Se eu soubesse que isso era o suficiente para trazê-lo para casa, eu teria o seu pai fazendo ela todos os dias. — Mary e John desapareceram na cozinha.

Reece virou-se para mim. — Você tem certeza que está bem?

Eu acenei para ele. A porta da frente se abriu e uma figura da mesma altura que Reece entrou.

— Mamãe disse para trazer minha bunda aqui. Eu pensei que era apenas por causa da torta. — Ele puxou Reece para um grande abraço.

— Deveria saber que ela não ficaria quieta e ligaria para você. Seph, este é

meu irmão Ethan. Ethan, Seph. — Ele passou o braço em volta do ombro do irmão e o sacudiu.

Ethan estendeu a mão para mim, mas o gesto não cobriu a surpresa em seus olhos. Sob o boné que ele usava, seus olhos olharam de mim para Reece e de volta. — Prazer em conhecê-la, Seph.

Ficamos na sala de estar. Tentei oferecer minha ajuda na cozinha, mas isso foi rapidamente recusado pelos pais de Reece. A irmã dele me perguntou sobre as tranças, e eu tentei mostrar a ela o melhor que pude. Era estranho fazer isso em outra pessoa, como eu imaginava que seria fazer em uma irmãzinha.

Todos nos sentamos para comer e a refeição foi a melhor comida caseira que já comi há muito tempo.

Estendendo a mão para entregar o prato de torta para sua irmã, minha mão bateu contra um copo de vinho. A queda foi em câmera lenta, pelo menos em minha mente. O líquido vermelho saiu, espalhando-se por toda a toalha de mesa branca.

Meu estômago caiu e eu pulei, derrubando minha cadeira. Agarrando meu guardanapo, enxuguei o derramamento. — Eu sinto muito. Sinto muito. — Repeti as palavras diversas vezes enquanto o medo arranhava meu intestino.

No momento em que derrubei uma taça de vinho e ela se espatifou no chão na casa dos meus pais, fui repreendida por uma hora inteira com meu pai quase empurrando meu rosto no que foi derramado como um animal desobediente e me feito sentir que eu nunca seria capaz de fazer nada certo.

Mesmo quando eu peguei o copo e esfreguei o líquido, a mancha continuou crescendo, e o formigamento das lágrimas coçavam meus olhos. — Se você tiver um pouco de refrigerante, eu posso tirar a mancha. Vou tirar, juro.

Ninguém se mexeu. Todo mundo ficou parado, olhando para mim.

Eu me encolhi quando Reece cobriu minha mão com a dele. Deslizou até o meu braço e ele me forçou a parar minha tentativa frenética de limpar. — Seph, está tudo bem. Pare.

Eu olhei por cima do ombro para ele. A preocupação se instalou profundamente em seus olhos. Olhei em volta da mesa para todos os outros.

— Querida, está tudo bem. Não há nada para se preocupar. Essa coisa foi usada tantas vezes, estou surpresa que não tenha desmoronado até agora. Realmente, não se preocupe com isso. — O sorriso gentil de sua mãe quase me quebrou.

Engolindo o nó na garganta, tentei empurrar a humilhação para baixo. Reece endireitou minha cadeira.

— Se vocês me dão licença, eu preciso usar o banheiro. — Eu saí da mesa e fui para o banheiro no corredor, embora o que eu realmente queria fazer era correr pela porta da frente.

Depois de me olhar no espelho, abaixei a cabeça, descansando as mãos no lado da pia. Houve uma batida suave na porta.

— Seph, sou eu. — A voz de Reece soou através da madeira.

Eu abri a porta. — Eu sinto muito. Diga a seus pais que vou limpar a toalha de mesa ou substituí-la, e que sinto muito por estragar o jantar. — A ponta da histeria que eu derrotara ao jogar água fria sobre os pulsos estava de volta com força e trouxe alguns amigos. — Eles estão realmente chateados?

Ele abriu a porta e deslizou para dentro, fechando-a atrás dele. Envolvendo suas mãos em meus braços, ele me abraçou. — Estou lhe dizendo, não surte. Ninguém se importa.

Eu descansei minha cabeça em seu peito. Ele cheirava a noz-moscada e chocolate, como o Natal, como o tipo de feriado que eu sempre esperava ter. Risos vieram do outro lado da porta. Meus músculos ficaram tensos. Eu quase o perdi, inferno, eu poderia dizer com segurança que o perdi. A família dele deve ter pensado que eu era louca.

— Eles não estão rindo de você. Eles provavelmente estão rindo do novo corte de cabelo de Ethan. Ele está usando aquele boné por um motivo.

Soltando-o, eu mordi meu lábio inferior.

— Demore o tempo que precisar aqui. Saia quando estiver pronta, mas saiba que todos estarão falando de você enquanto você estiver aqui e se perguntando que tipo de problemas intestinais você tem que a manteve presa por tanto tempo. — Ele sorriu e disparou porta à fora.

Olhando-me no espelho, me dei a melhor conversa animada que pude sob as circunstâncias. — Talvez um meteoro perdido caia em você no caminho até lá. — Respirando fundo, abri a porta e voltei para a cozinha, devagar o suficiente para que um evento astrológico imprevisto pudesse me tirar da minha miséria. Infelizmente, cheguei à sala de jantar totalmente intacta.

Quando cheguei lá, todo mundo estava terminando sua torta. Reece ajudou seu irmão a reunir pratos e os levou até a cozinha. Eu fiquei perto da porta.

— Seph, nós guardamos um pedaço de torta. — Mary acenou para mim e deu um tapinha no assento ao lado dela.

— Você não precisava fazer isso. — Eu contornei a mesa.

— Claro que precisava. A torta de John é algo que ninguém deve perder. — Ela se aproximou como se isso fosse um segredo entre nós, um segredo entre amigas. — Como você acha que ele me fez sair com ele?

Sentei-me ao lado dela e dei minha primeira mordida na torta. O sabor rico e profundo do chocolate me fez sentir como se estivesse dando voltas em uma caneca gigante de chocolate quente.

— Agora você pode ver por que eu casei com ele?

— Certo? Quem poderia recusar uma torta assim?

Reece saiu com um copo de leite. — Com isso fica ainda melhor. — Nossos dedos roçaram um no outro quando ele passou a caneca para mim, e ele não recuou desta vez. Ele não afastou a mão e colocou uma distância entre nós. Todos os olhares e toques que eu tentei evitar pensar muito vieram correndo de uma vez.

Caí em algo que não conseguia descrever. O que eu pensava que poderia ser explicado pela ciência e pela bioquímica tinha me surpreendido. Foi uma reação química. Meu corpo estava pegando todas essas novas experiências e anexando níveis loucos de hormônios a elas, fazendo eu me sentir assim. Reações químicas ou não, eu não conseguia tirar Reece Michaels da minha cabeça.

17

REECE

[ ] rugido da multidão era uma lembrança distante quando caminhei pelo túnel em direção ao vestiário lotado. Minhas mãos ainda doíam com a última captura do jogo. Nix tinha um braço infernal. Ele arremessou a bola a quase sessenta jardas de distância, e o calor nela fez minhas mãos coçarem.

Todo mundo riu e aplaudiu outra vitória incrível em nossa coluna, suas vozes ecoando no bloco e no túnel de concreto. Os fãs entraram na área e pararam os caras para tirar fotos. Flashes dispararam quando vinte pessoas seguraram seus celulares. Eu fiquei para trás. Os grandes sorrisos, a emoção irradiando de todas as pessoas ao meu redor - eu geralmente estava bem no centro, mas hoje eu recuei.

Estávamos mais perto do que qualquer equipe do campeonato nacional em quase dez temporadas, mas não foi esse status que tornou difícil dormir nas últimas noites.

Seph já devia estar no apartamento dela agora. Ela disse que assistiria ao jogo, mas isso não significava que ela estava dizendo isso apenas para me fazer sentir melhor ou que tinha alguma ideia do que havia acontecido. Restavam apenas dois jogos na temporada. Eu a queria nas arquibancadas me observando no campo.

Eu queria que ela me visse na linha de cinquenta jardas com milhares de olhos de fãs em mim, arrasando e passando por defensores como se fossem recortes de papelão. Uma pequena parte de mim queria que ela se orgulhasse. Qualquer um que falasse com ela poderia dizer em um minuto que ela não era como mais ninguém. Sua mente trabalhava de maneiras misteriosas e brilhantes, embora ela fosse uma merda em jogar sinuca. Eu não queria que ela pensasse que eu era apenas outro atleta idiota.

Era uma coisa estúpida para se preocupar. Nos vermos era sobre a lista dela. Coisas que eu nem prestava atenção, ela apreciava e olhava com olhos arregalados de excitação. Observá-la conquistar seus medos, respirando fundo antes que ela aceitasse, me fez olhar para tudo de uma maneira diferente.

Nesse momento, eu provavelmente estava ansioso por algumas de suas primeiras vezes, porque mal podia esperar para ver como ela reagiria. Não era *já fiz, passou* com ela, porque ela não fazia. Isso era mais do que riscar itens da sua lista e passar por emoções.

Ela sempre seria alguém com um lugar especial no meu coração - isto é, nas minhas *memórias*. A contagem regressiva que pairava sobre nossas cabeças tornou cada primeira vez ainda mais especial. Isso me fez querer torná-los especiais para que ela não se esquecesse de mim.

Esta noite, outro item da lista dela estava sendo marcado, um do qual eu não tinha certeza de estar preparado. Eu saltei para cima e para baixo na ponta dos pés, apertando as mãos, tentando afastar os nervos.

— Onde você está indo? — O treinador gritou atrás de mim.

— Me trocar? — Minha mão envolveu a maçaneta da porta.

— Temos uma coletiva de imprensa para ir.

Os planos que eu pusera em movimento estavam finalmente prontos. Meu estômago apertou e eu queria avançar a próxima hora entre agora e quando eu

batesse na porta dela. Esta noite mudaria tudo, mas era isso que eu precisava fazer. Eu estava lutando contra o que estava sendo construído entre nós por tanto tempo, e eu não podia mais fazer isso.

Eu poderia fazer isso por ela, principalmente porque o pensamento de outra pessoa ser o seu primeiro me fazia querer quebrar alguma coisa, mas o que acontece depois disso? Eu balancei minha cabeça; eu me preocuparia com isso mais tarde.

— Você pode fazer isso sem mim? — Meu olhar disparou em direção à porta do vestiário.

O treinador olhou para mim como se eu tivesse perguntado se ele me daria um soco no pau.

— Depois daquela bola que pegou? Você está fora de si. Toda oportunidade na frente da imprensa é outra chance para ajudá-lo a ser convocado e para criar um nome para Fulton. Leve sua bunda para lá. — Ele colocou a mão firmemente no centro das minhas costas e me deu um pequeno empurrão. *Bastardo insistente.* Ele estava certo, no entanto. Tomar o meu lugar na frente das câmeras para mostrar que eu não era a merda que todo mundo tinha tentado me pintar no final da temporada passada, mostrar que eu poderia ser um jogador de equipe era um aumento nas minhas chances de recrutamento.

Sentado na frente dos repórteres, minha perna saltou para cima e para baixo debaixo da mesa. Só havia espaço em pé na coletiva de imprensa. Era o que acontecia quando você estava apenas a alguns jogos do campeonato nacional. Câmeras alinhadas na parede traseira. Repórteres com passes de imprensa pendurados no pescoço seguravam blocos de notas ou tablets nas mãos. Todos os olhos estavam focados em nós atrás da mesa, na frente dos microfones.

Nix olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. Seu olhar caiu para minhas mãos nas minhas coxas, apertando-as para me dar paciência para superar isso. Nix jogou a bola. Eu peguei. Fim.

A última pergunta foi respondida e eu pulei da minha cadeira, quase a derrubando. Coloquei-a de volta embaixo da mesa e fui para o vestiário, tirando minha camisa antes mesmo de entrar. Agarrando uma toalha, não parei até pisar sob o jato quente do chuveiro, estabelecendo um novo recorde de velocidade para o banho mais rápido conhecido pelo homem.

De volta ao meu armário, amarrei os cadarços do meu tênis e fiquei sentado no banco, esperando por Nix. Verificando a hora, arrumei tudo na minha bolsa. Nix saiu do chuveiro alguns minutos depois.

— Por que você está tão feliz? — Berk olhou para Nix, seu rosto uma máscara de suspeita.

O estalo agudo da toalha voou na frente do meu rosto.

— Acabamos de ganhar um jogo, não é o suficiente?

— Você sempre parece o mesmo, ganhando ou perdendo, como se estivesse pagando uma dívida ou algo assim, mas está todo sorridente ultimamente.

Não tinha tempo para isso, eu descobriria o que diabos estava acontecendo com Nix mais tarde.

— Qual é a grande pressa? — Berk olhou para mim com grandes olhos zombeteiros.

Eu olhei para Nix. — Está tudo pronto?

— Tudo pronto. Não se preocupe com nada, e me ligue se tiver algum problema.

— O que está pronto? — O olhar de Berk disparou de mim para Nix.

— Nada para você se preocupar. — Peguei minha bolsa.

— Desde quando guardamos segredos?

— Sim, Reece. Vimos a coletiva de imprensa, parece que alguém está ansioso para sair daqui hoje. Eu me pergunto o porquê. — LJ bateu o dedo no queixo.

— Cala a boca.

Quando finalmente cheguei ao prédio dela, esperei que o elevador mais lento do mundo me levasse ao seu andar antes que fosse hora de receber minha aposentadoria. Enfiei as mãos nos bolsos e balancei-me nos calcanhares. As portas finalmente se abriram e eu corri para fora.

Limpando as mãos no meu jeans, respirei fundo. Levantando meu punho para bater na porta, eu parei quando ela abriu antes de eu tocá-la.

Uma Alexa de rosto azedo saiu, quase batendo em mim. — Ela tá tocando isso há meia hora e está me deixando louca.

Tocando o quê? Seph era secretamente uma gamer? Eu podia imaginá-la encolhida em seu quarto com o joystick tentando terminar cada fase da maneira mais perfeita possível.

Alexa bufou, claramente querendo atenção ou simpatia. Como se eu me importasse com qualquer coisa que a irritasse. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ela se virou, jogando o cabelo no meu rosto e correu para o elevador.

Eu olhei para ela. Como diabos Seph aguentou ser sua colega de quarto por tanto tempo? Entrando no apartamento, fechei a porta atrás de mim. Os sons, que eu gostei, de alguém tocando música clássica no corredor não vinham dos alto-falantes, afinal. Eles estavam vindo do quarto de Seph.

Toda vez que eu pensava que tinha uma pista sobre ela, ela mudava as coisas. Aparentemente, ela também era uma musicista. Eu jurei que ela tinha mais talento em seu dedo mindinho do que a maioria das pessoas em todo o corpo. Como eu não sabia disso sobre ela? Como ela não havia mencionado isso antes?

A melodia clássica era parte familiar e totalmente nova. As notas eram lindas, serpenteando em um *crescendo* que me dava arrepios. Enquanto eu ouvia, mais eu reconhecia, as letras flutuando na minha cabeça. Ela pegou e transformou em algo diferente. Ela dominava isso.

Empurrando a porta entreaberta do quarto, entrei. Ela estava de frente para a janela, mas seus olhos estavam fechados. Os dedos dela voavam pelas cordas. O balanço de seu corpo ao ritmo da música era hipnotizante.

Vê-la assim adicionou mais uma coisa à crescente montanha que a fazia diferente de qualquer pessoa que eu já conhecera antes. Seu cabelo estava em um estilo diferente de tranças. Era sua própria coroa; ela era como algo nobre despencado no meio de tanta coisa normal.

Seus dedos voaram mais rápido sobre as cordas quando a música alcançou seu *crescendo*, e os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. *Eu poderia passar os próximos cinquenta anos com essa garota e ainda aprenderia mais sobre ela a cada dia.* Esse pensamento enviou um choque pelo meu corpo. Ela terminou a música e eu a encarei, extasiado. Esse era o tipo de coisa que eu não deveria estar pensando. Eu queria dizer que isso me fez repensar meus

planos para a noite, mas como as raízes tivessem brotado dos meus pés, eu não conseguia tirar os olhos dela. Eu poderia ter a observado para sempre, poderia ter deixado ela me mostrar mais sobre quem ela era e retirado as camadas que vestia como um escudo.

Ela arrastou o arco pelas cordas, mexendo os dedos e criando um *vibrato* na nota final.

— Isso foi inacreditável. — Eu aplaudi depois da minha apresentação privada.

Ela pulou com minhas palavras e se virou. A mão dela apertou o peito, mas ela relaxou lentamente e um sorriso se espalhou pelo rosto, o mesmo tipo que mantinha os pensamentos sobre ela eclipsando todos os outros.

— Como você entrou aqui? — Ela colocou o violino na cama ao meu lado, abrindo o estojo.

— Sua colega de quarto estava saindo e ela me deixou entrar.

— Mais como fugindo.

— Mais ou menos.

— Ela me pediu para parar e eu disse a ela que terminaria em trinta minutos. — Seu sorriso travesso fez meu peito inchar de orgulho. — Eu me sinto mal por sujeitá-la a isso.

— Sujeitá-la a música mais linda que eu já ouvi? — Eu poderia ouvi-la o dia todo, todos os dias.

Ela abaixou a cabeça e deslizou o arco no estojo. — Você não precisa dizer isso para me fazer sentir melhor.

— Quem está fazendo isso? Isso foi incrível, e eu nem gosto de música clássica.

— Para o ouvido destreinado, talvez, mas meus dedos estavam desleixados.

Eu deixei essa passar. — Você não estava sujeitando ninguém a nada. As pessoas deveriam pagar para você tocar para elas.

Ela me deu o tipo de sorriso que você dá a uma criança pequena antes de dar um tapinha na cabeça e dizer para eles irem embora.

Estendendo a mão, cobri a sua com a minha enquanto ela fechava o estojo do violino. — Sério, eu não estou falando da boca para fora. — Meu polegar percorreu ao longo das costas de sua mão, sua pele tão suave sob o meu toque calejado. Um formigamento se espalhou pela minha pele, do tipo que só acontecia quando eu estava perto dela, do tipo que me manteve acordado à noite revivendo o beijo no bar e a sensação dela contra mim na pista de dança.

Seus lábios se separaram e ela olhou nos meus olhos. Suas pupilas dilataram e seu corpo inteiro parou. Ela limpou a garganta e puxou a mão debaixo da minha. — Você jogou uma ótima partida. — Ela sentou na cama com o estojo de violino entre nós.

— Você assistiu? — Eu olhei para ela.

— Eu te disse que iria. Eu não quebro promessas. — Ela olhou para mim como se a pergunta doesse. — Tentei ler o máximo que pude sobre as regras e tudo, mas acho que você terá que me explicar as coisas.

— Isso eu definitivamente posso fazer, mas não agora. Eu tenho uma surpresa para você.

Os olhos dela brilharam de excitação. — Que tipo de surpresa? — Eu podia

praticamente vê-la esfregando as mãos. Uma parte de mim se perguntou se eu era uma diversão temporária para ela. Ela tocava violino. Ela estava se formando na faculdade aos dezenove anos. Ela era um gênio da matemática e se dirigia ao seu doutorado. Eu corria por um campo e pegava uma bola, mais rápido que a maioria, sim, mas uma jogada errada e minha carreira acabava.

Terminada a excitação de sua lista de primeiras vezes, ela ainda teria um uso para mim? Eu estava pensando demais nas coisas com da pior maneira, da maneira que me torcia em nós e tornava difícil dormir ou me concentrar em algo diferente de quando eu a veria em seguida.

— Uma surpresa da sua lista.

Ela pegou o casaco. Eu segurei e ela deslizou os braços para dentro, sorrindo para mim por cima do ombro. Seus lábios estavam tão perto dos meus. O gosto e a sensação deles estavam gravados em minha alma.

Deslizando minha mão para a dela, eu a conduzi para fora de seu apartamento. Abri a porta do lado do passageiro para ela e corri para o meu lado. O motor ronronou e eu parei no trânsito, indo em direção ao nosso destino.

— O que está acontecendo com você? Você ganhou o jogo, certo? Não sei muito sobre futebol, mas sei ler as pontuações.

Minhas mãos apertaram o volante. — Você está certa. Nós ganhamos.

— Então por que você está tão quieto? — Ela olhou para mim, tentando chamar minha atenção.

Porque eu quero te beijar novamente. Quero fazer mais do que beijar você de novo e quero que esta noite seja especial. Não quero estragar tudo e fazer você se arrepender. — Por nada.

Ela colocou a mão no meu braço. Os dedos dela apertaram e massagearam o local. — Você não precisa continuar me ajudando com as coisas da lista. Podemos assistir a um filme ou pegar algo para comer.

— Você vai adorar. Como você sabe que eu não estou fazendo isso para me divertir? — Eu dei a ela um sorriso tenso e virei meus olhos de volta para a estrada. Se eu não tomasse cuidado, me distrairia e destruiria o carro. Meu corpo cantarolava na expectativa de chegar aonde estávamos indo exatamente como fazia antes de um jogo.

Ela deixou cair a mão no colo.

— Estamos quase lá. Como você se sente em experimentar uma piscina novamente?

As sobrancelhas dela se contraíram junto com o nariz no rosto coberto por confusão. — Eu não trouxe minha roupa de banho.

Meu sorriso era real agora, e eu não poderia ter segurado mesmo se quisesse. — Ah, eu sei.

18

SEPH

Nós paramos na esquina de uma casa e quando Reece acendeu os faróis, eu olhei para ele. Ele deu aquele sorriso diabólico e saiu do carro.

Pegando a minha mão, ele caminhou pela calçada em direção a uma casa colonial branca de três andares. Em vez de caminhar até a porta da frente, ele desceu a entrada para o portão lateral. Quando ele pulou a cerca, meu coração saltou na minha garganta.

— Pule. — Ele estendeu os braços para me ajudar.

— E se formos pegos? — Olhei por cima do ombro.

— Não é esse o ponto?

Eu engoli contra a pedra na minha garganta. Respirando fundo, agarrei o topo da cerca. Meus pés escorregaram na madeira, mas eu encontrei um sulco para enfiar o pé e, entre isso e os braços dele, eu consegui. Nós tropeçamos para frente, e eu agarrei seu casaco quando minha bochecha bateu em seu ombro. Quando eu olhei para ele, nossos lábios estavam a centímetros de distância.

Lambi o meu e ele se endireitou, me levando com ele.

— Vamos. — Ele pegou minha mão e me puxou pela lateral da casa. Olhando por cima do ombro, olhei de volta para a segurança do carro, me perguntando sobre a sentença mínima de prisão por arrombar e entrar em propriedade privada.

Nos fundos da casa havia uma linda piscina azul cintilante. Vapor subia da superfície da água; era aquecida. Luzes azuis pontilhavam nas laterais e no fundo, dando uma aparência de oásis de verão no auge do inverno.

— O que nós estamos fazendo aqui?

— Nadar pelado está na sua lista, lembra? — Ele se sentou em uma das espreguiçadeiras e tirou as botas.

— Você não pode estar falando sério. — Eu sussurrei.

— Mortalmente. — Ele abriu o zíper do casaco e puxou a camisa por cima da cabeça. Os músculos de seu estômago se contraíram quando o ar gelado os atingiu. Ele virou as costas para mim, a vasta extensão me fazendo querer passar as mãos sobre ela.

Seus jeans caíram junto com sua cueca. Eu me virei, tentando não pensar em sua bunda tonificada. E, oh, que bunda era. Uma gota de água quente atingiu meu rosto, que rapidamente se transformou em um respingo frio quando o ar gelado a esfriou. O som agudo dele batendo na água foi a única coisa que ouvi sobre o barulho estrondoso do meu coração.

— Eu vou virar de costas. Fique nua, Criança Selvagem. Onde eu estou tem menos de um metro e meio de profundidade. Lembre disso e você ficará bem.

A lembrança da nossa última vez em uma piscina voltou para mim, mas desta vez foi diferente. Ele estava diferente, e não havia dúvida em minha mente que eu estaria segura desta vez.

Olhando para ele, eu respirei profundamente. Olhei em volta para a cerca alta de madeira branca ao redor das laterais da piscina. Além dela, havia árvores altas ao longo da borda da propriedade, tanto quanto eu podia ver. Muitas casas no caminho estavam com as luzes apagadas. Não havia nenhum som além de nós por enquanto.

— Estou me virando e cobrindo os olhos. — Ele girou na água e fez um grande show ao colocar as mãos sobre o rosto.

Meus dedos trêmulos tentaram deslizar os botões do meu casaco três vezes antes de finalmente desfazer o primeiro. A partir daí, as coisas foram mais rápidas. Eu tirei meu casaco. Desabotoei minha camisa. Abri o zíper da minha calça e hesitei antes de tirar minha calcinha. Tirando meus sapatos, pulei do concreto frio para a piscina e me afundei na água. O vento frio me forçou a entrar mais rápido, congelando os nervos. Um formigamento se espalhou por todo o meu corpo quando a água aquecida bateu no meu peito.

Ele se virou e gotas de água grudaram em seus cílios.

Ele nadou para mais perto de mim. O toque lírico de seu corpo cortando a água fez meu estômago revirar. Seu olhar mergulhou para o meu sutiã roxo.

— Isso é trapaça, mas eu vou permitir. — Seu dedo arrastou ao longo da minha clavícula, passando-o sob a alça do meu sutiã. Arrepios subiram ao longo dos meus braços e eu mordi meu lábio inferior. — Você sabe que terá que ficar sem sutiã quando se vestir. — Seus lábios se transformaram em um sorriso de gato de Cheshire. Ele nos moveu até minhas costas baterem na parede da piscina.

Meu rosto caiu. — Merda.

— Não posso dizer que estou reclamando disso. — Afastando-se da parede, ele nadou em direção ao centro da piscina. Eu levantei minha mão, estendendo-a para ele. Eu o queria na minha frente de novo, tão perto que eu podia sentir seu perfume de banho recém-tomado, mesmo sobre o cloro da piscina.

Meu coração voltou ao ritmo normal depois de vinte minutos na água. Nada ia me pegar do fundo da piscina. Jogamos uma versão sussurrada de Marco Polo. Tivemos uma corrida até a beira da piscina, nos mantendo na extremidade rasa. Nossas risadas ricochetearam nos muros que nos cercavam e todo traço de medo relacionado ao afogamento se foi, mas toda a parte de estar nua na piscina de um estranho ainda estava muito presente.

— Não devemos ir logo? E se eles voltarem para casa? — Eu olhei para as janelas escuras da casa de três andares a alguns passos de distância. Havia uma casa de hóspedes de um andar perto de onde havíamos nos despido. Provavelmente era maior que a casa de muitas pessoas.

— E se eles voltarem? — Ele nadou mais perto. A água cobriu suas costas e ombros. Ele me enjaulou entre os braços e os degraus.

As costas dos meus joelhos atingiram o concreto e minha bunda atingiu a superfície do degrau. — Você vai ter muito o que explicar sobre o porquê de estarmos aqui nus.

Ele se aproximou, seus quadris fazendo contato com minhas pernas. Eu relaxei, deixando o fluxo e refluxo suave da água separar minhas coxas - ou talvez isso fosse tudo eu. Eu tinha sido muito boa em não espiar debaixo da água o que exatamente Reece estava carregando, mas isso não significava que eu não tivesse tido um vislumbre ou dois.

Recostei-me nos degraus, apoiando os cotovelos no próximo mais alto.

Ele sorriu largamente e se aproximou. Suas mãos estavam logo acima dos meus ombros, roçando contra a minha pele, e não eram apenas as mãos que estavam se fazendo presentes.

Contra o tecido úmido da minha calcinha, houve o empurrão insistente de um instrumento perigoso. Incapaz de me conter, meu olhar disparou para baixo. Suas coxas musculosas esfregaram contra a pele sensível entre as minhas pernas. Eu peguei meu lábio entre os dentes. A pressão e o beliscão no meu lábio foram suficientes para me impedir de envolver minhas pernas em torno dele e puxá-lo para a frente.

A única coisa que eu queria desde o início estava tão perto. Ele moveu seu corpo contra o meu. A cutucada de sua cabeça no meu ardente núcleo quente quase me fez gemer. Por que ele estava me torturando? Eu podia sentir o quanto ele queria isso; ele não podia? Meu clitóris latejava com cada toque do seu pau contra mim. Mordi um gemido que ameaçava escapar da minha boca.

— Há algo que preciso lhe contar. — O movimento suave da água era agoniante quando entregamos nossos corpos a ela.

— O quê?

Seus lábios estavam a centímetros dos meus, cheios e macios. Ele era partes iguais de masculinidade e carinho cru, que me fizeram quase sair da minha pele. Meu corpo estava pegando fogo por ele e eu queria que ele me devorasse. Eu sabia que ele faria da minha primeira vez algo que eu nunca iria querer esquecer.

— Acho que ouvi um carro estacionando na garagem.

Minha cabeça disparou para cima e eu me inclinei, quase batendo na cabeça dele.

— Ai meu Deus! — Eu levei minhas mãos sobre minha boca. *E se eles me ouvissem?*

Saindo da piscina, corri em direção às minhas roupas. Ele estava certo, como diabos eu iria colocar tudo isso com minha roupa íntima molhada? O vento gelado flutuou na frente do meu rosto.

Reece pegou tudo em seus braços. A água no chão instantaneamente virou gelo e nós escorregamos ao longo do concreto ao redor da piscina. Em vez de se virar para voltar para a garagem, ele virou à direita, direto para a porta da casa de hóspedes.

Agarrei seu pulso e tentei puxá-lo para trás. — Nós não podemos entrar lá.

— Onde mais devemos ir? — Ele me puxou em direção à porta. Sua mão estava na maçaneta e girou. O clique da abertura da trava fez meu coração disparar. Sem alarme. Sem sirenes. Corri para dentro e ele fechou a porta atrás de nós.

— Não acredito que fizemos isso. — Empurrei seu ombro enquanto ele espiava pela porta.

Ele se virou e me encarou. A água pingava dele e os respingos no chão eram os únicos sons sobre a nossa respiração.

— Nós vamos ser presos. — Meu pai me buscaria e me levaria de avião para Boston antes que eu pudesse piscar.

— Nós não vamos ser presos. — Ele largou nossas roupas na cadeira ao lado da porta. — Nós ficaremos bem. Ninguém nem acendeu as luzes da casa.

Passando por mim, ele caminhou mais para dentro da casa. Peguei minhas roupas da pilha. Havia uma pequena porta no final do corredor, talvez um closet. Eu encontraria uma toalha para me secar e depois sairia dali. Ao abri-la, suspirei aliviada ao ver as toalhas azuis claras cuidadosamente empilhadas. Eu peguei

uma, planejando dobrá-la quando terminar, para que ninguém soubesse.

Eu pulei ao som agudo de uma rolha sendo puxada. — Você está bebendo o vinho deles? — Minha boca ficou aberta.

Reece ficou atrás do balcão e largou o saca-rolhas.

— Está aqui. — Ele deu de ombros e serviu dois copos.

Ele realmente perdeu a cabeça. Eu tinha ouvido falar de pessoas em situações de alto estresse agindo de maneira estranha, mas esse era outro nível de insanidade. Não querendo pingar ainda mais água em tudo e com medo mortal de ser pega por invasão e roubo me fez correr de volta para minhas roupas.

— Não acredito que você está fazendo isso. Você vai nos fazer sermos pegos. E se algo acontecer e você for preso? Como vai jogar nesta temporada? Eles podem te expulsar do time.

Tentando minimizar meu gotejamento de água, virei as costas para Reece e estendi a mão para trás para soltar o sutiã. Normalmente, tirar a roupa na frente dele teria me enviado em um espiral de ansiedade, mas eu já estava lá com a coisa toda de arrombar e invadir. Sacudindo a toalha, eu me enxuguei.

— De todas as coisas irresponsáveis e insanas. — Eu resmunguei baixinho.

Um par de lábios pressionou contra o meu ombro, e arrepios que nada tinham a ver com o frio se espalharam por todo o meu corpo. O frio do lado de fora foi substituído por um rubor aquecido que se espalhou por toda a minha pele. Seu peito nu pressionou contra as minhas costas, fiquei bem ciente dos músculos definidos, e o toque de seu pau roçando na minha bunda fez minha cabeça girar.

— Nós não vamos ser pegos porque somos convidados.

Eu olhei para ele por cima do ombro. — Convidados?

Ele plantou outro beijo na minha pele exposta, cruzando a linha não escrita que ele traçara entre nós e eu redesenhara após o nosso beijo, a mesma que ficou tão fraca que poderia muito bem ter sido pintada com tinta invisível.

— Esta é a casa de Nix. O pai dele está fora da cidade e ele me deu uma chave.

Eu me virei, minha nudez completamente esquecida. — Você está brincando comigo? Você quase me deu um ataque cardíaco. — Eu o empurrei com as duas mãos, mas ele não se mexeu. Ele era uma parede sólida de músculos deliciosos.

Seu olhar caiu para o meu peito, para os meus seios, e a insanidade temporária foi apagada. Eu levantei minhas mãos para me cobrir, mas ele pegou meu braço.

— Não faça isso, Criança Selvagem.

Uma emoção passava por mim sempre que ele me chamava assim. Tudo começou como uma piada, mas quanto mais ele falava, mais parecia que tudo era possível, como se eu tivesse um pouco de selvageria e loucura às vezes. Seus dedos correram ao longo do interior do meu pulso. O sangue bateu em minhas veias como um motor a jato pronto para decolar.

— Não se esconda de mim.

— Eu não estou me escondendo.

Como se houvesse um ímã preso aos meus olhos, meu olhar caiu para a parte dele que eu só tinha visto através d'água e senti contra mim. Eu não era a única nua. Desta vez, seu pau estava pronto para o seu momento. Meu pulso disparou sob seu aperto suave.

O ar saiu dos meus pulmões e eu o encarei, de queixo caído como se eu tivesse acabado de ser apresentada a uma nova maravilha do mundo moderno. Apesar de todas as palavras desnecessariamente complicadas que eu conhecia, havia apenas uma palavra que eu conseguia reunir. — Uau.

— Droga, você sabe como fazer um homem se sentir apreciado. — Ele sorriu enquanto a outra mão deslizava ao longo do meu braço, cada célula do meu corpo ciente do que estava acontecendo, o que eu queria que acontecesse desde que ele deslizou naquela cabine e sentou na minha frente.

Minhas bochechas esquentaram, mas não tentei me cobrir. Ele se inclinou e pegou algo da mesa de café a um passo de distância.

O copo de vinho branco em sua mão captou o pouco de luz que entrava pelas cortinas leves em frente às janelas da casa de hóspedes.

— Nix recomendou algumas garrafas da adega de seu pai. Você quer um pouco? — Ele estendeu o copo. O líquido claro rodopiou contra os lados com seu movimento.

Eu assenti. Minha voz teria sido uma bagunça tremenda se eu conseguisse dizer uma palavra. Eu poderia usar um pouco de coragem líquida, um vinhedo inteiro, mas um copo serviria.

— Que bom. — Ele sorriu e se aproximou. Mergulhando dois dedos no copo, ele os puxou, pingando vinho e os correu pelo meu peito. No meio do vale dos meus seios, ele desenhou uma linha com os dedos antes de limpá-la com a língua.

Meus ombros tremiam. Soltei um suspiro trêmulo quando o vinho escorria em pequenas gotas que desciam pela minha pele.

— Nunca tomei esse tipo de vinho antes, mas quero muito mais. Você quer mais? — Sua voz se aprofundou, sua luta pelo controle era muito real. Meus mamilos se apertaram quase dolorosamente. Eu precisava da sua boca em mim.

Mordendo meu lábio, assenti. Mechas do meu cabelo molhado sacudiram, jogando água pelo meu corpo.

Ele mergulhou os dedos no copo novamente e pintou o topo do meu seio. Seus lábios atacaram o local, então ele passou a língua ao longo da minha pele. Sua paciência só era acompanhada por sua capacidade de provocar.

Parecia que o copo estava quase vazio quando seus lábios finalmente fizeram contato com meus mamilos tensos. Cada nervo do meu corpo estava centrado nesses picos, e a maneira como sua língua e dentes trabalhavam em uníssono me levou a um local que eu nunca estive antes.

— Você me perdoa?

Eu pisquei duas vezes, minha raiva anterior evaporando como o vinho deixado na minha pele.

— Perdoar você por quê? — Minhas palavras eram trêmulas, na melhor das hipóteses, quando ele pousou o copo e passou as mãos sobre meus mamilos, rolando-os entre os dedos e enviando choques diretamente através do meu corpo para minha boceta. Apertei minhas coxas, tentando aliviar a pressão crescente.

— Por mentir para você. — Suas palavras eram tensas como se isso estivesse afetando tanto ele quanto eu.

— Com uma condição. — Minhas palavras eram um sussurro.

— Diga. — Seus lábios estavam a centímetros de distância. Tudo isso e ainda

não tínhamos tido um beijo de adequado, não que fosse adequado invadir a casa de alguém para ficarmos nus juntos.

— Leve-me para a cama. — Passei meus braços em volta do seu pescoço e puxei-o para perto. Meu corpo estava a um passo de distância de pegar fogo, e ele estava segurando a caixa de fósforos. Eu me preparei para ele recuar ou mudar de idéia, me dizer que isso era um erro ou dizer que eu merecia algo melhor.

Em vez disso, ele preencheu a distância em um instante, e eu consumi seus lábios como um preso apresentado a sua última refeição. Ele tinha gosto de vinho e água da piscina.

Momentaneamente quebrando o beijo, ele dobrou os joelhos e me pegou nos braços. — Eu pensei que você nunca pediria.

19

REECE

Hela era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Mais do que qualquer vitória em campo, qualquer par de Adidas de edição limitada, ela era muitas coisas, e eu nem podia acreditar que ela estava lá comigo. “*Me leve para a cama*” tinha que ser as palavras mais doces já ditas. A carga emocional delas era quase mais do que eu podia suportar, então me concentrei na mecânica: levantando-a em meus braços e beijando-a enquanto ela se contorcia, apertando suas coxas juntas em meu abraço.

Nix me deu acesso total à casa de hóspedes. Eu tinha me preparado com antecedência, certificando-me de que teríamos tudo o que precisávamos. Abrindo a porta do quarto, entrei com Seph nos braços. Seus lábios salpicavam meu pescoço e ombro com beijos, beijos doces como um toque dos deuses.

Parado na frente da cama, eu a coloquei de pé. Ela olhou para mim, a confusão brilhando em seus olhos, mesmo com pouca luz.

— Eu não quero que você vá para a cama com essas coisas molhadas. — Eu dei um passo para trás e olhei para o triângulo roxo de tecido que cobria sua boceta. O calor dela tornara difícil pensar na piscina, tornara difícil evitar arrancar o tecido e ter ela na água azul clara.

Sua garganta mexeu e ela engoliu. Eu praticamente podia ouvir sua deglutição como nos desenhos animados. Me ajoelhando, passei minhas mãos pelas curvas suaves de seus quadris. Meus dedos mergulharam abaixo da cintura e eu apertei sua bunda.

Ela subiu na ponta dos pés. Eu olhei para ela através do vale de seus seios. Seus olhos estavam cheios com o tipo de confiança que me deixaria de joelhos se eu já não estivesse.

Movendo minhas mãos para baixo, empurrei o cós de sua calcinha, rolando-a sobre minhas mãos. Como se eu fosse meu próprio torturador, puxei-as pelas pernas dela um centímetro de cada vez, meus olhos se familiarizando com a forma de seu corpo, o cheiro dela. Elas se libertaram da curva de sua bunda e desceram por suas coxas, juntando-se aos seus pés.

Ela passou os dedos pelos meus cabelos, suas unhas deslizando ao longo do meu couro cabeludo. Eu gemi com o prazer pulsante percorrendo meu corpo. Meu pau bateu no meu estômago entre as minhas pernas abertas. Descansando minhas mãos ao longo das costas de suas coxas, eu a empurrei até seus joelhos baterem na cama.

Sentando com um salto, ela estendeu a mão para mim. Eu fui até ela como uma mariposa para uma chama, o fogo dentro de mim queimando de desejo.

— Podemos ir devagar. — Tentei manter a tensão fora da minha voz. Minha necessidade de tornar isso especial e ir devagar guerreou com minha necessidade de estar dentro dela.

— Eu fui devagar a vida toda. Contida, calculista, metódica. Eu quero sentir você, e isso parece mais certo do que qualquer coisa que eu já fiz na minha vida. — Ela se inclinou para trás, seus braços atrás do meu pescoço me trazendo com ela.

Nossos corpos estavam encostados um no outro em cima da colcha fria. Meu pau estava aninhado no ápice de suas coxas, e a umidade que cobria a cabeça

dele não era da piscina. Fiquei com água na boca para prová-la. Eu queria apenas uma coisa, mas podia exercitar um pouco de paciência.

Movendo meus quadris para trás, me abaixei na cama. Eu pressionei um beijo contra sua barriga, circulando seu umbigo. Ela estremeceu debaixo de mim.

— Pegue os travesseiros e coloque-os embaixo da sua cabeça. — Continuei indo em direção à parte dela que eu precisava me apresentar adequadamente primeiro.

Com uma pergunta nos olhos, ela pegou os travesseiros do topo da cama e enfiou dois debaixo da cabeça, apoiando-se para que eu pudesse vê-la, para que ela pudesse me ver.

Dei um beijo na pequena penugem logo acima de seu clitóris e ela respirou fundo.

— Isso não estava na sua lista, mas eu pensei em improvisar. — Colocando meu peito na cama, eu a abri. Rosa e brilhante, ela estava pronta para a minha boca. — Você está pronta?

Ela respirou fundo e acenou com a cabeça.

A preocupação passou por mim. *Eu estou indo rápido?*

— Você quer que eu pare?

Se ela balançasse a cabeça mais rapidamente, seu cabelo iria chicotear seu rosto. Eu não consegui segurar meu sorriso. Abrindo-a mais, toquei seu clitóris com a ponta da minha língua.

Suas mãos dispararam para minha cabeça, segurando o meu cabelo. Eu olhei para cima e seu olhar estava fixo no meu, não querendo perder nenhum momento. Nós dois não queríamos perder nada.

Me deletei com sua doçura, levado a conseguir o máximo possível de seus gritos e gemidos. Eu a observei me olhando. Eu não precisava ser informado de que era a sua primeira vez; eu senti e vi nos olhos dela. O olhar atordoado e sonhador superou todos os outros que eu já tinha visto antes. Meu pau se esticou contra o edredom, cada movimento era uma tortura porque não estava onde eu queria estar, e precisava estar. Enquanto eu chupava seu clitóris na minha boca, suas coxas tremiam e seu aperto no meu cabelo ia me deixar careca.

Suas costas se arquearam da cama e seus olhos se fecharam quando ela jogou a cabeça para trás. O aperto dela aumentou ainda mais.

Eu gentilmente beijei o interior de sua coxa e passei minha mão em torno de seu pulso.

— Você vai me deixar careca.

— Venha aqui — disse ela, ofegante. Seu peito subiu e desceu, e ela não soltou meu cabelo.

Subindo a cama, fiz como minha garota pediu. Seus braços pousaram em volta do meu pescoço, com as mãos correndo nos meus ombros.

— Que tal um bis? — Eu descansei minha testa contra a dela.

— Talvez mais tarde. — O canto da boca dela se levantou.

Ela levantou as pernas e as enganchou no meu quadril. Meu pau deslizou entre os lábios de sua vagina, correndo ao longo deles, reunindo mais de sua essência e cutucando sua abertura. Seus dedos percorreram minhas costas e ela gemeu quando minha cabeça bateu contra seu clitóris.

Um momento de clareza passou pela minha cabeça e eu nos movi para um

lado, pegando o pacote de preservativos que eu havia escondido na mesa de cabeceira mais cedo. Rasgando-o no que deveria ser tempo recorde, eu movi meus quadris e rolei a camisinha.

Colocando minha testa na dela, olhei nos seus olhos.

— Você tem certeza disso?

Suas mãos vieram para os lados do meu rosto, seu calor se instalando profundamente na minha pele. O castanho claro de seus olhos era como caramelo derretido. Correndo o polegar pelo meu lábio inferior, ela fechou os olhos e separou os lábios.

Fechei o espaço entre nós. Nossas línguas imitavam o balançar suave de nossos quadris, e seus calcanhares cavaram mais profundamente contra a minha bunda. Não era como o beijo na piscina. Não foi brincalhão e provocador. Isso era cru e carnal, com um desejo impotente que ameaçava consumi-la, e eu era a única cura.

20

SEPH

Meu corpo estava em chamas. O peso de seu pênis repousando contra meu clitóris fez minhas coxas tremerem em torno de seu corpo.

Eu queria tudo dele.

Eu precisava de tudo dele.

As histórias e estudos sobre as primeiras vezes não importavam. Isso seria diferente porque éramos nós. Esticando a mão entre nós, envolvi meus dedos ao redor da cabeça de seu pau. A ponta grossa em formato de cogumelo seria um desafio, mas eu estava pronta para isso. Um arrepio sacudiu seu corpo e eu sorri contra seus lábios.

Eu não era a única pronta para sair da minha pele. Alinhando-o contra mim, levantei meus quadris e apertei minhas coxas ao redor dele de uma só vez. Seu corpo balançou para frente, sem esperar meu ataque.

Ele mergulhou profundamente em mim tão rapidamente, minhas costas arquearam da cama e um aperto envolveu meu peito, espremendo meus pulmões, a queimação aguda roubando meu fôlego. Eu mantive meu braço em volta de suas costas, o outro preso entre nós.

Ele congelou e tentou se afastar.

— Seph, o que você está fazendo? — Ele plantou as mãos na cama, mas eu o segurei, me movendo com ele. Puxando meu braço livre, eu o envolvi com mais força.

Apertei meus lábios entre os dentes. O gosto metálico do sangue invadiu minha boca. Eu mordi meu próprio lábio tentando segurar o grito, sabendo que ele provavelmente acabaria com a coisa toda. Relaxando minha boca, respirei através da dor crua e esticada na minha boceta.

— Está tudo bem. — Enterrei minha cabeça em seu ombro.

— Não está tudo bem, eu te machuquei. — Sua voz estava cheia de acusação, não para mim, mas para si mesmo.

Eu segurei a parte de trás do pescoço dele e passei meus dedos pelos cabelos dele, o calando.

— Me dê um segundo. Vai ficar tudo bem. — Respirei pela boca e um pouco da queimadura sumiu. Me movendo, meu clitóris esfregou contra ele. Um lampejo do prazer de antes veio despertando, pequenos choques a cada turno que anulavam a dor. Eu me movi novamente e essa chama cresceu.

— Nós deveríamos ir devagar. — Ele passou a mão pelas minhas costas, as pontas ásperas de seus dedos acariciando e me confortando. Isso trouxe lágrimas aos meus olhos. Por que eles não mencionaram isso nos artigos que eu li? Como você poderia querer tanto algo com outra pessoa? Como eles poderiam te abraçar e ajudá-la a descobrir um lado completamente diferente de si mesmo?

— Você me conhece, sempre correndo para as coisas sem pensar nelas. — Eu levantei minhas pernas mais alto em seus quadris e ele foi mais fundo. Eu gemi em seu ombro novamente, meus dentes arranhando sua pele.

— Sim, soa exatamente como você. — Suas palavras saíram cortadas e tensas. Seus músculos se contraíram como se ele estivesse pendurado pelos fios mais finos.

Levantando minha bunda, eu rolei meus quadris, e mais do seu pau deslizou

para dentro de mim. Desta vez, minha respiração foi roubada por um prazer que pulsava do topo da minha cabeça até a ponta dos meus dedos.

— Você pode se mover agora. — Eu bati meus quadris nele, o prazer florescendo e crescendo a cada segundo que passava.

Ele levantou a cabeça, procurando nos meus olhos por uma pitada de decepção.

— Você tem certeza?

Levantando-me, bati meus quadris contra ele em um impulso que me iluminou como uma árvore de Natal. Nós dois gememos e seus braços travaram ao meu redor com tanta força que eu mal podia respirar. Recostando-me, eu o levei comigo, de volta para cima de mim na cama.

— Eu tenho. — As palavras saíram como um sussurro sufocado.

Apoiando os braços em ambos os lados da minha cabeça, ele olhou nos meus olhos, penetrante.

Meus quadris levantando pareciam ser a resposta que ele estava procurando. Escovando meu cabelo para trás do meu rosto, ele empurrou seus quadris para frente, enterrando-se mais fundo em mim. Minhas costas se arquearam da cama e eu gemi o nome dele. Aparentemente, essa era a palavra mágica.

Seus movimentos lentos e medidos se transformavam a cada suspiro e gemido rasgado dos meus lábios. Eu conheci todos os movimentos e me agarrei à borda afiada do clímax correndo em minha direção. Ele inclinou os quadris e meu corpo disparou para frente. Este não era um passeio agradável até o orgasmo; isso parecia uma queda livre diretamente de um penhasco.

Minhas unhas roçaram suas costas e eu gritei mais alto do que eu jamais pensei ser possível. Seus impulsos ficaram mais erráticos e seu pau engrossou dentro de mim, me esticando até o meu limite. Batendo a mão contra a cama ao meu lado, ele se apoiou nos braços, entrando em mim uma última vez. Seu pau pulsou dentro de mim, provocando outro orgasmo. Essa foi uma onda que atingiu o ápice em câmera lenta, espalhando calor por todo o meu corpo. Caí de volta na cama.

Descansando a testa na minha, ele olhou para mim. A sua respiração acelerada e entrecortada combinava com a minha. Meu sorriso era tão amplo que minhas bochechas doíam, junto com algumas outras partes de mim.

— Isso foi inesperado.

A incerteza nublou seus olhos e, de alguma forma, o deixou ainda mais sexy. Ele estava preocupado.

— Tudo bem? — Ele levantou os quadris, se libertando de mim. O ar frio do quarto substituiu o calor de sua posse sobre meu corpo.

— Essa deveria ser a minha fala. — Eu escovei o cabelo para trás das orelhas dele e passei a mão pela sua bochecha. — Foi mais do que eu jamais poderia ter esperado.

Seu alívio foi absoluto. Rolando para fora da cama, ele se livrou da camisinha e entrou no banheiro. Ele voltou com uma toalha e um pano.

Eu me apoiei nos meus cotovelos. Seu joelho afundou na cama e ele arrastou o pano quente sobre a minha pele. Meu coração acelerou com seu toque gentil.

Ele limpou a marca da minha primeira vez entre as minhas pernas e me secou suavemente. Pisquei as lágrimas por seu carinho terno. *Agora isso o assustaria*

muito. Ele colocou tudo de volta no banheiro e voltou para a cama comigo, arrastando os lençóis de um lado.

Nós ficamos debaixo das cobertas e ele me segurou em seus braços.

— Você tem certeza que está bem?

Corri meus dedos ao longo de seu peito musculoso.

— Eu estou mais do que bem, Reece. Tem certeza de que está tudo bem para Nix nós estarmos aqui?

— Foi ele quem sugeriu isso quando eu estava tentando encontrar um lugar para nadar até tarde da noite sob as estrelas. Ele está totalmente bem com isso.

Eu bati minhas mãos no meu rosto, o rubor anterior retornando, só que desta vez não foi causado pelo sexo.

— Isso significa que ele sabe. — Como eu iria encara-lo novamente? *Ei, Nix, a cama do seu quarto de hóspedes é o local perfeito para transar.*

Reece afastou minhas mãos do meu rosto. As pontas dos meus ouvidos tinham que estar pegando fogo.

— Eu não disse nada sobre a parte da nudez. Não se preocupe. — O pomo de adão dele subia e descia. — Você me diria se não estivesse bem, certo?

— Pare de se preocupar. Estou bem, melhor do que bem. Dolorida, — seus músculos ficaram tensos — mas isso é de se esperar. Tinha que haver um primeiro, e estou feliz que foi você.

Uma nuvem brilhou em seus olhos e ele me puxou para mais perto, me abraçou mais forte e me segurou como se eu fosse uma bóia em um furacão.

— O que há de errado? — Perguntei suavemente.

Seus lábios fizeram cócegas no meu ombro.

— Nada. Vamos dormir um pouco. — Ele puxou os cobertores para cima.

Olhando para ele, eu engoli. Colocando o rosto mais corajoso que eu tinha, estendi a mão entre nós e apalpei seu pau semi-duro.

— Nós temos que dormir?

Seu pescoço se contraiu e ele respirou fundo entre os dentes.

— Você está dolorida.

— Eu estou, mas isso não significa que eu não quero você. Acho que sei exatamente o que pode me ajudar a me sentir muito melhor. — Reforçando meu aperto, bombeei minha mão para cima e para baixo em seu comprimento.

Ele me puxou para frente e capturou meus lábios em um beijo exigente, cobrindo minha mão com a sua e aumentando a força em torno dela.

— Você está brincando com fogo, Criança Selvagem.

Lambi meus lábios.

— Estou brincando com você.

— Eu sou o seu parquinho. Brinque o quanto quiser. — Ele soltou minha mão e rolou, abrindo a gaveta da mesa de cabeceira. O pacote de embalagem prateada captou a luz fraca que entrava do lado de fora e meu clitóris latejava quando ele o rasgou com os dentes.

— Você está pronto para isso? — Eu empurrei os cobertores para longe, me mostrando completamente a ele.

Ele colocou a camisinha.

— Eu pensei que essa era a minha fala. — Ele sorriu e se abaixou, me cobrindo com seu corpo. Me rolando, então eu montei em seus quadris, ele

agarrou minha bunda e me puxou para frente. Seu pau ficou ereto, descansando entre as minhas coxas.

Empurrando para frente, levantei meus joelhos e o segurei, me abaixando lentamente. Eu olhei para onde estávamos unidos, assistindo mais do seu pênis desaparecer dentro de mim enquanto saboreava a sensação dele se espessando dentro de mim e esfregando contra todos os pontos de prazer que eu tinha.

Minha bunda finalmente atingiu suas coxas, e eu balancei para frente e para trás.

— Eu juro que você vai me matar — ele murmurou.

— Fico feliz em saber que aprendo rápido.

— Mais rápido e você pode ser uma arma letal.

— Mas que jeito magnífico de partir. — Usando todos os meus estudos em meu proveito, movi meus quadris na forma de um oito. Suas mãos dispararam da minha bunda para os lençóis, apertando-as com as mãos e fechando os olhos. Ele bateu a mão contra a cama e empurrou com tanta força em mim que quase caí. O clímax me esmagou como um trem de carga e meus dedos cravaram em seu peito. Minhas coxas tremeram e minha boceta apertou em torno de seu pênis enquanto ele inchava, o pulso de seu orgasmo provocando outro para mim.

Eu fui para frente, caindo em seu peito, meu coração batendo tão forte que eu jurei que ele podia ouvir também.

— Viu, o que eu te disse? Você é uma mulher perigosa.

21

SEPH

A pequena escada de madeira estava cheia de gente. Berk e LJ estavam no meio do quintal coberto de neve, com botas, bermudas e jaquetas, amontoados ao redor da churrasqueira, que lançava fumaça no ar.

Cruzei os braços sobre o peito. Estar lá apenas com os caras era uma coisa, mas a casa parecia diferente com outras pessoas. Estes não eram estranhos em um clube ou bar. Havia pessoas em sua casa, seus outros amigos. Suas opiniões também tinham importância para ele, certo? E se eles não me achassem boa o suficiente?

A quantidade aumentou quando mais pessoas entraram pela porta da frente. Eu estava cercada. Eu esperava que alguém aparecesse e me dissesse que era hora de partir.

Reece carregou um barril para fora da cozinha, e nós recuamos contra o corrimão para deixar ele e Nix passarem. Os cantos da boca levantaram mais alto quando ele passou.

— Nem pense em fugir, Criança Selvagem.

— Como você se envolveu em tudo isso? — A garota ao meu lado se inclinou e falou pelo canto da boca, erguendo o queixo em direção ao quintal, mergulhado na neve. Ela tinha olhos azuis brilhantes e cabelos pretos encaracolados. — Reece está chantageando você com fotos indecentes? — Seus olhos brilhavam com travessuras.

— Não, acho que estamos namorando. — Foi a primeira vez que eu disse essas palavras em voz alta. Era isso o que era? Ele era meu namorado? — Foi assim que LJ trouxe você aqui? Chantagem com fotos sexy?

Ela bufou em sua cerveja, pulverizando espuma sobre a borda do seu copo.

— A não ser que sejam nossas fotos na banheira de quando tínhamos cinco anos. E bom para Reece. LJ disse que teve um tempo difícil no ano passado. Você parece ser o tipo de pessoa com quem ele deveria namorar.

— Nós nos conhecemos há dois minutos atrás. Como você sabe?

— Eu simplesmente sei. Sou Marisa, a melhor amiga de LJ, goste ele ou não.

— Sou Seph, a namorada de Reece...? — Minha voz subiu no final como se fosse uma pergunta.

Olhei para cima e o vi ajudando LJ a construir uma parede de neve ao redor do barril. Essa era uma maneira de lidar com isso. Passamos todas as noites juntos desde aquela na casa da piscina. Geralmente ficávamos na casa dele. Era uma chance de eu sair do meu apartamento, e sua casa estava mais perto do campus de qualquer maneira. Nós assistimos filmes com os caras, jantamos juntos e adormecemos nos braços um do outro. Era como um namoro, certo? Ou talvez eu estivesse me adiantando. Mordi meu lábio inferior, pensando que não deveria ter dito isso até que eu tivesse perguntado a ele.

— Você está indo para casa no Dia de Ação de Graças? — Ela afastou os cabelos do rosto. Colocando as mãos nos bolsos, ela olhou para mim, esperando minha resposta.

O feriado era algo que a maioria das pessoas esperava, mas eu não. O rolo de pavor ao pensar em voltar para Boston estava no fundo do meu estômago.

— Sim, eu vou embora amanhã.

Marisa colocou as mãos em volta da boca.

— L! — Ela apontou para a cabeça, juntando os cabelos na mão. Seus cachos brilhantes caíam por toda parte.

Ele levantou a cabeça e revirou os olhos antes de puxar algo do pulso e atirar como um estilingue para ela. Sua mão disparou e ela pegou o círculo azul claro do ar.

— Obrigada. — Ela gritou sobre o barulho da conversa e da música na festa, colocando os cabelos em um coque. — Está ficando quente, certo? Ou ele está colocando doses extras na minha bebida de novo?

— Não, está definitivamente quente. — Eu puxei minha camisa para longe do meu peito enquanto o suor escorria pelas minhas costas, mesmo em pé em temperaturas congelantes. O calor do corpo das pessoas que saíam da casa para o quintal derreteu a neve ao nosso redor.

Meu telefone vibrou no meu bolso. Depois de tirá-lo e olhar para a tela, eu o guardei de volta. Ele podia ler meus pensamentos agora? A multidão de corpos que tomava conta do pequeno espaço tornava as temperaturas congelantes toleráveis.

— Onde está a banheira de hidromassagem? Não acredito que eles se livraram da coisa favorita dos fãs do Brothel. — Uma garota atrás de nós desceu os degraus, sua voz nasal me lembrando Alexa. Eu tinha certeza de que elas seriam melhores amigas. Ela riu com uma garota de suéter rosa brilhante, abrindo caminho pela festa.

— O Brothel? — Eu murmurei para Marisa.

— Este lugar costumava pertencer a uma fraternidade, como LJ explicou. O apelido para isso era Brothel. — Ela revirou os olhos. — Infelizmente, o nome ficou preso quando a fraternidade foi expulsa do campus por trote e os Troianos assumiram o controle. Provavelmente é a primeira vez que o atual time dos Troianos foram superados em quantidade de camisinhas usadas e escondidas por todo o lugar. Você não acreditaria na desinfestação que eles tiveram que fazer quando se mudaram. — Ela acenou com os braços para a casa e sobre a multidão de pessoas adiante. A suéter rosa brilhante e a amiga foram direto para Reece e LJ.

— Fica estranho ser amiga dele quando ele recebe tanta ... atenção? — Tinha que haver uma palavra melhor para isso, mas eu não tinha certeza do que era.

Seus lábios bateram juntos e ela tomou outro gole do copo, terminando.

— Ele é um garoto grande. Ele pode fazer o que quiser. — Havia algo na voz dela, partes iguais de desinteresse, raiva e tristeza. — Vamos tomar outra bebida. Eu sei onde LJ guarda as coisas boas. — Ela pegou minha mão e me puxou junto com ela através da festa cada vez maior. As pessoas corriam pelas portas como formigas sobre um pirulito.

Ela tirou a chave do quarto de LJ do bolso e me arrastou para dentro. O quarto dele era mais arrumado que o de Reece, bem, mais arrumado do que costumava ser. A pilha de roupas que migraram ao redor de seu quarto havia sido banida com sucesso em suas gavetas, cuidadosamente dobradas. Havia fotos emolduradas na mesa de LJ, uma delas com o braço em volta de Marisa e outra onde pareciam estar no ensino fundamental.

Eu peguei.

— São vocês dois?

Garrafas tilintaram uma contra a outra enquanto ela vasculhava o estoque de bebidas em seu armário.

— Somos nós. Ainda não consigo acreditar que nos conhecemos desde que éramos tão pequenos. — Ela olhou pensativa para a moldura. — Ele é meu amigo mais antigo. — Ela disse mais para si mesma do que para mim. Houve um baque no corredor. — De qualquer forma, me dê o seu copo.

Com nossos copos até a borda com "as coisas boas", como ela chamava, voltamos para o andar de baixo. Havia ainda mais pessoas, e a multidão e calor haviam aumentado exponencialmente.

A tela brilhante de seu telefone iluminou seu rosto enquanto lutávamos com a multidão.

— LJ disse que eles guardaram alguns hambúrgueres para nós, mas ele não será capaz de derrotar a horda de ladrões por muito mais tempo.

Abrimos caminho através do mar de pessoas. Um par de braços me envolveu e eu pulei, minha cabeça virando.

Reece sorriu de volta para mim. Meu coração disparou ainda mais rápido e eu segurei seus braços enquanto todos lhe davam um amplo espaço para fazer o nosso caminho para os fundos da casa.

— Você quase perdeu a comida. Pensei que você tivesse partido. — Ele apertou os braços em volta de mim.

— Marisa me levou para o andar de cima para pegar algumas das "coisas boas". — Fiz aspas no ar. O ar invernal da porta aberta da cozinha era um alívio bem-vindo da casa lotada.

— Você continua roubando a bebida dele durante as festas e ele vai começar a te cobrar. — Reece disse a Marisa.

— Ele não sentirá falta. Ele está ocupado demais recebendo os convidados. — Ela ergueu o copo na direção dele, no final da escada. Suéter rosa e a amiga tinham se aconchegado a ele quando ele desligou a churrasqueira.

— Finalmente! As pessoas estão tentando roubar tudo. — Berk rodeou a churrasqueira quando a cabeça de LJ apareceu e seu olhar disparou para Marisa. Ele se desvencilhou das meninas como se elas tivessem se tornado radioativas.

— Aqui está, minhas senhoras. Seus hambúrgueres as aguarda. — Berk nos entregou pratos com hambúrgueres cheios de queijo.

Meu estômago roncou. Mesmo durante a festa anormalmente alta lá dentro, os olhos de todos se arregalaram com o monstro que despertava na minha barriga. Reece me soltou e dei uma mordida no hambúrguer, suculento e delicioso, como um hambúrguer deveria ser. Eu terminei em tempo recorde, deixando Berk para trás. Ele jogou seu hambúrguer no prato enquanto eu lambia a última mancha de ketchup do meu polegar.

— Você realmente sabe como deixar um cara complexado. — Ele pegou o sanduíche empanado e suculento dentro de um pão de batata e olhou para ele como se ele o tivesse traído.

— Da próxima vez, eu vou deixar você vencer.

— Não é o mesmo.

Eu fiz beicinho como uma criança encontrando apenas meias debaixo da árvore de Natal. Suspirando, ele deu outra mordida.

— Só mais dois jogos nessa temporada, você está pronto, cara? — LJ apertou o ombro de Reece.

Ele ficou rígido ao meu lado.

— Estou pronto, mas meus pais estão chateados, vou perder o Dia de Ação de Graças. Pelo menos os hotéis geralmente são bons em ter em mãos comida suficiente para um grupo voraz de jogadores de futebol.

— Ação de Graças em Boston. — Resmungou Berk.

— O jogo será em Boston? — Minha cabeça disparou e eu limpei minha boca com um guardanapo.

Os dedos de Reece amassaram a borda do prato de papel e ele trocou um olhar com Berk.

— Por que você não me disse que o jogo é em Boston? — Eu me virei para encará-lo. Berk se apressou para ssir quando Reece lançou um olhar intenso para sua figura em retirada.

Ele encolheu os ombros.

— Não é grande coisa.

— Se não fosse grande coisa, você teria mencionado.

— Eu pensei que você veria no calendário. Não é como se fosse um segredo de estado ou algo assim. — Ele deu de ombros e senti uma pequena pontada. — Estamos lá para um jogo e voltamos no dia seguinte. Não é como se tivéssemos tempo para ver alguém ou nos encontrar com outras pessoas. — Ele tomou um gole da bebida como se não tivesse bebido há anos. O pomo de Adão dele balançou.

— Você não me contou para ter certeza de que eu não o convidaria para conhecer minha família?

— Não. — Era o não menos convincente na história dos nãos. Ele me perguntou se eu assistiria aos outros jogos dele, mas ele não havia mencionado esse. Eu pensei que ele imaginou que teria acabado o Dia de Ação de Graças e não queria colocar esse fardo extra em mim, mas agora parecia que ele não queria que eu percebesse que estava em Boston.

— Eu conheci a sua família. — Talvez eu estivesse errada. Nós não estávamos namorando. Estávamos dormindo juntos, passando nosso tempo até que nós dois partíssemos. Eu sabia que esse era o caso, mas pensei que talvez as coisas tivessem mudado na semana passada. A dor ardente se espalhou, penetrando mais fundo no meu coração.

— Não foi planejado.

— Então, se sua mãe não tivesse nos visto na ponte, você não gostaria que eu a conhecesse? — A aceitação fácil de Mary e John e do resto da família parecia mais vazia. Eu provavelmente nunca mais os veria.

— Você planejava conhecer meus pais? Você queria fazer sexo comigo, pode riscar essa tarefa da sua lista e seguir em frente. — Ele bateu a comida na mesa.

— As coisas mudaram.

— Sim, elas mudaram. — Ele passou as mãos pelos cabelos. — Você é uma gênia, Seph. — Seus ombros caíram e ele olhou para mim.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Seus pais também são loucos e inteligentes.

— Mais uma vez, por que isso faria você não querer conhecê-los?

— Porque eles vão me olhar e saber que eu sou um atleta que nem de longe está no seu nível.

Alívio tomou conta de mim e meus lábios se curvaram em um pequeno sorriso.

— Você está nervoso? — A tristeza que irradiava dele sufocou esse alívio.

— Claro, quem não estaria? — Ele olhou para o chão.

Coloquei meus braços em volta dele e o apertei com mais força. Porra, ele com certeza sabia como se tornar ainda mais carinhoso e adorável.

— Você não precisa se preocupar com isso. Eles vão te amar. — *Pelo menos mamãe vai.* Engoli o nó na garganta.

Ele se afastou e olhou nos meus olhos, passando as juntas dos dedos ao longo do meu queixo.

— Sério?

Eu respirei além do nó agitado. — Sério.

~

Eu voei para Boston com a passagem que meu pai me comprou. É claro que foi o voo mais cedo. O silêncio estéril da minha casa não a fazia parecer a casa em que eu já morara. Parecia que eu era uma hóspede mesmo depois de dois dias ali. Eu verifiquei a pontuação no meu telefone. Eles estavam indo para o último período. O jogo começou tarde por causa do tempo. Houve uma pausa na neve, mas Reece chegaria mais de uma hora atrasado.

— Persephone.

Coloquei minha mão debaixo da minha mesa e desliguei o telefone para que a luz não me denunciasse.

— Sim, pai.

Ele ficou na porta do meu quarto como um prenúncio de más lembranças.

— O jantar estará pronto em vinte minutos. Você deveria se arrumar. — Ele me olhou de cima a baixo e eu tive que me impedir de me encolher. Eu mantive meu queixo levantado. Aparentemente, minha meia-calça creme, saia azul-marinho e suéter creme não eram uma oferta inoperante. Eu estava pronta e me arrumei durante a última hora. Meu cabelo estava trançado firmemente contra a cabeça de uma maneira que eu não fazia há um tempo. Nunca um cabelo fora do lugar ou um pedaço de fio solto na roupa, mas não importa o que eu fizesse, ele encontraria um motivo para implicar, para tentar me fazer sentir menor.

— Obrigada por me avisar.

— A que horas seu amigo chegará? Não vamos atrasar o jantar para convidados atrasados.

Por que eu queria que Reece viesse aqui e fosse submetido ao rigoroso escrutínio de meu pai, sabendo que Reece já estava se sentindo inseguro? *Porque não temos muito tempo restante.* Cada minuto que tínhamos juntos era um

minuto que eu queria segurar com as duas mãos, mas quando o jogo terminasse e ele fizesse a coletiva de imprensa, provavelmente levaria pelo menos mais uma hora até ele chegar.

Ele já estava nervoso por conhecer meus pais; como ele se sentiria se entrasse e estivéssemos terminando o jantar de Ação de Graças depois que eu o convidei? Como se ele fosse um intruso invadindo. Eu não poderia fazer isso com ele depois de quão incrível sua família tinha sido sem aviso prévio.

Meu coração se apertou com a ideia de cancelar o convite tão tarde, mas era melhor que ele tivesse o Dia de Ação de Graças no hotel com o resto da equipe, em vez de aparecer aqui, mesmo que eu estivesse usando sua visita para me manter seguindo em frente desde que eu pisei no avião.

— Na verdade, ele não poderá vir. O evento dele ainda está acabando e ele não quer nos incomodar. — Não seria nada parecido com o que ele pensava que um Dia de Ação de Graças em família deveria ser. Sua família provavelmente estavam todos juntos na cozinha, rindo e brincando. Eu teria sorte se conseguisse passar o jantar sem congelar. O que eu estava pensando? Eu era tão egoísta ao querer vê-lo que eu o sujeitaria a isso? Eu estava tão acostumada, que tinha esquecido como era realmente estar em casa.

Os lábios de papai se apertaram e os cantos viraram para baixo.

— Eu posso ir ajudar a mamãe. — Fechando meu livro, eu o coloquei na mesa ao meu lado.

— Ela pode lidar com as coisas sozinha. Temos muito o que discutir durante a refeição. — Ele fechou a porta atrás dele como se estivesse trancando uma cela.

Ter ficado ausente por alguns meses me fez esquecer que minha família não se parecia com a de Reece? A minha não era uma versão de seriado de comédia, mas a casca fria de como um alienígena poderia pensar que uma família era?

Agarrando meu celular, enviei uma mensagem para Reece. A madeira dos degraus rangeu sob meus pés enquanto eu descia as escadas. A porta do escritório do meu pai estava fechada e eu fui na ponta dos pés para a cozinha. Mamãe estava na frente do fogão, esmagando batatas em uma panela.

— Mãe. — Eu toquei seu braço.

Ela pulou e se virou. Seu sorriso para mim sempre foi real, sempre presente, e às vezes era a única coisa que eu tinha a que me agarrar para me aquecer.

— Veio me ajudar? — Ela me bateu com o quadril.

— Se você precisar.

— Tenho certeza de que posso encontrar algo para você fazer. A que horas seu amigo chegará? — Levantando a panela, ela gentilmente transferiu as batatas para uma tigela.

Eu limpei minha garganta.

— Ele não vem.

O rosto dela caiu.

— Que pena.

— Talvez seja melhor. Tia Sophie mencionou a vinda para o Natal. Ela já falou com você?

Ela congelou, com uma espátula na mão, um pedaço de batata na ponta.

— Não, eu não tenho notícias dela.

— É difícil passar pelo porteiro. — Olhei por cima do ombro.

Ela fez o mesmo e voltou para as batatas.

— Você sabe como é seu pai quando ele coloca algo em sua cabeça.

— Como vocês dois se conheceram? Tia Sophie disse que você era um espírito livre como ela quando criança.

Suas bochechas coraram e ela abaixou a panela. Soltando um suspiro, ela cobriu a tigela de purê de batatas e abriu o forno.

— Eu era. Seu pai era meu tutor na faculdade. Meus pais estavam sempre tentando me acalmar. Eles sempre queriam que eu levasse a sério meus estudos, para que eu pudesse encontrar um bom universitário responsável para se casar.

— E esse cara era papai?

— Não no começo. Você pode cortá-los para a salada? — Ela colocou a tábua e uma variedade de legumes na minha frente. — Eu estava à beira do estágio acadêmico e ele era meu tutor designado. Eu ainda estava festejando com a sua tia quase todas as noites. — O olhar distante em seus olhos não combinava com o tom suave em sua voz. Seus olhos brilhavam enquanto suas palavras contavam a história de uma garota cometendo todos os erros do livro.

— Então, como vocês terminaram juntos? — Os pimentões eram triturados enquanto eu os cortava com a faca.

— Meu pai morreu de ataque cardíaco, e eu entendi que a vida era curta. Eu apenas diminui a velocidade. Não pude parar, porque isso significaria enfrentar o que tinha acontecido. Mamãe ficava me dizendo que era um sinal, disse que eu precisava começar a levar as coisas a sério. — Ela limpou as mãos no avental. — Até tia Sophie tentou me controlar, mas eu não ouvi.

— E então minha mãe morreu três meses depois. Foi quando eu soube que *era* um sinal. Eu era quem tia Sophie procurava. Eu era a irmã mais velha. Eu não tive escolha. Seu pai me encontrou chorando na biblioteca tentando examinar os documentos de seguro de vida e outras coisas que eu precisava descobrir. Ele se sentou comigo e lidou com tudo. Ele era tão seguro de si mesmo, o tipo de garoto quieto que meus pais teriam aprovado, então, quando ele me convidou para sair, eu disse que sim. E o resto, como eles falam, é história.

— Você nunca me contou nada disso antes.

— Não há muito a dizer. Nós nos conhecemos na faculdade, nos casamos e depois tivemos você. — Ela beliscou minha bochecha.

— Você já se perguntou como seria sua vida se seus pais não tivessem morrido?

Ela parou em frente ao forno com uma bandeja de pãezinhos no meio do caminho.

— Eu tento não pensar. — Balançando a cabeça, ela silenciosamente fechou a porta do forno e me deu um pequeno sorriso que não alcançou seus olhos.

Meus dedos se apertaram ao redor do cabo da faca.

— Você acha que eu deveria ir para Harvard? — Soltei um suspiro, mantendo a voz baixa.

A colher com a qual mexia a panela de molho chocalhava contra a borda.

— Você está pensando em ficar na Filadélfia? — Ela lançou um olhar por cima do ombro.

— Eu estou tentado tomar uma decisão.

— Seu pai sabe?

Eu bufei e olhei para ela.

— Claro que não. — Ela limpou as mãos no avental.

— Bem, você conhece sua própria mente melhor do que qualquer outra pessoa. — Inclinando-se, ela passou os braços em volta de mim e me apertou como se fosse sua última chance. Eu a segurei com força, descansando minha cabeça em seu ombro.

Mamãe colocou vinho nos copos na frente dela.

A campainha tocou e minha cabeça disparou para o lado. Meu celular, que estava no meu bolso, não tocou desde que eu desliguei. Eu enviei uma oração silenciosa. *Por favor, diga-me que Reece recebeu minha mensagem.* Talvez fosse alguém cujo carro tivesse quebrado a caminho de sua própria família calorosa no Dia de Ação de Graças. *Só, por favor, que não seja Reece.*

22

REECE

Parado em sua porta, toquei a campainha. Os caras pensaram que eu era louco quando lhes disse para onde estava indo, Reece Michaels indo *Conhecer os Pais* sem uma arma na cabeça, mas eles não tiveram que olhar nos olhos dela quando ela descobriu que eu não tinha dito a ela que estaríamos apenas a alguns quilômetros de distância hoje. Foi uma farpa direto no coração. Eu teria que sugar meus medos de não estar à altura e fazer isso por ela.

Na viagem de ônibus para a cidade, senti como se estivesse fazendo uma grande prova. O que eu deveria dizer aos pais de uma gênia como Seph? Quantos segundos levariam para eles perceberem que ela estava fora do meu alcance?

Meu nível de concentração durante o jogo tinha sido uma merda absoluta, e o rosnado do treinador disparou direto pelo campo, seu rosto um vermelho gerador de ataque cardíaco enquanto ele estava com as mãos nos quadris.

Eu abaixei minha cabeça e corri para fora do campo.

Ele veio direto para mim e me agarrou pelo meu capacete. Balançando as barras brancas do capacete na frente do meu rosto, ele *bateu* no topo dele. As vibrações passaram direto pelo meu crânio.

— O que diabos você está fazendo lá fora? — Sua voz era baixa e nivelada.

— Desculpe, treinador. — Eu deixei a bola cair de novo. Soltando a tira do queixo do meu capacete, eu o tirei da cabeça. Meu suor quente se chocou com o ar gelado.

— Você sabe quantos olheiros estão aqui observando você hoje à noite e você faz algo assim? — Ele apontou o dedo para o campo onde eu perdi toda a capacidade de jogar.

— Muitos.

— Você está certo, são muitos. Você está doente ou algo assim? — Preocupação brilhava em seus olhos.

De pé no meio do campo, com os olhos de milhares de fãs gritando e torcedores rivais em mim, olheiros fazendo anotações sobre todos os meus movimentos, eu não estava perturbado. No entanto, saber que eu estaria sentado na casa da família de Seph em menos de duas horas significava que os picos de ansiedade não pararam.

Eu puxei o gola da minha camisa, deslocando meus protetores nos meus ombros, a pele recém-exposta tensionou com o tempo frio. Eu mal podia esperar para jogar pelos profissionais, onde as laterais eram pontilhadas com canhões de calor para impedir que os jogadores congelassem suas bolas no inverno.

Fazia dois dias desde que eu tinha visto Seph. Como ela se tornou tão rapidamente alguém que eu esperava ver praticamente todos os dias? Nós tínhamos caído em uma rotina de encontros quase diários sem nem perceber. Limpei minhas mãos nas pernas da minha calça e saltei no ar frio de Boston. Flocos de neve caíam do céu.

Eu teria que estar no meu melhor comportamento na casa dela, mas ainda assim conseguiria vê-la, e isso era bom o suficiente para me satisfazer até domingo, quando o voo dela pousasse.

No segundo em que a coletiva de imprensa pós-jogo terminou, eu saí com

minha camisa social, suéter e calça passada. Meus sapatos pretos estavam brilhando e eu enfiei minhas mãos nos bolsos da minha calça, esperando a porta abrir.

Todas as outras portas da rua eram vermelhas, azuis e algumas até amarelas. Guirlandas decorativas feitas de folhas de outono ou outras decorações sazonais enfeitavam cada uma delas, as persianas pintadas para combinar, ou às vezes cobertas de desenhos. A casa de Seph tinha persianas de ripas pretas, sem vasos de flores ou guirlandas.

Dentro do meu bolso, envolvi meus dedos em torno do presente que eu tinha lhe comprado. Ainda não era Natal, mas não precisava haver um motivo para comprar algo especial para alguém. Ela merecia e precisava. Havia tantas maneiras de dizer que ela não era como ninguém que eu já conheci. Ela precisava acreditar nisso.

A maçaneta da porta girou e a cabeça de Seph apareceu. Seus olhos se arregalaram e ela olhou por cima do ombro.

A felicidade que eu pensava ver em seu rosto quando aparecesse não era nem perto do olhar que ela me deu. Essa expressão estava quase com medo. Ao sair, ela puxou a porta atrás de si, deixando apenas uma brecha.

— O que você está fazendo aqui? Não recebeu a minha mensagem?

— Sim, eu vi. Você achou que eu iria me desesperar ou algo assim? — Eu procurei em seu rosto por pistas sobre o que havia mudado entre ontem e hoje. — Eu queria passar o Dia de Ação de Graças com você.

A tensão em seus ombros relaxou e seus lábios se separaram.

— Persephone, quem é? — Uma voz alta veio de trás dela, então a porta se abriu completamente.

Suas costas ficaram retas e ela respirou fundo. Ela lançou um olhar por cima do ombro e flexionou a mandíbula.

— Pai, esse é o Reece. — Suas palavras eram apertadas e frágeis como se pudessem quebrar a qualquer momento. — O amigo que convidei para jantar.

— Pensei que você tivesse dito que ele não conseguiria chegar a tempo.

— Seus planos mudaram. — Cada uma de suas palavras era como um roteiro cuidadosamente traçado. Ela voltou para casa, seu pai recuando, me dando espaço suficiente para entrar.

Entrei pela porta marrom escura da casa. Parte da comida já estava em cima da mesa. Eu olhei para Seph.

A cabeça dela caiu. — Desculpe, quando o jogo terminou, eu sabia que você estaria atrasado. Não queria que você se apressasse para chegar aqui. — As mãos dela estavam entrelaçadas na frente dela.

— Nós valorizamos muito a pontualidade nesta família. — Seu pai ficou atrás de Seph como um linebacker de quase cem quilos em busca de sangue.

— Peço desculpas pelo meu atraso. — Eu dei um passo à frente e estendi minha mão. — Sou Reece Michaels. Eu tive um jogo que demorou mais que o esperado.

Ele olhou para a minha mão como se eu tivesse lhe oferecido um sapato velho antes de sacudi-la de má vontade. — Dr. Alexander. Então você é um atleta?

— Sou jogador de futebol.

Eu não tinha pensado que sua careta pudesse se aprofundar mais, mas foi o

que aconteceu. Ele parecia um dos Muppets rabugentos da varanda.

— Entendo.

Uma porta se abriu e uma mulher passou pela abertura entre a sala de estar e a sala de jantar. Ela era uma versão mais velha da Seph.

— Você deve ser o Reece. É um prazer conhecê-lo. — Ela estendeu a mão e apertou a minha. — Eu sou a Helen.

— Prazer em conhecê-la, Helen.

— Deixe-me pegar seu casaco.

Eu desabotoei e entreguei a ela. Ela guardou no armário ao lado da porta da frente. O tempo todo, Seph ficou lá com as mãos cruzadas na frente dela como se ela fosse um cadete na escola de etiqueta.

O pai dela girou nos calcanhares e desapareceu da sala.

Só então Seph se reanimou, levantando a cabeça e olhando para mim.

— O próximo prato está quase pronto. Posso colocar um pouco para você, se quiser. — A mãe dela limpou as mãos no avental impecável enrolado na cintura.

— Tenho certeza de que há comida mais do que suficiente chegando. O cheiro está maravilhoso.

As bochechas de Helen coraram e ela assentiu, voltando para a cozinha.

Peguei a mão de Seph e enfiei meus dedos nos dela, o calor suave da sua mão derreteu o frio do inverno que senti ao estar longe dela nos últimos dias.

— O que você tem? Está tudo bem? — Eu precisava aproveitá-la o máximo que podia, mas ela estava tão nervosa.

Seu olhar correu para a porta aberta. — Quero me desculpar com antecedência. — Ela mordiscou o lábio inferior.

— Pare de morder, ou você não terá mais nada. — Eu alisei meu polegar em seu lábio. — Eu vou ficar bem. Quão ruim pode ser?

— Persephone. — Seu pai chamou da outra sala. Seu corpo inteiro ficou rígido e ela apertou minha mão antes de relaxar.

— Você está certo. Vamos lá.

Sentamos à mesa e os ponteiros do relógio emitiam os únicos sons fora os dos talheres tinindo contra os pratos. Todo som era amplificado pelo fato de ninguém falar. Cada limpeza da minha boca com o guardanapo de pano no meu colo parecia que eu estava quebrando vidro contra a parede.

Até eu pulei no som estridente do celular de alguém. Todo mundo parou.

O pai dela pegou o celular e empurrou a cadeira para trás. — Eu preciso atender isso.

— Arthur… — Sua mãe olhou para mim, seu pai lançou um olhar para ela, e ela se calou. *O que diabos está acontecendo?* Quando ele saiu da sala, parecia que o ar voltou a entrar.

Seph e sua mãe não eram mais tão cuidadosas com cada movimento e cada palavra. Um poço profundo se formou no meu estômago quando os pedaços do que estava acontecendo se encaixaram. Eu queria estar errado. *Por favor, deixe-me estar errado, porque se eu estiver certo, não vou conseguir me impedir de chutar a bunda do Dr. Alexander.*

— Reece, conte-me mais sobre você. — Sua mãe se inclinou para frente.

— Sou um veterano e jogador de futebol.

— Ele vai ir para o draft. Ele será um jogador profissional e tem sido

fundamental para levar nossa equipe ao campeonato. — O orgulho de Seph fez meu coração inchar. Ela não estava envergonhada por mim. Ela estava orgulhosa de mim, e eu vou dar valor a isso.

— Há outras pessoas no time também. É um esforço em grupo. Todo mundo trabalhou muito para nos levar a esse ponto.

— É maravilhoso que todos estejam indo tão bem.

Meu celular vibrou no meu bolso. Tirei-o para silenciá-lo.

— Quem é? — Seph se inclinou.

— É o meu pai. — Movi-me para desligar o toque.

— Por favor, atenda. É o seu pai e é Dia de Ação de Graças. Tenho certeza que ele quer ter certeza de que você está bem. — Helen me enxotou da mesa.

Sorri para ela e me levantei da cadeira, entrando na sala de estar.

— Oi pai. E aí?

— Como você está? — Era a pergunta que ele fazia após cada jogo. Ele saberia se assistisse um.

— Estou bem.

— Sem batidas fortes por aí?

— Não, nenhuma. Mas perdi um passe.

— Por quê? O que aconteceu? Algo está errado com suas mãos? — A voz dele estava em parte preocupada, em parte esperançosa.

— Eu tinha muita coisa em mente e minha cabeça não estava no jogo. Não é nada.

— Está quieto para um jantar de Ação de Graças em equipe.

— Eu não estou com o time. Estou na casa de Seph. — Olhando pela janela, vi mais flocos de neve flutuarem, uma camada quase cobrindo o chão.

Ele fez um zumbido conhecido e satisfeito. — Muito sério.

— Ela me convidou e, como eu estava na cidade de qualquer maneira, teria sido rude recusar. — Algumas pessoas desceram a rua e bateram na porta da casa em frente à de Seph. Alguém abriu a porta e puxou a outra pessoa para seus braços, suas risadas enchendo o ar. Eu queria segurar minhas mãos no calor do abraço delas. Um pouco diferente do que eu fui recebido na casa dos Alexander.

A ligação ficou silenciosa, o ruído de fundo de mamãe e Ethan discutindo sobre o próximo filme e o som da TV filtrando pelo celular. — Estou contente por você estar seguro. Sentiremos saudades sua hoje.

— Eu sinto saudades de vocês também.

Ele limpou a garganta. — Sua mãe quer falar com você.

— Guarda um pedaço de torta de chocolate para mim, — gritei, tentando pegá-lo antes que ele entregasse o telefone. Não havia como mamãe, Ethan ou Becca me pouparem um pedaço se eu pedisse isso para eles.

Suas vozes abafadas e um som de arranhão encheram meu ouvido, como se ele tivesse pressionado o telefone contra o peito.

— Você está com Seph na casa dos pais dela! — O guincho da minha mãe quase explodiu meus tímpanos.

— Jesus, mãe. Eu acho que eles ouviram você nos três estados vizinhos.

— Eu estava preocupada que você sentisse nossa falta no Dia de Ação de Graças, mas você está com Seph. Tenho certeza de que somos a última coisa em sua mente.

— Claro que sinto falta de vocês.

— Awwn, também sentimos sua falta, mas isso não é o suficiente para me ajudar a guardar um pedaço de torta de chocolate, embora eu deva separar um para Seph.

— Isso é maldade. — Eu ri e me virei, meus músculos tensionando ao ver a pessoa na porta.

— Agora você tem um incentivo para trazê-la novamente. Talvez ela compartilhe seu pedaço com você.

O pai de Seph me deu um olhar de desaprovação. Eu jurei que era a única expressão que ele tinha.

— O próximo prato estará pronto em breve.

— Eu já estou indo, estou apenas desejando à minha família um feliz Dia de Ação de Graças.

Ele deu um breve aceno de cabeça e desapareceu da sala. Sr. Luz do Sol e Felicidade por lá. Era uma maravilha que Seph conseguisse falar com alguém. Se sua mãe não estivesse por perto, Seph teria sido como aqueles macacos de laboratório criados sem afeto ou conforto humano.

— Vamos comer em breve, mãe. Eu tenho que ir.

— Amo você docinho. Ótimo jogo. — Pelo menos a mamãe verificava as pontuações, apesar de não assistir aos jogos. — Vejo você em breve. — Sua voz disparou no final.

— Sim, eu vou vê-los em breve. Amo você.

Terminando a ligação, voltei para a sala de jantar. Seph estava sentada com as costas tão retas e pressionadas contra a cadeira. Ela parecia muito com a primeira vez que a vi, sem um cabelo fora do lugar.

Coloquei minha mão em seu ombro. Ela pulou e sua cabeça levantou, os olhos suavizando quando ela me viu. Passei meu polegar sobre seu suéter de lã.

— Está tudo bem? — Ela perguntou.

— Claro. Meu pai estava me checando como sempre, e eles queriam me provocar sobre comer toda a torta de chocolate.

— Estava tão boa. — Ela tinha o olhar sonhador nos olhos que todo mundo tinha quando se lembrava do sabor escuro e rico.

— Ela disse que guardaria um pedaço para a próxima vez que você aparecer.

A cabeça de Seph se afastou um pouco. — Eu vou lá de novo?

— Não estamos deixando um pedaço de torta lá. Sim, nós iremos. — Eu bati meu ombro no dela e ela sorriu para mim. Levantando a mão dela, enfiei meus dedos nos dela. Seu pulso saltou descontroladamente sob o meu toque.

A porta da cozinha se abriu e sua mãe entrou com dois pratos nas mãos cobertas de luvas.

Seph soltou minha mão e empurrou a cadeira para trás.

— Mãe, você deveria me deixar ajudá-la. — Ela pulou e pegou um dos pratos da mão de sua mãe, deslizando a luva sobre a dela.

Levantei-me e movi as taças de vinho para lhe dar um espaço para os pratos quentes.

— Há muitos outros pratos para trazer.

— Como posso ajudar?

Sua mãe sorriu para mim e os cantos dos olhos dela enrugaram. Ela parecia

muito com Seph. Além das pequenas mechas grisalhas em seus cabelos, não seria difícil imaginá-la como a irmã mais velha de Seph.

— Você pode abrir as garrafas de vinho na mesa? Há um saca-rolhas no carrinho no canto.

— Feito.

As duas desapareceram na cozinha e eu agarrei o saca-rolhas. Torcendo a rolha, abri a garrafa de vinho branco. Era uma que eu tinha visto na adega dos pais de Nix, o que significava que não poderia ter sido barato. Abri a outra garrafa e coloquei as duas na mesa.

— Persephone é um talento excepcional.

Eu estremeci, os músculos do meu corpo se apertando. Ele era um vampiro maluco ou algo assim? O que houve com espreitar pessoas assim sendo uma falta de respeito?

— Ela é. Eu nunca conheci alguém como ela antes.

— E você nunca vai. Seu potencial de crescimento está acima e além do que ela já alcançou. — Ele levantou a garrafa de vinho tinto e colocou um pouco no copo, girando-o ao redor.

— Eu diria que ela já realizou muito.

Ele me lançou um olhar por cima do copo. — Ela pode fazer mais. Ela pode fazer melhor.

Meus dentes cerraram com força e minhas mãos se apertaram nas costas da cadeira na minha frente. — Ela está sempre tentando o seu melhor. Eu nunca conheci alguém que trabalhe tanto.

Ele fez um barulho no fundo da garganta.

A porta da cozinha se abriu e Seph e sua mãe entraram, parando por um segundo quando avistaram seu pai e eu em nosso mini impasse.

Eu coloquei um sorriso no meu rosto. — Deixe-me ajudar com isso.

Seu pai não fez um movimento para ajudar, apenas se sentou em sua cadeira na cabeceira da mesa e examinou cada movimento que todos na sala faziam. Depois que toda a comida chegou, Seph sentou ao meu lado e eu peguei a mão dela debaixo da mesa, passando os dedos sobre as juntas dos seus.

— Estou feliz que você veio. — Ela colocou a mão em cima da minha.

— Estou feliz que você me convidou. — Mesmo que seja apenas para estar lá para interferir um pouco. Sua hesitação em voltar para o Dia de Ação de Graças e em voltar para Boston permanentemente fazia muito mais sentido agora. Ela não achou que eu não era bom o suficiente; ela tinha pavor do imbecil do seu pai. A cada minuto que passava, ficava cada vez mais difícil segurar minha língua. Ele ainda era o pai dela, e nocauteá-lo no Dia de Ação de Graças provavelmente não era o que ela precisava naquele momento, mesmo que eu estivesse tentado a fazer isso.

Eu faria o que fosse necessário para provar a Seph que ela não precisava provar nada a ninguém, muito menos ao imbecil pomposo no final da mesa. *Faça isso por Seph. Apenas passe por essa noite.*

23

SEPH

Hei risada e descansei minha mão no braço de Reece. Minha mãe lutou com o prato muito grande de carne fatiada. Ele e eu nos levantamos de nossos assentos para ajudá-la, e minha mão bateu em um objeto bem na minha frente. O copo de vinho branco balançou e caiu sobre a mesa.

O vinho pulverizou por todo o lado. Reece riu. — Criança Selvagem ataca novamente.

Eu ri junto com ele; copos de vinho e eu tínhamos um histórico bastante terrível. Então, registrei que éramos os únicos rindo. Eu não estava na casa dos seus pais ou no Brothel. Eu estava em casa. Todos os músculos do meu corpo se flexionaram e eu me encolhi, pegando um guardanapo.

— Persephone Elizabeth Alexander, parece que seu tempo longe a deixou descuidada. Você não vê a bagunça que fez? Você convida esse *amigo*, — a palavra era uma mistura de escárnio com desdém escorrendo de seus lábios, — e perde todo o senso de como você deve se comportar.

Ele apontou para a bebida que estava manchando a mesa de madeira escura como se eu tivesse pegado uma lata de tinta spray e a pintado. O ar despreocupado que invadiu a casa foi rapidamente suprimido. Eu tinha esquecido onde estava.

— Pegue uma toalha. — Ele bateu a mão na mesa e os copos chacoalharam.

— Arthur, foi… — Mamãe colocou a mão no ombro dele, mas ele a sacudiu.

As mãos de Reece se enrolaram em seu colo. Sua mandíbula estava tão apertada que eu jurei que ele quebraria um dente.

Passei minha mão sobre a dele. — Está bem. Eu já volto. — Saltando do meu assento, corri para a cozinha e peguei uma toalha debaixo da pia junto com uma garrafa de spray desinfetante. Vozes altas vieram da outra sala. Eu dei dois passos quando houve um estrondo tão alto que os pratos no armário da porcelana sacudiram. Correndo de volta para a sala de jantar, vi que o assento de Reece estava vazio.

— Onde está Reece? — Minha cabeça balançava para frente e para trás.

Minha mãe abriu a boca. Os olhos dela dispararam para a porta da frente.

Meu pai estava na cabeceira da mesa com as mãos pressionadas contra a madeira. — Seu amigo precisava respirar um pouco. — Ele disse *amigo* como se essa pudesse muito bem ter sido uma palavra suja e sentou-se na cadeira com tanta força que foi para trás.

Larguei a garrafa e a toalha e corri atrás dele.

— Persephone, volte aqui. — A voz do meu pai me seguiu quando saí correndo de casa sem nem mesmo fechar a porta. A neve fazia barulho sob os meus sapatos, e o ar gelado atravessava meu suéter. Envolvendo meus braços em volta de mim, olhei para a rua. O pânico subiu no meu peito, apenas diminuindo quando eu o vi no meio do quarteirão.

Eu chamei o nome dele.

Ele parou no meio de um passo. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos e ele saiu sem o casaco. Girando, ele usava um olhar de miséria tão forte que eu podia vê-lo de tão longe. Era um que eu usava com frequência, crescendo em minha casa.

— O que aconteceu? Por que você foi embora? — Como se eu já não soubesse. Como se eu não quisesse fugir pela rua gelada e silenciosa com ele.

Seu olhar voltou para minha casa.

— Eu não conseguia respirar lá. Eu precisava de um pouco de ar. — Sua mandíbula trabalhava horas extras, os músculos e os tendões se tensionando e relaxando.

— Meu pai às vezes pode ser um pouco maníaco por controle.

— Isso está além de maníaco por controle, Seph. — Ele apontou o dedo em direção à porta.

— É assim que ele é. Ele sempre foi assim. — Estremeci. Pequenos flocos flutuavam no ar ao nosso redor; estávamos em um globo de neve com os minúsculos pedaços de gelo suspensos dentro de nossa bolha.

— Isso não é certo. Ele não deveria falar com você dessa maneira. Ninguém deveria.

— Estou acostumada a isso. — Encolhendo os ombros, passei as mãos sobre os braços. — Vamos voltar para dentro. Você esqueceu seu casaco.

Seus sapatos trituravam as manchas de gelo recém-formadas na calçada.

— Você não deveria ter que se acostumar a isso. Não é assim que alguém que se importa com você fala. Vou pegar nossos casacos e podemos ir. — Ele agarrou minha mão, massageando seus dedos nas costas das minhas.

— Eu não posso sair. Minha mãe ainda está lá dentro. Não passei muito tempo com ela, nem sequer conversei com ela desde que fui embora. — Papai vinha interferindo quase como se soubesse que isso me traria de volta para vê-la, e funcionou. Abandoná-la com meu pai depois de sair sem aviso prévio, não, eu não poderia fazer isso com minha mãe. — É a minha família.

— Persephone. — O tom de aviso do meu pai enviou outro arrepio através de mim e minhas costas ficaram retas. Minha mão escorregou do aperto de Reece.

Reece olhou por cima do meu ombro. Suas mãos se juntaram na frente dele.

— Vamos. Podemos encontrar um lugar para conseguir comida. Você pode pegar o ônibus da equipe comigo ou, se o treinador não permitir, pegaremos o trem ou alugarei um carro. Eu não ligo.

Ele pegou minha mão, mas eu a tirei de seu alcance.

— Eu não posso sair. — Deixar minha mãe foi difícil o suficiente durante o ano letivo; eu não poderia abandoná-la para ter o Dia de Ação de Graças sozinha com ele.

— O inferno que você não pode. — Sua mão tocou as minhas, mas eu dei um pequeno passo para trás. Dor brilhou em seus olhos. — Saí porque estava a uma fração de segundo de pular por cima da mesa e nocautear seu pai. Ele é um idiota.

— Persephone. — Olhei por cima do ombro. Meu pai estava no degrau da frente da nossa casa, com os braços sobre o peito. Sua atenção travou em nós dois com seu olhar de desaprovação atordoado.

— Ele só quer o melhor para mim. — Era a mesma desculpa que eu dizia várias vezes nas noites em que chorava até dormir por causa dele.

— Ele é o motivo pelo qual você fez sua lista, o motivo pelo qual você sente que nunca é boa o suficiente. — Reece apontou um dedo furioso por cima do meu ombro.

— Você não entende, Reece. — Ele não entendia. Ele não sabia já que tinha a família perfeita. — Nem todos temos uma família de comédias da Disney.

— Minha família também tem seus problemas, mas eu sempre sei que eles estarão lá para mim.

— Não é todo mundo que tem o grupo engraçado e afetuoso que os ama, não importa o quê. Às vezes, coisas assim vêm com condições. — Ele teve tanta sorte. Ele nem percebia Esse tipo de família era uma em um milhão. Sim, minha família era diferente, mas toda família era. Eu queria ir com ele, queria dizer dane-se tudo e sair sem o casaco também, apenas pular em um táxi e ir aonde ele quisesse que eu fosse, mas não podia.

Ele balançou a cabeça e a tristeza em seus olhos trouxe lágrimas aos meus. — Mas não deveriam.

— Nem sempre é assim. Sim, ir para Fulton U foi parte da minha rebeldia e minha lista também, mas essa vida nunca foi uma que eu pensava que seria capaz de escapar para sempre. Não é uma vida da qual eu quero escapar. Você também terá sua grande vida de o-céu-é-o-limite, e... bem, essa é a minha. — A raiva borbulhou sob a superfície. Ele conseguia fazer o que diabos ele queria e responder a ninguém. Nem todo mundo vivia esse tipo de vida. Alguns de nós tinham pessoas a proteger e expectativas a cumprir.

Ele olhou para o céu, um floco de neve caindo em sua bochecha, absorvendo seu calor e se dissolvendo nele como eu queria. Eu queria correr para o abrigo de seus braços e nunca olhar para trás. Mais neve se acumulou em seus cílios e sua cabeça caiu, seu olhar fixo no meu.

Minha garganta se apertou com as emoções nadando em seus olhos. Renúncia? Desapontamento? Dor? Talvez um pouco dos três.

— Por favor, Reece, volte para dentro. Vai ficar tudo bem. — Não tínhamos muito tempo. Eu queria passar esse tempo com ele, mesmo que estivesse sob a nuvem do meu pai. Nós poderíamos salvar essa noite. Papai entraria em seu escritório não muito tempo após a refeição e todos nós poderíamos relaxar um pouco mais. Já havia passado dois dias sem Reece, e isso era dois dias de mais. O que aconteceria quando eu não o visse novamente? Meu peito se apertou e foi difícil respirar fundo com Reece na minha frente e o olhar opressivo do meu pai nas minhas costas. — Por favor. — Eu segurei mais apertado a mão dele.

— Eu quero, mas eu sei o que vai acontecer se eu voltar lá. — Sua mandíbula apertou. — Eu não posso, Seph.

Eu assenti, piscando minhas lágrimas. — Compreendo.

— Acho que não compreende. — Ele enfiou a mão no bolso. — Isto é para você. Pensei em guardar até o Natal, mas quero que você o tenha agora. — Com o punho em volta do que quer que fosse, ele o colocou na minha mão, seu toque quente derretendo um pouco do frio cortante. Ele me puxou contra ele como um abraço final parado em uma plataforma de trem.

Beijando o topo da minha cabeça, ele descansou a bochecha lá por um segundo antes de me deixar ir. Eu o observei se afastar, o forte silêncio da rua pontuado pelo meu nome sendo chamado a cada poucos segundos. Olhei pela rua até a figura de Reece desaparecer de vista.

— Persephone. — Eu pulei quando senti a mão da minha mãe no meu ombro. — Vamos levá-la para dentro. — Ela colocou meu casaco sobre meus ombros e

me virou em direção a casa. Reece se foi. Era isso que eu queria, certo? Eu nem queria que ele viesse, então por que eu estourei a porta da frente e o persegui pelo quarteirão?

Dentro de casa, ela tirou o casaco e pendurou no armário ao lado de onde o de Reece estava. Minhas narinas se alargaram e soltei uma respiração lenta e profunda. *Controle-se. Acalme-se. Tudo vai dar certo. Sim, ele foi embora, tudo bem. Ele estava indo embora de qualquer maneira. Isso é apenas um pouco mais cedo do que o esperado.*

— Vou pegar um chá para aquecer você. — E então ela se foi como um fantasma em sua própria casa. As molduras perfeitamente retas cobriam as paredes, cada um de nossa família parecendo um triste transplante da era vitoriana. Paredes brancas, carpete bege, móveis bege. As paredes da caixa estavam se fechando a cada segundo que passava. *Ainda consigo respirar muito bem nessa prisão bege. Eu não preciso das distrações de qualquer maneira. Eu vou ficar bem.*

— Esses são os tipos de amigos que você faz na escola? E você se pergunta por que queremos você de volta em casa. Você não pode confiar em si mesma para tomar decisões importantes. — Ele deve ter continuado falando porque o zumbido de sua voz e as farpas que ele lançava continuavam vindo, mas eu não conseguia mais ouvi-lo. Havia apenas o bater do meu pulso e as respirações superficiais que eu engolia.

Uma corrente fina deslizou para fora do aperto mortal que eu tinha sobre o que Reece havia passado para mim. Abrindo minha mão, olhei para as jóias de prata. Um pingente circular estava no meio do emaranhado da corrente. Virando, respirei fundo e li as palavras: *Você é o suficiente.*

Elas bateram na minha cabeça, com tanta força que fiquei surpresa que consegui ficar de pé. E então eu fiz algo que nunca havia feito antes. Eu saí enquanto meu pai estava no meio de uma de suas conversas. Peguei a jaqueta de Reece do armário e subi as escadas dois degraus de cada vez. Fechando a porta, sentei na beira da minha cama.

Com os joelhos puxados contra o peito, olhei pela janela. A neve estava ainda mais pesada agora. Ele estava aquecido? Ele pegou um táxi? Seria difícil de encontrar um no Dia de Ação de Graças. Quanto tempo demoraria até ele deixar a cidade? Por que eu não fui com ele?

A batida suave na porta me tirou da minha espiral contemplativa. Mamãe enfiou a cabeça, segurando uma bandeja com um bule, leite e açúcar.

— Desculpe não ter chegado aqui antes. Seu pai precisava de um pouco de calma. — Seu pequeno sorriso não alcançou seus olhos. Quase nunca alcançava quando se tratava de algo a ver com meu pai.

— Sempre foi assim, mãe?

Ela colocou a bandeja na minha mesa e começou a fazer a xícara de chá. — Seu pai nunca foi um homem caloroso, mas homens brilhantes raramente são.

— Ele era assim quando vocês se conheceram?

Ela se virou, e desta vez o sorriso alcançou seus olhos, mas ainda estava cheio de tristeza nas bordas. — Ele era absolutamente incrível nas aulas. Ele ficava tão bonito em seus blazers, e todas as garotas eram apaixonadas por ele. — A colher dela tilintou do lado da xícara. — Eu às vezes era uma criança selvagem, como

sua tia Sophie. Todas as meninas queriam a atenção dele, mas por algum motivo, ele me escolheu. É natural que você mude um pouco por alguém que gosta. — Ela estendeu a xícara em um pires para mim.

— Mas se eles se importam com você, eles não querem que você seja quem você é?

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, uma prova de quão cansada ela estava. Um cabelo fora do lugar era uma violação maciça das regras da família Alexander. — Às vezes eles querem melhorar você. — Os cantos de seus lábios se levantaram, mas eu não podia nem chamar isso de um sorriso. — Eu preciso ir limpar lá embaixo.

— Eu irei ajudar.

— Não, você aproveite o seu chá. Deixe-me saber quando tiver terminado e eu venho buscar.

Tomei um gole do chá quente escaldante. — Eu vou levar.

— Não, não faça isso. Eu venho buscar. Seu pai ainda está lá embaixo.

Ela reorganizou os itens na bandeja.

— Entendo. — Ah, então essa era a maneira dela de me dizer que eu havia sido efetivamente banida e que tinha que ficar no meu quarto. Era como quando eu era pequena e eles me mandavam para cá sem nada para me manter ocupada, com todos os livros e papéis retirados, meu violino trancado. Era a pior coisa que você poderia fazer com uma criança com uma mente hiperativa, prendê-las em um espaço sem lugar algum para a energia ir, nenhum lugar para a mente vagar ou escapar. Foi quando eu comecei a trançar.

Ela fechou a porta atrás dela, sussurrando baixinho, da mesma maneira que sempre fazia tudo, nunca fazendo barulho ou incomodando ninguém.

Mesmo com o aquecedor ligado, meu quarto estava mais frio do que nunca. Eu esperava ver minha respiração em fumaça no ar na frente do meu rosto. Colocando meu chá na mesa, peguei o casaco de Reece da beira da cama. Eu deveria ter saído. Por que eu fiquei? Eu não queria deixar minha mãe, sim, mas mais do que isso, obedecer estava marcado em meu cérebro, queimado durante anos de sempre fazendo o que era esperado de mim. Agir pelas costas deles, pelas costas do meu pai, para fazer qualquer coisa que fosse contra a visão dele para quem eu me tornara estava simplesmente fora de questão.

Colocando o casaco de Reece, deitei-me na minha cama, o cobertor acolchoado fresco contra a minha bochecha. Empurrei os braços para cima para que minhas mãos estivessem livres. Enfiando a mão no bolso, peguei o seu presente.

Eu olhei para o pingente na minha palma. O metal frio esquentou na minha mão e eu fechei meu punho ao redor, segurando-o próximo a boca. Meus ombros tremiam e eu nem tentei afastar as lágrimas. Qual seria o ponto que eu partira meu próprio coração? As palavras inscritas no minúsculo círculo prateado eram aquelas em que eu nunca acreditei e não sabia se podia acreditar agora. *Você é o suficiente.* Tão simples, apenas quatro pequenas palavras.

Era isso que ele pensava de mim? Havia tantas coisas que eu sempre senti que estavam faltando, tantas coisas que eu tinha que melhorar. E se ele estivesse errado? E se eu não fosse e nunca seria? Esse medo correu forte dentro de mim, mas havia também um pensamento menor no fundo da minha mente: e se ele

estivesse certo?

24

REECE

Hu bati minha mão no saco de pancadas no ginásio. Dorflex Icy Hot, suor e desinfetante se fundiram em um cheiro que só existiria em um lugar onde as pessoas pegavam pesos todos os dias, mas o lugar estava vazio agora. O calor começou, mas não foi suficiente para aquecer o espaço quando vazio.

Cada soco que eu pousava ecoava nas vigas de aço com tinta branca descascada acima da minha cabeça. Eu estava a segundos de socar o pai dela. Eu nunca quis tanto bater meu punho no rosto de alguém. A maneira como ele falou com ela, como um pai poderia falar com um filho assim? Meus pais e eu discutimos, mas cada palavra que saía da boca do pai de Seph era uma maneira de diminuir ela, outra coisa que ela estava fazendo de errado aos olhos dele.

Como ela conseguiu pensar que poderia fazer *algo* certo com alguém assim constantemente repreendendo e menosprezando tudo o que fazia? Seph era dez vezes mais forte que qualquer homem do meu time. Claro, todos nós tínhamos treinadores gritando e vociferando conosco, nos mandando fazer exercícios até vomitarmos, mas nunca foi porque eles achavam que não podíamos fazer isso. Eles estavam sempre tentando nos construir. Depois de algumas horas em volta do seu pai, eu admirava que ela tivesse aproveitado a chance de sair.

Meus dedos doíam e latejavam. Imaginei o rosto do pai dela no centro da bolsa. A bandeira que o juiz tinha levantado no dia anterior, quando eu avancei em um dos defensores, veio quando eu soltei apenas um décimo da raiva ainda batendo nas minhas veias.

Ela ficou lá e deixou que ele falasse com ela assim. Até sua mãe parecia ter medo de fazer uma jogada errada. A maneira às vezes embaraçosa e exagerada com que meus pais estavam juntos não parecia mais tão embaraçosa, e a reação de Seph na casa deles por causa de um copo derramado fazia muito mais sentido agora, do jeito que ela me olhou como se o mundo estivesse prestes a explodir. Eu queria abraçá-la e garantir que ela soubesse que tudo ficaria bem.

Como teria sido crescer na casa dos pais dela? Não é à toa que ela era tão cautelosa e não sabia como interagir com as pessoas. Como você pode, quando estava preocupado a cada segundo, em cometer um erro?

Eu não me importava se ele era o pai dela ou não, mas socá-lo não iria me conquistar nenhum ponto em seu livro. Meu pai e eu nem sempre concordávamos, mas nunca havia uma dúvida em minha mente que ele queria que eu fosse feliz. Foi por isso que ele me deixou jogar futebol em primeiro lugar, depois de anos me dando um não retumbante.

Uma das portas duplas da academia se abriu, rangendo como se nunca tivesse encontrado uma lata de óleo em sua vida. Ela bateu e eu voltei a dar um soco, não era uma jogada inteligente, considerando que todo o meu futuro repousava em manter minhas mãos protegidas.

— Quer falar sobre isso? — Nix pegou a bolsa, segurando-a enquanto eu dava mais cinco socos.

— Na verdade não. — O suor escorria pelo meu rosto.

— É isso ou estragar suas mãos para o jogo no próximo fim de semana.

Eu dei outro soco, mas ele afastou o saco, me fazendo errar e tropeçar para frente. — Que diabos, cara?

— Você está estranhamente quieto desde o Dia de Ação de Graças. Você disse que estava indo jantar na Seph, abandonou o time, e então estava no ônibus na manhã seguinte parecendo querer arrancar a cabeça de alguém. O lance de conhecer os pais não correu bem?

— Não. — Usando meus dentes, puxei o velcro na base da luva de boxe na minha mão. O rasgo satisfatório encheu o ar. Colocando a luva entre minhas pernas, agarrei a outra, tirando-a também.

— Você vai ter que me dar mais do que isso.

— Por quê? — Eu me virei, jogando minhas luvas no chão. — Por quê eu tenho que lhe dar alguma coisa? Você mal está por perto. Você continua desaparecendo. Eu não sou o único com segredos. — Agarrando minha toalha, apertei minhas mãos em volta dela.

— Os meus não estão afetando meu jogo.

Passei a toalha pelo rosto. — Sempre o jogador perfeito. — Joguei no banco e passei por ele, batendo em seu ombro. Ele viveu a vida que a maioria das pessoas sonhava. Ele um jogador no primeiro round do draft e tinha uma lenda como pai, um homem que tinha três anéis de campeonato e ainda mais recordes em seu nome.

Ele agarrou meu braço e me puxou de volta. — Porra, cara. Eu vim aqui para ajudá-lo, deixá-lo desabafar com alguém fora do campo para não estragar o futuro pelo qual está se matando, há quantos anos? Mas se você quer ser um idiota sobre isso, aí é com você.

Girando nos calcanhares, ele se afastou.

— Espera, — eu gritei, e meus ombros caíram quando me sentei no banco de treino. — Apenas espere.

Ele parou e se virou, voltando para mim. Arrastando um banco de supino, ele sentou na minha frente.

— Desculpa, ok. Fui ao jantar de Ação de Graças na casa de Seph com os pais dela.

— Acho que as coisas não foram bem.

— Se você chama quase bater no rosto do pai dela e sair furiosamente não ir bem, então sim. Foi um desastre.

— O que aconteceu?

— Ele estava sendo um idiota, constantemente a diminuindo. Tudo o que ela fazia estava errado. Cada movimento que ela fazia deveria ter sido mais rápido ou mais lento. Te contei o que aconteceu na casa dos meus pais quando ela derrubou o copo de vinho.

Ele assentiu.

— Cara, com o jeito que seu pai a criticou quando ela derramou vinho branco sobre a mesa, estou surpreso por ela não ter fugido de casa.

— Tão ruim assim, hein?

Eu dei um soco na minha mão aberta. — Pior. Era horrível, e eu sabia que, se não saísse dali, as coisas iriam piorar. Então só saí. Saí da casa furiosamente e a deixei lá.

— O que você deveria ter feito?

— Ela correu atrás de mim e olhou para mim como se tudo fosse simples. Pedi que ela viesse comigo.

— Acho que ela não foi.

Eu balancei minha cabeça. — Não, então eu fui embora.

— Quando se trata de família, as coisas ficam complicadas. Você sabe disso tão bem quanto qualquer outra pessoa. Todos nós temos nossos problemas quando se trata de família, alguns piores que outros. Alguns podemos superar, outros não. — Os lábios dele se apertaram em uma linha sombria.

— Eu tenho certeza que ela me odeia por sair daquele jeito. — Passando as mãos sobre o rosto, soltei um grunhido. Eu deveria ter a jogado por cima do ombro e tirado ela de lá. Poderíamos ter voltado para o meu quarto de hotel, tomado um banho, beber coisas caras do minibar e assistir filmes juntos. — Ela provavelmente sente como se eu a tivesse abandonado com seu carrasco.

— Ela não sente isso. — Ele deixou cair a mão no meu ombro.

Minhas sobrancelhas se franziram. — O que te faz dizer isso?

— Porque ela estará aqui em cerca de dois minutos. — Ele abriu um sorriso. Ele tinha isso na manga o tempo todo.

Eu levantei do banco. — O que?

— Ela me enviou uma mensagem e eu disse que a ajudaria a encontrar você. Quando te vi aqui, contei a ela onde você estava. — Ele me deu um tapa no ombro. — Você pode me agradecer mais tarde.

— O que você faria se eu deixasse você sair antes?

Ele encolheu os ombros. — Deixaria você se afundar na sua miséria um pouco mais.

Eu joguei minha toalha suada na cabeça dele. — Idiota.

A porta da academia se abriu. Seph entrou com as mãos entrelaçadas na frente dela contra o casaco na altura da panturrilha. Ela puxou os polegares, mordendo os lábios dos quais fui privado por dias.

— Vou deixar vocês dois a sós.

— Obrigado. — Eu disse distraidamente, toda a minha atenção concentrada em Seph.

Nix saiu pela porta, parando ao lado dela.

— Eu disse que eu o encontraria para você. — Ele lançou um olhar por cima do ombro.

— Eu agradeço.

Ele saiu. O olhar dela se voltou para o meu, e ela ainda mordiscava o lábio inferior. Quando o soltou entre os dentes, ficou mais cheio e brilhava à luz. Eu queria correr meus dedos por ele.

Seu cabelo estava meio para cima e meio para baixo. Sua coroa de tranças ainda estava lá, mas as ondas suaves se estabeleceram em torno de seus ombros como faziam quando eu passava meus dedos por eles, como eu queria fazer agora.

Ela deu um passo à frente, mas parou no meio da academia como se quisesse fazer uma fuga rápida.

— Vim pedir desculpas.

Limpei o suor do rosto com uma toalha. — Pelo o que você está se desculpando, Seph? — Parecia que ela passara a vida toda se desculpando e se arrependendo por merdas que não precisava.

— Pelo dia de Ação de Graças. Eu não deveria ter convidado você em

primeiro lugar. Isso foi um erro.

Isso doeu. Como um passe de noventa jardas jogado a três metros de distância, batendo direto no meu peito.

— Você não me queria lá? — Por que eu parecia uma criança carente que tinha sido desconvidada de uma festa?

— Não. — Sua voz soou nas vigas da academia e ela balançou a cabeça, dando um passo mais perto. — Eu queria ver você. Eu queria passar o feriado com você. Queria que fosse tão caloroso e convidativo quanto quando conheci sua família, mas... — O queixo dela caiu. — Meu pai não facilita as coisas.

Meus punhos cerraram ao meu lado.

As luzes do teto capturaram a fina prata enrolada em volta do pescoço e desaparecendo em sua blusa. Avançando, levantei minha mão e a deslizei para baixo da corrente. As costas dos meus dedos deslizaram ao longo de seu peito, e ela não se afastou.

Correndo minha mão sob o metal, levantei o pingente que eu tinha comprada para ela de debaixo da sua blusa. Estava quente na minha mão, aquecido por sua pele.

— Você está usando. — Olhei para a frase. Quando o vi, peguei sem pensar duas vezes. Depois de passar o jantar com sua família, eu percebi o quanto ela precisava ouvir essas palavras.

— Eu não o tirei desde que você me deu. — Suas palavras estavam apenas acima de um sussurro.

Minha garganta se apertou. Passei o polegar pela escrita. Minhas juntas roçaram a base de sua garganta.

Ela engoliu em seco, o oco fazendo a garganta pular.

— É o melhor presente que já recebi. Obrigada. — A mão dela cobriu a minha, tão macia e delicada, longa e esbelta, refinada como ela. Elas contrastaram contra minhas mãos ásperas e grandes demais de pegar bolas de futebol. Nós éramos opostos de muitas maneiras, mas nos encaixávamos.

— É cem por cento verdadeiro, o tempo todo.

A cabeça dela se abaixou. Meus lábios deixavam carícias fantasmas contra sua testa enquanto ela falava.

— É difícil acreditar quando você nunca foi o suficiente, quando não importa o quanto tente, você sempre falha. — Suas palavras sussurradas enviaram aquela velha raiva pulsando em minhas veias, mas isso veio em segundo lugar depois de querer fazê-la ver a verdade.

Levantei sua cabeça pelo queixo e olhei nos olhos dela. — Você é a pessoa mais incrível que eu já conheci.

Ela descansou as mãos no meu peito, seus polegares traçando um pequeno círculo sobre a minha camisa suada, que se agarrava ao meu corpo.

— Você está dizendo isso porque eu sou a única pessoa que você já conheceu que publicou um anúncio atrás de sexo. — Ela inclinou a cabeça para o lado e o canto da boca se levantou.

— Você está certa. Não consigo imaginar que encontrarei alguém assim na minha vida. — Coloquei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e segurei sua bochecha.

O que teria acontecido se eu chegasse cinco minutos atrasado? Se o treinador

tivesse marcado a reunião em outra cafeteria ou a pessoa de relações públicas estivesse cinco minutos adiantada? Engoli o nó do tamanho de uma bigorna na minha garganta. Ela era a primeira coisa em que eu pensava pela manhã e a última em minha mente quando fechava os olhos, esperando que meus sonhos fossem preenchidos com seus beijos viciantes e toque gentil.

A queda foi longa e forte, tão forte que eu teria contusões nos joelhos por meses, mas ela ainda estava indo embora no final do ano letivo. O tempo que tínhamos passava segundo a segundo. Eu capturei seus lábios com os meus em vez de dizer as palavras que ameaçavam fazer uma aparição na superfície: *eu estou apaixonado por você*.

Suas mãos apertaram minha camisa, me puxando para mais perto, não querendo quebrar nossa conexão. Nos separamos para respirar, nós dois estávamos no meio da sala de musculação, ofegantes.

— Eu estou uma bagunça suada e nojenta. Me dê três minutos e eu vou tomar um banho, então podemos ir para minha casa.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios. — Estarei esperando.

25

SEPH

NÓS irrompemos pela porta da sua casa, e Berk se inclinou para a frente com uma sobrancelha arqueada. Reece subiu os degraus dois de cada vez, me puxando atrás dele.

— Oi, Berk! Tchau, Berk! — Consegui espremer as palavras antes que ele desaparecesse de vista quando chegamos ao topo da escada.

— Divirtam-se, suas crianças loucas. — Ele gritou do andar de baixo.

Reece abriu a porta e me puxou para dentro. A fechadura mal tinha clicado antes que suas mãos estivessem em mim, afundando no meu cabelo, a trança cuidadosamente feita se desenrolando quando seus dedos chegaram ao meu couro cabeludo, passando pela pele sensível. Sua boca marcou seu toque escaldante na minha pele e meu corpo vibrou com desejo.

— Senti sua falta. — Seus dedos brincaram com o final da minha trança. Trabalhando como se ele tivesse todo o tempo do mundo e meu corpo não estivesse prestes a queimar por seu toque, ele soltou meu cabelo. Fios caíram na frente do meu rosto, cobrindo meus olhos como uma cortina. Seu toque gentil fez tanto para mim quanto as pontas ásperas de seus dedos raspando minha pele.

Ele agarrou o cabelo na base do meu pescoço e olhou nos meus olhos. Meu cabelo caiu em volta do meu rosto, recentemente solto da trança cruzada em que eu o colocava.

— Eu gosto de ver você se desfazer. — Ele deslizou a mão sob o meu queixo e beijou meus lábios até que eles estavam latejando e inchados. O volume da TV aumentou no andar de baixo, vibrando no chão.

— Eu acho que Berk está se sentindo um pouco ressentido. — Ele riu contra os meus lábios e me puxou para longe da porta para a cama.

Caindo de joelhos, desabotoei seu jeans. Ele me olhou da cama como se eu fosse um ladrão pedindo para segurar sua carteira. Ele levantou os quadris e eu os arrastei pelas pernas. Seu pênis saltou, batendo contra seu estômago.

Eu não tinha visto isso de perto e tão íntimo antes. A luz do lado de fora veio através das cortinas de ripas. Eu corri minha mão para cima e para baixo em seu comprimento, espalhando a gota de pré-sêmen em sua ponta grossa. Seus dedos afundaram na colcha. Se amontoou por debaixo do seu aperto e ele respirou fundo.

Me deleitando da sensação suave e sedosa de sua pele e a reação a cada movimento meu, eu me inclinei mais perto.

— Seph. — Meu nome era um sussurro rouco que mostrava sua contenção e proximidade ao seu ponto de ruptura. Minha cabeça girou com o poder e o prazer saltando entre nós.

— Não se preocupe, eu já li muito sobre isso.

Ele deu uma risada. — Só espero que isso termine melhor do que a nossa aventura na piscina. — Sua última palavra foi cortada quando envolvi meus lábios em torno da ponta e girei minha língua em torno da base da cabeça.

Ele gemeu e jogou a cabeça para trás. — Porra, você poderia ter me avisado. — Seu corpo estremeceu.

Respirando pelo nariz, eu engoli mais dele. Minha boca se esticou ao máximo para pegar tudo dele. Eu também sentia falta dele. O cheiro de primavera da sua

pele fresca do chuveiro roçou na lateral do meu rosto. Ele disparou para frente, curvando-se. Enrolando em cima de mim, seu peito roçando o topo da minha cabeça, ele afundou os dedos nos meus cabelos, puxando as raízes cada vez que eu passava minha língua na coroa de seu pau. Seu comprimento duro pulsou contra a minha língua.

Seus gemidos ásperos enviaram arrepios na minha espinha.

— Pare, Seph.

Mas eu não queria parar. A suavidade sedosa de seu eixo, juntamente com a urgência de seus dedos no meu couro cabeludo, me fez sentir como se eu estivesse voando. Minha boceta apertou com cada puxão no meu cabelo.

— Eu vou gozar. — Seu sussurro forte fez meu estômago revirar.

Apertando meus lábios, esvaziei minhas bochechas e afundei o mais fundo que pude. Ele gritou e seu pau pulsou na minha boca. Jatos de esperma derramaram na minha garganta e eu engoli tudo dele.

Lentamente, ele levantou minha cabeça longe de seu pau. A ponta saiu livre da minha boca com um estalo e ele estremeceu. Sua respiração ofegante se juntou aos sons das minhas profundas inalações.

— Isso seriamente foi sua primeira vez? — Seus olhos estavam arregalados quando seu peito subiu e desceu. Ele manteve as mãos nas minhas bochechas, segurando os lados do meu rosto.

A preocupação surgiu no fundo da minha mente. — Eu disse que li sobre isso. Foi ok, certo?

Ele segurou meu queixo entre os dedos e levantou meu rosto em sua direção.

— Se você acha que isso foi só ok, da próxima vez talvez você exploda meu cérebro na parte de trás do meu crânio. — Seus lábios encontraram os meus de uma maneira suave, quase reverente.

Minhas mãos correram ao longo de suas pernas. Seus músculos se contraíram sob o meu toque. Envolvendo seus braços em volta de mim, ele me levantou do chão e me puxou para a cama ao lado dele, sua boca nunca deixou a minha. Ele mergulhou entre meus lábios abertos, roubando um pouco mais da minha respiração até que ele era o ar que eu precisava.

Suas mãos trabalharam febrilmente, levantando minha camisa por cima da minha cabeça e arrastando minhas calças pelas minhas pernas como se estivessem pegando fogo.

— Eu tenho sonhado com você todas as noites, e se eu ainda estiver sonhando, não quero acordar. Eu preciso de você. — Esse foi o único aviso que recebi. Ele se ajoelhou na cama. Seu pênis ereto e pesado se projetou na frente dele. Seu tempo de recuperação foi espetacular, com base no que eu havia lido. Olhando para o meu corpo, seus olhos passaram por mim.

— Eu preciso de você também. Mais do que meu próximo suspiro, preciso sentir você.

Exposta e aberta a ele, nunca me senti mais viva. Ele abriu minhas pernas, deixando meus joelhos se abrirem. Separando minha boceta com os dedos, ele pressionou um beijo no meu clitóris e o chupou em sua boca. Um prazer elétrico pulsante atravessou meu corpo. Minhas costas se arquearam da cama e eu gritei. Pintando minha boceta com a língua, ele a deslizou dentro de mim. Bati minha mão na cama ao meu lado. Meus orgasmos bateram em mim em rápida sucessão.

— É injusto quão bom é o seu gosto, Criança Selvagem. Me fazer escolher entre te chupar a noite toda e ver você me montar é quase muito cruel. — Ele pegou uma camisinha no bolso da calça jeans e a rasgou com os dentes. Enrolando-o em seu pênis, ele segurou minhas pernas por trás dos joelhos e as descansou em seus ombros. — Mas eu tenho que ter você agora.

Ele correu seu pau ao longo da minha abertura molhada, me provocando com um toque suave da cabeça contra o meu clitóris. Peguei um punhado de cobertores debaixo de mim. Se aproximando de joelhos, ele mergulhou em mim, um movimento longo, lento e para frente, me esticando a cada centímetro.

Com as pernas sobre seus ombros, eu estava impossivelmente aberta para ele. Seu meio golpe parecia nunca terminar até que as frentes de suas coxas se acomodaram contra as minhas. Eu me contorci contra ele, ofegando e respirando fundo contra sua deliciosa invasão.

Ele abaixou a cabeça, quase apoiando-a na minha. Eu nunca pensei que ser enrolada como um pretzel pudesse ser tão bom.

— Você está bem? — Ele engoliu em seco e olhou nos meus olhos, a conexão entre nós me puxando para a frente como se um laço estivesse em volta do meu coração.

Eu assenti. De jeito nenhum um som inteligível sairia da minha boca neste momento.

— Bom, porque eu quero que você goze no meu pau para que eu possa fazer você gozar novamente. — Inclinando-se mais, empurrando-se mais fundo do que antes, ele beijou a ponta do meu nariz antes de começar sua retirada. Minhas paredes se apertaram ao redor dele, não querendo que ele fosse embora, golpes lentos e constantes com os nossos olhares presos no ápice das minhas coxas, onde estávamos juntos.

— Mais, Reece. Me dê mais.

Ele olhou para mim, as sobrancelhas franzidas em profunda concentração. Segurando meus joelhos, ele bateu seus quadris em mim.

Eu gritei, pelo menos eu tinha certeza que sim. As janelas sacudiram. Ele fez isso de novo e de novo, cada golpe fundo e me arremessando em direção à beira do orgasmo em que eu estava me equilibrando. Meus dedos do pé se curvaram e eu bati meus calcanhares nas costas dele. O orgasmo correu para mim como um touro, e se eu já não estivesse de costas, teria caído de bunda na cama. Bati minhas mãos na cama, tentando segurar enquanto Reece me fodia com mais força. Meus dedos se apertaram ao redor dos lençóis e eu os levei comigo quando seu avanço sem fim roubou meu fôlego. A cabeceira bateu contra a minha cabeça e meus quadris levantaram do colchão quando ele bateu no meu clitóris no mesmo ritmo de seus impulsos.

O segundo clímax brutal rasgou através de mim, meus músculos se apertando como se eu estivesse presa a um fio elétrico. Minhas paredes se apertaram ao redor dele. Ele gritou, seus dedos cavando nas minhas coxas. Seu pênis se expandiu na prisão de látex, provocando outro orgasmo que me fez bater minhas mãos contra a cabeceira da cama. Meus olhos se fecharam e tentei me lembrar do meu próprio nome. O casulo quente do meu orgasmo e o corpo de Reece fizeram minha pele zumbir.

Caindo para a frente, ele me enjaulou debaixo dele. Ele salpicou meu rosto

com beijos suados e meio delirantes.

— Eu já disse que senti sua falta?

— Pelo menos uma vez. — Passei minha mão ao longo de sua nuca. O suor fazia os cabelos de lá grudarem. — Eu deixei você todo suado logo depois do banho.

— Sempre que quiser, Criança Selvagem. Sempre que quiser. — Ele sorriu para mim.

Eu o puxei para outro beijo. Eu não tinha bebido nada, mas eu estava definitivamente bêbada dele, e eu estava mais do que feliz em beber tanto dele quanto eu precisava pelo tempo que pudesse, para sempre. Meu coração gaguejou. E se não pudéssemos ter o para sempre? Ele tinha sido claro sobre o que isso era e o que não era. Ele seria convocado no final do ano, e então? Mesmo se eu ficasse, isso não significava que ele ficaria.

Ele pulou da cama e se livrou da camisinha antes de mergulhar de volta ao meu lado.

Os ruídos da TV do andar de baixo se transformaram em um grave que vibrava na cama. Vozes soaram no corredor.

— Você ia dar uma festa hoje? — Apoiei minha cabeça na minha mão.

Ele jogou o braço sobre o rosto. — Não, mas isso não significa que não há uma rolando lá embaixo. Não precisamos ir. Tranquei a porta e eles nos deixarão em paz.

— Você não quer ir? — Eu não queria que ele perdesse uma festa por minha causa. Eu queria ir até lá, mas as velhas inseguranças voltaram, as que se infiltravam sempre que estávamos perto de pessoas que ele conhecia. Eles olhavam para nós e perguntavam como diabos isso aconteceu? Haveria olhares e risadinhas? Devo dizer foda-se e ir lá fora de qualquer maneira? Eu pensei que deveria adicionar isso à minha lista; então eu podia me sentir realizada por fazer isso e me dar a desculpa de não dar a mínima para o que os outros pensavam. — Nós podemos ir, se você quiser. Eu não estive em muitas festas, na verdade, *nenhuma* outra festa além da última que você teve aqui.

Ele se sentou na cama e olhou para mim. — Sério? O churrasco que fizemos no quintal foi a primeira festa em que você já esteve? — As sobrancelhas dele se ergueram.

Eu assenti. — Não conto os jantares do departamento acadêmico com pessoas quase quarenta anos mais velhas que eu como festas, por si só.

— E as suas festas de aniversário?

— Eu nunca tive uma. Não era como se eu tivesse amigos para convidar. Minha mãe fazia minha refeição favorita e às vezes um bolinho, mas era só isso. — Eu levantei os lençóis sobre o peito, me sentindo ainda mais nua do que apenas no aspecto físico. As crianças na rua sempre amarravam balões em volta de suas caixas de correio ou os colavam nas portas da frente sempre que havia uma festa. Eu me sentava na poltrona na sala, meus joelhos afundando nas almofadas de couro duro enquanto os assistia entrar e sair das casas, rindo, brincando e se perseguindo.

Reece se jogou sobre mim, me prendendo embaixo dele. — Você nunca teve uma festa de aniversário? — Ele disse isso como se eu tivesse dito a ele que nunca tinha respirado ar.

Dei de ombros. — Elas não eram realmente uma prioridade na casa dos Alexander. — Eu repito as palavras do meu pai.

Ele puxou os lençóis de cima de mim. — Então vamos participar de todas as festas que pudermos. Vamos, Criança Selvagem. Vista-se. — Pegando nossas roupas no chão, ele as empilhou na cama. Recostei-me no colchão e o observei. Sua bunda musculosa e bronzeada desapareceu sob o jeans azul escuro. *Que pena.*

Olhando por cima do ombro, ele olhou para mim com seus jeans desabotoado. — Tem alguma coisa no meu jeans? — Ele girou em um círculo, tentando verificar sua própria bunda.

Eu segurei minha risada, sorrindo largamente para ele. Rastejei sobre a cama e puxei-o para a frente pelas presilhas do cinto. — Não, eu estava admirando a vista. Só fica melhor quando você os tira.

Ele sorriu e me puxou para ele, pisando na beira da cama. Erguendo-me de joelhos, tracei meu dedo ao longo de seu abdômen, seguindo-o. Ele pegou meu pulso e levantou-o, beijando a parte interna.

— Vista-se. Vou exibir você para todos. — Ele empurrou minha camisa e calça contra o meu peito.

— Eu realmente não acho que essas roupas sejam para ser exibidas. — Eu as coloquei na frente do meu rosto.

— Isso é que você pensa. — Ele sorriu e colocou a camiseta por cima da cabeça.

Sacudi minhas roupas, tentando encontrar a peça que faltava.

— Onde estão minhas roupas íntimas?

— Você quer mesmo saber? — Ele piscou e bateu no pulso nu. — Vamos, rápido.

26

REECE

Correndo o mais rápido que pude, afastei-me da linha de *scrimmage*. Restavam dois segundos no relógio. A cabeça de Nix girava para frente e para trás, procurando uma maneira de acabar com isso. Nós perdíamos por três pontos. Eu pulei, agitando meus braços no ar enquanto eu corria pelo campo.

Keyton, algumas jardas à minha frente do outro lado do campo, tinha metade do número de defensores atrás dele. O olhar de Nix travou com o meu. Os homens da linha correram para mim e eu levantei meus braços, acenando para a minha esquerda. *Passe para Keyton! Ele está aberto!* Nix balançou a cabeça e a lançou em mim.

A bola voou pelo ar. O estádio estava completamente silencioso, milhares de pessoas em pé e nenhum som em todo o lugar. Seria quase assustador se o sangue que batia nos meus ouvidos não parecesse um rugido. A bola voou entre os dedos do zagueiro, quase me derrubando. Eu me recuperei, girando para trás e esquivando-me de outro defensor, e a bola bateu no meu peito com um tapa satisfatório.

Empurrando a grama ainda lisa no campo, eu bombeei minhas pernas. Meus músculos se contraíram e eu me esquivei de um bloqueio. Girando em torno de outro, virei, mudando de direção e corri para a zona final. O silêncio da multidão se transformou em um ruído estridente que sacudiu o chão sob meus pés.

Toda a equipe se amontoou ao meu redor, pulando um em cima do outro. Keyton correu, seu sorriso largo, mesmo sob o capacete.

— Eu tentei mandar esse para você. — Eu dei um tapa nas suas ombreiras.

Ele sorriu mais e deu de ombros.

— Não se preocupe com isso. Uma vitória é uma vitória.

Corremos para fora do campo, os fãs cantando meu nome. Era o que eu sempre quis, mas nesta noite, algo estava faltando.

— Mais dois jogos! — As vozes e os gritos ricochetearam nas paredes fechadas do túnel no caminho para o vestiário enquanto eu seguia o resto dos meus companheiros de equipe em direção à porta. Eu queria tudo pronto para a surpresa de Seph. Ela tinha aulas particulares hoje à noite, mas prometeu que iria a um último jogo antes do final da temporada. Havia um ingresso no gabinete com o nome dela.

— Michaels, o que você está fazendo? — O treinador olhou para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça.

Minhas sobrancelhas se contraíram.

— Coletiva de imprensa.

Eu balancei minha cabeça.

— Certo, desculpe treinador. — Eu corri atrás dele. Nix já estava na porta da pequena sala de coletivas. Minha perna saltou embaixo da mesa enquanto os repórteres faziam suas perguntas.

— Foi um bom jogo, um bom esforço de equipe. Keyton poderia ter feito esse touchdown tão facilmente quanto eu.

As cabeças de todos, em ambos os lados, giraram em minha direção. Uma queda de alfinete teria soado como uma bomba explodindo na sala. Eu abaixei minha cabeça e esperei a próxima pergunta.

— Você participará do treinamento preparatório antes do campeonato?

— Ele estará lá. — O treinador inclinou-se para o microfone, o feedback enviando um guincho que ricocheteou no pequeno espaço.

Conseguimos passar o resto da coletiva de imprensa com o mínimo de esforço de mim. Os repórteres tiveram que fazer todas as perguntas duas vezes. Eu passei através da lista de verificação na parte de trás da minha cabeça. Eu queria que esta noite fosse perfeita para ela. Ainda mais do que a noite na casa da piscina, eu queria fazer isso por ela, mostrar a ela que não era só eu quem se importava com ela. Ela precisaria disso quando eu me fosse, quando ela se fosse. Havia menos de seis meses até o final do ano letivo, até que tivéssemos que dizer adeus.

Eu congelei no meio do vestiário e Keyton bateu em mim.

Ele agarrou meu ombro, me firmando.

— Ei, cara, você está bem?

Eu balancei a cabeça, me empurrando para fora da paralisia temporária que tomou conta de mim. O resto do vestiário vibrava com a energia que sempre vinha depois de um jogo, especialmente uma vitória. O que ela faria em Boston? Encontraria outro super gênio para namorar? Eles examinariam equações e teoremas juntos e fariam piadas estranhas relacionadas à matemática.

Ou talvez ela ficasse com alguém que tocasse em uma orquestra e eles criariam música juntos. O barulho do relógio ficava mais alto quanto mais tempo eu passava com ela, e não sabia como desacelerá-lo. Às vezes eu acordava à noite, passava os dedos pelas curvas dela e a observava dormir até ficar muito difícil respirar. Então eu teria que fechar meus olhos e deixar sua respiração constante me acalmar.

— Porque você está tão quieto? A coletiva de imprensa não foi tão ruim. — Nix sentou-se ao meu lado e passou uma toalha no cabelo. — Nervoso por hoje à noite? — Ele colocou a camisa por cima da cabeça.

Eu assenti. Melhor que deixar tudo o que corria pela minha cabeça explodir em cima dele.

— Eu acho que ela vai gostar.

— Claro que ela vai. Se você ainda não percebeu, ela gosta muito de você. Se você planejasse um show de marionetes, ela gostaria. — Ele riu e pegou suas coisas.

Todas as minhas preocupações sobre ela ficar muito apegada e eu era o único que estava achando difícil recuperar o fôlego quando pensava em nunca mais vê-la. Saindo de lá, mandei uma mensagem para os caras para garantir que tudo estivesse pronto.

Subindo os degraus do apartamento dela, tentei acalmar os nervos que ricocheteavam no meu estômago. Bati na porta e pulei de um pé para o outro.

Dan abriu a porta e me deixou entrar. Ele parecia um cara legal o suficiente, mas, com base nas respostas de Seph, as coisas não haviam melhorado entre ela e sua colega de quarto.

27

SEPH

Reece parou em frente a sua casa. A rua estava quieta. As provas finais, os estudos e o clima finalmente levaram todos a entrar em casa para hibernar.

— Espero que você tenha deixado espaço para a sobremesa.

Ele pegou minha mão no console central e entrelaçou os dedos nos meus, beijando as costas dela. A maneira como seus lábios dançaram na minha pele enviou um arrepio para a minha espinha. Ele olhou nos meus olhos, a luz da rua capturando o redemoinho verde e marrom dele. Deslizando meu braço para o meu lado, eu enrolei meus dedos na lateral da minha perna para me beliscar.

Ele passou a mão no meu braço e segurou meu pulso, trazendo-o à boca. Seus lábios pressionaram a pele fina lá, enviando minha pulsação para o céu. Ele deu outro beijo na minha mão aberta e eu cobri a sua com a minha. Se isso era um sonho, eu não queria acordar.

Ele era todo malícia e doçura, como um doce segurando uma surpresa deliciosa.

— O que há com você hoje à noite?

— Nada. — Seu sorriso aumentou, e eu não tinha dúvida de que ele estava tramando algo. — Deixe-me abrir a porta para você. — Dentro do silêncio de seu carro, tentei descobrir como eu tinha chegado até ali. Ele correu na frente do veículo. Sua camisa de botão se encaixava perfeitamente, como se tivesse sido feita sob medida. As mangas estavam enroladas até os cotovelos, e o jeans abraçava a cintura fina e as coxas fortes.

O ar de dezembro estava fresco e gelado. Toda vez que eu saía, parecia que eu estava tentando um mergulho polar.

Fechando a porta do carro, ele sorriu para mim.

— O que?

Subimos os degraus da varanda. A casa estava totalmente escura.

— Estamos sozinhos em casa? — Meu estômago revirou. Com ele morando com outros três caras, não era comum termos a casa só para nós e meu apartamento não era exatamente o mais convidativo.

Ele lançou um olhar por cima do ombro.

— Eu amo o jeito que você pensa.

A palavra com A fez meu coração disparar. Ele não estava dizendo isso de verdade, mas se eu mentalmente pressionasse um pouco, poderia imaginar que ele tinha dito. Enfiando a chave na fechadura, ele abriu a porta e me deixou entrar primeiro.

Formas e sombras se moveram do outro lado da sala e eu recuei, imaginando se alguém havia entrado. Meu pulso disparou.

— Surpresa! — Um coro do que parecia ser uma centena de vozes gritou de uma só vez e meus olhos se ajustaram à luz. Havia pelo menos cinquenta pessoas dentro da casa. Flâmulas de arco-íris pendiam do teto. Balões foram colados nas paredes e cobriram o chão. Todo mundo usava chapéus de festa com tiras elásticas enfiadas sob o queixo.

LJ e Berk estavam na porta da cozinha, equilibrando um bolo enorme entre eles. Era um unicórnio branco com uma crina de arco-íris, e estrelinhas saíam do chifre do unicórnio. Eu olhei de volta para Reece. Ele passou os braços em volta

de mim por trás e me levou para frente, nunca me soltando. Marisa estava ao lado deles com uma língua de sogra que se enrolava e disparava em linha reta com um assobio.

— Feliz aniversário, Criança Selvagem.

Se meu coração já não lhe pertencesse, teria sido embrulhado com um laço e apresentado a ele em uma bandeja de arco-íris naquele momento.

— Mas não é meu aniversário. — Eu sussurrei por cima do ombro.

— Não importa. Você merece uma festa. — Ele beliscou meu lóbulo da orelha e enterrou a cabeça no meu pescoço, acariciando minha pele. Eu ri, inclinando a cabeça para escapar do ataque de cócegas.

— Apague as velas, Seph. Essa coisa é mais pesada do que parece. — Alguém pegou um isqueiro e voltou a acender algumas estrelinhas e as velas na frente. A maioria das luzes foram apagadas novamente. Houve uma contagem regressiva e todo mundo cantou "Parabéns pra você" em um coro cheio de desafinamentos, mas eu nunca tinha ouvido nada mais doce. Como eu deveria deixar tudo isso no final do semestre? Meus primeiros amigos de verdade, a primeira vez que senti que pertencia a algum lugar.

Piscando para conter as lágrimas, soltei um suspiro e ri do *cha, cha, cha que* Berk adicionou no final de cada linha. O brilho das velas iluminou a sala e eu absorvi tudo. Todo mundo estava lá por mim, bem, talvez não apenas por mim. Eu tinha certeza que, quando Reece pediu às pessoas para irem a uma festa, não havia escassez de quem quisesse dar uma passada, mas ainda assim, ele planejou isso para mim.

Colocando um pouco de cabelo atrás da orelha, me inclinei e fechei os olhos. Um desejo não veio à mente, porque eu já havia o realizado. Apaguei as velas e a sala explodiu em aplausos.

Os caras colocaram o bolo na mesa e me entregaram a faca para fazer o primeiro corte. Aparentemente, o fondant era mais difícil de cortar do que parecia. Reece cobriu minha mão com a dele e me ajudou a cortar o primeiro pedaço, seu corpo contra minhas costas. Eu olhei para todos ao redor da sala, esperando alguém começar a fazer perguntas, como *O que diabos vocês estão fazendo juntos?* Levantando o pedaço de bolo, havia camadas de doces crocantes de arroz, bolo de chocolate, cobertura de chocolate e camadas de arco-íris.

— Uau, você se esforçou o máximo para isso. — Peguei um garfo e dei uma mordida. O chocolate era pesado e rico, tão espesso que eu precisava de um copo de leite.

— Nix pegou na padaria onde eu peguei os cupcakes, Bread & Butter.

— Onde está Nix? — Estiquei o pescoço, examinando a festa.

Reece deu de ombros.

Como se na sugestão, a porta da frente se abriu e uma rajada de ar frio soprou com o homem em questão. Nix fechou a porta atrás dele, desligando a tela brilhante do seu telefone. Ele tirou o casaco antes de se juntar ao resto da festa.

— Obrigada pelo bolo, Nix. — Eu o puxei para um abraço.

— Sem problemas. Eu fiz um bom negócio, já que o assistente do meu pai os usa muito para eventos de caridade e corporativos.

Metal caiu no chão e eu me virei. Berk estava a alguns metros de distância, a boca aberta com o prato na mão e o garfo no chão.

— Ele recebe um abraço e eu não? Acho que eu deveria me sentir ofendido. — Ele inclinou a cabeça para o lado, deixando cair o queixo no ombro com um suspiro dramático, mordendo a articulação dos dedos. Os chapéus de arco-íris e unicórnio que todo mundo havia descartado haviam sido adicionados à cabeça de Berk, então ele tinha uma juba de chapéus pontudos de festa em volta do rosto.

— Você pode querer dar-lhe um abraço ou ele pode entrar em colapso total como um bebê.

— Sinto muito, Berk. Você pode me perdoar? — Estendi meus braços e ele pousou o prato, correndo para mim em câmera lenta. Me levantando em seus braços, ele me rodou.

— Feliz aniversário, Seph. Você gostou do unicórnio? — Ele me colocou no chão. — Isso foi minha ideia. — Claro que foi.

— É o melhor bolo de aniversário que já comi.

— Você não está apenas dizendo isso porque é o seu único? — Reece me tirou do aperto de Berk e eu descansei minha mão em seu peito.

— Não, não porque foi o meu único. Quaisquer outros que eu tenha depois disso terão muito trabalho a fazer. Obrigado a todos. Não posso dizer o quanto isso significa para mim. — Minha garganta se apertou e eu pressionei meus lábios. Eu tinha perdido a oportunidade de conhecer pessoas como essas na minha vida antes, mas agora que sabia como era ter amigos, não havia como voltar atrás.

— Chega de coisas bobas. Vamos jogar ‘prender o rabo no burro’. Se você errar precisa tomar uma dose. — LJ colocou as mãos em volta da boca e transmitiu as regras e a formação para a festa.

— Eu tive que cancelar novamente a Ameaça Rosa na porta ao lado. — Nix resmungou e massageou seu ombro.

— Você bateu na cara dela com as suas bolas. — Reece deu de ombros.

Minha cabeça disparou.

A boca de Nix afinou em uma linha de aborrecimento. Ele se virou para mim.

— Bola, no singular. Uma bola de futebol. Não que eu tenha apenas uma bola ou algo assim. — As bochechas dele brilharam como se ele estivesse na praia o dia inteiro e tivesse esquecido o protetor solar. — Foi no começo do primeiro ano. Pedi desculpas um milhão de vezes.

— Talvez ela queira que você faça isso de novo. — Reece riu e seus braços se apertaram ao meu redor.

Nix tirou o telefone do bolso e se afastou.

Coloquei minhas mãos em volta do braço de Reece e enterrei meu rosto em seu ombro.

— Então você tinha algo na manga. — Sorrindo, eu o puxei para um beijo.

Ele deslizou a mão pela parte de trás do meu pescoço.

— Eu tenho que ter alguns segredos.

— Chega de amassos, vocês dois. Você é o primeiro. — Berk acenou para nós.

Alguém aumentou a música e todos pegaram as pizzas na cozinha. Uma festa de aniversário de pizza completo com jogos de festa para crianças, um bolo delicioso e o cara que roubou meu coração, nunca houve uma noite melhor.

Berk jogou um garfo para Nix, que levantou os olhos do telefone.

— Saia do seu celular, cara. Você está colado a essa coisa desde que entrou. Você nem comeu bolo.

Cortei um pedaço de bolo para Nix, que manteve os olhos fixos no telefone como se pudesse sair correndo pela porta. Andando até ele, eu fiquei na sua frente.

Sua cabeça levantou e eu me sentei ao lado dele, dando-lhe o prato e o garfo.

Ele pegou o prato da minha mão e colocou um pedaço de bolo na boca com os olhos ainda apontados para a tela do celular.

— Está tudo bem?

Ele levantou a cabeça e olhou para mim.

— Sim. Estou esperando alguém responder e não quero perder a mensagem.

— É alguém com quem você está saindo? — Inclinei minha cabeça e olhei para as mãos dele.

Ele apertou as coxas logo acima dos joelhos e uma perna saltou para cima e para baixo. O telefone balançou de um lado para o outro.

— Não, mas eu não sou o tipo dela.

— Ela tem pulsação?

Ele deu uma risada e olhou para mim. Um pouco da tensão nele relaxou.

Nix era lindo de uma maneira que lembrava astros de filmes de faculdade. O resto dos caras eram normalmente bonitos, incluindo Reece, enquanto Nix era de uma beleza superior. Ainda assim, eu senti as marcas da pressão que uma pessoa está sofrendo quando sente que sempre precisa parecer de uma certa maneira. Passei a mão pela trança de espinha de peixe pendurada no ombro.

— Última vez que verifiquei, sim, ela tinha um pulso. — Ele enfiou o telefone no bolso. — E ela me odeia.

— Traga sua bunda aqui, sou eu e LJ contra você e Berk pelo pingue pong de cerveja. — Reece acenou para ele entrar na sala de jantar que virou área de torneio.

Nix saiu do sofá e foi até eles.

— Você sabe que ele perde de propósito apenas para beber mais.

— Eu jogo melhor quando estou bêbado. — Berk virou seu copo.

— Se eles não fossem tão gostosos e adoráveis, seriam irritantemente desagradáveis. — Marisa se encostou na parede ao lado do sofá, sacudindo o gelo em seu copo.

— Você acha LJ gostoso? — Eu nem tentei reprimir o meu sorriso assustador.

Seus olhos se arregalaram e ela cuspiu.

— O que? N-não, ele não. Eu quis dizer os outros caras. — Ela ergueu o copo, engolindo o conteúdo.

A multidão de pessoas assistindo o jogo aplaudiu, e o *barulho* satisfatório da bola batendo dentro do copo entrou na sala de estar.

— Quero dizer, eu o conheço desde a primeira série. Ele tentou roubar as tesouras da minha mesa, e eu posso ter atingido ele com elas para lhe ensinar uma lição. Ele ainda tem essa cicatriz. Somos melhores amigos desde então. — Ela deu de ombros.

— E você o seguiu para a faculdade.

— O que? Não, só estou aqui por causa de uma situação de ajuda financeira e

isso sempre encontra um jeito de te foder. — Ela sacudiu pompons imaginários nas mãos. — Você quer outra bebida? Deixe-me pegar outra. — Sem esperar por uma resposta minha, ela arrancou o copo da minha mão e correu para a cozinha.

Outras pessoas na festa continuaram me desejando um feliz aniversário, e eu me senti um pouco mal por Reece mentir para elas. Mas, com o riso, a música e a dança ao meu redor, as pessoas curtindo e se divertindo, eu não pensei que elas se importassem com o real motivo para uma festa.

Marisa voltou da cozinha, equilibrando dois copos e dois pratos empilhados com ainda mais bolo. Meu estômago estava quase explodindo, mas eu não a recusaria.

— Seph, tenho que levá-la para minha casa. Você pode conhecer minha colega de quarto, Liv. Ela é demais. Talvez eu possa preparar seu jantar.

— NÃO! — O grito veio de todos os caras na sala de jantar e Marisa pulou, quase derramando as bebidas e o bolo. Todos os quatro correram para a porta, balançando a cabeça e passando os dedos na frente de suas gargantas.

Marisa se virou e todos olharam para o teto, assobiando antes de voltarem ao jogo. Ela se sentou ao meu lado e entregou minha bebida e um prato. Reece chamou minha atenção e murmurou: *Não faça isso.*

Eu ri no meu copo e estremeci com a vodka com um pouco de suco de cranberry.

— Como está a bebida? Espero que seja forte o suficiente.

— Está totalmente bem. — Minhas palavras saíram meio chiado e meio tosse. Reece tomou outra dose e olhou para mim. Ele piscou e meu estômago revirou. Ainda faltavam cinco meses para ele ir embora ou eu ir, ou ambos. Como eu passaria o dia em que eu sabia que um homem que acendia minha alma estava lá fora no mundo e eu o deixei para trás? Como eu pegaria os pedaços do meu coração partido quando ele me deixasse?

28

REECE

Neve caía, cobrindo as ruas, transformando a sujeira da cidade em um cartão de Natal vivo. O campus estava silencioso agora que as aulas e a maioria das provas haviam terminado. Os ônibus do campus para o aeroporto estavam funcionando sem parar enquanto os pátios, dormitórios e apartamentos esvaziavam-se.

— Alguém tem meias? Tenho cerca de oito tamanhos e cores diferentes e nenhuma combinação. — Berk se inclinou para fora da porta, balançando no batente.

Abrindo minha gaveta de meias, sorri, pegando um punhado de meias bem emparelhadas. A grande guerra das meias no último ano terminou com nós cinco, Marisa, sua colega de quarto, Liv e Seph se dividindo em equipes para uma batalha que viu muitas baixas, principalmente qualquer coisa quebrável na casa e uma canela amassada quando Marisa tropeçou em LJ. enquanto subia as escadas e se apoiou nele com uma meia diretamente nos olhos. Nós deixamos nossas pobres armas Nerf para trás porque não tínhamos o suficiente para todos. Uma viagem de compras estava garantida. Passei por nosso estoque escondido em um cesto de roupa suja no corredor.

— Da próxima vez. — Dobrando a esquina, parei ao lado de LJ.

— Aqui. — Joguei três pares para ele e ele desapareceu de volta para seu quarto. — Da próxima vez, proteja melhor sua artilharia.

— Não podemos todos ter uma especialista em tática do nosso lado. — Berk resmungou baixinho, referindo-se a Seph e a sua riqueza de conhecimentos históricos.

Folheei a pilha de roupas recém lavadas em minhas gavetas e puxei o que eu precisaria para os próximos dias. Arrumar as malas para jogos fora era sempre um saco, mas, por mais que eu tivesse brigado com ela, o método de dobrar roupas de Seph me ajudou a manter tudo organizado. Ela até me comprou uma cesta para minha roupa, para não deixar um rastro de roupas sujas quando as levasse para a lavadora e secadora.

Até estudar era mais fácil com ela por perto. As recompensas por terminar meu trabalho eram muito melhores do que a satisfação de um trabalho bem feito quando os braços dela estavam em volta do meu pescoço. Eu resisti à tempestade das finais e saímos praticamente ilesos, embora não fosse como se alguém se importasse com minhas notas desde que eu continuasse elegível para jogar. O treinador nos faz fazer exercícios e estudar as fitas, tentando nos manter longe de problemas, agora que ele nos possuía 24 horas por dia, sete dias por semana, na preparação para o final da temporada. Quando o próximo semestre começasse, faríamos isso como campeões ou como o time que havia falhado.

Era hora da viagem de ônibus para o nosso último jogo antes do campeonato. Eu sentiria falta dos caras. Haveria outras equipes, mas não como eles. Mais dois jogos para consolidar meu futuro. Dormir no ônibus geralmente era péssimo, mas eu faria o que pudesse para não me concentrar muito no jogo. Pensar demais levava a erros, e os erros perdiam as eliminatórias.

Enfiei meus fones de ouvido na minha mochila quando uma notificação apareceu no meu telefone. Mergulhando na cama, peguei e desbloqueei a tela

para ler o alerta sobre uma venda de tênis no shopping. Eu mudei para as minhas mensagens. Minha última mensagem para Seph de algumas horas atrás ainda não tinha sido lida.

Eu: Eu gostaria que a temporada já tivesse terminado. Vou sentir saudades suas.

Nós não nos víamos muito desde que o treinador decidiu que ele ditava tudo em nossas vidas na semana que antecedeu o jogo. Ele estaria montando em nossas bundas depois dessa vitória também. Eu não podia nem me deixar pensar que perder era uma possibilidade. Mais duas semanas e a panela de pressão seria finalmente desligada. Mais duas semanas para me tornar uma escolha de primeiro turno no draft.

— Precisamos chegar ao ônibus em vinte minutos ou o treinador nos esfolará vivo. — LJ gritou do outro lado do corredor.

— Ou talvez apenas você. — Nix gritou. Berk desceu os degraus como uma criança correndo atrás do caminhão de sorvete, balançando vinte dólares roubados da carteira de seu pai. A porta da frente se abriu, enviando uma rajada de ar de inverno que subia as escadas. Eu jurei que vi flocos de neve girando no ar.

— Feche a porta, idiota. Espere até estarmos aí embaixo. — Nix gritou atrás dele.

— Ok, muito engraçado. Quem escreveu isso? — Berk gritou do final da escada. — Este é o segundo que eu recebi.

Coloquei minha cabeça para fora da porta do meu quarto.

— Quem escreveu o que? E segundo o que?

Berk subiu os degraus com um pedaço de papel roxo dobrado e um envelope verde na mão. Seus olhos examinaram o papel e ele tropeçou no último degrau, quase plantando a cara no chão. Estendi a mão para ele e agarrei seu braço.

— Você pode não abrir seu rosto antes do jogo amanhã? O que é isso?

Ele olhou para o pedaço de papel em suas mãos como se ele pudesse fazer um buraco, estilo visão a laser.

— O que é e por que você acha que escrevemos? — Puxei o canto do papel colorido.

Ele pegou de volta. Suas bochechas estavam coradas, e não era dos dez segundos no frio. Agora eu tinha que ver o que realmente fez Berk corar.

— É... é um bilhete de amor. — Ele disse as palavras como se fossem estrangeiras e as estava testando na língua. — Quem está fodendo comigo?

— Parece que alguém quer foder com você, se for um bilhete de amor.

— Um bilhete de amor? — Nix saiu com a mochila por cima do ombro. — Deixe-me ver. — Ele pegou o papel da mão de Berk.

Os olhos de Nix se arregalaram e suas bochechas avermelharam enquanto ele passava através das palavras. Berk pegou o papel, mas Nix colocou a mão no centro do seu peito, mantendo-o para trás.

— O que diz? — Movi-me para bloquear Berk e tentei dar uma olhada na borda superior da nota.

— Cara, se você acha que isso é um bilhete de amor, eu me sinto mal por seus netos quando eles encontram suas velhas cartas de “amor” escondidas em uma velha caixa de chapéu em seu sótão. — Nix estendeu para mim. A mão de Berk

agarrou as bordas do papel.

O nome dele estava bem escrito no topo. A letra feminina rabiscava todo o papel, perfeitamente reta, mesmo que não estivesse alinhada, detalhando a cena que ela queria fazer com Berk.

Você afundaria entre minhas coxas, batendo seu pau em mim, e eu ficaria tão molhada para você. Meus gritos seriam a única coisa a abafar o som de nossos corpos batendo um contra o outro. E seus gemidos foram ficando mais fortes do que você jamais imaginou ser possível.

Minhas sobrancelhas se ergueram e minha boca ficou aberta. O restante do bilhete entrou em mais detalhes. A parte de trás do meu pescoço esquentou. Nix bloqueou Berk no topo da escada, sem deixá-lo passar.

LJ saiu do quarto.

— Vocês estão prontos? Não preciso do treinador na minha bunda por me atrasar. — Entreguei o bilhete a ele.

Ele largou a mochila e pegou o papel da minha mão com um olhar desconfiado nos olhos. Achatando o papel, ele começou a ler. Ele chegou na metade do caminho e então respirou fundo, engasgando com o próprio cuspe.

— Por que diabos você acha que um de nós escreveu isso? — LJ acenou na frente de Berk, que ultrapassou o bloqueio do Nix e pegou o bilhete de LJ, depois o colocou de volta no envelope.

— Eu fui pego de surpresa. Isso é tudo. Nenhum de vocês escreveu isso? Ou colocou alguém para escrever? — Ele se concentrou em cada um de nós como se pudesse nos quebrar sob seu escrutínio.

— Eu nem quero pensar em você e em algumas dessas palavras na mesma frase, e muito menos combiná-las em uma nota como essa, mas esse é o Brothel, então sabemos que as pessoas têm algumas ideias fodidas do que acontece aqui.

— Você está certo. Provavelmente alguma maluca que vai tentar me atacar na próxima festa. — Berk não jogou o bilhete no lixo, mas a colocou no bolso de trás antes de correr escada abaixo.

~

Bati meu telefone contra o lado da minha perna. Alguém atrás de mim roncava e provavelmente precisava procurar um médico para verificar isso. Também poderia ter havido um nevoeiro no ônibus, que estava cheio do cheiro familiar de equipamentos de jogos, comida no microondas de uma loja de conveniência e refrigerante. A maioria dos caras usava fones de ouvido, jogava em seus telefones ou tentava dormir. Ganhamos mais um jogo, um passo para mais perto do campeonato. Apenas mais um jogo pela frente, mas a vitória ficou em segundo plano.

Eu olhei para a fila na saída da estrada. Estaríamos de volta ao campus em breve. Seph não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Minha perna

saltou para cima e para baixo. Ela nunca desaparecia das mensagens. Era sempre uma resposta rápida assim que *Lido* aparecia abaixo da mensagem, mas nenhum dos meus textos havia sido lido desde que eu saí na quinta-feira.

Dois dias de agonia, tentando descobrir por que ela não respondeu. Não era como se eu pudesse ligar para a colega de quarto dela. A festa de aniversário foi demais? Ela estava chateada que eu estava viajando tanto? O final da temporada sempre ficava um pouco mais intenso com treinos, viagens e jogos. Eu compensaria ela por isso.

Fiquei tentado a ligar para Marisa e pedir a ela que checasse Seph, mas isso parecia um pouco furtivo. Não era como se sua colega de quarto a deixaria morrer no meio do chão... *deixaria?*

— Matthews, não se esqueça que os olheiros virão para o treino amanhã. — O treinador se inclinou sobre o banco na minha frente no ônibus, apoiando as mãos nas costas do banco.

LJ ficou tenso ao meu lado, apertando a mão em volta do celular. O brilho da tela iluminou seu rosto.

O olhar do treinador disparou para ele e seu celular. Os vincos na testa se aprofundaram.

— LJ. — O nome dele poderia muito bem ter sido o de um time rival da maneira como o treinador disse. — Eles estarão lá às dez. Certifique-se de que você não chegue atrasado. — Ele puxou a aba do boné e voltou ao seu lugar.

— Acha que há alguma chance de ele ser atropelado por um ônibus no próximo ano? Se não, eu estou ferrado quando se trata de ser observado. Fico sentado no banco mais do que nesse ônibus.

— Você contou a Marisa sobre ele descontar o que está acontecendo entre eles em você?

Ele olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— Ela tem problemas o suficiente para lidar. O que eu devo falar? *Sim, Risa, eu sei que ele abandonou você e sua mãe quando você era pequena, mas que tal você se dar bem com ele pelo bem da minha carreira?*

— Parece razoável.

Ele olhou para mim como se eu tivesse sugerido que ele se incendiasse e corresse pelo campo para chamar a atenção dos olheiros.

— Você não sabe como é para ela.

— Ela sabe como é para você? — Eu levantei meu queixo em direção ao nosso treinador, que estava agachado algumas fileiras à frente, conversando com outro dos veteranos. — Você tem um ano restante. É hora de fazer isso funcionar. Se você não está em campo e não está sendo visto por olheiros, nada disso importa, a menos que você não queira jogar profissionalmente.

— Claro que quero, mas ela é minha melhor amiga.

— E uma melhor amiga não quer o melhor para você?

Ele se recostou no banco e olhou para o telefone. Sem outra palavra, ele arrastou os fones de ouvido sobre a cabeça e olhou pela janela.

Era o que acontecia quando você colocava as pessoas à frente de sua carreira. Essas eram os tipos de escolhas difíceis que eu fiz o meu melhor para evitar - até Seph. Eu arrastei meus dedos pelos meus cabelos. Eu nunca esperei que ela aparecesse na minha vida. *Por que ela não respondeu? Aconteceu alguma coisa*

com ela? Nós nunca ficamos tanto tempo sem conversar.

Dez minutos até chegarmos ao campus. Eu nem estava parando em casa primeiro. Eu entraria no meu carro e ia direto para o apartamento dela. E se ela precisasse de mim e eu não estivesse lá por ela? Merda, eu já era um caso perdido e nem percebi. Eu a amava, e isso me assustou muito mais do que eu pensava ser possível.

29

SEPH

— Sabemos que você pode ir a qualquer lugar que quiser, mas gostaríamos que você soubesse que a oferta para o programa de doutorado ainda permanece. Há trabalhos muito empolgantes que estamos fazendo aqui e achamos que você seria um ótimo complemento para a equipe.

O escritório com painéis de madeira no departamento de matemática não me fez sentir como se estivesse indo rapidamente para cova, como alguns fizeram em Boston. Esta sala parecia estar cheia de história daqueles que vieram antes de mim, repleta das possibilidades do que eu poderia fazer no futuro. Talvez fosse porque estava a algumas centenas de quilômetros do peso das expectativas e dos requisitos rígidos que eu vivia lá.

— Agradeço por suas amáveis palavras e terei a minha decisão no início do novo semestre. Isso seria muito tarde? — Quando voltasse para casa nas férias de Natal, diria ao meu pai de maneira incerta: que ou ele faria as coisas do meu jeito em Boston ou eu ficaria na Filadélfia.

Reece foi para outro jogo fora. O último antes do campeonato. Era horrível que ele estivesse fora, mas eu acompanhei online a pontuação.

Virando a esquina, eu bati em alguém. Terra para Seph, preste atenção. Nós dois estávamos esparramados no chão. Levantando minha cabeça, eu me encolhi. Graham.

Ele se levantou do chão e ofereceu a mão.

Eu hesitei.

— Não se preocupe. Eu não vou morder. Você não é a primeira garota a me rejeitar e não será a última.

O encolhimento se intensificou.

— Me desculpe por não responder as suas mensagens. — Deus, eu era uma idiota.

— Você estava... ocupada. — Sua voz é leve e nem um pouco irritada, como a qual eu tinha me preparado.

Assentindo, cruzei os braços sobre o peito antes de passar para o quadril e os deixar ao meu lado. De qualquer forma, o que são mãos mesmo, e por que é tão difícil descobrir o que fazer com elas em situações embaraçosas?

— Não posso dizer que estou surpreso. Tenho certeza de que você não está entediada vagando por museus com ele.

Meu queixo caiu e eu o fechei.

— Eu não estava entediada.

— Você estava praticamente dormindo. — O canto da boca dele se levantou. — Eu tenho aula, mas estou feliz que você tenha encontrado o que procurava. Você parece feliz.

Eu sorri largamente como uma idiota.

— Eu estou.

Ele apertou o meu ombro enquanto passava e um pequeno peso que eu nem percebi que tinha estado lá em meu peito foi liberado. Incidente evitado.

Meus dedos coçaram para verificar a pontuação do jogo. Eu guardei o meu telefone em minha bolsa para ter a certeza de não atender acidentalmente uma ligação do meu pai. Eu precisava acertar minha cabeça sobre como eu romperia

com ele e a mamãe. Ela estava ansiosa para eu voltar para casa, mas eu não poderia viver sob o mesmo teto que ele novamente. Ninguém deveria fazer isso.

Ela o deixou fazer todas as escolhas, deixou-o administrar completamente sua vida, e ela não era feliz. Como ela poderia ser? Era como se ela pensasse que estar com ele era de alguma forma a maneira do universo puni-la. Não era assim que se vivia a sua vida.

Neve triturou sob as minhas botas na caminhada de volta ao meu apartamento. Quanto tempo eu poderia aguentar sozinha? Eu nunca tinha ficado completamente só, e quando fiquei, isso me levou a coisas como a anúncios de sexo. Eu tinha encarregado Reece de me ajudar a navegar pela faculdade, e o meu único guia se foi.

Tirando a neve branca das minhas botas, abri a porta do apartamento.

Alexa gritou e caiu do sofá, puxando a blusa de volta sobre os seios.

Eu dei uma segunda olhada. Esse não era o Dan fechando a calça como se eu fosse um pai bravo chegando em casa e encontrando sua filha na sala de estar.

— Você poderia bater. — Ela bufou.

— Este apartamento também não é meu? Tenho certeza de que pago metade do aluguel. — *E talvez se você está traindo o seu namorado, você poderia gostar de ser um pouco mais discreta.* Balancei a cabeça, peguei uma caixa de comida chinesa da geladeira e entrei no meu quarto. Depois de enfiar uma garfada na boca, vesti o pijama. Fazia um tempo desde que eu fiquei na minha própria cama. O padrão era dormir no Brothel. Essa não era uma frase que eu pensava dizer, mas aquele lugar parecia muito mais uma casa do que este apartamento. Olhei em volta para as paredes nuas e estéreis.

O que Reece estava fazendo na estrada? Provavelmente gostando dos fãs adoradores gritando o seu nome. Caí em minha cama, meu estômago enjoado. Ele amava a vida no centro das atenções. Ele ansiava por isso. Mesmo que eu quisesse que fôssemos algo mais depois do final do ano letivo, como eu poderia competir com o futebol?

~

Eu me curvei, segurando a minha barriga. Meu estômago estava doendo e a dor não parava. A única coisa pior do que morrer naquele momento seria sobreviver. Eu achava que a comida era um pouco mais velha do que eu pensava. Deitada em minha cama, eu apertei o meu estômago e rezei para que acabasse logo, seja com a minha doença ou a minha vida. Meu estômago apertou novamente. Eu queria gritar para o céu, *não tenho mais nada para dar*, mas não consegui, minha cabeça estava enterrada demais no cesto de lixo.

— Você está bem? — Dan abriu a minha porta.

— Ela está bem. Vamos. O vômito dela está me dando nos nervos.

Sempre toda maternal. Eu nunca quis vomitar em alguém mais em toda a

minha vida. Se eu pudesse ter me arrastado pelo chão até ela, eu teria.

— Ela não parece tão bem. — A preocupação em sua voz me fez sentir ainda pior. Como uma pessoa amável como ele terminou com ela? Minhas reflexões mentais sobre como as pessoas acabam em relacionamentos com pessoas de merda foram interrompidas por outra rodada de vômito. Enfiei minha cabeça no cesto de lixo. Nesse ponto, eu estava seriamente preocupada de não sobreviver ao longo do dia.

Tateando na minha mesa de cabeceira, peguei a garrafa d'água e esguichei um pouco em minha boca. A porta da frente se fechou e eu abaixei a minha cabeça, descansando minha bochecha contra a colcha fria.

— Você só vomita quando estou no seu apartamento?

Eu pulei, quase caindo da minha cama. Reece atravessou o quarto e me agarrou, me ajudando a voltar para a cama.

Eu gemi.

— Por que você está aqui? — Eu o empurrei e rolei no meu colchão.

— O ônibus da equipe acabou de voltar ao campus. Você não atendeu o telefone e eu fiquei preocupado. — A cama afundou e ele apoiou a mão na minha testa. — Você está queimando. — O colchão balançou novamente. Seus passos desapareceram e o som da água corrente encheu o quarto.

Ele voltou e colocou uma toalha fresca na minha testa.

— Há quanto tempo você está assim? — Ele passou outro pano sobre o meu pescoço e ombros.

— Faz mais ou menos um dia . Eu não sei, eles estão meio que se enrolando. — Fechei os olhos e rolei para o meu lado, descansando contra ele. Ele passou a mão pelos meus cabelos. Lentamente, seus dedos desfizeram o que restava das minhas tranças.

— Por que você não me contou?

— Enquanto você estava a dois estados de distância? Não havia nada que você pudesse fazer. — Abri um olho e dei a ele o melhor sorriso que pude ter naquele momento, em algum lugar entre uma careta e um estremecimento.

Ele olhou para mim e afastou o cabelo suado do meu rosto, movendo a toalha fria para um local diferente.

— Não se preocupe, criança selvagem. — Ele deu um beijo na minha testa. — Durma agora. Estou aqui.

A dor no meu estômago diminuiu e meus olhos se fecharam. Reece estava lá, e tudo ficaria bem.

~

Abri meus olhos lentamente. Meus músculos doíam como se eu tivesse corrido a noite toda. Eu levantei os cobertores e olhei para o meu corpo. Pijamas limpos substituíram os encharcados de suor. Reece se mexeu debaixo de mim, seus

braços se apertando ao meu redor. Ele esfregou a mão no nariz e virou a cabeça no travesseiro. Ele ainda estava lá. Sentando, me preparei para a tontura e a dor no estômago. Não veio.

Havia uma tigela vazia com uma colher na mesa de cabeceira. Flashes de Reece me alimentando com sopa de macarrão com frango e chá quente voltaram para mim. A certa altura, eu disse para ele ir, mas ele disse: — Eu vou ficar até que você esteja melhor. Lide com isso. — E esse tinha sido o fim dessa conversa. Coloquei as mãos sobre o rosto. Tanto vômito.

Olhando por cima do ombro, senti um frio no estômago, mas desta vez não foi o ataque implacável da intoxicação alimentar. Sua mandíbula estava coberta pela barba, e eu resisti à vontade de passar os dedos pelos fios desgrenhados. Ele teve que se limpar depois de cuidar de mim por... quanto tempo tinha sido?

Um telefone tocou. Eu procurei pelo quarto. Eu não tinha ideia de onde estava meu telefone. A luz brilhante da tela era um sinal luminoso, mas era o telefone de Reece. A luz se apagou antes que eu pudesse ver quem havia ligado. Mordi meu lábio. Acordá-lo e deixá-lo saber ou deixá-lo dormir?

Avistando meu próprio telefone, eu me arrastei e agarrei-o da beira da cama, o conectei no carregador para ligar. Quase quarenta e oito horas desde que eu fui atingida pela praga.

Havia mensagens e ligações perdidas do meu pai, minha mãe e da tia Sophie, junto com um convite de Marisa para sair para dançar com ela e sua colega de quarto. Respondi a mamãe, tia Sophie e Marisa.

O convite para minha primeira noite de garotas.

Eu: Voltei dos mortos e estou dentro.

Marisa: Ótimo!

Enviei uma mensagem para minha tia e mãe, respondendo à pergunta do meu pai por último. Quanto mais tempo eu colocasse entre nossas pequenas conversas, melhor. O telefone de Reece tocou novamente.

Braços fortes me envolveram por trás e ele enterrou a cabeça no meu ombro.

— Você está acordada.

Me inclinando contra ele, eu absorvi seu calor.

— Como você está?

— Aliviado. Você me assustou. — Ele me virou em seus braços. Seus olhos procuraram meu rosto enquanto seus dedos afastaram os cabelos do meu rosto.

— Desculpa.

— Se você não tivesse melhorado esta manhã, eu ia levar você para o hospital. Tem certeza de que está se sentindo bem?

— Mais do que bem. Sinto como se tivesse descansado por um mês. Meus músculos estão doloridos, mas fora isso, eu voltei ao normal.

O telefone de Reece vibrou sobre a mesa ao lado da minha cama.

— Essa é a terceira ligação que você recebeu desde que acordei. Você pode querer verificar isso.

Ele gemeu e me soltou, inclinando-se para pegar seu telefone na mesa. Desbloqueando, ele passou o dedo pela tela. Seus olhos se arregalaram e ele se levantou da cama.

— Merda! O que diabos há de errado comigo? — Agarrando seu jeans dobrado na minha cômoda, ele enfiou as pernas neles. — Sinto muito, Seph.

Esqueci completamente do treino com os olheiros esta manhã.

Meu estômago caiu.

— A que horas começa? — Eu verifiquei a hora. Eram nove e quarenta e sete.

— As dez. — Ele enfiou os pés nos tênis.

— Des... —O pedido de desculpas morreu na minha garganta quando seus olhos se estreitaram.

— Não diga. — Ele passou a mão na parte de trás do meu pescoço e me segurou imóvel. — Você precisou de mim. Isso era tudo o que importava, mas eu tenho que ir agora. — Seus lábios pousaram nos meus, famintos e delicados ao mesmo tempo. Meu peito arfava e minha cabeça girava. — Volto assim que terminar. Eu... — Seus olhos se arregalaram e ele congelou. — Estou feliz que você esteja se sentindo melhor.

— Que tal eu te encontrar no Brothel? Eu preciso sair deste lugar depois de ter ficado presa dentro de casa por alguns dias.

— Ok, me mande uma mensagem quando você chegar lá. — Ele abriu a porta do meu quarto. — A chave está dentro da luminária ao lado da porta da frente. — Seu olhar passou por mim e ele correu de volta, me beijando na testa antes de desaparecer como se, se ele não fizesse isso rapidamente, ele não seria capaz de ir.

Esticando meus músculos doloridos, saí do meu quarto e entrei no corredor. A porta de Alexa se abriu e ela olhou para mim.

— Ah, você está viva. Eu tive que ficar na casa de Dan porque suas náuseas quase me fizeram vomitar.

— Desculpe pelo transtorno. — Eu resmunguei baixinho. Ela seguiu atrás de mim enquanto eu caminhava para o banheiro, ainda resmungando sobre algo.

Virando quando entrei, fechei a porta em sua cara de olhos arregalados com um sorriso em meu. A adrenalina subiu pelas minhas veias. Droga, isso foi bom. Entrando no chuveiro, descansei minha cabeça contra os azulejos frios. Eu não teria pensado que Reece seria o tipo de cara que segurava o cabelo de uma garota, mas eu o subestimei desde o início. Ele era muito mais do que a maioria das pessoas pensavam que ele era. Ele era protetor, leal a seus amigos, me aceitou com todas as minhas falhas e capacidade de nos causar problemas, e ele falava com meu corpo, acendendo um fogo que ainda era desconhecido pra mim. Era de se admirar que eu tivesse me apaixonado irremediavelmente por ele?

30

REECE

Suas pernas balançaram sobre a cama, os dedos dos pés dançando com alegria quando ela pegou a última colher de sorvete de chocolate do fundo da tigela.

A agarrei e levantei a sua blusa, soprando framboesas em seu estômago. Ela gritou e me empurrou, derramando um pouco de sorvete no meu ombro.

— Pare com isso, você está fazendo uma bagunça. — Eu flexionei meus dedos ao longo de seu estômago.

Ela estremeceu e tentou empurrar minhas mãos. — Você vai fazer com que eu faça xixi, pare de fazer cócegas!

Eu soprei seu estômago novamente e ela soltou uma risada sem fôlego. Seus olhos brilhavam com um amor que eu nunca tinha experimentado antes, do tipo pelo qual eu fugia para longe mesmo com a menor sugestão dele, mas com ela, eu queria tudo. Eu queria ainda mais, e isso assustou a sempre amorosa merda para fora de mim.

Descansando meu queixo em seu estômago, eu a encarei. Ela equilibrou a tigela com sorvete derretido na mão. Chocolate cobriu os seus dedos e estava espalhado por toda a sua blusa.

— Nós provavelmente devemos tirá-la disso para que não manche. — Eu segurei a bainha da blusa na minha mão, levantando-a e expondo mais de sua pele.

— Esse era o seu plano o tempo todo? Para me tirar de novo das minhas roupas? — Ela colocou a tigela na mesa de cabeceira e deslizou um dos dedos na boca, lambendo o sorvete.

Levantando minha cabeça, assenti. Por que mentir? — Eu manteria você fora de suas roupas até o fim dos tempos, se eu pudesse.

— Você continua me alimentando assim e é apenas uma questão de tempo até eu não ter mais roupas e as pessoas começaram a perguntar quando será a chegada do bebê. — Ela riu e rolou.

Um balde de água fria percorreu a minha espinha. Minha boca ficou seca e o meu coração tentou sair fortemente pelo meu peito. Flashes do final do ano passado me bombardearam: as acusações, os olhares presunçosos de tantas pessoas como se estivessem esperando que eu fudesse com tudo, os inevitáveis sussurros, mesmo depois de eu ter sido inocentado.

Nem uma única palavra quando meu nome foi limpo. Nem um único pedido de desculpas quando descobriram que Celeste era uma vadia interesseira. Eu não poderia passar por isso novamente. Minhas mãos ficaram dormentes e era difícil me concentrar. As luzes diminuíram, piscando dentro e fora enquanto o sangue corria para minha cabeça.

— O que?

Eu me levantei, minhas costas batendo contra as cortinas da janela. Elas tremeram e sacudiram com um ruído estridente. Tudo ao meu redor estava muito alto, como se tivesse sido a primeira vez que a acusação foi lançada contra mim, microfones entraram na frente do meu rosto com pessoas questionando o que eu planejava fazer e se eu assumiria as minhas responsabilidades.

— Foi uma piada. — Seus olhos se arregalaram e ela se sentou, limpando as

mãos na calça do pijama. — Tenho certeza de que minhas roupas ainda servem. Eu vou ficar com elas, são todas folgadas. — Ela puxou o cós da calça, sorrindo para mim.

— Eu preciso ir. — Enfiei minhas pernas no meu jeans, tentando não olhar para ela. Eu não puderia ficar. Tudo o que eu podia ver era a Celeste. Eu precisava sair de lá. *Onde diabos estão os meus sapatos?* Eu girei em um círculo no quarto dela, examinando o chão. O lugar todo era um borrão.

— Ir para aonde? Nós estávamos indo assistir a um filme.

— Eu tenho que ir. Esqueci que preciso estar em um lugar. — Uma mancha vermelha chamou minha atenção. Me agachei e encontrei meus tênis debaixo da cama dela, meus dedos dormentes os deixaram cair duas vezes antes de finalmente recuperá-los com sucesso.

— Eu posso ir com você. — Ela balançou as pernas para o lado da cama.

— Não. — A palavra saiu com muita força.

Ela pulou e congelou, metade na cama e metade fora dela. Eu não estava tentando assustá-la.

Balancei a cabeça e me sentei na beira da mesa dela, enfiando os pés nos tênis.

— Reece, fale comigo. — Sua mão pousou no meu braço. Abaixei meu ombro para que sua mão saísse e peguei minha camisa da cadeira. Estava ficando mais difícil respirar.

Sempre usamos proteção, mas e se Seph engravidasse? O que eu faria então? Não era que isso me assustava; não era isso que estava me fazendo correr. *Não* foi isso oque me assustou. Eu tinha 22 anos e era muito jovem para ter filhos. Eu seria convocado e iria para longe dela e do nosso filho. Meus lábios afinaram para uma linha sombria.

Pare de falar sobre os seus filhos hipotéticos.

Pare de pensar no quanto seria péssimo ficar longe dela e deles quando estiver na estrada.

Pare de pensar que isso é mais do que nós dois concordamos que seria. Meu pai era fodido e o pai dela era além de fodido - como eu sabereia ser um pai? O mesmo pânico de escurecer o quarto e que tornava difícil de respirar me bateu no peito. Antes, com Celeste, eu sabia que era besteira, mas com Seph, era diferente. E se ela engravidasse? Eu quase caí de joelhos. Não tínhamos ideia do que era preciso para sermos pais. O pai psicopata de Seph a tinha deixado com medo de cometer um único erro. Meu pai me fez sentir invisível. Eu precisava sair dali.

— Isso é demais. Estabelecemos regras básicas no começo. Você está partindo no final do semestre. Eu estou indo para o draft. — Minha cabeça latejava quando o sangue correu pelas minhas veias e ficou difícil focar em algo. Abotoei meu jeans e peguei o meu casaco da parte de trás da porta dela. — Agora não é o momento para me distrair.

Um suspiro atravessou seus lábios abertos e ela se afastou.

— Você… você está terminando comigo? — Sua voz falhou.

— Eu acho que nós dois ficamos tão envolvidos em tudo, na sua lista e nos divertindo que não estavamos pensando claramente e racionalmente.

— Você soa como eu. — Sua pequena risada não continha humor e não

conseguia esconder a dor em sua voz.

— Eu tenho o jogo do campeonato e depois é o draft para os profissionais. Sonhei com isso a vida toda, começar em um time profissional, vencer um campeonato, e ser desviado disso só estragará tudo. Não vou deixar nada atrapalhar os meus planos.

— Incluindo eu. — Ela estava no centro do quarto com os braços em volta de sua cintura.

Eu queria retirar tudo o que tinha dito para impedir a dor a em seus olhos. Cada fibra do meu ser gritava que eu deveria envolvê-la em meus braços e dizer que estava arrependido, a mesma voz me dizendo que isso era um erro e que eu era uma idiota. O que isso importava? Os estádios de torcida, os torcedores, o recrutamento. Isso foi o que havia impedido o meu pai de alcançar o sucesso. Eu não ia viver uma vida de arrependimento. Eu não poderia fazer isso comigo mesmo, e eu não poderia fazer isso com ela. Isso seria o melhor. Isso era o que nós dois decidimos no começo.

Seus lábios se apertaram em uma fina linha branca, toda a cor escorrendo deles. Aqueles lábios rosados e macios que eu havia passado o polegar tantas vezes, os mesmos que eu provei como se fossem minha última refeição na terra.

Ela piscou, olhando para mim como se estivesse me vendo com novos olhos, talvez pela primeira vez.

Fechei minhas mãos em punhos ao meu lado para não alcançá-la.

— Claro. — Ela balançou a cabeça como se pudesse tirar os pensamentos de sua mente, os pensamentos tolos de mim e dela. Estendendo a mão por trás do pescoço, ela puxou a corrente de prata pendurada sobre a sua clavícula, a mesmas em que eu tinha colocado meus lábios minutos atrás. — Você deveria ter isso de volta.

— Seph, não. Eu dei isso para você. — Eu dei um passo à frente, pegando a mão dela.

Ela deu um passo para atrás, fugindo do meu alcance. Engoli o nó na garganta. Ela abriu o fecho e deixou cair a corrente e o pingente na mão.

— Fique com ele. — Eu disse suavemente.

Olhando nos meus olhos, suas lágrimas molharam seus cílios como chuva.

— Por que eu iria querer mantê-lo quando não é verdadeiro? — Sua voz falhou.

— Claro que é verdadeiro. — *Porra.* Isso não era sobre ela. Se fosse, eu nunca teria saído da cama dela, mas não queria acordar daqui a dez anos ressentido tudo porque tinha me contido para estar com ela. Papai já se sentiu assim? Não, mas como ele não podia sentir isso? Como você pode desistir de algo que trabalhou por toda a sua vida apenas para estar com alguém?

Suas narinas se alargaram e ela empurrou o metal ainda quente na minha mão.

— Você pode ir agora. — Sua garganta subiu e desceu, apertando como se ela estivesse segurando um grito.

Tudo o que eu pensava que isso era e tudo que me convencera de que não era, evaporou. — Seph… — Eu a alcancei. Ela passou por mim, irrompendo para a porta.

— Por favor, vá embora. — Sua voz tremeu e eu apertei meus olhos,

abaixando minha cabeça.

Me virando para ela, fechei o espaço entre nós. — Eu não quis que isso acontecesse assim.

— E eu estava apenas procurando uma primeira foda, lembra? — Ela empurrou a porta, batendo em meu ombro até que eu estava completamente fora. A trava estalou quando ela a fechou completamente.

A colega de quarto dela estava na cozinha. O tilintar de sua colher contra o lado de sua caneca era o único som, um olhar presunçoso em seu rosto quando o peso do que eu acabei de fazer afundou em meus ombros. Era mais pesado que qualquer exercício, qualquer equipamento, qualquer derrota.

Eu soltei uma maldição. Era exatamente por isso que eu precisava terminar com ela, por que eu não precisava ficar distraído. Eu bati meu punho na porta dela e saí do apartamento. Eu estava indo para os profissionais. Ela estava indo para Harvard. Era tão simples assim. Quem sabia onde diabos eu iria acabar? O draft pode me enviar para Seattle ou Miami.

Dentro do meu carro, com as mãos em volta do volante, o metal frio pressionava contra as minhas palmas. Eu precisava me concentrar, ser pago e viver a vida que meu pai deveria estar vivendo. Então, por que eu me senti à deriva? Como se eu estivesse caindo em um abismo do qual nunca seria capaz de sair? Eu descansei minha cabeça no volante e tentei me lembrar de como respirar, de como viver uma vida sem Seph.

31

REECE

Hu arrastei uma cadeira para um canto da garagem e olhei pela porta aberta para a neve que caía chão. Dois dias até o jogo do campeonato. Dois dias até o que eu achava ser o momento mais importante da minha vida, mas eu nem retornei as ligações de nenhum dos agentes que haviam entrado em contato comigo. Fazia nove dias desde a última vez que falei com Seph. Eu tinha escapado da vigilância parecida com uma prisão que o treinador tinha imposto a todos nós e estava na casa dos meus pais.

O semblante no rosto da minha mãe tinha se fechado no segundo em que ela entrou na garagem e me viu.

— Está tudo bem? Todo mundo está bem? — Ela pulou para fora do carro e se agachou, descansando a mão na minha bochecha.

Meus lábios se apertaram.

— O que está acontecendo com você?

— Nada.

— Você não pode me dizer que é nada quando desde ontem você anda por aqui como se alguém tivesse matado seu cachorro e nós nunca tivemos um cachorro.

— Deixe-me ajudá-la com as compras. — Enchi meus braços com sacolas e as levei para a cozinha. Mamãe sussurrou algo para meu pai na sala antes de deixar cair a mão no braço dele e desaparecer no andar de cima.

— Reece, posso falar com você por um minuto?

Depois de colocar todas as sacolas no balcão e na mesa, entrei na sala de estar. Meu pai passou a mão para cima e para baixo no braço.

— Sua mãe disse que você estava na garagem olhando para o nada. Está tudo bem? — O canto de sua boca se levantou. — É sobre o futebol?

— Não, mas é claro que você gostaria que algo estivesse errado. Você adoraria que eu fudesse tudo, não é? — Eu pulei do meu lugar no sofá e andei ao redor dele. — Você não suporta que eu vá me tornar profissional. Vou ficar o máximo que puder e deixar alguém atrapalhar isso, deixar alguém me distrair de ser o melhor *wide receiver* do jogo não está acontecendo.

— Isso é o que você pensa? Que eu quero que você estrague tudo?

— Por que mais você não compareceu a nenhum dos meus jogos? Você nem queria que eu jogasse em primeiro lugar. Se eu não tivesse falsificado seu nome nas autorizações, você me deixaria jogar?

— Absolutamente não. — Sua voz era dura, e havia uma pontada de brilho em seus olhos.

Eu joguei minhas mãos para o alto. — Exatamente. Você saiu porque não podia aguentar. Você sentiu falta da mamãe e desistiu da gloriosa chance por quê? Para ser um engravatado no escritório do vovô? Eu não estou fazendo isso. Não vou viver minha vida me arrependendo e impedindo meus filhos de viver a vida que eles merecem.

Ele abaixou a cabeça. Passando a mão pelo pescoço e o apertou. A luz da luminária refletia em seu anel de casamento.

— É isso que você acha?

— É o que eu sei.

Sua cabeça se levantou como se tivesse um peso de quase cinquenta quilos ao redor do seu pescoço. Se levantando, ele se aproximou e ficou na minha frente.

— Eu não parei de jogar por causa da sua mãe. — Papai colocou a mão sobre o meu ombro. — Não apenas por causa dela, eu nunca quis impedi-lo de viver seu sonho, mas não queria que você cometesse os mesmos erros que cometi.

— Você não precisa se preocupar. Eu me assegurei de não fazer isso. — A tristeza nos olhos de Seph quando ela me devolveu o colar que eu lhe dei brilhou em minha mente.

— E pelo olhar em seus olhos e pela maneira como você anda deprimido por aqui, você pode ter perdido a melhor coisa que já aconteceu com você. — Ele me deu um daqueles olhares irritantemente sábios que só um pai tinha.

Uma labareda de raiva se libertou.

— Como se você não desejasse não ter saído e jogado mais uma temporada.

— Eu não aguentava mais um golpe, Reece. — Seu tom estava envolto em tristeza.

— Ninguém gosta de ser atingido.

— Não fui retirado por ser apenas um defensor. Talvez eu não tenha sido tão rápido quanto você, mas esses golpes aconteciam com frequência e, quando os zumbidos que vinham com as pancadas apareciam, eles ficavam por muito tempo. Na última temporada que joguei, tive três concussões. Não foi até a última que eu descobri que o preço a pagar era alto demais.

— Mas você está bem. — Ele não estava? Ele era saudável como um cavalo, correndo oito quilômetros na maioria das manhãs antes de sair para o escritório.

— Eu estou bem agora, mas… — Ele balançou a cabeça e colocou o punho na boca.

O medo formigou na parte de trás do meu pescoço.

— Não fui rápido e inteligente o suficiente para desistir enquanto estava bem.

— Pai, você está me assustando. — Eu procurei em seu rosto por respostas.

— Eu quase perdi todos vocês. Na última temporada, comecei a me esquecer. Os médicos disseram que era temporário, que tudo iria se endireitar e, talvez, se eu não tivesse sido atingido novamente, teria, mas eu fui.

Ele olhou para mim com lágrimas nos olhos. Ele segurou o meu ombro e apertou.

— Eu esqueci seus primeiros três anos, tudo desde quando sua mãe me disse que estava grávida — ele estalou o dedo — se foi. Eu não me lembrava de descansar minha cabeça em seu estômago, como fiz com Ethan ou de segurar a mão dela na sala de parto... a primeira vez que eu segurei você em meus braços... você esmagando seu rosto no cupcake sem açúcar que ela fez para você no seu primeiro aniversário.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha.

— Todas as suas primeiras vezes foram apagadas. Os treinadores queriam que eu continuasse. Os médicos estavam dispostos a concordar que eu voltasse a jogar, mas eu não podia arriscar. Eu estava tão envergonhado que até pensei nisso, mas fiquei imaginando o que mais eu esqueceria. Não queria perder mais de você, de sua mãe ou de Ethan, então eu desisti. Caminhei para fora do escritório do treinador e saí. Não olhei para trás e nunca me arrependi dessa decisão nem por um segundo.

— Quando você quis jogar, isso foi difícil para mim. Eu sabia que você seria uma estrela. Não havia dúvida em minha mente. Você amou o jogo e amou as multidões, mesmo quando estava no ensino médio, mas eu não sabia se, fosse te dada a opção de escolher, se você escolheria algo que não se arrependeria pelo resto da sua vida. Às vezes, as memórias são tudo o que temos e não há quantidade de dinheiro no mundo que possa recuperá-las.

Meu pai olhou para mim com lágrimas nos olhos. Sua mão se fechou em meu ombro. Suas narinas dilataram. Muitas das coisas que meu pai disse quando eu crescia finalmente se encaixaram.

— Os álbuns de fotos? — Eu olhei em seus olhos lacrimejantes. Ele nunca olhou para os meus álbuns de fotos da infância. Do ethan e Rebecca, ele retirava de vez em quando e olhava, mas o meu acúmulou poeira na estante.

Ele recuou.

— Você percebeu isso?

O peso pressionando contra o meu peito se intensificou.

— Depois das primeiras vezes que os vi, não havia nada, nem mesmo o menor tremor da memória. A culpa era demais. Olhá-los me lembrou a troca que eu havia feito. Minha estupidez me roubou aquele tempo com você. De vez em quando, eu verificava os de Ethan e Rebecca como um teste para ter certeza de que não havia regredido e ficado ainda pior. Por você, eu estava determinado a construir novas memórias que eu teria como valiosas.

— Você me fez pensar que não acreditava em mim. — Eu pulei, batendo a mão dele em meu ombro. — Durante anos, eu queria que você apenas me visse jogar, e você recusou. — As ondas esmagadoras de tristeza que me dominaram agora deixaram romper um raio de sol através da tempestade.

— Eu não podia assistir, nem mesmo por você. Eu amo você e saber que você poderia passar pelo que passei... tentei salvá-lo disso.

— Não me contando? Mentindo para mim? Você poderia ter me dito. — Lágrimas queimaram a parte de trás dos meus olhos. Todo esse tempo, eu pensei que ele não acreditasse em mim ou estivesse com inveja do que eu tinha sido capaz de fazer. — Eu só queria que você estivesse lá para me apoiar e ser meu pai.

Ele passou os braços em volta de mim, segurando os meus ombros. Eu enterrei minha cabeça em seu ombro, e as ondas de emoções sairam de mim.

— Eu sei filho. Eu sinto muito. Eu errei, mas sempre tive orgulho de você. — Ele me abalou com suas palavras. — Eu nunca estive mais orgulhoso e me desculpe por ter feito você se sentir assim. Eu serei melhor do que isso. — Ele me segurou firmemente, me dando um tapinha nas costas.

Com uma respiração instável, eu o soltei. Minha cabeça latejava e usei a minha camisa para secar o meu rosto.

Meu pai bateu a mão em meu ombro. Ele o apertou, olhando de volta para mim com os olhos vermelhos.

— Que tal pegarmos uma fatia de torta de chocolate? — Os cantos da boca dele se levantaram.

— Você acha que pode melhorar tudo com uma fatia de torta?

Ele encolheu os ombros.

— Que tal duas?

Eu balancei minha cabeça para ele.

— Combinado. — Tudo o que eu sabia no mundo estava de cabeça para baixo e eu não sabia como consertar isso, mas começaria com a torta. Suas lembranças de mim e da família foram a coisa mais importante. Ele havia desistido da fama e da glória para manter as que possuía e poder criar novas. Se alguém me dissesse que se eu não fosse mais prudente todas as lembranças que eu tenho de Seph seriam apagadas amanhã, eu nem brincaria com a idéia.

Eu estava tentando lutar contra o que ela significava para mim, e só agora que eu a perdi a verdade veio à tona. Eu resolveria isso depois da torta de chocolate. Eu não poderia deixar as coisas como estavam. Eu não podia deixá-la acreditar que eu não importava, não podia deixá-la acreditar que eu não a amava.

~

Meu olhar correu sobre a multidão e parou em um gorro vermelho em um mar de azul. Seu cabelo estava preso sob o gorro de tricô vermelho, soprando ao vento. Meu coração doía como se estivesse sendo comprimido.

Corpos bateram em mim, desta vez em comemoração. O Gatorade jogado sobre minha cabeça me cegou por um segundo. Limpando a bebida açucarada dos meus olhos, avistei o gorro vermelho desaparecendo pelos degraus do estádio e pelo corredor enquanto todo mundo comemorava. Ela estava indo embora.

— Treinador, eu tenho que ir. — Tirando a minha camisa, eu a joguei no chão do corredor do estádio. Os gritos e rugidos de todos e algum idiota com uma buzina quase explodiram meus tímpanos.

— O que filho? — Ele se inclinou.

— Eu tenho que ir. — Eu puxei meu equipamento e os deixei cair, me movendo junto com a multidão enquanto ela nos empurrava em direção ao vestiário.

— Você é louco? Acabamos de ganhar! Todo mundo vai estar lá fora esperando para falar com você. Você me deu nos nervos esta temporada com o seu exibicionismo, mas você se saiu bem, garoto. — Ele passou os braços em volta do meu pescoço e me puxou para perto.

— E agora eu tenho que ir a um lugar.

— Onde poderia ser mais importante do que aqui? — Alguém o agarrou e o afastou.

— Conseguimos! — LJ pulou nas minhas costas, quase me derrubando. O treinador olhou para ele antes de sair.

Deixei a celebração me arrastar em direção ao vestiário. Correndo para dentro, fui para o meu armário. O lugar estava caótico. Metade da equipe estava lá dentro, perdendo a cabeça. Protetores, camisas, toalhas, equipamentos e todas as pessoas imagináveis estavam amontoadas no pequeno espaço lotado por

grandes jogadores.

Meu nome foi chamado por todas as direções, mas eu estava determinado. Não há tempo para tomar banho. Chutei minhas chuteiras e abri o meu armário. *Porra*. Meus sapatos se foram. Isso não importa. Abrindo o armário ao lado do meu, olhei para as monstruosidade cinza guardadas lá.

Quando coloquei minha camisa por cima da cabeça, ela se agarrou ao suor do meu corpo. *Dane-se.* Agarrando o meu jeans, entrei neles, mergulhei meus pés nos tênis de Berk e os amarrei. Abotoando o meu jeans, segurei as minhas chaves entre os dentes e abri o caminho entre a multidão.

Rompendo para fora do vestiário, dei uma cotovelada nos repórteres, colegas de equipe, fãs e qualquer outra pessoa que estivesse em meu caminho. Envolvi minhas mãos em torno da longa barra de metal que atravessava a porta de aço no final do corredor e a abri. Uma rajada de vento tão fria que fez os meus dentes doerem me atingiu no segundo em que saí. Meus pés escorregaram e deslizaram na merda dos tênis de Berk.

Abrindo a porta do meu carro, liguei o motor e dei marcha ré. O tráfego na estrada conspirou contra mim no caminho para o apartamento dela.

32

SEPH

Apreciei a dormência, preferia ela à dor crua, cortante, que me permitia pensar direito, detonando em meu peito. Reece tinha se afastado, inferno, ele não tinha andado, ele tinha *corrido* para longe no segundo em que eu tinha feito uma brincadeira sobre algo perto de um futuro. Essa tinha sido a minha resposta, então por que eu estava neste táxi? Por que eu estava me submetendo a essa tortura?

— Eles querem que você comece o seu curso durante o verão, formalidades iniciais para o programa de doutorado. — A voz do meu pai ecoou no alto-falante do meu telefone.

A parte de trás do táxi estava ainda mais fria do que no lado de fora.

Inclinando a cabeça no encosto, olhei pela janela, o céu azul claro se estendendo em uma imensidão acima de mim. Como o resto do mundo poderia continuar como se nada tivesse acontecido? Eu estava acordando com o ar preso em meus pulmões, agarrando os lençóis enquanto tentava respirar fundo.

Essa ligação me fez querer pular do táxi, deixar o meu telefone para trás, desaparecer na cidade e me tornar outra pessoa, alguém que não sabia como era sentir suas carícias e sussurros doces.

Foi muito mais difícil tentar me manter depois de fechar a porta na cara do Reece. Era como fechar a porta para a possibilidade de um futuro diferente de qualquer um que eu já imaginei para mim.

~

Quando eu apareci na bilheteria e dei a eles o meu nome, achei que não haveria um ingresso para mim e poderia me consolar com o fato de ter tentado cumprir a minha promessa, mas a mulher havia pedido para ver a minha identidade atraves do alto-falante. Enfiei-o no pequeno compartimento e ela a deslizou de volta para mim com um único ingresso.

Os fãs se aglomeraram em torno da entrada do estádio e eu encontrei meu caminho até o meu assento, logo atrás do banco dos Troianos, a algumas fileiras da beira do gramado. A equipe correu para o campo e todos estavam de pé. Eu usei o corpo deles para me proteger, caso ele olhasse, mas ele estava focado no jogo, dando tudo de si, como sempre fazia. Foi a minha primeira vez assistindo ele em campo. Eu tinha acompanhado online os jogos por meio das análises antes, mas nunca havia me sentado para vê-lo jogar pessoalmente. Era agridoce, todo o seu trabalho lá fora, para todo mundo ver.

No último período do jogo, eu torci junto com o resto dos fãs nas arquibancadas. Eu pulei para cima e para baixo quando a energia cinética da construção sem teto explodiu de alegria no momento em que a bola saltou duas vezes nas mãos de Reece antes dele apertá-la contra o seu peito. No passe

seguinte, Nix parecia preparado para jogar para ele novamente, mas, em vez disso, jogou para o número 52, Keyton em letras maiúsculas nas costas do jogador. Essa pegada foi limpa, sem pulos, e quando ele cruzou a linha para a *end zone*, o local explodiu, o barulho era tão alto que fiquei tentada a tapar meus ouvidos, temendo sofrer uma alguma perda auditiva significativa. A alegria foi avassaladora. Eu nunca estive em um mar de pessoas tão focadas em um objetivo juntos.

Do local onde estava sentada, vi Reece pular em cima de Keyton e fugir da comemoração até chegar ao corredor. Ele jogou melhor do que qualquer outro no campo. Eu não tinha ideia das regras, mas ele havia dado tudo de si ao jogo. Não era de se admirar que ele escolhesse ao invés de mim.

No táxi a caminho do meu apartamento, eu pisquei as lágrimas de volta. Por um segundo, pensei que ele tivesse me visto, mas depois ele voltou a comemorar com o resto do time. Ele iria bem no draft com um campeonato e um *touchdown* no jogo ganho marcando o seu nome.

O apartamento estava quieto. Entrando no meu quarto, vi as brilhantes trincas prateadas debaixo da minha cama. Peguei a caixa e a abri. A mesma caixa que eu não tinha encostado há semanas.

Peguei o meu violino agora que podia sentir os meus dedos novamente. Era uma coisa que os estádios não tinham: um ótimo aquecimento. Mesmo agasalhada entre milhares de fãs gritando, o frio da noite passou através do meu casaco e das luvas, ou talvez tenha sido um frio que não veio do clima, mas sim do fato de não estar mais em seus braços.

Meu arco passou pelas cordas. Fechando os olhos, eu balancei na melodia que já havia tocado mil vezes antes, ainda a sentindo profundamente em meus ossos. Esta história de amor perdido era real agora. Antes eram posições dos meus dedos nas cordas; agora elas eram notas da minha alma. Mergulhei no ritmo e na melodia, tentando me manter inteira. Eu estava me desgastando mais e mais a cada dia, mas estava me mostrando que eu podia suportar a pressão. Eu não estava indo para Boston no próximo ano. Eu ficaria na Filadélfia, mesmo se fosse sozinha. Eu tinha feito uma vida para mim mesma, e mesmo que ela tivesse desmoronado, eu poderia fazê-la novamente. Não seria o mesmo.

Sempre haveria duas partes da minha vida: AR e DR. Depois de Reece seria um pouco menos brilhante, mas eu poderia fazer isso. Eu iria para Boston e contaria à minha mãe exatamente o que planejava fazer. Talvez eu levasse a tia Sophie como reforço. Minha mãe também não tinha que viver sob o aperto de ferro do meu pai.

Ele não merecia outra palavra minha ou um único pensamento, mas eu faria tudo o possível para que minha mãe visse que ela merecia mais. Nós duas devemos ser livres.

A porta do meu quarto se abriu. Eu pulei, virando em sua direção.

— Estou em casa agora. — Alexa estava com a mão na maçaneta, fechando a porta.

Eu levantei o violino de volta ao meu ombro.

— Você não me ouviu? — Ela abriu a porta completamente.

— Eu ouvi você, eu só simplesmente não me importo. — Eu estava cansada de ceder aos valentões.

— Você poderia ser um pouco mais respeitosa. Nós moramos juntas.

Coloquei meu violino na cama e me virei.

Ela parecia entender isso como se eu tivesse cedido a ela e estava fechando a porta.

Eu a abri e ela bateu na parede enquanto eu saía apressada pelo corredor.

— Você é uma pessoa vil que só consegue se sentir melhor quando menospreza outras pessoas. Você não fala com amigos assim. — A tensão havia se formado durante os últimos quatro meses e não havia como parar agora.

Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para mim.

— Pelo menos eu tenho amigos.

— Você? Me parece que todos eles fugiram do país para ficar longe de você. Tudo o que você faz é intimidar o Dan e agir como uma grande cadela para mim. Tudo o que eu sempre quis ser foi sua amiga.

— Você veio para cá com o seu violino e suas malditas roupas de bibliotecária, e eu vejo como você olha para o Dan.

Eu olhei para ela e finalmente entendi.

— Você está com ciúmes.

— De jeito nenhum.

— Uou, você está realmente com ciúmes de mim. Todo esse tempo eu pensei que talvez essa sua atitude fosse apenas uma peculiaridade da sua personalidade, mas você realmente está com ciúmes de mim. — Era estúpido que isso nem me tivesse ocorrido como uma possibilidade antes, mas quando eu já estive por perto de garotas más antes? Viver com Alexa foi um curso intensivo em dinâmica hierárquica feminina. As narinas dela se alargaram.

A porta da frente se abriu e Dan entrou. Seu olhar saltou de mim para ela.

— Você vai deixá-la falar assim comigo, Dan? — Ela se virou, olhando para ele.

Dan recuou com uma caixa de pizza nas mãos.

— Seph?

— Pare de chamá-la assim. O nome dela é Persephone.

— Meus amigos me chamam de Seph. — Eu me aproximei. Não havia como recuar dessa vez. O intervalo do semestre seria em alguns dias, e eu não deixaria que ela me atacasse mais e me tratasse como uma merda. Era ela ou eu, e com certeza não seria eu quem recuaria primeiro. O próximo semestre seria livre de bruxas perversas.

— Oh, então vocês dois são amigos agora? — Ela olhou para mim. — Você está tentando roubá-lo de mim.

Eu joguei minhas mãos para o ar.

— Eu não quero o Dan, sem ofensa.

Ele encolheu os ombros.

— Mas você também não, certo? — Seu amigo de pijama e sem camisa na madrugada não gritava exatamente, *eu estou em um sério e comprometido relacionamento.*

Seu rosto caiu e seu olhar disparou de mim para o Dan.

— Você não sabe do que está falando. — Disse ela entre dentes.

— O quê? — Ele deixou cair a caixa de pizza no balcão e deu um passo ao lado dela. — Do que ela está falando?

— Ele merece saber. É o mínimo que você pode fazer para provar que não é uma pessoa completamente horrível. — Era como cauterizar uma ferida. Isso doeria, e Dan parecia tão gentil; Eu não queria infligir isso a ele, mas ele tinha o direito de saber.

— Não é da sua conta. — Ela fervia para mim como uma cobra olhando sua presa, mas eu não estava mais com medo dela.

— O que não é da conta dela? O que você fez, Alexa? — Sua voz se elevou e lágrimas brilhavam em seus olhos. Não era como eu queria que isso acontecesse, mas era melhor que acontecesse agora do que mais tarde, e a rapidez com que ele se agarrou na única coisa que eu disse para acusá-la me avisou que essa desconfiança não veio do nada.

— Não foi nada... apenas um erro que cometi. — Ela se virou e passou as mãos sobre o peito dele.

Dan deu um passo para trás, encarando-a como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Um erro. Um outro erro. — O pomo de Adão dele subia e descia. — Você prometeu que isso nunca mais aconteceria. — Sua voz falhou.

— Você *tinha* que enfiar o nariz nos meus negócios. — Alexa se virou para mim, cuspindo seu veneno como se eu tivesse chamado aquele cara para o apartamento e a obriga-la a fazer o que tinha feito com ele.

Dei de ombros.

— Eu acho que sim, porque estou cansada de pessoas como você que criticam pessoas boas porque elas são muito legais e não suportam o seu comportamento de merda.

— Estamos juntos desde a nona série. Não há nada que você possa fazer para nos separar. Ele nunca vai encontrar alguém que possa lhe dar o que eu posso. — Ela agarrou o braço de Dan, tentando passar o dela pelo dele, mas ele se afastou, dando um passo para trás.

— Você mentiu para mim *novamente.* — Lágrimas brotaram em seus olhos. — Quem era?

— Não importa. — Ela murmurou, como se uma voz doce pudesse apagar a dor de sua traição.

— Quem? — Sua voz falhou.

— Chad.

Peguei o meu casaco. Eles precisavam resolver isso por conta própria. Suas vozes ficaram mais altas e eu corri para o meu quarto para pegar a minha bolsa. Era horrível empurrá-los para esse ponto, mas eu esperava que isso o ajudasse a poupar os anos de abuso emocional que ela tinha sobre ele. Talvez a levasse a ver o erro em seus modos, ver que tratar as pessoas como merda não era uma maneira válida de viver a sua vida.

Saí do meu quarto e ele estava parado na porta da frente. Alexa estava em sua frente tentando acalmá-lo, contando as mentiras horríveis que a levaram a ir tão longe.

Com a mão na maçaneta, olhei para ele por cima do ombro.

— Você merece melhor, Dan. Você merece alguém que o ame e que nunca fará você se sentir como se não fosse o suficiente. Ela está lá fora para você.

Seu olhar se voltou para o meu. Alexa empurrou o seu ombro, quase o

derrubando. Eu tentei fazê-lo acreditar com os meus olhos. *Você consegue. Eu não posso fazer isso por você.*

Ele assentiu e abriu a porta. Alexa deu um pulo para trás para evitar que o rosto batesse na madeira, e Dan fez um sinal para eu passar primeiro.

— Você está certa.

Ele saiu e bateu a porta atrás de si. Um estrondo alto nos seguiu pela saída, mas eu não me importei. Se ela destruísse o resto das minhas coisas no apartamento, pelo menos eu ajudei o Dan a ver a luz do dia, e se eu pude ajudá-lo, talvez eu pudesse a ajudar minha mãe também. Então talvez em algum momento eu fosse capaz de me ajudar. A distração da dor em meu coração tinha ajudado. Talvez fosse isso que eu devesse fazer para evitá-la, para evitar pensar em Reece, apenas seguir em frente e ajudar outras pessoas, e então não precisaria parar e pensar em como nem sequer consegui ajudar a mim mesma.

33

REECE

Hu larguei meu carro no estacionamento perto do prédio dela depois de parar no primeiro lugar que vi. Meu carro estava pendurado no meio do caminho, mas eu não me importaria com um para-choque quebrado, se isso significasse chegar até ela mais rápido. Meu coração batia forte nas minhas costelas. Eu participei da maior coletiva de imprensa da minha vida até agora, e isso foi apenas um pontinho no meu radar. Aquela vitória sem ela lá para comemorar comigo foi um poço oco. Eu queria que ela corresse para o campo e me abraçasse, quis dar um beijo em seus lábios e olhar em seus olhos. Eu a queria.

As palavras do meu pai bateram no centro do meu peito. Uma carreira profissional duraria o tempo que levasse para o meu corpo falhar, mas o amor dela... isso era para sempre, pelo menos teria sido se eu não tivesse estragado tudo.

Ela saiu do prédio, mas não estava sozinha. Dan estava ao lado dela, parecendo que havia atravessado um campo minado. Ela o virou e apoiou a mão no braço dele e depois no ombro. Ele assentiu com o que ela estava dizendo.

Eu não conseguia ouvir as palavras, mas isso não era uma conversa sobre o que eles gostavam na pizza. Esta foi uma discussão íntima. De pé na ponta dos pés, ela colocou os braços em volta do pescoço dele, e ele a segurou como se ela fosse uma tábua de salvação em uma tempestade. As mãos dele enrolaram o casaco nas costas dela.

Engolindo o bile na minha garganta, fechei os punhos nos bolsos e respirei fundo. Meus tênis trituravam a fina camada de gelo que se formava no chão.

Seph o soltou e sorriu, a expressão gentil e bondosa que ela tinha por qualquer pessoa com quem se importasse. O gelo estalou sob meus pés e eu desejei estar em um lago que pudesse me engolir. Preferia sentir as adagas frias da água gelada do inverno do que observá-la com outra pessoa.

Ela virou a cabeça e me viu. Eu sabia porque o sorriso dela vacilou e depois se desfez. O buraco no meu estômago cresceu.

Dan se virou para seguir o olhar dela e seus olhos se arregalaram.

— Você não acabou de ganhar o campeonato? O que diabos você está fazendo aqui?

Eu levantei meu queixo, projetando-o para frente.

— Estou aqui para conversar com Seph.

O olhar de Dan saltou de mim para Seph e voltou para mim.

— Eu deixarei vocês dois sozinhos para conversar. Obrigado por tudo, Seph. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até o carro, olhando por cima do ombro antes de entrar.

Ficamos na calçada congelante, olhando um para o outro. Os sopros de ar de seus lábios flutuaram sobre o meu rosto quando me aproximei.

— Você veio ao meu jogo. — Eu tinha deixado o ingresso lá na chance dela aparecer.

— Eu prometi que iria. — Ela encolheu os ombros. A incerteza em seus olhos me matou.

— Há muitas maneiras de dizer o quanto sinto muito, mas pensei em mostrar

a você. Você vai deixar?

Ela mordeu o lábio inferior, como sempre fazia quando estava nervosa ou tentando decidir o melhor curso da ação. Não era um simples não, então eu aceitaria.

— Não vai demorar muito. — Estendi minha mão. — A dez minutos de carro.

Ela olhou para a mão estendida e passou por mim. Meu coração despencou. Eu apertei meus olhos e abaixei a cabeça. Eu realmente fodi as coisas.

— Vamos ou não?

Eu me virei. Ela estava ao lado do passageiro do meu carro. Correndo para ela, eu derrapei no gelo e me equilibrei. Ela abriu a porta antes que eu pudesse chegar até ela e entrou.

Apoiando minhas mãos no teto do meu carro, olhei para o céu. *Por favor, não me deixe estragar tudo.*

Dirigimos em silêncio. Eu tive que tomar algumas ruas laterais para evitar todas as celebrações pós-campeonato. As pessoas tomavam as ruas principais com bandeiras e faixas penduradas em seus carros, aplaudindo e cantando.

Seph esticou o pescoço para verificar todos.

— Você está perdendo toda a diversão.

— Estou exatamente onde quero estar. — Olhei para ela. Meus dedos coçavam para estender a mão e pegar a sua, enfiar meus dedos nos dela e levá-los à minha boca. Eu queria beijar nossos dedos entrelaçados em uma promessa de eternidade.

Carros pontilhavam o lado dos visitantes no estacionamento do estádio. A maioria das pessoas da equipe perdedora sabia sair às escondidas. Saindo do carro, não pude deixar de observá-la. Suas bochechas brilhavam com um rubor invernal. Fios de seu cabelo escaparam do gorro vermelho que ela sempre usava. Seu cabelo estava trançado por baixo? Eu descobriria depois? Será que algum dia eu correria meus dedos pelos cabelos dela novamente, enquanto ela estava deitada no meu peito, dormindo?

Ela olhou para mim com uma sobrancelha levantada. Isso me tirou do meu devaneio, querendo esticar esse momento, caso fosse o último, e passar com ela ao meu lado.

Fui até uma das portas do estádio e bati. Ganhar um campeonato tinha suas vantagens, principalmente com o pessoal da manutenção do campo que quebraram as regras por mim apenas desta vez para me levar para dentro. Os corredores largos estavam assustadoramente silenciosos. Era como entrar na sua casa de infância depois que seus pais arrumaram tudo para uma mudança. Era exatamente como você se lembrava e ainda assim completamente estranho. Não parecia o mesmo lugar que eu tinha estado algumas horas atrás.

Seph acelerou, roçando meu braço. Eu diminuí a velocidade, navegando nas voltas e reviravoltas do lugar em que passei meus últimos quatro anos, e isso me atingiu: essa seria uma das últimas vezes que eu estaria lá.

— Onde estamos indo? — Ela acelerou para ficar na minha frente.

— Aqui. — Eu a guiei para fora do túnel. Virando para a esquerda, subimos algumas escadas e eu me sentei no segundo assento na primeira fila, bem na linha de cinquenta jardas. Dei um tapinha no assento de plástico duro ao meu lado, segurando-o para ela se sentar.

Ela olhou para mim e para o campo antes de sentar e olhar para frente.

— Porque estamos aqui?

Inclinei-me para a frente, descansando os braços nas grades de aço que ladeavam o perímetro da primeira fila.

— Eu jogo futebol desde os dez anos de idade. Era *flag football*, mas mesmo assim havia pessoas sussurrando sobre o quão bom eu era. Tenho certeza que existem milhares de crianças em todo o país que recebem o mesmo tratamento, mas meu pai era ex-jogador da NFL, então foi diferente.

Eu apertei a grade. Logo haveria um anel de campeonato no meu dedo, tilintando contra o metal frio.

— Mas meu pai nunca me viu jogar. Ele nem queria que eu jogasse. Por um longo tempo, pensei que era porque ele não acreditava em mim ou estava preocupado com o fato de eu ser melhor que ele, com medo de superar suas realizações.

Nossa conversa se repetiu na minha cabeça.

— E agora? — Ela se inclinou para frente, seu ombro roçando minhas costas.

— Agora eu sei que ele estava apenas tentando me proteger. Era a única maneira de ele me deixar fazer o que viu que eu precisava fazer. Me parar seria como me pedir para parar de respirar, então ele fez o que precisava para me deixar jogar.

Ela ficou sentada ao meu lado em silêncio. O barulho distante de pessoas limpando o estádio viajou pelo campo.

Eu respirei fundo, trêmulo. Virando completamente no meu lugar, peguei sua mão na minha.

— E eu desistiria de tudo por você.

Puxando sua mão da minha, ela pulou. Seus pés bateram no concreto duro e meu coração despencou. Ela olhou para mim como se eu tivesse dito a ela que estava indo para a lua. — Você está maluco?

Minha cabeça se levantou. — É verdade.

— Se for verdade, então você provavelmente precisará fazer uma tomografia computadorizada. — Ela arrancou o gorro da cabeça. Seu cabelo se levantou quando a aderência estática o sobrecarregou. — Por que você diria algo assim? É isso que você acha que eu quero de você? Eu vi você lá fora hoje à noite. Você era indescritível. Como você pôde pensar por um segundo em jogar fora todo esse talento? Para quê? Por nada? Para provar um ponto?

Eu levantei e apoiei minhas mãos em seus ombros. — Não seria por nada, Seph. Seria por você.

Ela estreitou os olhos para mim e cruzou os braços sobre o peito. — Não, seria por você. Então você faz esse grande sacrifício e, em quinze anos, vai estar me encarando como uma estranha que roubou algo de você.

— Não passou um dia sem você que eu não senti aquela sensação interminável de perda, sabendo que desisti de algo que nunca poderia ter de volta, sabendo que sacrifiquei estar com a pessoa que amo pela fama e glória a estranhos que nunca poderiam significar tanto para mim quanto você.

— Você não está desistindo de nada. — Ela enfiou o dedo no centro do meu peito. — Eu não vou deixar você colocar isso na minha cabeça.

Os cantos da minha boca levantaram. — Isso significa que eu estarei por

perto para *não* colocar isso na sua cabeça?

— Estou com medo. — Ela mordiscou o lábio inferior.

Eu a puxei para os meus braços. — Eu também estou com medo, Criança Selvagem, mas com seu cérebro e meu atletismo, podemos superar ou enfrentar qualquer problema que encontrarmos. — Passando meus dedos ao longo da sua nuca, segurei firme. Seu cheiro de lavanda e biblioteca era um perfume que eu usaria em qualquer dia se isso significasse que eu a seguraria. — Pelo menos por mais alguns anos até meus joelhos cederem.

Ela se encostou contra o meu peito e eu a afrouxei meu aperto como um portão rangente que precisava de óleo. Eu nunca tomaria isso como garantido novamente.

— Eu não vou voltar para Boston. — Ela olhou nos meus olhos.

— Eu não me importo se você estiver indo para Timbuktu, vamos descobrir o que fazer quando chegar a hora.

Suas sobrancelhas franziram e ela puxou os botões do meu casaco. — Você acabou de dizer que me ama?

Eu esperei o surto pulsante ou o desejo de recuar, mas não havia nenhum. Havia apenas o brilho do seu sorriso e o calor da minha mão na dela.

— Você pode apostar sua bunda que sim, e eu direi todos os dias pelo resto de nossas vidas. — Passei a mão pela lateral do seu rosto e mergulhei a cabeça.

Seus lábios se separaram no convite mais doce, e eu derramei meu amor naquele beijo. A faísca eletrizante entre nós cresceu até eu precisar levá-la para a superfície plana mais próxima imediatamente.

Um grito alto ricocheteou nos alto-falantes seguidos por alguns gritos e aplausos. Olhei para cima e vi que nós dois estávamos na tela grande.

Seph olhou para cima e suas bochechas ficaram vermelhas. Ela abaixou a cabeça, segurando a frente do meu casaco.

Ela abaixou a cabeça. — O que diabos aconteceu com seus sapatos? — Ela olhou para eles como se fossem algo que rastejou para fora do fundo do mar.

Olhei para as monstruosidades cinzentas nos meus pés e ri. — Depois do jogo, não consegui encontrar os meus, então roubei os de Berk.

— Se você tivesse começado com isso, nem precisaríamos de todo o seu discurso. — Ela pressionou um beijo rápido nos meus lábios, rindo e balançando a cabeça. — Como vocês vestem o mesmo tamanho, talvez precise deixá-lo ter um par. Isso é um buraco?

O lado do dedinho do pé espreitou por um rasgo logo acima da sola de borracha desgastada do tênis. Eu balancei minha cabeça.

— Ele é uma aberração sem esperança. — Eu segurei os dois lados do rosto dela e descansei minha testa contra a dela. — Vamos para casa.

— E onde exatamente é isso? — Ela puxou as bordas do meu casaco.

— Onde quer que estejamos. — Eu gemi. — Haverá uma festa louca em nossa casa, inferno, em todo o campus. Provavelmente vai continuar até a próxima semana.

Ela bateu o dedo nos lábios. — Eu acho que conheço um lugar.

— Onde?

Ela se virou e caminhou, segurando minha mão. Corri para acompanhá-la enquanto ela dizia: — Você verá.

34

SEPH

Gritos e buzinas soaram por todo o campus. As multidões itinerantes de líderes de torcida espreitavam cada esquina. Uma batida de tambor tocando o grito de guerra da escola se aproximou. Abaixando-nos atrás de alguns arbustos, nos escondemos quando a banda improvisada passou, carregando um quinto de rum e seu próprio liquidificador a bateria em uma carroça que eles puxavam atrás deles.

A segurança do campus passou e os cumprimentou. Se você não pode vencê-los, junte-se a eles, certo? Provavelmente não havia blocos de multas suficientes para distribuir a todas as pessoas em todo o campus.

Empurrando os arbustos úmidos e escorregadios para o lado, voltamos para o caminho.

— Não que eu esteja reclamando ou algo assim, mas onde você acha que vamos encontrar um lugar que não está uma loucura agora?

Eu o puxei para frente, virando a esquina. Ele olhou para o prédio de pedra cinza e inclinou a cabeça para o lado.

— Confie em mim.

Entramos pelas portas automáticas duplas. Havia papéis espalhados por todo o chão, mochilas abandonadas e copos de café órfãos por todas as mesas. Parecia um filme de apocalipse zumbi. O balcão de atendimento estava vazio e havia um sussurro silencioso lá dentro.

— Eu disse que encontraria um lugar.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu deveria saber que você teria a trilha interna para o local mais silencioso do campus.

— Onde eu estudo, é assim o tempo todo, não a coisa pós-apocalíptica, mas as pessoas simplesmente desaparecem no meio do que estavam fazendo, mais como se ninguém estivesse aqui há anos.

— O que exatamente você quer que façamos quando chegarmos a este local calmo? — Seus dentes arranharam contra a pele na lateral do meu pescoço.

— É um bom lugar para conversar. — Soltei um suspiro trêmulo quando ele chupou meu ponto pulsante. Apertando minhas coxas, tentei me concentrar no que estava dizendo e fazendo. Muitos dias se passaram sem sentir seu toque.

— Tudo que você quer fazer é conversar? — Ele apertou o braço em volta de mim, passando o polegar no meu ombro. Mesmo através do meu casaco, eu podia sentir cada toque.

Lambi meus lábios e assenti.

— Você precisa me contar sobre o seu Natal.

— Claro, eu tenho uma apresentação de slides no meu telefone, eu posso te mostrar. — Ele me soltou e pegou minha mão.

— Sério?

— Infelizmente sim. Minha mãe e meu pai montam uma todos os anos, como uma pequena revisão de final de ano. Eles enviam por e-mail para nós e depois analisamos no dia de Natal. Sempre achei estranho, mas agora faz mais sentido.

— Por quê? — Eu procurei em seu rosto a resposta.

Ele apertou minha mão.

— Eu te conto depois.

— Eu quero ver a apresentação de slides. Tenho certeza que é incrível. — Peguei o telefone.

Ele levantou bem alto. — Nós não estamos assistindo a apresentação de slides da minha família do Natal. Leve-me ao seu covil para que você possa fazer o que quiser comigo. — Reece passou o braço em volta de mim, beijando o lado do meu rosto.

O elevador estremeceu, as portas se abriram como se estivessem dormindo por cem anos.

— E se fizermos uma aposta? — Bati meu dedo no meu queixo.

Ele apertou os olhos e olhou para mim pelos cantos dos olhos.

— Se isso me deixa nu de novo, eu sou a favor. — Seu sorriso era tão contagioso quanto um bocejo.

— Depois da apresentação de slides.

Ele resmungou ao meu lado.

O elevador roncou e tremeu, levando-nos para o terceiro andar. Elevadores antigos eram como o par de bibliotecas como essas. As costas de sua mão roçaram as minhas, minha necessidade por ele florescendo profundamente no meu estômago e se espalhando por todo o meu corpo. Ao liberá-la, saboreamos a necessidade de nos aprofundarmos, como mergulhar de cabeça na maré crescente.

— Aqui está o acordo.

— Estou ouvindo. — Ele cruzou os braços sobre o peito. A blusa térmica sob o casaco se estendia firmemente pelo corpo musculoso.

— Quem chegar à minha sala de estudos primeiro decide o que fazemos quando chegamos lá.

— Você quer apostar corrida comigo. — Ele balançou a cabeça como se eu tivesse apostado em um cavalo que eles iriam derrubar após a corrida.

Estendi minha mão.

— Combinado?

Seu sorriso preguiçoso era uma emboscada sexual. Meu coração deu um pulo e ele colocou a mão na minha, as pontas dos dedos roçando a parte interna do meu pulso.

— Combinado, Criança Selvagem.

Um chiado de prazer percorreu minha espinha sempre que ele dizia isso. Eu poderia ser selvagem com ele.

As portas do elevador se abriram. Eu puxei minha mão livre de seu aperto e corri, abrindo as portas pelo caminho e saindo antes que elas se abrissem completamente.

— Mas eu não sei onde é a sua sala de estudo! — Ele chamou atrás de mim.

Olhando por cima do ombro, eu ri dos olhos arregalados no rosto de Reece.

— Eu sei!

Seus lábios se curvaram em um sorriso feliz e predatório quando ele saiu atrás de mim.

Me escondi em um dos corredores. Nosso jogo de gato e rato era a liberação que precisávamos. Onde mais era melhor fazê-lo do que uma biblioteca deserta? Esse era o meu território.

O ruído pesado de seus passos no tapete opaco enviou um arrepio na minha espinha. Deslizei pela extremidade de uma prateleira e andei na ponta dos pés mais para trás em direção à minha sala de estudo. Vi a sombra dele passar pelas lacunas dos livros nas prateleiras enquanto eu me abaixava.

Meu coração batia forte no peito e fechei meus lábios para não rir. Deslizando meu casaco, joguei-o na próxima fila de livros para distraí-lo e saí na direção oposta.

Seus passos bateram atrás de mim.

— Tudo o que você está fazendo é se despir para mim. — Declarou ele em uma voz cantada.

Eu andei pelas prateleiras, amaldiçoando meu senso de direção. Eu estava do lado errado da ampla passagem entre as duas metades da sala. Espreitando a partir do final da linha, fiz uma pausa para isso. Cheguei na metade do corredor quando a porta da minha sala de estudo ficou à vista.

Talvez tenha sido cruel da minha parte, mas o pensamento de levar o meu tempo assistindo a apresentação de slides da família enquanto ele se contorcia ao meu lado fez a perseguição valer a pena. Seria tão difícil para mim quanto para ele, mas quem não amava um pouco de gratificação atrasada?

Em segundos, como um serial killer em um filme, ele me agarrou e me levantou do chão. Eu gritei e tentei escapar para a sala de estudo. Ele jogou nossos casacos no chão. O zumbido da iluminação fluorescente no alto era nossa única companhia, além dos livros nas prateleiras, mas uma nova chegada se deu a conhecer, pressionada contra minhas costas.

— Eu disse que iria pegar você. — Ele me virou, levantando minhas mãos e prendendo-as acima da minha cabeça.

Sua mão serpenteou entre nós e puxou minha camisa, expondo minha pele ao ar fresco da sala e a seu toque aquecido. Minhas mãos pressionaram contra as prateleiras frias de metal. Minhas pontas dos dedos roçaram a espinha dos livros. Um arrepio percorreu meu corpo quando a mão de Reece mergulhou na parte de trás da minha calça, segurando minha bunda.

— Imaginei que um avanço ajudaria.

Ele tirou a mão e trabalhou rapidamente, desabotoando e abrindo minhas calças e empurrando-as pelas minhas pernas. Eu comecei a sentir arrepios quando a brisa da sala deslizou pela minha pele. Não tinha absolutamente nada a ver com as quantidades loucas de hormônios que corriam pelo meu corpo ou com o jogador de futebol americano que me despia em público.

— Não quando você é o prêmio.

Seus dedos deslizaram ao longo do meu estômago, enviando disparos de prazer pelo meu corpo. Ele empurrou a frente da minha camisa por cima e por cima dos meus seios, expondo meu sutiã. Deixando um beijo em cima de cada seio, ele olhou para mim como se eu fosse o altar e o culto estivesse prestes a começar.

Olhei para a porta fechada da minha sala de estudo. Nós estávamos perto.

— Você não vai conseguir. Este lugar está deserto. Que tal adicionar outra primeira vez à sua lista?

— Qual? — Lambi meus lábios secos.

Ele soltou o botão da calça jeans, e o baque abafado no chão enviou ondas de

prazer que passavam pela minha boceta.

— Você vai descobrir.

Soltando a mão do meu pulso, ele segurou minha bunda, levantando minhas pernas para que elas envolvessem seus quadris. O empurrão duro e insistente de seu pau contra a minha fenda enviou um arrepio através de nós dois. Meu corpo estava em chamas e eu me apoiei contra ele.

Nós dois congelamos no segundo em que sua cabeça grossa como cogumelo empurrou dentro de mim.

— Oh merda. — Eu gemi e segurei as prateleiras atrás de mim.

Ele se agachou enquanto me segurava e jogou a carteira do bolso de trás da calça jeans no chão. Ela caiu no chão quando ele tirou um preservativo dos limites de couro. Rasgando-o com os dentes, ele o rolou, me segurando com um braço. Ele era poder e força bruta, e eu fiquei mais do que feliz em ter um lugar na primeira fila para sua próxima demonstração de talento atlético.

Em um impulso suave e sólido, ele entrou em mim, me levando ao meu limite e roubando meu fôlego. Reece sibilou enquanto eu apertava minhas pernas ao redor dele e me aterrava em pequenos círculos.

Passei meus braços em volta do pescoço dele, segurando-me freneticamente no sabor doce dele e esperando pelo orgasmo o qual eu estava à beira. As prateleiras tilintaram e sacudiram atrás de mim.

Ele apertou e massageou minha bunda, nunca deixando nossos corpos separados por mais de um segundo. Suor escorria na minha pele. Mergulhando os joelhos, seus impulsos mudaram de direção e ele esfregou o local dentro de mim que me iluminou como uma queima de fogos de Ano Novo. Mordi seu ombro. Minha boca se encheu com o sabor salgado de sua pele. Meu uivo abafado estava enterrado em seu ombro e ele continuou me penetrando com seu pau grosso. Ele pressionou o rosto no meu pescoço e gemeu. Ele se expandiu dentro de mim, provocando outra onda de prazer que fez meus olhos revirarem na minha cabeça.

Ofegando, ele nos levou para o chão. Nossos casacos viraram um ninho improvisado para nossa recuperação. Ele colocou meu casaco sobre mim e me deitou em seu peito.

— Eu não acho que descobri qual a nova adição para a minha lista. — Passei o dedo sobre o peito.

Ele riu, seu corpo vibrando debaixo de mim.

— Vou ter que continuar tentando até você descobrir isso então.

Eu levantei minha cabeça. Sua respiração diminuiu e ele se recostou com os olhos fechados e os cílios alcançando o teto. Passei a ponta dos dedos sobre suas bochechas e pálpebras.

Ele colocou a mão atrás da cabeça e olhou para mim.

— Eu tenho uma coisa para você.

— A apresentação de slides?

Ele balançou a cabeça com a esperança que escorria da minha voz.

— Apenas espere até você ter que passar por isso no próximo Natal. Então você vai se arrepender.

Próximo Natal. Mal podia esperar. Ele me mudou para um lado e alcançou debaixo dele.

— Eu precisava devolver isso para você. — A longa corrente de prata e pingente balançavam para frente e para trás enquanto pendia de sua mão.

Minha garganta se apertou e meus olhos se encheram de lágrimas. Piscando-as para longe, sentei-me. Ele o colocou no meu pescoço, fechando o fecho e beijando a parte de trás do meu ombro.

— Sempre foi seu e sempre foi verdade, mas eu queria que você tivesse isso.

Olhei por cima do ombro e o beijei. Afundando profundamente naquele beijo, eu estava pronta para a segunda rodada.

Houve um leve ruído. Nós dois nos separamos e nos encaramos.

— Isso foi… — O barulho estridente da porta velha se abrindo confirmou meu pior medo. Nós nos esforçamos para colocar nossas roupas de volta, o barulho abafado de passos se aproximando a cada segundo.

Com as calças abotoadas, enfiei os braços no casaco e Reece agarrou o embrulho de camisinha no chão, enfiando-o no bolso. De mãos dadas, andamos pelo corredor lateral em direção ao elevador e quase esbarramos com o único outro cara em todo o campus que achava que agora era o melhor momento para ir à biblioteca.

Ele pulou e quase derramou seu café. Eu ri, enterrando minha cabeça no ombro de Reece, e corremos para o elevador. Eu podia sentir os olhos do cara em nós enquanto nós caminhamos rapidamente para sair de lá. Uma vez lá dentro, ele olhou para mim.

— Você sabe que seu casaco está do avesso, certo?

Olhei para o forro do meu casaco, que estava, de fato, atualmente do lado de fora. Empurrando seu ombro, eu dei de ombros e o virei para o lado certo.

— Por que você não me contou?

— Eu estava feliz que ele não viu sua calcinha saindo do meu bolso. — Ele puxou a borda azul brilhante da renda saindo da calça jeans.

Alguém colocou um lança-chamas nas minhas bochechas. Reece beijou o lado da minha cabeça.

— Vamos, criança selvagem. Temos algumas comemorações para fazer.

EPILOGO
REECE

Hu estava sentado no banco com meus cotovelos descansando em minhas pernas. Não poderia ter havido uma primeira temporada mais perfeita nos profissionais. O estádio vibrou ao nosso redor. As arquibancadas eram um organismo vivo alimentado pelas jardas obtidas no campo, um mar de verde e dourado. O suor escorria da ponta do meu nariz. Examinando a multidão, eu os vi. Ninguém queria os bilhetes no camarote; eles queriam estar perto da ação.

Era fácil identificar Seph com seu casaco vermelho, um movimento ousado em uma multidão toda vestida de verde. Ela estava com o cabelo preso em uma coroa de tranças que eu mal podia esperar para soltar mais tarde. Desfazê-los e deixar os suaves fios caramelo correr entre meus dedos era um ritual pós-jogo que eu nunca quis ficar sem.

Mamãe e papai sentaram-se ao lado dela, com os braços ao redor um do outro. Depois de uma longa conversa com meu pai, finalmente começamos a consertar a fenda que estava lá desde que eu peguei uma bola de futebol. Eu tive sorte que eles não estavam saindo. Eles compareceram a todos os jogos em casa nesta temporada.

Piscando de volta a umidade nos meus olhos, acenei para eles.

Um grito agudo, alto mesmo com o frenesi da multidão, chamou minha atenção. Com as mãos em volta da boca, Nix gritou para mim, sua voz carregada apesar do tumulto.

— Foram necessários três jogos para você fazer seu primeiro touchdown. Estou tão decepcionado. — Seu sorriso largo mostrou que ele não estava.

— Por que você não traz sua bunda até aqui?

Ele deu de ombros e jogou de volta: — Vou deixar isso para os profissionais.

— Desculpas.

O jogo terminou com mais uma vitória para nós. Se mantivéssemos esse ímpeto, poderia haver uma temporada de estandartes, com hóquei e futebol, cada um conquistando um campeonato para a Filadélfia. Entrei e saí do vestiário o mais rápido que pude, sem uma conferência de imprensa para mim. Se eu nunca tivesse que fazer uma de novo, ainda seria muito cedo.

Meus pais, Seph e Nix me esperavam no corredor.

— Você está pronta? — Deslizei minha mão na dela. Trazendo até a minha boca, eu beijei a parte de trás.

— Sim, minha mãe me mandou uma mensagem, elas estão quase no hotel. Eu gostaria que tivessem conseguido um vôo mais cedo para vê-lo jogar.

— Há muito tempo para isso, e estaremos em Seattle ainda nesta temporada. Posso fazer com que estendam o tapete vermelho para elas.

— Apenas certifiquem-se de não comer nenhum dos assados que tia Sophie trazer hoje à noite. — Ela avisou a todos.

— Querido, você foi maravilhoso. — Mamãe me beijou na bochecha e me apertou.

— Ótimo jogo, filho. — Meu pai me abraçou e me deu um tapa nas costas. — Continue jogando assim e eu terei um suprimento constante de tortas de chocolate para você em casa.

— Eu sinto que você está tentando me engordar.

Ele riu e passou o braço em volta do ombro da minha mãe.

— Ele está tentando tirá-las de casa. Ele está estressado, então já tem umas dez na geladeira. Não ue eu esteja reclamando.

Meu olhar se voltou para o dele e ele disse:

— O problema é meu, não seu. Continue fazendo o que você está fazendo. Estou orgulhoso de você. — Ele piscou como se tivesse algo nos olhos e apertou a mão em volta do ombro da mãe.

Suas palavras me atingiram bem no peito e eu assenti.

— Todo mundo pronto para comer? — Nix esfregou as mãos.

— Agora você parece Berk. — Saímos do estádio. Divididos entre carros, chegamos ao restaurante. Coloquei minha mão nas de Seph no console central. Ela tirou os olhos da estrada e sorriu para mim.

Não importa quantas vezes ela tenha feito isso, foi como a primeira vez, uma sensação de raios de sol atingindo seu rosto após um dia sombrio. Eu amava essa mulher mais do que eu jamais pensei ser possível.

— O que houve? — Ela apertou minha mão. Esse gesto tranquilizador me deixou saber que ela estava lá para mim e sempre estaria lá para mim.

— Nada, estou feliz que as aulas terminaram, então você pode vir ao meu jogo.

— Quem teria pensado que eu estaria mais ocupada do que você este ano, Sr. Jogador de Futebol Profissional?

— Você tem sorte que eu mantenho a casa limpa e sou um excelente cozinheiro.

— Eu sou uma sortuda.

~

SEPH

Chegando ao restaurante, vi minha tia Sophie imediatamente e dei uma olhada dupla quando olhei para a pessoa ao lado dela. *Mãe!* Foi uma transformação completa. Os cabelos da tia Sophie estavam pintados de um verde claro, quase verde azulado, e os da minha mãe, geralmente castanhos, eram de um vermelho forte e arrojado.

Chegando ao restaurante, vi minha tia Sophie imediatamente e dei uma olhada dupla quando olhei para a pessoa ao lado dela. *Mãe!* Foi uma transformação completa. Os cabelos da tia Sophie estavam pintados de um verde claro, quase verde azulado, e os da minha mãe, geralmente castanhos, eram de um vermelho forte e arrojado.

Eu nunca tinha entendido toda a coisa de *essa é sua mãe ou sua irmã* , mas eu não ficaria surpresa se as pessoas pensassem que eu era a mãe dela do jeito que ela estava. Quando tia Sophie e eu fomos juntas à minha casa, não sabíamos se

minha mãe viria conosco. Quase não convenci Reece a ficar para trás no hotel, e por quase quero dizer que não. Ele esperou no carro do lado de fora da casa para o caso de haver algum problema.

Eu entrei pela porta da frente.

— Mãe? — Eu fiquei no meio da entrada, chamando por ela, o que eu nunca tinha feito antes. Tia Sophie estava ao meu lado.

A pressa silenciosa ao descer os degraus era o único som em toda a casa, além do tic-tac do antigo relógio do vovô na sala de estar.

— Seph, o que há de errado? Você está bem? — Ela me encarou com os olhos arregalados como se esperasse me encontrar com um membro pendurado no meu corpo. — Sophia, o que você está fazendo aqui?

— Estou aqui para fazer o que deveria ter feito anos atrás. Estamos indo.

— Onde vocês dois estão indo? — Seu olhar saltou entre nós e ela torceu as mãos na frente dela.

Dando um passo à frente, agarrei seu braço gentilmente.

— Não eu e tia Sophie mãe,nós três. Eu vou ficar na Filadélfia. Eu revi tudo com o Dr. Huntsman. Vou me formar no final do próximo ano e terminar meu doutorado lá.

Mamãe olhou por cima do ombro.

— Mas seu pai...

— Não tem voz no que eu faço, ou no que você faz. — Deslizei minha mão para a dela. — Venha conosco, mãe. Ele não tem poder sobre você, e eu não vou mais deixá-lo arruinar nossas vidas.

— Helen, que barulho é esse? — Meu pai entrou e todos os músculos do corpo de minha mãe se apertaram como uma gazela presa na mira.

— Olá, Arthur.

— Sophia. — Minha mãe pulou com seu desdém.

— É assim que você cumprimenta sua cunhada, seu idiota insuportável?

Os olhos do meu pai se arregalaram e seu rosto ficou vermelho como beterraba.

— Saia da minha casa.

— De bom grado. Helen, vamos embora. — Tia Sophie abriu a porta da frente.

— Helen. — Como se o tom de aviso em sua voz que tinha sido marcado em nossos cérebros não fosse suficiente, ele colocou a mão na parte de trás do pescoço dela. Ela respirou fundo e eu soltei sua mão.

Canalizando cada palavra áspera, comentário desdenhoso e lembrança de hematomas, plantei minhas duas mãos no centro de seu peito e o empurrei. Ele tropeçou para trás e bateu as costas contra o relógio.

— Você não vai fazer isso nunca mais. Você nunca colocará uma mão nela ou em mim novamente. De fato, depois de hoje, nunca mais quero falar com você.

Ele olhou para mim como se eu fosse uma estranha, que era exatamente o que eu queria que ele fosse para mim.

— Mãe, eu te amo. Eu te amo muito e não quero te ver infeliz. Não quero que você tenha que andar sobre ovos em sua própria casa. Por favor, venha conosco. Não há mais nada para você aqui. — Estendi minha mão, lágrimas brotando nos meus olhos. O contorno dela ficou embaçado e o caroço no meu

peito ficou mais pesado.

Ela olhou para o meu pai. Ele se afastou do relógio.

— Helen. — O tom não era mais um aviso, agora uma ameaça.

— Helen, podemos fazer isso juntas. — Tia Sophie estendeu a mão ao lado da minha.

A garganta da mãe se apertou e ela deu um meio passo à frente. A mão do meu pai disparou e envolveu seu pulso.

— Arthur, eu juro, vou enfiar meu sapato tão fundo na sua bunda que você estará provando cânhamo pelo resto de sua vida natural. Tire as mãos dela. — Eu nunca pensei que tivesse ouvido tia Sophie levantar a voz, mas um fogo líquido escorria de cada palavra dela.

O rosto do meu pai empalideceu e ele soltou.

— O que você diz, Selvagem, pronto para outra aventura? — Os olhos e a voz da tia Sophie se suavizaram, e mamãe pegou as duas mãos.

As lágrimas caíram em minhas bochechas com a onda de alívio correndo através de mim.

Abrimos a porta da frente e Reece parou de andar na calçada de tijolos. Seu olhar disparou para o meu rosto cheio de lágrimas e voltou para a porta aberta. Os músculos do pescoço dele se contraíram. Quando tia Sophie e mamãe saíram atrás de mim, seu corpo inteiro relaxou.

Ele passou o braço em volta de mim.

— Você precisa que eu pegue alguma coisa lá dentro?

Mamãe olhou para a casa.

— Não, eu tenho as coisas mais importantes que preciso aqui. — Ela apertou minha mão e a da tia Sophie, e esse foi seu novo começo. Foi também o meu novo começo.

Eu nunca tinha visto esse lado dela, mas eu adorava conhecê-la novamente como sua própria pessoa.

— Querida. — Ela me envolveu em um abraço enorme. Tia Sophie também se juntou, e qualquer um que assistisse pensaria que já fazia anos desde que nos víamos, não um único mês.

Tentei ignorar Berk flertando com minha mãe e tia durante o jantar. Cabeças se viraram quando risos irromperam da nossa mesa, e eu não me importei nem um pouco. Todos os olhos no lugar estavam em nós, e como eles não poderiam estar quando um dos queridinhos do futebol da Filadélfia estava sentado à nossa mesa?

O jantar virou bebidas depois do jantar e dançamos na pequena pista de dança em frente à banda que estava tocando. O braço de Reece estava em volta da minha cintura, e a outra mão segurava a minha.

Ele teve outro jogo de parar o coração. Observando-o no campo, eu não sabia como ele poderia ter pensado em fazer outra coisa.

— Você está tensa de repente. Em que pensamentos profundos você está se metendo?

Abri minha boca, mas a fechei. Talvez eu não quisesse saber a resposta.

— Desembucha. — Ele me girou e me puxou em sua direção.

Lambi meus lábios e respirei fundo.

— Depois de passar metade da temporada nos profissionais, você acha que

realmente poderia ter desistido? Tipo, se eu enlouquecesse e dissesse que não quero que você jogue e que apenas me seguisse para onde eu quisesse fazer meu doutorado, você realmente faria isso?

Ele passou a mão pela lateral do meu rosto, segurando minha bochecha.

— Num piscar de olhos. O futebol não vai durar para sempre. Nós vamos. Você me mostrou isso. E se eu tivesse jogado sem você, estaria vazio. Tudo o que eu tinha era o jogo, e então um dia isso iria embora e eu saberia exatamente o que havia perdido. Colocando um contrato profissional contra essas mãos... — Ele pegou minha mão na dele. — Esses lábios… — Inclinando-se, ele capturou meus lábios com os dele, se afogando nos meus beijos. — Este cérebro… — Ele fez cócegas na minha nuca. — Sem discussão. Você é mais do que suficiente. Você é perfeita.

~